

MEU OLHAR BONITO II

Perspectivas Indígenas sobre
o Ensinar e Aprender
Ciências da Natureza

ELIAS ANTUNES DOS SANTOS

HELLEN CRISTINA DE SOUZA

LEONICE APARECIDA DE FÁTIMA ALVES PEREIRA MOURAD

MARINEZ CARGNIN-STIELER

(ORGANIZADORES)



MEU OLHAR BONITO II

Perspectivas Indígenas sobre
o Ensinar e Aprender
Ciências da Natureza



ELIAS ANTUNES DOS SANTOS
HELLEN CRISTINA DE SOUZA
LEONICE APARECIDA DE FÁTIMA ALVES PEREIRA MOURAD
MARINEZ CARGNIN-STIELER
(ORGANIZADORES)

**MEU OLHAR BONITO II:
Perspectivas Indígenas sobre o Ensinar e
Aprender Ciências da Natureza**

1^a Edição

Quipá Editora
2025

Copyright © dos autores e autoras. Todos os direitos reservados.

Esta obra é publicada em acesso aberto. O conteúdo dos capítulos, os dados apresentados, bem como a revisão ortográfica e gramatical são de responsabilidade de seus autores, detentores de todos os Direitos Autorais, que permitem o download e o compartilhamento, com a devida atribuição de crédito, mas sem que seja possível alterar a obra, de nenhuma forma, ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Dra. Fernanda Pereira Martins, IFG

Dra. Fernanda Pinto de Aragão Quintino, UEA

Dra. Harine Matos Maciel, IFCE

Dra. Jane Márcia Mazzarino, UNIVATES

Dra. Mônica Maria Siqueira Damasceno, IFCE

Capa criada por inteligência artificial, com base em prompts elaborados pelos organizadores do livro, utilizando ChatGPT (OpenAI).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M597 Meu olhar bonito II : perspectivas indígenas sobre o ensinar e aprender ciências da natureza / Organizado por Elias Antunes dos Santos ... [et al.]. — Iguatu, CE : Quipá Editora, 2025.

257 p. : il.

ISBN 978-65-5376-483-5

DOI 10.36599/qped-978-65-5376-483-5

1. Indígenas – Ensino. I. Santos, Elias Antunes dos. II. Título.

CDD 306.089

Elaborada por Rosana de Vasconcelos Sousa — CRB-3/1409

Obra publicada em julho de 2025

Quipá Editora
www.quipaeditora.com.br
@quipaeditora

DEDICATÓRIA

Dedicamos esta obra aos professores e professoras, estudantes indígenas da Graduação e Pós-graduação da UNEMAT/FAINDI, que percorrem, muitas vezes, mais de mil quilômetros para chegar ao campus em Barra do Bugres/MT. Vocês não medem esforços ao buscar, na Universidade, saberes para além dos seus, promovendo trocas genuínas e construindo uma verdadeira interculturalidade.

Que esta obra seja uma pequena devolutiva à sua dedicação, um reconhecimento de trajetórias que fortalecem a resistência epistêmica e convidam todos a caminhar juntos rumo a uma educação pluriversal.

AGRADECIMENTO

Aos professores e professoras indígenas, ingressantes de 2023 no mestrado do PPGECII, que, ao escreverem as histórias de suas vidas, evidenciam os limites e a violência de um modelo de educação escolar monocromático, ainda atravessado pela colonialidade, ao mesmo tempo em que apontam caminhos e possibilidades para a construção de outras formas de ensinar as Ciências da Natureza.

Obrigado por tecer, com os fios de sabedoria dessas redes antigas de resistência epistêmica, novas tramas que, no tear coletivo, ampliam e afirmam — com cor e leveza, ainda que a duras penas — as possibilidades de uma educação culturalmente pertinente e socialmente justa.

É preciso fazer o movimento inverso: olhar para a cultura indígena com os olhos da própria cultura, e não com os óculos ocidentais. Só assim podemos repensar o ensino e reconstruir uma educação que respeite a pluralidade de saberes."

— Roberto Nardi

"O desafio é ler a cultura indígena sem os filtros da colonização, permitindo que outras formas de ciência, de linguagem e de mundo nos interpelem."

— Roberto Nardi

PREFÁCIO

O Ensino em Contexto Indígena Intercultural é um tema que suscita reflexões profundas sobre a diversidade cultural, e a valorização dos saberes e conhecimentos tradicionais. Neste contexto, é importante considerar que a educação é um processo que se entrelaça com a história, a língua, as epistemologias e as cosmovisões dos povos originários. O respeito e a valorização dessas especificidades são cruciais para a construção de um ambiente educacional inclusivo, que não apenas transmite conhecimento, mas também preserva e promove as culturas ancestrais.

A Educação em Ciências e em Matemática nos contextos indígenas da interculturalidade deve ser concebida como um espaço de diálogo e respeito entre os diferentes saberes. Neste sentido, é essencial que os educadores estejam preparados para compreender e articular as práticas pedagógicas tradicionais com os currículos, numa perspectiva de se criar espaços onde a aprendizagem seja significativa e contextualizada. Trata-se de um processo para o fortalecimento da identidade cultural e a promoção da autonomia dos estudantes indígenas são objetivos centrais que devem guiar essa prática.

Neste livro, apresentamos as nuances do ensino em contextos indígenas, destacando as experiências, desafios e possibilidades que emergem desse campo. Acreditamos que a educação deve ser um instrumento de empoderamento, de aprendizagem e capaz de transformar realidades e fomentar o respeito mútuo entre diferentes culturas. Assim, convidamos os leitores e leitoras a embarcar nas trilhas destes conhecimentos, onde cada página reflete as riquezas das culturas indígenas e o potencial de uma educação intercultural que respeita e celebra a diversidade.

Chikinha Paresi¹

¹Francisca Navantino Pinto de Ângelo, pertence ao povo Paresí, denominado pelo seu povo de Chikinha Nezokemaero Paresi. É Mestre em Educação Escolar Indígena (UFMT) e doutora em antropologia Social (UFRJ). Professora desde 1977. Atualmente é Conselheira no Conselho Estadual de Educação, do Conselho Indígena. Militante desde 1980 do movimento indígena nacional e regional.

APRESENTAÇÃO

MEU OLHAR BONITO II: *Perspectivas Indígenas sobre o Ensinar e Aprender Ciências da Natureza* apresenta um outro conjunto de entrevistas e histórias de vida de professores e professoras indígenas. O livro amplia uma trilogia² coordenada pela professora Leonice Mourad de autobiografias de professores e professoras dos movimentos sociais do campo, quilombola e indígena ligados ao grupo *Coletivo da Terra* e dá continuidade ao primeiro volume de Meu Olhar Bonito: *histórias de vida de professores indígenas* que apresentou uma coletânea de textos de professores e professoras indígenas do Brasil e da Bolívia.³

Em MEU OLHAR BONITO II, professores e professoras indígenas dos povos *Balatiponé-Umutina*, *Boe-Bororo*, *Haliti-Paresí*, *Apyãwa-Tapirapé*, *Iny-Karajá*, *Terena*, *A'uwe Rãpré-Xavante*, *Rikbaktsa*, *Kurâ-Bakairi* e *Kawaiwete-Kayabi*, todos do Estado de Mato Grosso, narram suas trajetórias e experiências. Nos relatos apresentam diferentes aspectos de seu fazer docente, buscando incluir e valorizar, naquilo que os não indígenas chamam de Ciências da Natureza, os seus próprios modos de ver, viver e ensinar o mundo.

Os professores e professoras apresentam um exercício coerente de ‘resistência epistêmica’ com força para afirmar as identidades étnicas e apontar para outros modos de produzir e socializar o conhecimento que escapam das redes da ciência moderna. Nesse sentido é possível afirmar que os relatos dão conta de um projeto ético, político e pedagógico, fundado em cosmologias milenares, que desafiam os sistemas ‘coloniais’ de escolarização dos saberes ocidentais para resistir e propor a transformação das assimetrias históricas que ainda marcam o campo da educação e do conhecimento.

Também apontam e propõem caminhos para uma educação que se fundamenta no respeito à diversidade epistêmica, como afirma o professor Filadelfo do povo Balatiponé Umutina, no primeiro capítulo *"A nossa cultura tem matemática, tem ciência, tem arte, tem*

2 Educação do campo e educação quilombola : algumas reflexões / Organizado por Francisca Edilza Barbosa de Andrade Carvalho, Leonice Aparecida de Fátima Alves Pereira Mourad e Maria Helena Dias Tavares. — Iguatu, CE : Quipá Editora, 2021. Disponível em <https://quipaeditora.com.br/educacao-quilombola> ; **Mo dupé fún gbogbo : fragmentos e ressignificações de memórias negras** / Organizado por Leonice Aparecida de Fátima Alves Pereira Mourad, Maria Helena Tavares Dias e Benedita Rosa da Costa — Iguatu, CE : Quipá Editora, 2022. Disponível em <https://quipaeditora.com.br/fragmentos-ressignificacoes> e **Meu olhar bonito : histórias de vida de professores/as indígenas** / Organizado por Hellen Cristina de Souza, Leonice Aparecida de Fátima Alves Pereira Mourad e Solange Todero Von Onçay. — Iguatu, CE : Quipá Editora, 2022. Disponível em <https://quipaeditora.com.br/professores-indigenas> 3SOUZA, Hellen Cristina de; MOURAD, Leonice Aparecida de Fátima Alves Pereira; VON ONÇAY, Solange Todero (org.). **Meu olhar bonito: histórias de vida de professores/as indígenas**. [S.I.]: Quipá Editora, 2022. ISBN 978-65-5376-108-7. DOI 10.36599/qped-ed1.203. Disponível em: <https://quipaeditora.com.br/professores-indigenas>. Acesso em: 15 jun. 2025.

geografia, tem história. A ciência que está na escola é uma parte. A nossa é outra”. Não se trata, portanto, de assimilar ou integrar os saberes indígenas ao modelo eurocêntrico de conhecimento, que é dominante na educação escolar, mas de afirmar a legitimidade dos conhecimentos indígenas.

Nos capítulos cinco e seis, as trajetórias dos professores *Haliti-Paresí*, revelam uma perspectiva de educação escolar profundamente comprometida com a coletividade, com o território e com a valorização dos modos ancestrais de produzir e socializar o conhecimento. “*Na escola ensino ciência, mas levo os alunos pro mato também. Lá tem a nossa ciência. O tempo, a comida, os bichos, tudo é sala de aula*” (Professor Lino). São exemplos de práticas pedagógicas concretas que revelam a fragilidade das investigações sobre a Educação Escolar Indígena, que se concentram nas limitações do sistema educacional colonial e deixam de observar como os povos indígenas, reconstruem e ressignificam esses sistemas para afirmar suas identidades culturais, seus modos próprios de pensar e criar e de ver a ciência ‘científica’ como afirma o professor Leandro:

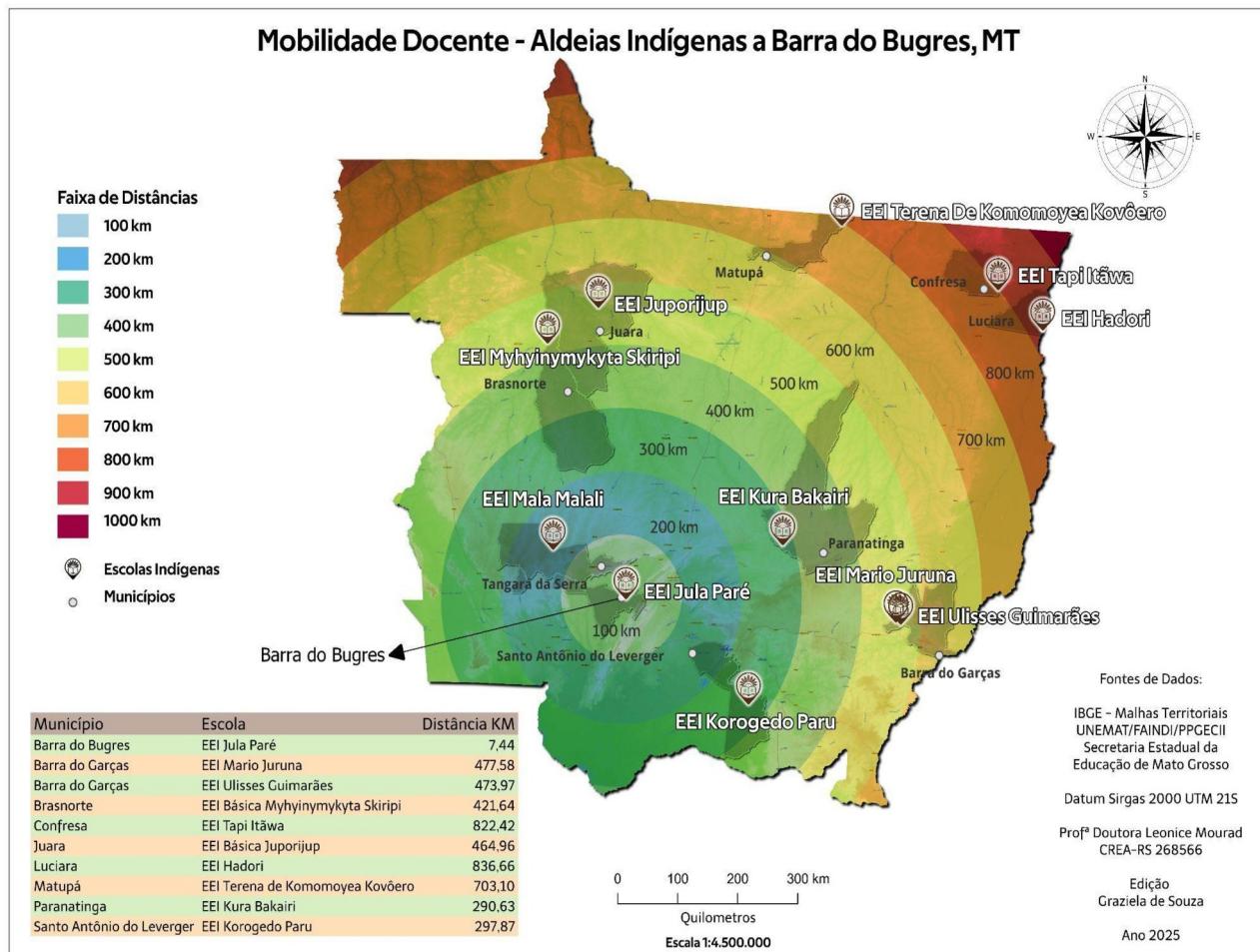
Nesse sentido é que queremos retomar aqui um pequeno fragmento do texto de apresentação da primeira coletânea: ‘*assim como se deu na antropologia, a pesquisa acadêmica, no campo da Educação Escolar Indígena, permanece orientada por perspectivas teóricas insuficientes, quando se trata de evidenciar as estratégias indígenas de sobrevivência e agência, em contextos que permaneceram marcados pela violência, ocultação e pelo conflito*

Os autores e autoras são estudantes do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino em Contexto Indígena Intercultural (PPGECII) do campus da UNEMAT em Barra do Bugres. Os textos de cada capítulo foram constituídos nesse ambiente de formação acadêmica. O memorial educacional que inicia os capítulos foi uma das atividades de disciplina do professor Dr. Adailton Alves da Silva - docente do PPGECII e as entrevistas são parte do trabalho de campo do professor Elias Antunes dos Santos no âmbito de seu doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM), da Universidade Federal do Paraná (UFPR) sob orientação do professor Dr. Sérgio Camargo. Alguns dos capítulos disponibilizam além do texto os *links* que dão acesso aos vídeos da entrevista.

A produção desta coletânea articulou professores e pesquisadores indígenas de diferentes regiões do Estado de Mato Grosso conforme se vê no mapa da Figura 1 e

conectou a essa discussão professores e pesquisadores do Grupo de Pesquisa GPEACM da UFPR, Núcleo de Estudos de Educação e Diversidade NEED, do campus da Unemat em Tangará da Serra, Educação, Terra e Trabalho, da UFSM além de um Coletivo de Educadores e Educadoras do campo, denominado Coletivo da Terra.

Figura 1 - Mapa da mobilidade Docente dos pós graduandos indígenas



Fonte: Mourad e Souza, 2015

Informamos por fim que todas as entrevistas, imagens, assim como relatos constantes nos memoriais, utilizados na pesquisa do primeiro organizador, também foram autorizadas pelos entrevistados/as/autores/as dos capítulos na forma desta coletânea.

Desejamos uma boa e produtiva leitura!

*Elias Antunes Dos Santos
Hellen Cristina De Souza
Leonice Aparecida de Fátima Alves Pereira Mourad
Marinez Cargnin-Stieler
(Orgs.)*

SUMÁRIO

AGRADECIMENTO

PREFÁCIO

APRESENTAÇÃO

CAPÍTULO 1	14
-------------------	-----------

REENCONTRO COM MINHA IDENTIDADE: A TRAJETÓRIA DE UM PROFESSOR BALATIPONÉ-UMUTINA

Filadelfo de Oliveira Neto - Balatiponé-Umutina

CAPÍTULO 2	30
-------------------	-----------

CAMINHOS DE RESISTÊNCIA: MEMÓRIAS DE LUTA E APRENDIZAGEM BALATIPONÉ-UMUTINA

Silvinho Amajunepá – Balatiponé-Umutina

CAPÍTULO 3	44
-------------------	-----------

A ALDEIA E A LOUSA: A TRAJETÓRIA DE UM PROFESSOR BOE-BORORO

Bruno Tavie – Boe-Bororo

CAPÍTULO 4	56
-------------------	-----------

EDUCAR É CONTINUAR A TRADIÇÃO: CAMINHOS DE UM PROFESSOR BOE

Benilton Pereira Kogebou – Boe-Bororo

CAPÍTULO 5	63
-------------------	-----------

MINHA LUTA POR DOIS SABERES: A CAMINHADA ENTRE A TRADIÇÃO HALITI E AS CIÊNCIAS DA NATUREZA.

Leandro Nenezokae – Haliti-Paresí

CAPÍTULO 6	77
-------------------	-----------

LER, PLANTAR E ENSINAR: A JORNADA NA EDUCAÇÃO INDÍGENA HALITI

Lino Zokenazokae – Haliti-paresí

CAPÍTULO 7	91
-------------------	-----------

MEMÓRIA, PARENTESCO E EDUCAÇÃO: A TRAJETÓRIA DE UM LÍDER APYĀWA

Carlos Xario'i – Apyāwa-Tapirapé

CAPÍTULO 8	118
SABERES ANCESTRAIS E ENSINO: A CONQUISTA DE UM EDUCADOR APYĀWA	
Klebson Awararawoo'i Tapirapé – Apyāwa-Tapirapé	
CAPÍTULO 9	141
HISTÓRIA DA MINHA VIDA INŶ	
Luiz Carlos Mauri – Inŷ-Karajá	
CAPÍTULO 10	159
ESCOLA, CULTURA E LIDERANÇA: A TRAJETÓRIA DE UMA MULHER INŶ	
Sandra Hakuwi Kuady – Inŷ-Karajá	
CAPÍTULO 11	170
A LUTA PELA TERRA E A SALA DE AULA: A TRAJETÓRIA DE UMA PROFESSORA TERENA	
Misma Turi Rondon Mamedes – Terena	
CAPÍTULO 12	183
SER PROFESSORA É SER MUITOS: A JORNADA DE UMA PROFESSORA TERENA	
Adima Gomes Mario – Terena	
CAPÍTULO 13	200
CULTURA E EDUCAÇÃO INTERCULTURAL: DESAFIOS E CONQUISTAS XAVANTE NA TERRA INDÍGENA SÃO MARCOS	
Sandoval Tomotsudza'rebe Rureme - A'uwe Rãpré – Xavante	
CAPÍTULO 14	217
ENTRE RITUAIS E SABERES: A JORNADA EDUCACIONAL DE UM PROFESSOR XAVANTE	
Tiago Tserewatawe Tsitedzé - A'uwe Rãpré – Xavante	
CAPÍTULO 15	232
O RIO, A ESCOLA E O KADO: REFLEXÕES DE UM EDUCADOR KURÂ-BAKAIRI	
Luiz Carlos Tawi Matarim – Kurâ-Bakairi	

CAPÍTULO 16**241**

ESTUDO, CULTURA E RESISTÊNCIA: MEMÓRIAS DE UMA PROFESSORA INDÍGENA KAYABI

Renata Sirajup Mendes Tamana – Kawaiwete-Kayabi

CAPÍTULO 17**247**

CANOAS E CASTANHAS: SABERES E CIÊNCIAS NA CAMINHADA DE UM PROFESSOR RIKBAKTSÁ

Morais Cezar – Rikbaksá

SOBRE OS ORGANIZADORES**256**

CAPÍTULO 1

REENCONTRO COM MINHA IDENTIDADE: A TRAJETÓRIA DE UM PROFESSOR *BALATIPONÉ-UMUTINA*

Filadelfo de Oliveira Neto - Balatiponé-Umutina

Sou filho de Anatalino Santana de Oliveira e Iracema Corezomae de Oliveira. Meu pai é filho do Chefe (encarregado) PIN Umutina (Posto Indígena Umutina) e minha mãe indígena do povo Paresí. Casaram-se nesta Aldeia, meu pai era funcionário da Funai e naquela época os funcionários não ficavam muito na Aldeia, logo meu pai foi transferido, para cidade de Santo Antônio do Leverger, onde foi designado para trabalhar na Aldeia Córrego Grande, do Povo *Boe-Bororo*, onde nasci e fui registrado. Na época os meus avós paternos trabalhavam no extinto SPI/FUNAI. O meu avô foi transferido para a Aldeia Umutina, localizada no município de Barra do Bugres, designado como chefe de posto. Mais tarde no decorrer do tempo meus pais novamente foram transferidos para o Ministério da Agricultura no município de Nossa Senhora do Livramento, onde trabalhavam no manejo de animais como: bovinos, equinos e suíños. Nesse local de trabalho havia vários funcionários do Ministério da Agricultura. Dessa união nasceram 07 (sete) filhos sendo 02 (dois) homens e 05 (cinco) mulheres. Sou o filho caçula.

Infância

Todos os meus ensinamentos cultural foi através da língua portuguesa, tanto por parte dos meus pais como dos meus irmãos e irmãs que só falavam a língua portuguesa, embora a minha mãe sendo indígena pertencente do povo *Haliti-Paresí*, também só ensinava em português até hoje não entendo por que isso aconteceu me lembro que nasci na aldeia Córrego Grande do povo *Boe-Bororo*, mais minha certidão de nascimento é da cidade de Santo Antônio do Leverger, logo em seguida meus pais mudaram para cidade.

A minha parte cultural indígena nesta fase ficou para trás, a cultura que aprendi nesta fase foi a cultura do não indígena, uma cultura limitada, fechada, com pouco diálogo, sem liberdade para nada, tudo era dentro de casa e no terreiro da casa, só saia para ir à escola e retornava para casa, gostava de jogar futebol, mas meus pais não deixavam eu jogar, embora fugisse algumas vezes para brincar, essas brincadeiras de amarelinha, queimada

com os colegas, mas sempre era repreendido pelos irmãos mais velhos. Não aprendi quase nada da cultura indígena ou melhor dizendo nada, não consigo recordar de um artesanato indígena, de um canto, de uma pintura corporal, das danças, de uma história contada pelos velhos, de um mito, de uma pescaria de timbó, de uma caçada, de plantio nas roças de toco, de arco e flecha, de nadar livremente nos rios, das nossas comidas tradicionais como: carne moqueada, xixa de arroz, beiju, batata assada na brasa, peixe moqueado, mandioca assada na brasa, xixa de polvilho, enfim de nenhuma comida ou bebida tradicional indígena. Tive uma infância tranquila, mas muito rigorosa, os pais não deixavam os filhos fazer nada sem o consentimento dos mesmos ou alguém responsável.

Recordo-me que a os sete anos de idade fui matriculado na Escola Estadual José de Barros Maciel, também ainda não entendia que carregava o sangue indígena nas veias, as aulas todas voltadas para o ensino público tradicional da época com muitas regras de ensino como por exemplo: horário de entrada e saída, muita leitura, escrita e tudo na língua portuguesa o método didático da época era silábico juntar as sílabas e formar uma palavra, quanto a matemática todos os dias cantávamos a tabuada de multiplicação e éramos obrigado a decorar o quanto antes melhor as professoras eram linha dura, muito bravas, quem errava ficava de castigo, comigo aconteceu várias vezes.

Ainda nesta fase inicial os diretores da escola tinha como ritual cantar o hino municipal, estadual e nacional, todos os alunos em fila espaço de um braço principalmente no mês de setembro, um aspecto importante é que gostava do desfile de sete de setembro, treinávamos muito durante um mês o ritual do desfile, no grande dia muita emoção desfilamos nas principais ruas e avenidas da cidade todos os familiares assistiam atentamente nas beira das ruas, o desfile encerrava em frente da Prefeitura após discurso das autoridades, foi uma época muito marcante na minha vida onde cursei a educação infantil, e mais tarde na Escola Estadual “Feliciano Galdino”, cursei o Ensino Fundamental.

A minha mãe falava a língua materna, mas pouco conversava conosco dentro de casa, e assim a língua portuguesa passou a ser a primeira língua que conheci na minha vida. Nessa época ainda na cidade, aprendi e estudei somente a língua portuguesa, as disciplinas de matemática, história, geografia, ciências e outras estudávamos seguindo o livro do MEC (Ministério da Educação) que nos dias de hoje são os componentes curriculares presentes na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) era uma aula ministrada somente entre as quatro paredes, um regime ditador e cumprimento de carga horária muito severo. Com

determinado tipo de comportamento como, por exemplo: uso indevido de palavras de baixo calão, brigas, conversa paralela na sala de aula, os alunos eram punidos com castigo (ficar de joelho na frente da sala, ficar em pé no fundo da sala de aula, fazer cópias de várias páginas do livro entre outros), e muitas vezes eram levadas para diretoria e consequentemente os pais eram chamados para conversar com o diretor. Quem era chamado (a) na direção passava por uma vergonha muito grande e humilhação pelos alunos (as) da escola.

Graças ao meu empenho, sempre fui um aluno educado e um pouco estudioso lembro que reprovei na 5^a série do ensino fundamental, que decepção para minha família e imagina falar para os meus pais que havia reprovado, foi bem difícil esses dias tanto em casa como na escola. Depois os anos subsequentes foram tranquilos e não reprovei mais.

Ainda neste tempo, nós ficamos por muito tempo aos cuidados das minhas irmãs mais velhas, porque meus pais saiam para trabalhar nas fazendas e passavam até dois meses para retornar pra casa, mas os estudos não paravam, quase não faltavam às aulas.

Nessa época os métodos utilizados pelos professores para saber se o aluno estava de fato aprendendo, o professor primeiro fazia um texto dos conteúdos já estudados logo vinham às provas. As provas valiam de 0 a 10 (zero a dez), e a média era cinco e meio (5,5), os conteúdos eram dividido por bimestre e final dos bimestres a escola fazia uma grande reunião para entregar os boletins uma espécie de registro onde era preenchido com as notas de cada disciplina notas em azuis boas notas em vermelho ruim, no final do ano letivo as notas eram somadas, após somatória era marcada a reunião para entregar os boletins e saber quem passou e quem reprovou.

Os ensinamentos e conhecimentos eram todos voltados para o método Tradicional (não indígena), ainda os professores brincavam comigo, que era filho de indígena, mas ninguém sentava comigo para explicar o que era indígena e o que essa palavra significava, assim o tempo foi passando, nos métodos da escola não lembro de ter estudado os valores culturais do meu povo. Somente os livros didáticos traziam alguns textos sobre indígena, mas muito superficial e fragmentado, ainda desconhecia completamente os valores culturais do meu povo *Balatiponé-Umutina*, na escola lembravam de indígena na data comemorativa do dia 19 de abril, data essa que me marcou porque sempre nos trabalhos de grupo e outras

atividades da escola, só fazia e interpretava papel de indígena, mas não entendia o porquê, também nem sabia que “EU” era indígena.

Adolescência

Me recordo, morando na cidade de Várzea Grande, ainda aos cuidados dos meus pais, certo dia meu irmão mais velho (Francisco de Paula Oliveira), me chamou para conversar, claro escondido dos meus pais, contou a seguinte história dos meus avôs, das tias, dos tios que tinha na aldeia, falou do Rio Bugre, do Rio Paraguai que atravessava de balsa ou canoa do córrego dezoito que ficava próximo da aldeia que tinha muito lambari, dos animais como cavalos e bois, das aves, dos peixes, que lá na aldeia tinha muito peixe como: pintado, cachara, pacu, peraputanga, piau, dourado, coxa de negro, saurí, bagre, geripoca, fui cada vez mais ficando curioso, falou das matas, das árvores enormes que tinha lá e muita caça, então fiquei fascinado pra conhecer meus avôs, disse para meu irmão bora logo, resolvi ir. Alembro que fomos de ônibus, meu irmão me levou escondido, digo sem ninguém saber, certo dia combinamos de sair e não voltei mais pra casa dos meus pais, deveria estar com 13 a 14 anos de idade, aos poucos fui entendendo porque, meus pais, não deixava e nem contava como era a aldeia, quando sentiram minha falta, já estava chegando em Barra do Bugres com destino a Aldeia Umutina.

Lembro-me da minha chegada às margens do Rio Paraguai, um rio lindo, tinha dois indígenas atravessando o Rio Paraguai, com a balsa então pegamos carona os indígenas Adilson e Boré foram os primeiros que conheci, já do outro lado assim que meu irmão disse quem eu era, passaram a conversar e brincar comigo me abraçaram e disseram você está em casa, “sou amigo do teu pai Anatalino, filho de Filadelfo Cristiano, que foi nosso Chefe de Posto (encarregado, da aldeia, época do SPI)”, juro que senti muito medo, o que eles falavam eu quase não entendia, pra mim tudo era muito estranho, saindo de uma cidade de certa forma movimentada e chegando numa aldeia, que nunca tinha ido, e minha mãe pouco tinha contado a história da minha avó para mim, um tremendo choque de cultura, que de acordo com NETO, 2017, afirma: “O choque cultural não necessariamente é maléfico, mas pode gerar desconforto pela situação atípica. Decorrente do choque cultural, podem acontecer atos de intolerância e discriminação ou de assimilação e convivência”

“O que essas concepções têm em comum é a palavra choque interpretada como algo, se não maléfico, pelo menos ameaçador. Na verdade, o choque cultural apresenta-se com intensidades diferentes, movimenta-se em direções distintas e implica reações muito diversificadas para as pessoas envolvidas.

Um choque cultural pode, por exemplo, gerar profundo mal-estar, paralisando, desorientando as pessoas. [...] Pode, também, gerar reações de agressividade ou conflito velado e, em contraste, pode até, em alguns casos, implicar sensações de reconhecido alívio de tensão. Apud (FRAGA, 1999, pp. 24-25).

Na chegada estavam cortando arroz e ao mesmo tempo pulando numa máquina barulhenta, movimentada pelo trator massey ferguson 275 da Funai, o arroz estava plantado ao lado do campo de avião, tinha muito indígena trabalhando, alguns vieram ao nosso encontro para saber quem estava chegando e quem era, novamente houve umas conversas e muitas gargalhadas, meu irmão fez minha apresentação e continuamos nossa caminhada até o final do campo de avião, onde meus avós moravam, eram duas casas - uma de alvenaria e outra de palha. Meu irmão me levou direto ao encontro do meu avô. Fiquei ainda mais surpreso porque falavam uma língua estranha totalmente desconhecida, fiquei perplexo por um tempo sem entender nada, até que me abraçaram e disseram, é nosso neto de Iracema.

A partir desse dia passei a morar com meus avós e logo no outro dia, fui conhecer outras partes da família como: tios, tias, primos, primas, me levaram de casa em casa, então comecei a entender a minha origem, e porque na cidade me chamavam de indígena. Também durante esse tempo, passei a entender como era feita a estrutura e a organização social do meu povo e porque a aldeia tinha um formato circular, também o que me chamava sempre à atenção era que de um lado as casas eram de alvenaria e do outro lado de palha e eram sempre duas casas. O círculo da aldeia se completava com as casas de palhas.

O campo de futebol ficava bem no centro da aldeia e todos os dias nós jogávamos bola no campo, era uma imensa alegria, os homens jogavam de um lado e as meninas do outro lado do campo, tinha também muitas garotas indígenas lindas. Um detalhe também muito interessante da época é que não tinha energia elétrica, tudo era na base de lamparina, vela, lampião, fogueira, fogão a lenha, também tinha um gerador movido a óleo diesel que funciona no período noturno até umas 9:00 da noite, iluminava a casa grande, a escola e a farmácia. As demais casas ficavam no escuro. Na casa grande tinha também uma espécie de rádio amador que todos os dias era ligado pelo chefe de posto ou funcionário da Funai para receber as informações da Administração Regional da Funai com sede na capital Cuiabá, na época eram dois funcionários da Funai que prestavam serviço na aldeia, saudoso Tio Lúcio Calomezoré que também era tratorista e o saudoso avô Apicore Amajunepá por

parte da minha mulher Rosinete Zoizoquialo Amajunepá, avô este que tinha muito apreço e consideração.

Foi nessa época que conheci a minha esposa Rosinete, filha de Silvio Amajunepá e de D. Gracilda Gonçalina Amajunepá, tinha aproximadamente 14 anos de idade quando nós nos conhecemos, pra conquistá-la não foi nada fácil, pois a concorrência era grande e os garotos eram a maioria quase que o dobro das meninas, e a Rose era uma das garotas mais bonita que tinha no Umutina, então os ciúmes se generalizaram entre nós jovens da aldeia, enfrentei situações bem difícil, cheguei a retornar pra casa dos meus pais, mais não demorou muito tempo retornoi pra aldeia e consegui reatar o namoro, logo a Rose engravidou, então fui convidado a morar na casa dela e assim fiz. Entrei no costume dos familiares e tive uma convivência bem agradável e harmônica, então nasce meu primeiro filho Raphael Amajunepá de Oliveira, Filadelfo Amajunepá de Oliveira e Luzdayara Amajunepa de Oliveira.

A minha família aumentou e então resolvi fazer minha casa, assim que terminei nós mudamos e conseguia sobreviver com o trabalho da escola, pois era contratado pela prefeitura de Barra do Bugres como professor interino e assim os anos foram passando até que em 1989 assinei a minha carteira de trabalho e em 1994, fiz concurso municipal e me efetivei na rede municipal de ensino.

Nesse tempo ainda não tinha completado o ensino fundamental e nem médio, logo passei a estudar na Escola Júlio Muller em Barra do Bugres muitos jovens daquele tempo frequentavam a escola da cidade, nesse tempo para irmos à escola usávamos duas roupas uma para chegar até do outro lado do rio e outra o uniforme do colégio. O ônibus escolar vinha nos buscar ao meio-dia e nos trazia de volta às 17:00 da tarde e já vinha lotado com outros alunos da região. Também todos os professores e as grades curriculares as metodologias eram todas voltadas para os conhecimentos da sociedade civil, nada de estudo sobre os indígenas Umutina. Ainda continuava sem compreender muito bem os valores culturais do meu povo.

Então fui convidado para substituir a Professora IRACI, na época professora da Funai. No ano 1989, fui contratado pela Prefeitura Municipal de Barra do Bugres, para atuar em sala de aula. Ai, surge o Projeto EAD, (Educação a Distância) – LOGUS - curso voltado para quem estava atuando em sala de aula, Projeto executado pela Escola Estadual 15 de Outubro, me inscrevi e passei, era um curso através de módulos com vários livros e várias

disciplinas, os professores eram do estado e vinham realizar as atividades na escola onde os professores estavam atuando, o calendário era quinzenal e, mensal, conclui o Logos II.

Assim que terminei o ensino médio, surgiu a oportunidade de fazer parte do Projeto Tucum (Nível de Magistério Intercultural), primeiro projeto específico e diferenciado para professores indígenas, Barra do Bugres foi convidado para fazer parte do projeto. No planejamento das atividades a serem realizadas nas etapas, foi onde percebi e passei a entender um pouco melhor sobre especificidade, os planejamentos estudados e elaborados pelos docentes eram voltados para os valores culturais de cada etnia. Então, começo a entender com mais clareza o porquê pertencia ao povo indígena umutina, passei a ler sobre o meu povo, porque até então tinha que orientar os cursistas do projeto tucum as metodologias, as práticas de ensino eram de acordo com a história do teu povo. No decorrer do projeto foi ficando claro que nós falávamos somente a língua portuguesa e então a orientação era, aprofundarmos os estudos na linha do tempo para entender o porquê só a língua portuguesa, pesquisamos os professores da época, os mais velhos, os chefes de posto, a comunidade os livros que tinha na casa grande, até chegarmos a alguns autores como: Harold Schultz, em seu livro vinte e três índios órfãos resistem a civilização.

Também ainda neste tempo não fazíamos a prática da nossa cultura no dia a dia, me recordo que o que era forte, eram os artesanatos que as mulheres faziam como: cestos trançado de buriti, faziam colares, faziam anéis de coco de tucum, faziam cordinhas de broto de tucum, faziam redes de algodão e também da seda de tucum, os homens sempre tinham arco e flechas (arco de ciriva), por muito tempo presenciei o meu avô endireitando taquara para fazer flecha, também sempre batiam timbó no rio dezoito e nas lagoas do território, nós não dançávamos, não pitávamos, não falávamos a língua materna. Na escola, os professores só ensinavam a língua portuguesa e acompanhavam os planejamentos e calendários que a secretaria de educação do município mandava para as escolas. Naquele tempo, não tinha indígena habilitado para tal função, foram selecionados quatro indígenas que foram: Alvanir Monzilar, Maria Alice de Souza kupudonepá, Jovail Amajunepá e Luizinho Ariabo Quezo, então, fui convidado para ser monitor do Polo I que compreendia cinco municípios: Barra do Bugres, Tangará da Serra, Campo Novo do Parecis, Sapezal e Juara. Fui também professor auxiliar do Projeto Hayo, nível de Ensino Médio Intercultural, ministrando a disciplina de Matemática.

Ao concluir os projetos de formação em nível de magistério intercultural. O Governador do Estado de Mato Grosso, saudoso Dante Martins de Oliveira, lançou o primeiro edital específico e diferenciado para professores indígenas ingressarem na Unemat (Universidade do Estado de Mato Grosso) foram ofertadas duzentas vagas sendo cento e oitenta para Mato Grosso e vinte para outros estados.

Assim que foi publicado o edital fui logo me inscrever, do nosso povo dez candidatos foram aprovados. Em 2001/2002, começa o curso no campus Universitário de Barra do Bugres um grande desafio estava começando. Também essa graduação foi totalmente voltada para os conhecimentos ancestrais e milenares dos povos indígenas do Brasil. O curso foi desenvolvido por etapas nos meses de janeiro/julho era etapa presencial e os demais meses eram realizadas etapas intermediárias. As metodologias aplicadas no processo educacional contribuíram muito com minha prática na sala de aula. Até nas reuniões pedagógicas entre os professores passamos a dialogar sobre a importância da cultura, então a escola passa a assumir um novo papel de revitalizar a língua, a cultura do povo Umutina. Os professores chamam essas responsabilidades e começa um novo ciclo de aprendizagem umas das primeiras mudanças foi o calendário escolar, passou a ser de acordo com a nossa realidade, outra mudança fundamental foi no nosso Projeto Político Pedagógico, conseguimos elaborar em coletivo com a comunidade garantimos a nossa especificidade esses processos de mudanças foram acontecendo durante o percurso na faculdade.

Importante enfatizar que a academia nos fez enxergar o quanto a nossa cultura estava esquecida e quase ficou num profundo esquecimento, tanto os professores como os alunos se tornam pesquisadores da própria cultura. Demos um salto enorme, as famílias também passam a ser elementos essenciais para a efetivação da cultura, porque o momento crucial acontece no ambiente familiar, a escola fica como uma espécie de ponte entre a família e na escola toda mudança foi acontecendo de forma gradativa, bem lenta. A partir de 2007, de fato emplacamos a cultura do nosso povo no currículo da escola, no calendário escolar e no Projeto Político Pedagógico, ainda em 2007 os professores se efetivam na carreira do magistério passando no concurso do estado. Daqui em diante todos os processos de aprendizagem da cultura estão envolvidos.

Ainda na faculdade a convivência com outros indígenas não foi nada fácil, principalmente com povos monolíngue que era o caso dos xavantes e outras etnias da região

xinguana, tivemos várias discussões sobre a questão de quem era de fato indígena, uma situação bem difícil e até surgiu alguns momentos de discriminação nos corredores e ambientes fora da sala de aula, então foi criado um grupo que denominamos de colegiado, cada etnia tinha um representante no colegiado, que passou de certa forma a minimizar as questões de conflito entre os acadêmicos, todos os assuntos pertinentes ao processo de ensino e aprendizagem, faltas, a não entrega de trabalhos, comportamento no alojamento e até mesmo alguns casos de alcoolismo era discutido no colegiado.

Nós do povo Umutina e povos da região nordeste (TUXA, TUPINAMBA, assu kokal), foram os que mais sofreram com essa situação porque diziam que nós não era índio, só consideravam quem falava a língua materna, a coordenadoria do 3º Grau Indígena teve que encontrar uma solução para esta situação, assim surgiu um estudo sobre “Identidade Cultural”, os professores passaram a planejar as aulas com mais didáticas voltadas para os valores cultural de cada povo, fizemos muitas leituras, pesquisas dos povos que tiveram os primeiros contatos com colonizadores, passamos a assistir filmes, visitar algumas aldeias como os Umutina e Paresí de Tangará da Serra, povos que moravam mais próximo do centro acadêmico, com as visitas passamos a entender melhor a especificidade de cada povo (nós não somos iguais) já nas aldeias éramos recebidos pelo cacique e a equipe gestora da escola, fazíamos nossa apresentação acadêmica e também cultural.

O povo mais visitado durante esse tempo, foi o povo *Balatiponé-Umutina* por estar mais próximo da faculdade e também por termos um número expressivo de acadêmicos, a aldeia visitada sempre fazia apresentação cultural e com danças tradicional, os alunos sempre todos adornados e com belíssimas pintura corporal, era um momento de muita emoção, pois, presenciar um povo fazendo apresentação cultural, um povo que estava sendo esquecido pelas pessoas e ouvia-se falar que os Barbados estavam desaparecendo da sociedade.

Outra estratégia aplicada, também para ajudar no combate a preconceito e assiduidade dos acadêmicos foi o livro ata, chamado por todos de “livro da capa preta”, todos os fatos e acontecimentos no ambiente escolar no alojamento, era registrado no *capa preta*. Todos os dias um acadêmico era sorteado para fazer o relato do dia anterior, e no dia seguinte a leitura era feita no primeiro momento das aulas. Assim esse livro ficou gravado nas nossas memórias. As didáticas deram certo, passei a observar os comportamentos dos parentes, tanto na sala de aula como nas apresentações em grupo e nos seminários.

As leituras, as pesquisas coletivas e em grupo contribuíram muito, de forma muito significante para o nosso conhecimento e o sucesso da nossa aprendizagem, passamos exigir dos órgãos responsáveis, passamos a cobrar e reivindicar nosso direito e a aplicabilidade das leis de forma concreta na educação escolar indígena.

REFERÊNCIAS

BOROPONEPÁ, Alessandra Corezomaé. **Casamentos interétnicos na aldeia Umutina: constituição de identidade Umutina**. 2016. 48 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Intercultural Indígena) – Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus Universitário Dep. Renê Barbour, Barra do Bugres, 27 abr. 2016. Disponível em: <https://portal.unemat.br/media/files/Alessandra.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2025.

COREZOMAÉ, Marcio Monzilar. **Matáre Pitukwá Makewá: Narrativa Mítica e (Re)Significação entre o Povo Indígena Balatiponé-Umutina – Mato Grosso/Brasil**. 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Universidade do Estado de Mato Grosso, Câmpus de Tangará da Serra, Tangará da Serra, 2017. Disponível em: http://portal.unemat.br/media/files/Dissertacao_final-Marcio_Monzilar_Corezomae.pdf. Acesso em: 14 jun. 2025.

FRAGA, Valderez F. **Choque cultural como aprendizado profissional e humano**. Revista de Administração Pública RAP. FGV. v. 33, n. 5 (1999). Disponível em: http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/7623/pdf_40

MUSEU DO ÍNDIO. **Representantes de povo Balatiponé (Umutina) destacam importância do acervo do Museu para preservar memória e saberes perdidos**. Disponível em: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/assuntos/noticias/2024/representantes-de-povo-balatinope-umutina-destacam-importancia-do-acervo-do-museu-para-preserved-memoria-e-saberes-perdidos>. Acesso em: 6 jun. 2025

MONZILAR, Eliane Boroponepa. **A escola e o ensino do povo Balatiponé-Umutina no território indígena**: a Educação Indígena e a Educação Escolar. *Movimento – Revista de Educação*, Niterói, v. 7, n. 13, p. 63–91, maio/ago. 2020. DOI: 10.22409/mov.v7i13.40973. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistamovimento/article/download/63-91/pdf/149808>. Acesso em: 14 jun. 2025.

NETTO, Letícia Rodrigues Ferreira. **Choque cultural**. 2017. Material didático. Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2017.

Entrevista

Bom, eu sou Filadelfo de Oliveira Neto, sou do povo *Balatiponé-Umutina*, município de Barra do Bugres. Eu fiz a graduação no campus da Unemat, concluído em 2006. Sou da área das ciências matemáticas e da natureza. E nos dias de hoje, eu estou cedido para o conselho estadual de Educação Escolar Indígena do estado de Mato Grosso, com sede na capital,

Cuiabá. O nosso trabalho lá é dar suporte ao assessoramento técnico para que as escolas estaduais indígenas do estado de Mato Grosso, bem como regularizar também todas as escolas, de acordo com as normativas do estado. Isso é um trabalho que a gente tem feito ao longo dos anos no conselho estadual. E esse conselho estadual, ele foi criado em 1995, já tem uma longa trajetória na educação escolar indígena do estado de Mato Grosso, enfim, então é isso. Eu estou aqui para a gente fazer uma entrevista com o professor Elias. Então estou à disposição.

Eu penso que a ciência, hoje nós não vivemos sem a ciências, a ciência, ela está presente em todos os aspectos nossos, na aldeia, no nosso cotidiano, na nossa escola, na nossa forma de expressar, na nossa forma de analisar o mundo em si, a natureza, o meio ambiente. Então, a ciência faz parte da nossa vida em todos os sentidos.

Os cursos fazem com que nós entendamos melhor a ciência científica. E eu, eu vejo que a ciência, ela pode contribuir e muito com a nossa educação indígena, ela nos esclarece esse mundo contemporâneo que está aí e, nós não temos como fugir disso. Nós estamos vivendo num mundo globalizado, as nossas crianças precisam entender tanto a nossa educação cultural, a nossa educação, que é transmitida na parte oral e nós entendemos também que precisamos entender a ciência científica, para poder entender melhor o mundo que está ao nosso redor. Então, assim, é só estudando que nós vamos entender a ciências.

A ciência vai nos explicar, a ciência científica vai nos explicar. É como que explica determinado surgimento, determinado assunto relacionado a algum aspecto nosso cultural. E a nossa cultura também, a ciência está dentro, e tentamos entender, através da forma legal. E isso com as nossas crianças, passando para as nossas crianças, para os nossos jovens, a importância que essa ciência tem no avanço das tecnologias que estão chegando para dentro da aldeia e nós precisamos entender todas essas questões. É, eu vejo que não temos para onde a gente correr, a não ser estudar, essas formas, essas, essas questões das ciências que estão à nossa volta.

Eu vejo assim a nossa forma de trabalhar com as crianças. Nós tentamos envolver a questão da Geografia, mostrar para nossas crianças a questão do meio ambiente, das mudanças climáticas, das mudanças, da alteração das chuvas. E, isso tudo está relacionado lá no conhecimento com as crianças. É em relação a essa questão de experiência, porque a gente, a gente tem trabalhado, como nosso povo só fala a língua portuguesa, ao longo do

processo, a gente perdeu a língua materna. Então, assim a gente tem trabalhado várias experiências da ciência da natureza na nossa escola com nossos alunos e a gente tem buscado trabalhar mais a questão, que trabalhamos lá no passado com outro professor, o professor Silvinho, ele fez um trabalho muito bonito em relação à questão dos trançados.

Trançado do povo *Balatiponé-Umutina*. Os alunos do sexto, sétimo, oitavo ano. Eles participaram de uma feira de ciência do Curso de matemática no município de Barra do Bugres. E os alunos, então, estudaram, fizeram, construíram o *APA*. Foram a campo e extraíram esse material para a confecção do *APA*, que é o broto da palmeira do babaçu, acho que foi do buriti. Para extrair, ele tem toda uma técnica para fazer esse *APA*. Eles então extraíram esse broto, levaram para as pessoas mais idosas que já dominam a técnica de fazer e fizeram essa relação matemática das ciências naturais com a ciência nossa de como que faz o *APA*, a questão dos trançados, a questão das figuras. Então assim, eles, os alunos se interessaram mais pela aula, participaram ativamente das aulas. Fizeram um *banner*, fizeram toda essa explicação. É interessante que essas crianças amadureceram, nós percebemos que essas crianças tiveram uma desenvoltura bem significativa no sentido de quando você pega, umas fórmulas, uma matemática científica com a parte prática. A parte teórica com a parte prática, então a parte prática, as crianças, elas tiveram uma desenvoltura muito grande no conhecimento. E o trançado você percebe que são inúmeros encontros de ângulos, de retas, e isso faz com que as crianças assimilem com mais clareza as ciências da matemática.

Eu entendo assim, que ambos os conhecimentos, tanto o nosso. O nosso conhecimento tradicional, tanto os nossos conhecimentos da faculdade, eles, eles se complementam. Eu vejo que a faculdade, ela tem trabalhado esses aspectos da ciência. Na nossa formação a gente vê que não está tão distante dos nossos conhecimentos, nossos conhecimentos tradicionais. Eles interagem nessas questões da nossa formação, enriquecendo a nossa formação. Na academia, abre-se esse horizonte para a gente, cada vez mais, buscar conhecimento sobre a ciência.

A ciência da natureza, para mim, ela mostra a questão concreta, ela explica como é que as coisas estão organizadas. No tempo, no espaço, no lugar. Eu vejo que ela nos ajuda a entender de que forma que tudo, todos os seres vivos, ou outras questões relacionadas a nossa cultura estão ali naquele lugar. Então eu penso que a ciência, ela nos ajuda a entender tudo isto toda essa questão.

Os nossos conhecimentos são milenares. E, assim, a gente faz o possível, de fazer uma ligação, um relacionamento assim, dos avanços que tiveram. Então, os nossos conhecimentos, eles estão de certa forma ligados com o conhecimento da ciência. Agora a gente precisa entender melhor os mecanismos da ciência porque é um campo muito, muito abrangente. E a gente ainda precisa de estudar mais um pouco sobre essas questões para a gente estudar as diferentes situações que acontecem, na nossa cultura e na própria ciência também que não é nada estática, estão sempre em mudança. Então a gente tem essa dificuldade de entender ainda essa questão da ligação da ciência com o nosso conhecimento, eu mesmo ainda tenho essa dificuldade.

Eu penso que o currículo é fundamental. E a ciência tem que estar dentro do currículo. Para que todos os professores, que todo, o nosso Projeto Político Pedagógico seja de acordo com os conhecimentos, tanto a ciência da matemática e da natureza quanto ao nosso currículo, ele deve constar no nosso currículo. Mas eu vejo que a gente precisa trabalhar muito ainda. Os órgãos que trabalham com os povos indígenas, tipo assim, nós temos que tá tendo mais formação no sentido de esclarecer para as secretarias, tanto municipal, estadual.

Agora com a nova metodologia aqui no nosso estado, DRE, que o nosso currículo precisa atender às nossas necessidades, tem que estar de acordo com a nossa realidade para que a gente possa fazer um trabalho voltado para os valores da nossa cultura, um valor específico nosso, para que a gente tenha uma educação específica e diferenciada, valorizando os nossos conhecimentos, tanto o nosso conhecimento tradicional, a nossa oralidade, também como outros conhecimentos. porque nossas crianças, quando elas vão concluindo, chega a um determinado ponto, elas vão fazer um estudo lá, vão fazer um processo seletivo, então elas têm que estar, elas têm que, o currículo tem que dar conta dessa criança, sabendo, é sabendo diferenciar a nossa educação indígena com a educação do não indígena, para que ela possa concorrer, de certa forma, não podem dizer de igual para igual, mas que ela possa concorrer sem ter muitas dificuldades nos possíveis seletivos que elas forem fazer nas suas vidas.

As academias na nossa formação, elas têm mostrado que os professores têm nos dado esses conhecimentos para a gente valorizar nossa forma de viver a nossa vida, valorizar o nosso povo. Então, assim, eu vejo que nós, na nossa formação, a gente consegue levar esses conhecimentos para dentro do povo, levarmos para dentro das escolas, para os jovens, para as crianças. E eu assim, eu entendo que cada vez mais os professores da

academia, eles têm trabalhado, reforçado muito essa questão da nossa identidade cultural. Da nossa permanência, em fazer mesmo a nossa cultura, porque, não tá nada assim, a gente tem passado por um tempo muito difícil, a gente não tem conseguido nem demarcação de Terra e o nosso povo precisa disso. Então nós temos que valorizar, temos que conhecer, então nós entendemos que a nossa formação, ela está atendendo a nossa expectativa e nós estamos dando um retorno para a nossa comunidade.

Eu acho que nós. Nós entendemos que as ciências da matemática. Ela nos esclarece, como já disse, ela nos faz ter uma compreensão melhor das situações da vida, então, eu penso, eu penso assim que nós indígenas, na medida que a gente vai ter os conhecimentos, adquirir os conhecimentos e a gente tenta esclarecer, tenta entender, mostrar, explicar as diversas situações que ocorrem na nossa vida, no nosso meio. Então assim, a sociedade, de certa forma, muitas vezes, acha que a gente é incapaz, que a gente, de certa forma, não contribui com o conhecimento, mas a gente tem percebido que é o contrário. A gente fica, a gente contribui sim, e a gente preserva tudo isso! Mas, é que a gente usa muito a questão da oralidade, agora que a gente está indo para o mundo, mais da escrita, nós estamos registrando e gravando. Mas, assim, eu penso que a gente contribui com o conhecimento da nossa sociedade.

Eu penso assim que a faculdade poderia, então dar essa abertura da gente trabalhar mais as nossas questões. Nossas questões, das nossas práticas pedagógicas voltadas para a academia. Eu creio que a gente poderia mudar a forma da produção do material didático. Eu creio que a gente já tem exemplos. No decorrer do tempo do processo da educação escolarizada, de que os livros. Os livros didáticos, que são fornecidos pelo governo federal, ele é muito pobre nas questões indígenas. Ele lembra de algumas coisas, ele só lembra do dia 19, só da data comemorativa do dia 19 de abril. Eles fazem algumas brincadeiras, envolvendo alguns estereótipos das nossas crianças e isso não contribui em nada com a nossa parte pedagógica, pelo contrário, eu vejo que é um investimento perdido, embora seja um recurso público. Então, eu creio que para facilitar o nosso entendimento, os materiais didáticos, ele tem que ser feito de acordo com cada povo. Um material pedagógico, livro, cartilha, tudo escrito na língua originária do seu povo também na língua portuguesa, porque as duas línguas, acho que é possível das nossas crianças aprenderem.

Eu penso assim também, que isso não vai fazer com que nossas crianças aprendam só a língua portuguesa. O material didático, ele tem que ser voltado, tem que ser numa linha

de pensamento que a língua materna tenha maior tempo nesse material didático. Esses livros, eles têm que dar conta de valorizar, de trabalhar todas as nossas questões de conhecimento. Tem que dar conta de trabalhar, na parte cultural, de trabalhar nossa, a parte da leitura, a parte da matemática. Mas que ele tem de ser assim, um livro didático, onde as nossas crianças possam gostar desse material.

O material gostoso de trabalhar porque a partir do momento que a gente tem um material do nosso povo, produzido por nós, com as nossas histórias, com os nossos conhecimentos, com relatos dos nossos anciãos, com a prática dos nossos cantos, das nossas danças a gente lê os nossos mitos que os nossos velhos contam ali, com as fotografias deles, com a participação deles nas danças, no preparo das nossas comidas, eu vejo que, com certeza esse livro vai ter um cuidado, vai ser como que eu posso dizer, vai ser um livro muito útil, material didático muito útil, que a gente vai ter o maior cuidado, porque ali estão nossas verdadeiras histórias. Então, assim, para melhorar, teria que ser dessa forma, eu penso que dessa forma, o material didático feito por nós. Que as histórias contadas por nós fizessem parte desse material didático. Então eu vejo, que assim nós conseguiríamos ter um avanço na nossa educação.

Eu só gostaria de dizer que. Nós povos indígenas do estado de Mato Grosso, a gente está no caminho. No caminho certo, nossos jovens, estão estudando, nós estamos nos preparando, vivendo um tempo favorável para a educação escolar indígena no nosso estado. Nós temos um governo que está nos dando oportunidade de adentrar nas academias do nosso estado. Isso é muito positivo. Eu, eu. Eu tenho dito, onde, eu tenho oportunidade para as nossas lideranças, para os nossos caciques, para as nossas crianças de que é só a educação, só esses conhecimentos, tanto do mundo indígena quanto do não indígena, juntando as coisas boas desse conhecimento é que nós vamos, assim, nos engrandecendo, vamos nos empoderando desse conhecimento. Essa educação que faz com que a gente pense algo, que a gente analise algo para o melhor.

Eu estive, mês passado, eu estive em Manaus e tive a oportunidade de conhecer um pouco da realidade daquele povo. Inclusive, visitei uma aldeia, e a realidade deles é totalmente diferente das nossas, eles vivem submersos nas águas. As casas são em cima dos rios e eles não têm escolas igual às nossas, porque lá é tudo por água. Então as crianças ficam muito longe, muito longe e para você chegar em uma escola, vai um dia, 2 dias e eles estão tendo aulas remotas, aulas híbridas, através de videoconferências. O professor vai lá e

fica. Quando a Secretaria do Amazonas, eles organizam aulas, os professores organizam aulas e eles fazem um agendamento de 1 dia e as crianças vão lá, participam da aula e ligam os aparelhos. O professor está aqui na SEDUC dentro de Manaus e o aluno está a mais de 1000 km e eles têm aula em tempo real. E os alunos não faltam, os alunos indígenas, eles não faltam. Eles moram distante dessa sala de aula mas, eles pegam as canoas e barcos motores e vem pra aula e as aulas são todas, a maioria são no período noturno, e essas crianças conseguem estudar. E eu pude ouvir alguns relatos de que essas crianças, elas, por estudarem nessa ferramenta, via online em uma aula híbrida, elas conseguem entender o que o professor está passando para elas, elas conseguem assimilar, o português, a matemática, a ciência.

Então eu tenho dito para nossas crianças que só o estudo que vai nos transformar, nós só vamos ser cidadãos críticos a partir do momento que a gente estudar, que a gente conhecer para gente ter uma vida mais humana, mais digna. E nós, indígenas, somos pessoas inteligentes, pessoas capazes, pessoas que podemos conviver em qualquer qualquer sociedade, em qualquer ambiente da nossa vida. Eu só tenho a agradecer mesmo pela abertura que as faculdades nos têm dado, e agradecer também, muito assim, os profissionais que têm trabalhado conosco, são professores maravilhosos, são professores que conhecem a nossa cultura, que conhecem os valores da nossa cultura. Então, são esses professores e doutores, doutores que têm nos dado essa oportunidade da gente conhecer mais o mundo da escrita, o mundo da leitura e o quanto a gente tem aprendido. Aprendi no meio acadêmico, e graças a Deus nós temos dado esse retorno. Penso assim, que o principal mesmo são os jovens que estão lá na aldeia. Eu estou pensando em dar o retorno lá para aquelas crianças, através do meu exemplo, que eles possam também continuar o estudo e ser, é um doutor, uma doutora nesse mundo capitalista que infelizmente nós temos que enfrentar, é isso!

CAPÍTULO 2

CAMINHOS DE RESISTÊNCIA: MEMÓRIAS DE LUTA E APRENDIZAGEM *BALATIPONÉ-UMUTINA*

Silvinho Amajunepá - Balatiponé-Umutina

Meu nome é Silvinho Amajunepá, sou do Povo Indígena *Balatiponé-Umutina*, tenho 43 anos de idade, filho de Gracilda Gonçalina Amajunepá e Sílvio Amajunepá, meus avós paternos são Apicoré Amajunepá e Inês Baconeprá Amajunepá (já falecidos), e avós materno Sebastião e Jandira Parecis (já falecidos), de seis (06) filhos eu sou o quinto, nasci e vivi a maior parte de minha vida na aldeia Umutina, saindo apenas para estudar, primeiro para cursar a primeira e segunda série, depois para ir todo dia da aldeia a cidade para cursar de quinta série a oitava, e depois para cursar do primeiro ao terceiro ano do Ensino Médio propedêutico.

Eu nasci no dia sete de agosto de 1980, o Brasil estava no 16º ano da ditadura militar, que começou em 1964 e foi até 1985, durante 21 anos. Este foi um dos períodos históricos mais tristes do país, onde os dominados não tinham liberdade. A situação da minimizada, dos marginalizados, passava por momentos bastante difíceis, pois ainda vivíamos esse período obscuro no país, de exilados políticos, pessoas presas injustamente e, o mais triste de tudo, pessoas desaparecidas que nunca mais foram encontradas. Os movimentos sociais lutavam, pedindo eleições, as “diretas já”. Foi um momento muito difícil para todos que viveram e que nasceram nesse período, pois a situação política do país afetava a vida de todos.

A Ditadura Militar no Brasil foi um regime autoritário que teve início com o golpe militar em 31 de março de 1964, com a deposição do presidente João Goulart. O regime militar durou 21 anos (1964-1985), estabeleceu a censura à imprensa, restrição aos direitos políticos e perseguição policial aos opositores do regime. (BEZERRA, 2017, p.4)

Embora a FUNAI tenha sido criada em 5 de dezembro de 1967, os profissionais que atuavam nas aldeias eram servidores do extinto Serviço de Proteção aos Índios – SPI, cuja política era “civilizar” os indígenas, os povos indígenas não podiam ser indígenas, meus avós, meus pais, todos são frutos dessas inúmeras violências realizadas pelo SPI, proibidos de falar a língua *Balatiponé-Umutina*, proibidos de serem *Balatiponé*. Eu quando cheguei à

escola ainda vivi um pouco desse período, do castigo, de ficar sem merenda escolar, da palmatória, de viver essa política positivista do governo.

A Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai) é o órgão indigenista oficial do Estado brasileiro. Criada por meio da Lei nº 5.371, de 5 de dezembro de 1967, vinculada ao Ministério dos Povos Indígenas, é a coordenadora e principal executora da política indigenista do Governo Federal. Sua missão institucional é proteger e promover os direitos dos povos indígenas no Brasil.

Cabe à Funai promover estudos de identificação e delimitação, demarcação, regularização fundiária e registro das terras tradicionalmente ocupadas pelos povos indígenas, além de monitorar e fiscalizar as terras indígenas. A Funai também coordena e implementa as políticas de proteção aos povos isolados e recém-contatados.

É, ainda, seu papel promover políticas voltadas ao desenvolvimento sustentável das populações indígenas. Nesse campo, a Funai promove ações de etnodesenvolvimento, conservação e a recuperação do meio ambiente nas terras indígenas, além de atuar no controle e mitigação de possíveis impactos ambientais decorrentes de interferências externas às terras indígenas.

Compete também ao órgão a estabelecer a articulação interinstitucional voltada à garantia do acesso diferenciado aos direitos sociais e de cidadania aos povos indígenas, por meio do monitoramento das políticas voltadas à segurança social e educação escolar indígena, bem como promover o fomento e apoio aos processos educativos comunitários tradicionais e de participação e controle social.

A atuação da Funai está orientada por diversos princípios, dentre os quais se destaca o reconhecimento da organização social, costumes, línguas, crenças e tradições dos povos indígenas, buscando o alcance da plena autonomia e autodeterminação dos povos indígenas no Brasil, contribuindo para a consolidação do Estado democrático e pluriétnico. (SITE GOV.BR, 2020, p 1.)

Meus avós paternos Apicoré Amajunepá e Inês Baconepe Amajunepá – *Balatiponé-Umutina* arrancados do convívio da Família pelo SPI, nos contavam suas história de quando viviam com seus pais nas malocas, de como eram crianças felizes, contavam da vida no “Posto Fraternidade Indígena” que de “fraterno” só tinha o nome, pois suas ações eram sempre muitos severas com os indígenas, principalmente com os considerados rebeldes, com estes tive o prazer de conviver, de ser criança, aprendi ser *Balatiponé-Umutina*, conheci a nossa história de contato bem diferente das contados nos livros de histórias, aprendi a língua do Córrego 18 (elatinopopare) onde todo *Balatiponé-Umutina* aprende nadar, pescar de arco e flecha, coletar a matéria prima e fazer o próprio material da pescaria, aprendi o tempo da coleta dos frutos silvestres, de fazer e plantar a/na roça, aprendi desde muito cedo com minha amada avó Inês Baconepeá, a ser grata por tudo que acontece na minha vida seja bom ou ruim. Já meus avós maternos Sebastião Baconepeá (*Balatiponé-Umutina*) e Jandira Pareci, não convivi com eles, não tenho lembranças de ter vivido com eles, pois historicamente os indígenas Paresí e Nambikwara que foram trazidos para a Terra Indígena

Umutina não tiveram um bom relacionamento, não houve casamento entre essas etnias, quem casou muito tempo depois foram os filhos destes, a segunda geração, que como consequência tiveram filhos nascidos nas décadas de 60 e 70, no meu caso na década de 80.

Quando crianças morávamos num lugar chamado “RETIRO”, retirado da aldeia Umutina cerca de 14 km, onde meu pai Sílvio Amajunepá que com a ajuda de Alcir Corezomaé cuidavam de boi, gado da comunidade cerca de 1000 cabeça de boi, e plantávamos roça de subsistência, mandioca, cará, batata, milho, arroz, banana, maxixe, abóbora, melancia, itens da nossa alimentação. Meu pai podia escolher um boi por ano em forma de pagamento de cuidar de um ano do gado do povo *Balatiponé-Umutina*.

Meus irmãos mais velhos que eu, Rozinete Z. Amajunepá, Sílvia amajunepá e Cacildo Amajunepá, iam a cavalo todos os dias de manhã estudar na Escola Otaviano Calmon percorrendo 28 km todos os dias para estudar, Valdevino H. Amajunepá, eu Silvinho Amajunepá e Deuzete Amajunepá ficávamos com minha mãe Gracilda Gonçalina Amajunepá, a vida era difícil não tínhamos bens materiais, nossa casa é muito, muito simples, não tínhamos muita roupa, comida - às vezes ou na maioria das vezes graças à DEUS tínhamos apenas maxixe cozido com água e sal para o almoço e jantar, outras apenas abóbora cozida, comíamos arroz quando minha irmã ROZINETE ia socar arroz no pilão, dormíamos os seis (06) irmãos em uma cama feito artesanalmente de couro de boi por meu pai, que sempre foi um artesão de mão cheia, e que sempre confeccionou seu próprio laço, sua própria cela para trabalho com o gado, mas éramos as pessoas mais felizes do mundo, a vida era simples mais era a mais feliz do mundo, pois tínhamos uns aos outros e estávamos sempre juntos.

Fomos embora do retiro porque uma onça pintada matou o cavalo de meu pai, na noite em que a onça matou o cavalo, eu acordei gritando porque dormindo eu vi a onça comendo o pescoço do cavalo e a égua com o filhote correndo, acordei gritando que a onça tinha matado o cavalo, mas, meus pais não acreditaram, só tendo certeza no dia seguinte quando o cavalo não apareceu. O Senhor Antônio Corezomaé, indígena da etnia pareci, sempre foi um grande líder espiritual dentro do território *Balatiponé-Umutina*, pai de Alcir Corezomaé sabendo do acontecido, foi nos avisar que não era onça que tinha matado o cavalo, que era o espírito da morte e nós não poderíamos mais ficar ali, porque o espírito tinha ido para acabar com a nossa família, logo meu pai ficou doente com tuberculose e foi fazer o tratamento em

Cuiabá e minha mãe foi junto, e nós ficamos com nossos avós paternos, depois disso nosso “paraíso desabou”, ou pelo menos o meu.

Meu pai ficou muito tempo em tratamento de tuberculose em Cuiabá, que minha mãe cursou e concluiu o curso de técnico de enfermagem, enquanto cuidava de meu pai, e foi trabalhar na FUNAI, passou a trabalhar na cidade de Tangará da Serra, e veio nos buscar para morar com ela e estudar na cidade.

No ano de 1987 começamos a morar em Tangará da serra, quando chegamos à Escola 29 de Novembro, eu não sabia conversar, puxava muito o r, falava, por exemplo, azul = azur, e tinha muita vergonha de falar, mas minha professora ADILENE cujo sobrenome não lembro, era o “AMOR e PACIÊNCIA” em forma de pessoa e de professora, lembrava muito a dedicação de minha avó paterna Inês, com ela aprendi ler e escrever, e me expressar, fiz várias aulas de reforço, até me tornei o melhor aluno da turma, mas demorou muito a recuperar do choque cultural que vivi nesse período, que conforme SILVA (2019) apud Oberg (1994) registra em uma palestra no Rio de Janeiro:

“Durante as primeiras semanas, a maioria dos indivíduos fascinam-se com o novo. [...] Mas essa mentalidade não sobrevive muito tempo se o sujeito permanece no estrangeiro e tem que lidar seriamente com as condições reais de vida ali. [...] O choque cultural é causado pela ansiedade resultante de perder todos os nossos sinais e símbolos familiares de inter-relação social. Estes sinais incluem as mil e uma formas pelas quais nos orientamos com base nas situações da vida quotidiana. [...] Quando o indivíduo adentra uma nova cultura, dele se a maioria dessas dicas de interpretação, senão todas. É como um peixe fora d' água. [...] Uma série de suportes têm sido retirados dos pés do indivíduo, que sente frustração e ansiedade.”

Acredito que toda criança indígena, assim como todo adulto indígena quando vai morar na cidade sente seu “espírito indígena” pedindo para voltar para aldeia, quando ouve o vento, quando vê o céu estrelado, quando houve o barulho da água do chuveiro, quando pisa no chão descalço, em tudo sentimos a aldeia pedindo pra voltarmos para casa, que essa relação é recíproca, sentimos falta da aldeia e ela de nós.

No ano seguinte 1988, continuamos estudando e morando em Tangará da Serra, meu pai trabalhava na fazenda, minha mãe na saúde indígena, passando muito tempo fora de casa, vindo ficar conosco apenas um final de semana por mês, chegando na sexta feira a tarde e voltando domingo a tarde, nós passávamos a maior parte do tempo sozinhos em casa, meu pai bebia muito e batia em minha mãe, acabaram se separando, meu pai voltou para aldeia e levou meus irmãos mais velhos com ele, ficando com minha mãe somente eu e meu irmão Deuzete, meus pais tentaram reatar o casamento várias vezes, porém não deu

mais certo, minha mãe trabalhava e viajava muito, passando a maior parte do tempo longe de casa, com isso no ano seguinte meu pai nos levou para morar com ele na aldeia.

Na aldeia voltei a estudar, agora com o professor FILADELFO DE OLIVEIRA NETO, a vida na aldeia era mais leve e feliz, na nossa casa moramos, eu, meu pai, meu irmão Deuzete, Valdevino, minha irmã Rozinete e Meu cunhado Filadelfo. Nesse período acompanhamos os rituais de agradecimento e oferenda após os caçadores chegaram com a caça, pós caça quem fazia a repartição e agradecia aos espíritos da floresta era o Senhor Antônio Corezomaé o líder espiritual de todo o povo, todas as famílias reuniam se próximo a casa do caçador e participava do ritual, levando sua parte da caça e da bebida tradicional para casa. O senhor Antônio Corezomaé que benzia as crianças que ficavam doentes e que orientava os pais nos cuidados que deveriam ter com os filhos, benzia contra picada de cobra e passavam os remédios naturais que conhecia, ele era o único líder espiritual, conhecedor de conhecimentos que somente a epistemologias do sul podem explicar, de acordo com SANTOS (2020).

As Epistemologias do Sul são uma proposta epistemológica que pretende identificar, validar os conhecimentos nascidos nas lutas, nas lutas sociais contra a opressão que, na época moderna, foram fundamentalmente produzidas por três formas de dominação: o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado. São epistemologias porque procuram validar conhecimentos, conhecimentos outros, que não aqueles que estão validados pelas epistemologias do Norte. [...] o único conhecimento válido era o conhecimento científico, e esse conhecimento científico, como sabemos, produzido segundo uma certa concepção do ser, da natureza, do próprio conhecimento, uma relação de aparente total separação entre sujeito e objeto, a natureza considerada um ser inerte, o conhecimento como descoberta, em princípio individual, não uma construção colectiva. Com o tempo esse monopólio foi-se consolidando e em transformaram em opiniões sem valor todos os outros conhecimentos – conhecimentos tradicionais, vernáculos, populares –, que sempre existiram, e continuam a existir, e não é apenas nas longínquas comunidades indígenas ou quilombolas, mas também nas cidades, nas favelas, nos bairros, onde as pessoas governam a sua vida, dão sentido à sua vida, através de conhecimentos que não são necessariamente conhecimentos científicos. [...] As epistemologias do Sul é um projecto epistemológico que visa afirmar essa alternativa sem que seja uma alternativa, isto é, é a afirmação e outra maneira de ser, de estar, de pensar, de existir e de resistir.

Estudei a terceira e quarta série na Aldeia Umutina na Escola Municipal Otaviano Calmom, como na aldeia não tinha a quinta série no ano de 1993 passei a estudar no município de Barra de Bugres na escola Júlio Muller, saímos todos os dias às 10 horas da manhã de fevereiro a abril quando o rio Paraguai estava cheio, e nesse período de chuva sempre chegamos molhados a escola, e de maio a setembro, no período de seca chegávamos na escolas sempre empoeirados, nesse período saímos de casa às 11 horas para estudar às 13 horas, o nosso transporte era um caminhão 608 azul e o motorista era o

senhor Luiz Gonzaga que nós levava até a Praça Santa Cruz bem na chegada de Barra do Bugres pra quem vem de Cuiabá para Barra, onde descíamos do carro e íamos caminhando até nossas respectivas escolas, éramos mais de 20 alunos, saímos da aula as 17 horas, mas, sempre saímos de Barra para a aldeia as 17:30 ou 17:40 quase as 18 horas, por que alguns estudavam na Escola Assembleia de Deus, outros na Escola Professora Julieta Xaxier Borges, normalmente chegávamos em casa as 19 horas, isso quando o carro não estragava e ficávamos no meio da estrada e íamos embora andando. Quando o carro estragava levava até uma semana para arrumar o carro nesse período perdíamos as aula. Quando o caminhão levava as pessoas para a cidade de Tangará da Serra, para ir ao médico ou para fazer compras, chegávamos em casa entre 20, 21 ou 22 horas, ou quando o carro estragava em Tangará da Serra íamos todos embora andando de Barra do Bugres até a aldeia.

Na escola da cidade tínhamos que comprar os livros de todas as disciplinas ofertadas na grade curricular da escola, uniforme escolar, material específico para as aulas de educação artística, entre tantas outras coisas que precisávamos para nos mantermos na escola, e muitos de nossos pais não tinham uma renda fixa pra manter os filhos na escola, a maioria era artesão ou pescadores. Diante dessas muitas dificuldades muitos alunos acabavam desistindo e depois das férias de junho poucos alunos retornavam para a escola, e alguns conseguiam terminar os estudos quando não reprovavam.

No ano de 1993 conheci José Carlos Patrício da cidade de Tangará da Serra e seu melhor amigo Ranis cujo sobrenome não me recordo, que vieram passar uma temporada na aldeia, ficaram por três meses, depois o cacique da época conhecido popularmente como "MIRO" – Ademil Calomezoré, veio pedir que fossem embora, eles foram embora voltando para Tangará da Serra, e em 1994 foram embora para São Paulo, onde o José Carlos que sempre foi muito inteligente e gostava de ler, conhecer pessoas e lugares, conseguiu emprego em uma loja que vendia peças de artesanato indígena, conheceu o pessoal do museu em São Paulo, que mostraram para ele um material sobre o povo Umutina, ele disse que conhecia o povo Umutina, e conseguiu uma apostila de Harold Schultz, e nos enviou pelo correio no ano de 1996. Este foi o primeiro material a respeito de nossos ancestrais que tivemos acesso, mas era um material bem completo descrição das danças, aspectos da língua Umutina, artesanato, adornos masculinos e femininos, várias coisas que não sabíamos que tinha sido registrado por alguém.

No ano de 1993 a pesquisadora Stella Telles Pereira Lima, vem passar uma temporada na aldeia Umutina para fazer sua pesquisa de mestrado, onde escreve tudo sobre a língua Umutina em sua tese de mestrado com o livro – “LÍNGUA UMUTINA – UM SOPRO DE VIDA”, o material de língua mais completo que temos na aldeia.

No ano de 1995 começa uma busca intensa para fazermos o “resgate cultural” de nossa cultura, começando pela escola decidindo que passaria a trabalhar somente os valores da cultura *Balatiponé-Umutina*, pois até o presente momento ainda trabalhávamos a dança do povo *Haliti-Paresí*.

Este processo de resgate cultural foi maravilhoso, de grande desafio, uma busca constante, pois o senhor Jula Paré, que estava nos ensinando se emocionava com muita facilidade, ao lembrar-se de seus entes queridos se fechava e não falava mais nada, até hoje não sabemos dos traumas vividos por ele, lembro me do dia em que ele foi nos ensinar a fazer a tinta de jenipapo, ele descascou o jenipapo e começou a mastigar, quando tentamos mastigar o jenipapo achamos ele muito amargo, como a tinta não fica azul na hora achamos que ele estivesse nos enrolando, após mascar o jenipapo ele pegou um pedaço de buriti e começou a molhar a ponta da talo do buriti no jenipapo mastigado e a passar nas costas do cacique Jovail, mas a pintura não apareceu de imediato, ficamos brincando passando a tinta de qualquer jeito no braço no outro dia estávamos todos com os nossos braços e nossas mãos completamente azul.

Vale lembrar que não era a vontade da maioria da população e nem de alguns colegas hoje professores que ficavam falando mal das nossas iniciativas, que queríamos apenas aparecer, nesse mesmo período a igreja evangélica estava entrando na aldeia e os indígenas evangélicos falam que a pintura era a marca da besta. Em todas as apresentações, estávamos sempre às mesmas pessoas, pois os demais não queriam fazer esse resgate. Como não conhecíamos quase nada de nossos ancestrais usávamos saias nas danças primeiro de seda de tucum, depois de broto de buriti, o senhor Jula não nos disse que os homens usavam apenas um estojo peniano, que não usavam roupa, e que as mulheres usavam saia de algodão batido.

Somente quando as pessoas perceberam que estavam sendo convidados para fazer apresentações fora da aldeia, que passaram a interessar pela cultura, esse interesse veio quando fomos fazer uma apresentação cultural no município de Jaciara de manhã e depois,

no mesmo dia na cidade de São Pedro da Sifa, que uma repercussão muito positiva para o nosso povo, depois disso todos queriam sair para fazer apresentação cultural mas não pelo prazer de ser *Balatiponé-Umutina* mas também por interesse financeiro, pois passaram a fazer apresentação cultural e ser pago por essas apresentações.

Somente no ano de 1997 conseguimos um ônibus escolar para irmos e virmos da escola, o que facilitou e melhorou bastante a nossa vinda à escola nos períodos de chuva, que não chegamos mais molhados e nem empoeirados para não dizer sujo na escola.

Diante desses muitos desafios em 1999 conclui o Ensino Médio propedêutico, não participei da minha festa formatura em dezembro de 1999, porque aconteceu um fato muito desagradável que nem gosto de lembrar, mas....., o fato ocorrido foi, antes da formatura fizemos baile, rifa bingo tudo para arrecadar dinheiro. Fizemos os convites, entregamos antecipadamente para nossos convidados e cada um de nós formandos poderíamos levar dez pessoas. No dia da festa de formatura eu fui até a cidade com meu primo Tainã Alisson Erutan Zaezae, comprei duas calças, dois sapatos, duas camisas para a festa, sendo uma para mim outra pra meu irmão Valdevino, que disse não vir a cerimônia de formatura porque não tinha roupa nova para a festa, e por causa disso os meus convidados que também eram convidados dele não viriam mais a festa, fiquei muito triste, pois, havia convidado meu pai, minha mãe, meus quatro irmãos, meu cunhado e minha cunhada, que por Valdevino não querer vir na festa decidiram não ir também, antes de ir para Barra passei na casa de todos confirmado a ida destes e que esperaria todos até as 20 horas quando iniciaria a festa. Fui para a escola Júlio Muller lavamos o refeitório, fizemos a decoração, enfeitamos as mesas dos formandos, colocamos as bebidas pra gelar, acabamos de arrumar tudo eram 17 horas, voltei para a Praça Santa Cruz e fiquei esperando meu primo com minhas roupas que ele levou pra lavar e trazer de volta pra mim, mas deu 20 horas e ninguém apareceu, e o último ônibus saía para Cuiabá às 20 horas como ninguém apareceu entrei no ônibus e fui embora, chorando muito a ponto do motorista perguntar várias vezes se estava tudo bem comigo. Desci do ônibus e andei quatro quilômetros chorando muito e com muita raiva de todo mundo, quando cheguei na balsa havia alguns pescadores que me perguntaram; “não era hoje a sua festa de formatura? O carro estava cheio de gente!!!!”. Eu muito triste respondi que sim, pedi que me atravessassem para o outro lado, me atravessaram e eu fui embora. Cheguei em casa meu pai estava bebendo com o som bem alto. Entrei em casa tirei minha roupa, tomei banho e deitei pra dormir, fiz questão de no outro dia quando meus convidados

vieram desculpar comigo, eu apenas respondi que teria minha formatura da faculdade, mas que não convidaria nenhum deles, que iria sozinho para minha festa, como de fato eu fui à cerimônia de formatura do curso de Licenciatura de Matemática não convidei ninguém, fiz questão de ir sozinho.

No ano de 2001 fiz o vestibular para o curso de Matemática e passei em décimo terceiro lugar, entrando na faculdade no segundo semestre de 2001, fazendo parte da turma 2001/2. Na faculdade rasparam minha cabeça, eu usava cabelo comprido, juntei meu cabelo e fui embora chorando porque achei esse fato uma violência contra eu, por não entender o significado desse ritual dos veteranos para com os calouros.

Na faculdade também vivi momentos muito difíceis, como na turma de 2001/2 tinha quarenta acadêmicos de Matemática e quarenta de ciência da computação num total de oitenta acadêmicos, mais os reprovados de geometria analítica éramos quase cento e vinte numa sala lotada, e a maioria destes serem de cidades vizinhas (Porto Estrela, Denise, Arenápolis, Nortelândia, Nova Olímpia, Tangará da Serra e Campo Novo do pareci), da cidade de Barra do Bugres tinha apenas duas acadêmicas, três comigo que era da aldeia, quando eu disse que era Indígena todos se afastaram de mim como se eu tivesse uma doença contagiosa. Ouvi várias piadinhas preconceituosas, ouvi expressões do tipo “o que índio quer na faculdade?” “índio não é gente”, coisas desse tipo, e daí pra pior, mas que nunca me abateu, nunca mexeu com o meu psicológico, com o meu emocional, porque eu sei quem sou, o que sou, e o que eu quero.

Na faculdade na primeira aula de geometria analítica (G.A), a disciplina que mais reprovava acadêmicos no curso de Matemática, foi o professor Granetto de engenharia, foi substituir o professor Inédio Arcari, que chegaria só na semana seguinte, aplicou uma atividade com dez questões que o mesmo fez questão de dizer era do Ensino Médio, era pra fazermos grupos de até quatro pessoas, e que teríamos até o outro dia às 23 horas para entregar o trabalho para ele corrigir, eu saí na sala pedindo pra fazer parte de algum grupo, mas ninguém quis fazer grupo comigo, então comuniquei ao professor que não fez nada, eu disse que faria o trabalho sozinho ele simplesmente me respondeu: “se você conseguir”, pedi licença, sai da sala foi na biblioteca peguei dois livros de geometria, e fui embora fazer as dez questões. Passei o dia inteiro na biblioteca municipal de barra do Bugres – Alfredo José da Silva, e pra minha sorte as três questões mais difíceis estavam resolvidas nos dois livros que peguei, consegui fazer/resolver cinco questões do trabalho, três só copia do livro, no total

entreguei oito questões respondidas, a noite na aula quando foi entregar o trabalho todos ficaram me olhando para saber se eu iria acertar alguma questão, o professor Granetto, corrigiu e já falou minha nota “você tirou oito”, porém não entregou a prova pra eu não passar cola pra ninguém, foi um silêncio total, saiu da sala pra ir embora, vários acadêmicos vieram atrás de mim pra saber se eu podia ajudá-los ou passar fazer o trabalho para eles, eu apenas emprestei meu caderno para que pudessem tirar xerox. A maioria tirou dez e eu tirei oito, mas aprendi geometria, hoje como professor tenho o maior cuidado em ensinar geometria para meus alunos.

No ano de 2003 meus sobrinhos Brando Júnior Azonayce Pareci, Blenda Cristina Azonayce Pareci e Bruna Carina Azonayce Parecis, foram morar comigo e minha mãe e estudar na cidade de Barra do Bugres.

No ano de 2006 comecei a trabalhar na Escola Estadual Indígena Jula Paré, substituindo o professor Filadelfo que passou a ser o coordenador pedagógico da escola. Em 2007 voltei a morar na aldeia Umutina e levei todos os meus sobrinhos de volta para a aldeia. Onde atuei como professor de 2006 à 2016, 2017, 2018 e 2019 trabalhei na Escola Estadual Evangélica Assembleia de Deus. E desde 2021 voltei a atuar na Escola Julá Paré.

Em 2009 fiz o curso de especialização *Lato Sensus* em Educação escolar Indígena no Proesi, hoje FAINDI, apresentei minha monografia com o tema – “As mudanças que ocorreram no processo educacional na educação escolar e na educação tradicional na aldeia Umutina com a chegada da energia elétrica”.

Em 2009 minha sobrinha fica grávida de um casal de gêmeos Cristofer e Aia Amajunepá, que nasceram no dia dois de dezembro de 2010, que ao nascer passam três meses na UTI, quando saíram apesar de todo cuidado e dedicação a eles, com um ano e seis meses de vida Cristofer e Aia meus filhos do coração com que tiver o prazer de conviver, crescer e evoluir como pessoa, após um ano entre idas e vindas do hospital, minha irmã Sílvia Amajunepá levou os embora para morar com ele em Tangará da Serra e em 24 de maio de 2012, Cristofer veio a óbito onde senti a maior dor que já senti, e uma dor que nunca passa, e em 17 de junho Aia também veio a óbito, queria ter morrido junto com eles, até hoje quando me lembro deles meus olhos ainda se enchem de água, pois criei minha sobrinha Bruna mãe deles, desde quando tinha três meses de vida, minha irmã teve depressão pós parto e não conseguiu cuidar dela, Cristofer e Aia criei e amei como meus filhos e os perdi.

Em 2021 fiz meu projeto de mestrado para o curso em – Ensino, docência e interculturalidade, mas não fui aprovado, em 2022, envie novamente o mesmo trabalho fui aprovado para fazer parte da turma de 2023 e estou aqui em mais este desafio, na busca de melhorar ainda mais o ensino na minha escola que agora é de tempo integral – Escola Indígena Jula Paré.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Juliana. **Ditadura militar no Brasil.** 2012. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/ditadura-militar-no-brasil/>. Acesso em: 06 maio 2023.

BRASIL. Lei nº 5.371, de 5 de dezembro de 1967. **Cria a Fundação Nacional do Índio – FUNAI, e dá outras providências.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/l5371.htm. Acesso em: 06 maio 2023.

FUNDAÇÃO NACIONAL DOS POVOS INDÍGENAS – FUNAI. Institucional. Brasília: FUNAI, [s.d.]. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/acesso-a-informacao/institucional/Institucional>. Acesso em: 06 maio 2023.

LIMA, Stella Telles Pereira. **A língua Umutina: “um sopro de vida”.** 1995. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1995.

MACÊDO, Mateus; BESERRA, Luana Alves; BARREIRA, João Victor Bessa; SILVA, Adriana Helena Santos Moreira da. **O choque cultural como processo de desenvolvimento social e intelectual do universitário.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM, 42., 2019, Belém. Anais [...].

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Epistemologias do Sul: entrevista concedida à Escola Brasileira de Psicanálise.** 2020. Disponível em: <https://ebp.org.br/epistemologias-do-sul/>. Acesso em: 06 maio 2023.

SCHULTZ, Harald. **Vocabulário dos índios Umutina.** *Journal de la Société des Américanistes*, v. 41, n. 1, p. 81–137, 1952.

SCHULTZ, Harold. **Vinte e três índios resistem à civilização.** O Globo, Rio de Janeiro, 22 abr. 1952.

Entrevista

Eu não estudei no indígena. Então é assim, eu não sei como é que é esse processo de formação da faculdade. Eu fiz Matemática na UNEMAT. Assim não tenho essa formação, como coloco, até falei na minha apresentação com os colegas que para mim era um privilégio estudar na FAINDI, mas eu não tive essa oportunidade, estou estudando agora no mestrado.

A gente faz muita atividade prática. É esse processo de plantio, quantidade de água, a melhor forma de cuidado, tudo isso a gente faz. Eu acredito que tem contribuído para você ter um outro olhar de cuidar da natureza. Porque, por exemplo, apesar de indígena já cuidar, você precisa ter mais cuidado com a alimentação, no sentido de consumo de agrotóxico, por exemplo, vai consumir batata, pimentão, esses seus produtos - o Ministério da agricultura, acho que vi essa informação, algo assim - Que o que tem mais veneno, vamos dizer assim, seria o pimentão, a batata e o tomate, não sei se está certo a minha informação. Mas eu digo então, nesse sentido, a gente tem esse cuidado, de não ingerir esses alimentos e de mudar. Evitar esse problema, plantando o que a gente vier estar consumindo nesse caso.

Por exemplo, eu gosto muito de falar da pesca do timbó. Assim, a gente faz a pesca do timbó anual, e o cuidado que a gente tem. O cipó timbó, já falando assim, é uma trepadeira. E assim, você nunca vai pegar e cortar todo ele, ela tem cinco galhinhos, você corta dois. Ele tem cinco ramos compridos, você corta dois para a planta não morrer. E aí, nesse mesmo cuidado, você corta o cipó em pedaços mais ou menos assim, 60 a 70 cm e para amarrar ele você tira da árvore. Como estava dizendo na pesca do timbó, isso é muito da Educação Indígena. Esse conhecimento que vem, para somar com a Ciência da Natureza, por exemplo, eu estava dando um exemplo, a gente não corta o cipó timbó para pescar. A gente corta só uma parte, de cinco ramos, a gente sempre tenta cortar o mínimo possível. E aí para amarrar, a gente, pega uma imbirá e já aproveita o tronco que foi cortado para bater lá na hora da pesca. E tem todo esse cuidado de não cortar, por exemplo: ali tem quatro pé de imbirá vai lá e corta os 4? não! Colhe os dois e vai, para não afetar o ambiente. Então, eu acredito que isso é uma forma de cuidar. É que tá ligado, todos esses saberes que a gente aprende lá na escola sobre entender o ambiente, o clima, de não causar nenhum impacto, assim tão drástico na natureza, sem respeito.

Eu acredito que é justamente esse, da coleta da matéria-prima para você fazer, por exemplo, uma peça, um *cesto*, um *apá*, alguma coisa nesse sentido. Por exemplo, o *apa*, já que to falando de uma coisa específica, é feito do talo do buriti, uma casca. Então, a gente tira aquela casca verde, rapa ela, e daquele talo, daquelas cascas a gente faz o *cesto* e o *apa*. Então, do buriti, você não vai cortar todo buriti e derrubar, você vai escolher alguns galhos e os que estão bom ainda. Você tem que ter a noção do tamanho, quando mais, porque fica assim, meio, meio, triângulo. Quanto mais triângulo tiver, melhor para a gente trabalhar. Se ele estiver um pouco meio arredondado, esse não é bom. Então, nesse sentido,

eu acho que as duas ciências conversam nesse sentido. Do cuidado de você retirar sem causar grandes danos, vamos dizer assim, para a árvore, para o ambiente assim.

Ciências da Natureza, para mim é todo conhecimento referente ao ambiente. O tempo da água, o tempo da seca, o cuidado nesse período. Tipo de, de determinado lugar, animais peçonhentos, vamos dizer assim, . É conhecer, ter esses cuidados, por exemplo, se você vai na beira do Rio, coletar uma matéria-prima, por exemplo, você não vai chegar de qualquer jeito, entrando no mato de qualquer jeito. Você sabe que naquele habitat tem cobra e o tipo de cobra que gosta desse tipo de ambiente. Você conhecer esses locais. Então, eu acredito assim, que é o conhecimento do lugar com qual você está interagindo. Para mim seria isso.

Nós usamos, assim, muito tratamento, acho que é conhecido como fitoterápico, que você usa da natureza para combater alguma enfermidade. Por exemplo, na pandemia usamos muito para a questão da *covid* mesmo. Assim, já é um uso do nosso povo mesmo, a gente fez muito uso dela na pandemia. E lá na minha aldeia de 23 pessoas, só eu que tive dores de cabeça muito fortes que eu achei que era *covid*. E minha irmã que ficou com dor no corpo, só nós dois, porque nós tivemos contato com alguém e não sabíamos que ele estava doente. Então, foi um dia só. Uma dor de cabeça que eu achei que ia morrer. Minha irmã não conseguia nem se levantar da cama, quanta dor no corpo. Mas assim, foi a única coisa que nós sentimos. E nós, tivemos muito o uso desse remédio. E assim não sei se está comprovado cientificamente, assim, de ter efeito, mas na prática isso teve sim resultado.

Assim, eu vejo agora com a nova BNCC, eu vejo agora que ela meio que foge da situação prática, porque ciências assim, ela é muito vívida. Eu acredito que você aprende mais se for prática, atividades práticas. E lá parece que fica assim, meio sem conexão. Tem que tá conectado, o conhecimento e o ambiente, não sei se isso é a minha visão também de educação indígena, que é tudo ligado, O conhecimento que você precisa, que você vai usar, tá ali, no ambiente que você tá vivendo. E a ciência nesse caso, para mim ela tá muito longe. Eu acredito que os conhecimentos indígenas e científicos estão aqui.

Eu Acredito que eles têm, sim, a contribuir muito com o outro. Por exemplo, como eu disse lá atrás, o exemplo, lá da *covid*. E se pudesse fazer um remédio para mais pessoas, de repente, muita gente não teria morrido. Se tivesse, de fato, sido comprovado a eficiência dela, esse é o conhecimento indígena, temos há muito tempo. E aí se fizesse esses

remédios, quantas pessoas não teriam sido salvas? E não teria custo, porque assim, patentear para vender, vamos dizer assim. Mas, pensar no próximo, para ajudar nessa questão. Eu acho que poderia, sim, trabalhar em harmonia, um contribuindo com o outro. Como é que você pode melhorar a vida de todo mundo?

O problema é que a gente não divide esses conhecimentos. É do povo. Mas, assim, se é para beneficiar todo mundo, poderia ter uma conversa para se chegar, um consenso, que pode salvar. Mas assim é tanta gente que espera para transplante de rim, que faz hemodiálise, que é uma situação muito difícil. E aí você vê que no conhecimento indígena, faz chá para tratamento de rim e as pessoas melhoram e não precisam fazer a cirurgia. É assim, esse é um ganho muito positivo para medicina, para a sociedade, para todo mundo, o que fazer para prolongar mais a vida das pessoas. Então, nesse sentido, eu acho assim que deveria sentar, conversar, ver a melhor forma da gente se ajudar.

Se é uma mudança na lei, nas atividades práticas de laboratório para as escolas, deveria levar os alunos para vivenciar uma prática de agricultura, de cuidado com a natureza, de agroecologia por exemplo. São ideias, eu acho que seria um começo, para você ter noção. Por exemplo, quando eu vim para a faculdade, a professora de ciência da computação disse que tem crianças que acham que o leite vem da caixinha, e não da vaca, e tem vários outros exemplos. Falei nossa, mas tem uma situação que você precisa sair da universidade, ir lá na prática, viver isso e mudar seu pensamento. Eu acho que é uma ideia seria essa, como a UNEMAT tem feito lá na nossa escola. Olha aquelas experiências, assim, para nós, para nossos alunos e assim, sabe, tem que ser mesmo a UNEMAT, claro a gente trabalha com a UFMT também. Mas assim é, são experiências assim que você vai levar para o resto da sua vida. Eu penso, então eu acho que uma ideia seria essa. Esses intercâmbios com povos diferentes, situação diferente. É uma sugestão!

CAPÍTULO 3

A ALDEIA E A LOUSA: A TRAJETÓRIA DE UM PROFESSOR *BOE-BORORO*

Bruno Tavie - Boe-Bororo

Eu sou Bruno Tavie, etnia do povo *Boe-Bororo*, a minha residência é na Aldeia Córrego Grande, conhecida como Posto Indígena Gomes Carneiro, situada na Terra Indígena Tereza Cristina, localizado no Município de Santo Antônio de Leverger-Mato Grosso. Sou filho legítimo do Senhor: Valentim Metiadugo e senhora Emília Toruce, ambos eram lideranças tradicionais e hoje já falecidos. A minha mãe faleceu no ano de 2011 e o meu pai faleceu no ano de 2012.

A minha trajetória de vida começou aqui na aldeia mencionada acima, nasci e cresci junto desta comunidade *Boe-Bororo* da Aldeia Córrego Grande, eu nunca morei em outras aldeias. Mas, eu conheço todas as aldeias existentes onde o povo *Boe-Bororo* convive atualmente. Comecei aprendendo a Educação Indígena e ali dei os meus primeiros passos e aprendi a Língua Materna, aprendi grandes passos da nossa cultura tradicional e conhecer o funcionamento da sociedade *Boe* e a sua organização social, como por exemplo: A construção das casas na aldeia, os nomes pertencentes, e a divisão dos clãs dos (*Tugarege* e *Ecérae*) e os seus sub-clãs. O clã que me pertence é do clã dos “*TUGAREGE*” e no qual sou subordinado ao sub-clã dos '*APIBOREGE*'.

Quando comecei a entender a segunda língua das sociedades não-indígenas, foi com a idade de (09) nove anos. Entrei na escola como aluno e fui estudar e frequentar a sala de aula, numa escola que ainda era tradicional, construída de pau-a-pique e coberta de palhas, todo isso é o trabalho com muito empenho e a dedicação da comunidade *Boe-Bororo* da Aldeia Córrego Grande. Nessa época a professora era uma Irmã da Catequista Franciscana de nome Maria Ossemer, que ficou conhecida como a primeira professora na Aldeia Córrego Grande.

O nome denominado Gomes Carneiro é uma homenagem a um amigo do senhor Cândido Mariano da Silva Rondon, conhecido como Marechal Rondon. Por este motivo,

muita gente confunde o nome da Aldeia Córrego Grande com o Gomes Carneiro. No ano de 1910 o Serviço de Proteção aos Índios (SPI), veio assumir os seus compromissos de trabalhos com a sociedade indígena *Boe-Bororo* desta aldeia, da Terra Indígena Tereza Cristina. Portanto, na época da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), em 1967 foram construídas as casas de alvenarias na margem direita do Rio São Lourenço, onde moravam os servidores da FUNAI. Foi denominado este local como: Posto Indígena Gomes Carneiro, o povo falava também na época “hospetoria”. Onde o senhor Marechal Rondon hospedava com a sua equipe nas suas trajetórias de trabalhos com as Linhas Telegráficas de Comunicações. Neste local foi construída uma escola de alvenaria e um posto de saúde, que atendiam as necessidades desta comunidade da nação *Boe-Bororo*.

Por isso, nesta época o avião vinha de Cuiabá quando era solicitada para atender as urgências e às emergências e tinha um campo de aviação para o pouso. Os pacientes eram encaminhados para o tratamento de saúde em Cuiabá. A equipe de saúde trabalhava como: Equipe Volante de Saúde (EVS). Estes percorriam as áreas indígenas com o médico, o odontólogo, o oftalmologista, e os profissionais que coletam sangue, escarros e fezes. Em vista disso, os outros exames coletados pelos profissionais de saúde foram levados para o laboratório da cidade.

As vacinas eram mantidas em dias. A FUNAI na época tinha muitos recursos destinados para a saúde dos povos indígenas. Por esta razão facilitam os trabalhos dos profissionais da saúde para serem realizadas as suas atividades de rotina nas bases com comunidades indígenas nas suas respectivas aldeias.

A escola construída de alvenaria no Posto Indígena Gomes Carneiro, muitos dos indígenas *Boe-Bororo* estudaram nesta escola, no entanto os alunos não conseguiram concluir o ano letivo. O motivo é que os professores que lecionam, eram os parentes do chefe do Posto Indígena Gomes Carneiro. O chefe do posto era um servidor da FUNAI, quando ele ia embora, a sua família e os parentes também iam juntos, e sempre prejudicando as aprendizagens dos alunos e não concluindo o ano letivo.

A Aldeia Córrego Grande, fica uma distância de (02) dois km deste lugar denominada de Posto Indígena Gomes Carneiro, que fica na margem direita do rio São Lourenço. A denominação desta aldeia é um córrego que passa no fundo desta aldeia e ao mesmo tempo, o córrego é um limite desta terra indígena. Segundo as nossas ancestralidades e até

na nossa atualidade os nossos anciões de hoje, denomina esta aldeia na sua Língua Materna: “*KOROGEDO PARU*”. Os não-indígenas denominam-se Aldeia Córrego Grande. Este é o correto. Se referindo a este córrego que passa próximo da aldeia.

A nossa escola também é denominada a este mesmo córrego: Escola Estadual Indígena “*KOROGEDO PARU*”. Com o passar do tempo, os nossos anciões chegaram a uma conclusão de solicitar uma professora da Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas para o Bispo Diocesano de Rondonópolis. No ano seguinte de 1980, começamos a estudar na escola com esta professora, com o nome de Maria Ossemer. O contrato de trabalho dela foi através da antiga 5^a D. R. Delegacia Regional da Fundação Nacional do Índio, FUNAI de Cuiabá Mato Grosso.

A comunidade indígena desta aldeia fez um trabalho muito excelente, sem o apoio da FUNAI e sem o apoio do Município do qual somos subordinados, que é o Santo Antônio do Leverger – Mato Grosso. Conseguiram construir uma escola de pau-a-pique e coberta de palhas de indaiás. Com o objetivo é o intuito de os jovens indígenas desta comunidade ter uma aprendizagem na alfabetização e conseguir também concluir o Ensino Fundamental na nossa própria aldeia. As nossas carteiras e mesas eram de dois paus fixados no chão e eram colocadas as tábuas em cima e pregadas com os pregos. A construção desta escola era próxima da aldeia, onde a professora tocava o sino, todos os alunos e a comunidade toda escutava o sino tocar.

No ano de 1980 comecei a estudar na escola o meu 1º ano, conhecido como a antiga 1^a série. Eu estudei com a idade de (09) nove anos. Essa professora, Irmã Maria Ossemer, alfabetizou todos aqueles alunos que estudavam naquela época. Com essa professora a nossa turma estudou de 1^a série, até à 4^a série. Não davam mais sequências nos estudos. Com o passar do tempo, as turmas que concluíram a 4^a série, tinham uma grande turma para fazer a 5^a série.

Por este motivo começamos a estudar no período noturno na mesma escolinha que a comunidade construiu. Eu sou dessa turma que estudamos com a luz das lamparinas, velas e lampião nessa época. A professora Irmã Maria Ossemer veio lecionar na Aldeia Córrego Grande desde 1980 até 2005. Ela conseguiu se aposentar devido a sua idade e conforme o seu tratamento de sua saúde e ela foi para Rondonópolis. A sua brilhante missão e jornada

de trabalhos com o Povo Boe-Bororo, foram durante 25 anos de trabalho como professora nesta aldeia.

Com o apoio e ajuda do auxílio do trabalho realizado pela professora Irmã Maria Ossemer, ela me instruiu e preparou como dar aula, como fazer o planejamento das aulas e ensinar para as crianças do meu povo. Assim fui me aperfeiçoando nas criatividades como lecionar, porém, isso tornou um riquíssimo trabalho para o meu aprendizado e transmitir esses conhecimentos para o meu povo *Boe-Bororo*. Pois eu sabia expressar muito bem a Língua Materna do meu povo. Eu escrevia no quadro os nomes das pessoas na Língua Materna e os nomes dos animais, peixes, pássaros, répteis, insetos, árvores e frutas silvestres. Também ensinava a escrever bilhetes na língua materna. Eu ensinava para os alunos as duas línguas, Língua Portuguesa e Língua Materna.

No ano de 1992 fui contratado como professor pelo Município de Santo Antônio de Leverger em Mato Grosso. Neste período eu tinha 21 anos de idade. Sempre tive o apoio da comunidade *Boe-Bororo* desta Aldeia Córrego Grande e o apoio e incentivo positivo desta professora Irmã Maria Ossemer. Assim sendo, eu sou um dos pioneiros dos professores Bororo desta aldeia. Sempre tive um olhar positivo para a minha comunidade, refletir, retribuir e contribuir com os meus conhecimentos dando apoio, esclarecimento e incentivo na medida do possível do meu alcance.

Com o passar do tempo, no ano de 1987, surgiu o “Projeto Tucum”, Formação de Professores Indígenas para o Magistério de Segundo Grau. O Ensino Médio, Modalidade Supletiva, Habilitação para o Magistério de 1^a a 4^a séries. Somos nomeados com o aval da comunidade desta Aldeia Córrego Grande e uma carta da comunidade dando o apoio para ingressar neste curso de qualificação: foram capacitados (07) sete professores indígenas: Daniel Koriga, Sebastião Marques Aquiricodureu, Neide Gereguinha, Dário Brame, Gilberto Kia, Benedito Pereira Júnior e Bruno Tavie.

A sede do Curso do Projeto Tucum foi realizada na Terra Indígena Meruri, com a participação dos Cursistas Indígenas das seguintes Aldeias do Povo *Boe-Bororo*: Aldeia Perigara - Município de Barão de Melgaço, Aldeia Córrego Grande - Município de Santo Antônio de Leverger, Aldeia Piebaga - Município de Santo Antônio de Leverger, Aldeia Pobore - Município de Rondonópolis, Aldeia Praião - Município de Rondonópolis, Aldeia

Tadarimana - Município de Rondonópolis, Aldeia Garças - Município de General Carneiro e Aldeia Meruri - Município de General Carneiro.

O Curso do Projeto Tucum passou por (03) três Municípios de diferentes lugares como por exemplo: primeiro foi na aldeia Meruri - Município de General Carneiro o segundo foi no Município de Santo Antônio de Leverger e por último conseguimos concluir os nossos cursos em: 03 de março de 2001 em São Lourenço de Fátima – Município de Juscimeira – Mato Grosso.

De 2004 para 2005 foi feito um projeto de criação de uma nova escola. A sua tramitação na Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso/SEDUC, para o processo de estadualização de uma nova escola de alvenaria para a comunidade de Córrego Grande. No ano de 2007 a escola passa a funcionar pelo estado com o nome de: Escola Estadual Indígena “*Korogedo Paru*”. Com muita luta das lideranças e professores conseguimos aprovar o projeto de construção para o funcionamento do Estado. A luta da direção e a coordenação da escola e das lideranças Boe-Bororo desta aldeia juntamente com a contribuição da FUNAI de Rondonópolis e os atendimentos eram todos na SEDUC de Cuiabá Mato Grosso.

A primeira turma que fez a formatura do Ensino Médio foi em ano de 2010. Em 2012, tivemos um projeto elaborado pelos próprios gestores da escola e encaminhada para SEDUC, solicitando um curso de Ensino Médio Profissionalizante na Área de Magistério Intercultural, onde participaram trinta (30) alunos de várias aldeias Bororo. Aldeia Perigara, Terra Indígena Perigara. Aldeia Córrego Grande, Terra Indígena Tereza Cristina. Aldeia Piebaga, Terra Indígena Tereza Cristina. Aldeia *Pobore*, Terra Indígena Tadarimana. Aldeia *Jerigi*, Terra Indígena Tadarimana. Aldeia Praião, Terra Indígena Tadarimana. Aldeia Tadarimana, Terra Indígena Tadarimana. Aldeia Meruri, Terra Indígena Meruri.

A sede do Curso de Magistério Intercultural foi na aldeia Córrego Grande. Nestes espaços de tempo também solicitamos o curso de Educação de Jovens e Adultos (EJA), devido às demandas dos alunos para este funcionamento.

Quando estadualizou todo o processo da nossa Escola Estadual Indígena *Korogedo Paru*, eu Bruno Tavie, fui designado o primeiro diretor da escola indígena para assumir este cargo na escola com a nossa comunidade Bororo desta Aldeia Córrego Grande. A minha trajetória de estudos e os trabalhos realizados com esta comunidade sempre me

depositaram uma grande confiança. Eu fui indicado como professor, fui designado como diretor desta escola, fui nomeado como coordenador desta escola e depois a comunidade me elegeu como o cacique para conduzir os trabalhos com toda a população desta aldeia. Eu conduzi os meus trabalhos como cacique durante quatro (04) anos. Atualmente estou assumindo o papel de professor e do Conselho de Educação Escolar Indígena (CEEI) pela SEDUC – MT.

Este ano que transcorre de 2023, estou assumindo as disciplinas de Histórias, lecionando para a turma do 6º Ano Ensino Fundamental no período matutino. As disciplinas de Histórias para a turma do 7º, 8º e 9º Ano Ensino Fundamental do período vespertino. As disciplinas de História e Filosofia para a turma do 1º, 2º e 3º Ano Ensino Médio no período noturno.

A nossa população desta aldeia tem dois vínculos de redes de ensino, Municipal e Estadual. A Escola Municipal de 1º Grau Cadete Adugo Kuiaru, permanecendo com a Educação Infantil pelo Município de Santo Antônio de Leverger, Mato Grosso. A denominação desta escola é uma homenagem a um Bororo, sábio e grande conhedor da cultura Bororo, já falecido há muito tempo, ele é muito amigo do Marechal Rondon segundo contam os anciãos desta aldeia. Por esta razão, a escola municipal permanece com este nome de “Cadete Adugo Kuiaru.”

A Escola Estadual Indígena “Korogedo Paru”, está ofertando o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. O nome desta Escola Estadual é devido ao córrego que passa perto da aldeia. Por esta razão a Aldeia e a Escola é denominada assim por este motivo de grande reconhecimento deste córrego.

Dando sequências nos procedimentos dos estudos, no ano de 2001, surgiu o Curso de Licenciatura para Formação de Professores Indígenas na Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, situado no município de Barras do Bugres - MT. Onde acolheu duzentos (200) acadêmicos indígenas de Mato Grosso e os indígenas de outros estados também. Eu tive essas oportunidades de estudar, pois, eu já estava assumindo a sala de aula como professor e estava precisando de um aperfeiçoamento e qualificação nos meus trabalhos em sala de aula com os meus alunos.

Consegui concluir os meus estudos na Faculdade de Barra do Bugres em: 06 de junho de 2006. Eu sou Licenciado em Ciências Sociais. Com o apoio e o incentivo de sempre dos

meus pais, me deram total esforço para fazer o Curso de Pós – Graduação. Graças a Deus, obtive sucessos nos meus estudos e consegui concluir em 28 de setembro de 2011 o Curso Especialização em Educação Escolar Indígena, oferecido pela Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, Campus Universitário de Barra do Bugres.

Atualmente, este ano que transcorre, 2023, estou Cursando em Barra do Bugres, fazendo o Mestrado, eu sei que é muito trabalho para o meu aprendizado, eu preciso dedicar muito aos meus estudos e nos meus trabalhos, pois, muita gente queria estar fazendo o curso que estou fazendo. No entanto, infelizmente as vagas são limitadas. Por esta razão a minha expectativa e o empenho nos trabalhos é muito grande, preciso saber driblar as barreiras de dificuldades e a minha esperança é vencer os obstáculos e desistir jamais, nunca.

REFERÊNCIAS

RONDON, C. A.; LEÃO, M. F. **A relação do povo indígena Bororo com os animais e a influência em suas práticas culturais e sociais.** *Tellus*, Campo Grande, v. 18, n. 36, p. 123–152, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.20435/tellus.v18i36.507>. Acesso em: 16 jun. 2025.

SILVA, Maria Auxiliadora da. **Os Boe (Bororo) e o jorubo na pandemia de Covid-19.** 2024. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social?) — Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8161/tde-28012025-111158/publico/2024_MariaAuxiliadoraDaSilva_VOrig.pdf. Acesso em: 16 jun. 2025.

Entrevista - transcrição e vídeo

<https://youtu.be/lSkApbyF2DI>

Eu trabalho com a comunidade indígena do povo *Boe-Bororo*. A escola fica na aldeia Córrego Grande. A escola é denominada Escola Estadual Indígena *Korogedo Paru*. Ela é situada na Terra Indígena Tereza Cristina, localizada no município de Santo Antônio de Leverger. Eu trabalho lá, nós temos 2 vínculos, escola municipal de primeiro grau, que está vinculado à Educação infantil - creche. Aí a Escola Estadual Indígena *Korogedo Paru* é de Ensino Fundamental pelo Estado.

<https://youtu.be/UCSPHhwNuqc>

Eu sou Bruno Tavie, eu sou da etnia do povo *Boe-Bororo*. Eu moro na aldeia córrego grande. Situado na Terra indígena Teresa Cristina, município de Santo Antônio do Leverger. Com relação à Ciência da Natureza, como futuro professor indígena. Eu vejo assim que com relação à natureza, os povos indígenas têm os seus conhecimentos muito ricos sobre a natureza, conhecimento milenares. Conhecimento cosmológico tem, tudo o porquê, tem um motivo, tem o significado. Então, os saberes indígenas ou indígenas de uma sociedade da nossa ancestralidade leva consigo uns saberes imensos. Um conhecimento imenso com relação à natureza.

Tudo tem o seu significado, tudo tem o seu motivo. Então, é isso que, eu vejo assim sobre professor indígena, tem que transmitir esses seus conhecimentos para os nossos jovens, para os nossos alunos. Então isso para não ficar assim, esquecidos. Fortalecer e para poder dar sequência para os nossos jovens, os seus aprendizados, seus saberes. Então é isso. Uma coisa que eu vejo que pode ser com relação aos nossos jovens, transmitir seus saberes com relação ao mundo em que nós vivemos, a natureza que nos ensina. Quando os pássaros vão botar ovos, quando os animais vão ter seus filhotes? Quando o peixe vai subir? Quando os peixes vão desovar?

O povo da sociedade indígena tem o seu calendário, o seu calendário nativo, tem suas observações com o tempo, as constelações, os astros no céu. Tem sua observância tem a sua observação com a natureza, quando vai dar frio, quando vai dar o tempo chuvoso. As flores. Então, tudo isso observa quando os peixes vão subir e quando vai dar praia. Então isso é um calendário do povo indígena com relação à observação da natureza. Então esse é um ponto importante da comunidade, do povo. Então é isso que eu quero assim ressaltar aqui.

<https://youtu.be/9CgBYGofk-0>

Então o curso do meu aperfeiçoamento como professor indígena, isso foi de suma importância do para minha carreira profissional, para poder estar ajudando a minha comunidade, para poder estar levando os conhecimentos adquirido aqui para minha comunidade, meus alunos e, com esses novos aprendizados aqui na universidade, o professor indígena está sendo uma referência, está sendo uma referência. A conta muito, a

comunidade conta muito com o apoio do professor, o cacique, as lideranças, para poder apoiar, elaborar ata, elaborar documento, questionar, argumentar, debater em prol da sua comunidade, com relação à saúde, com relação à educação, com relação território indígena, defender a sua comunidade, falar em nome do seu povo, defender seu povo.

Então esses conhecimentos adquiridos aqui são de suma importância, para mim e para meu povo, somente assim eu vou retribuir e vou contribuir com meus alunos, com minha comunidade, com meus líderes, meu cacique, assim dando apoio a eles nesse sentido, nesse sentido que eu estou falando, ajudar o povo, ajudar a comunidade com os conhecimentos adquiridos, saber expressar, saber conversar, saber debater, esclarecer junto aos caciques. Então, isso foi uma coisa assim é, o povo, a comunidade tem um carinho, um olhar para o professor indígena com relação ao seu conhecimento, ali ele carrega consigo, os saberes para poder estar defendendo a comunidade, ajudar a comunidade, ajudar a cacique liderança para debater, esclarecer, tirar as dúvidas. Então é isso.

Com relação às minhas experiências adquiridas aqui na faculdade foram de suma importância para mim. É para mim poder estar retribuindo com meus alunos ou com novos olhares. Um outro novo pensamento, até então, é ensinar comunidade. Alfabetizando, na comunidade indígena transformando, isto é de sua importância, valorizar as duas línguas ao mesmo tempo, saber do indígena, saber do não indígena, ensinar em bilíngues. Saber tudo o que é relacionado na comunidade, às pinturas corporais, às pinturas faciais, a tradução do nome dos pássaros, o nome dos peixes, o nome dos animais, nome das frutas, nome das árvores, nome dos insetos, saber duas coisas, saber falar na língua materna, saber falar na Língua portuguesa.

Você é o professor mediador, tem que saber a coisa do seu povo, coisa dessa cultura, saber a sua língua, saber dançar, saber falar e eu ser o professor. Tem que saber a coisa do seu povo e ao mesmo tempo a segunda língua que nossa da língua portuguesa. Temos que aprender também. Temos que entender, temos que consultar o dicionário. A gente vê que tudo, que tudo a gente vê que precisa de consultar o dicionário. Olhar o dicionário, anotar o seu significado, o que significa, pesquisar no Google, isso também é importante. Então nós temos que captar, que como professores indígenas, condecorados, que hoje o mundo, a tecnologia, está avançando. Nós temos que estudar para poder progredir, avançar, junto com essas tecnologias que estão avançando. Pois então a tecnologia já chegou na aldeia, temos internet, temos computadores, então isso é importante para nós.

<https://youtu.be/MPPxL7k3q4g>

O conhecimento das Ciências da Natureza é muito importante: saber preservar, conservar o meio ambiente, a natureza. Então ali tá os saberes. Por exemplo, ervas medicinais, a cura dos povos indígenas. As frutas - frutíferas, frutas nativas, ervas medicinais e materiais, assim utilizando para construir uma casa tradicional, as palhas, as tabocas, madeiramento. Então isso é o conhecimento nativo do povo. Então, quando a gente fala em Ciência da Natureza, temos que preservar tudo isso com relação a águas, córregos, nascentes, cabeceiras, temos que preservar. Se a gente não preservar, vai secar tudo. Lá nesses córregos, nesses bairros, tem peixes, então isso tem que estar preservando, tem que estar cuidando. Então isso é uma das coisas que a gente vê com relação à natureza. Às coisas coletadas, frutas, ervas medicinais, e os demais materiais para a construção das casas como palha, como taboca em imbira. Então são essas coisas que tem que ser adquirido da natureza, então temos que preservar.

https://youtu.be/IRLY49_NJ0w

Com relação ao currículo da nossa aprendizagem. A gente vê, a gente enxerga como o professor indígena. Que está sendo feito atividade para nossos alunos na comunidade indígena, que não está sendo correspondido com o aprendizado de nossos alunos. A gente tem o currículo, a gente tem o calendário, o Projeto Político Pedagógico, onde está estabelecida as normas, as regras sobre os professores, sobre os alunos, sobre a comunidade. Então o Projeto Político Pedagógico está escrito onde, como o professor tem que ensinar, os alunos têm que aprender. Então é uma coisa que tem que ser feita. O currículo tem que ser conforme a cada comunidade. Cada povo em seus calendários, cada Projeto Político, Pedagógico, tem o calendário semanal, então cada dia da semana tem as suas disciplinas aplicadas. Nossa caso tem língua materna, língua portuguesa, então. A arte, então nós temos essas, essas facilidades de aprender a língua materna do nosso povo ter facilidade de aprender a língua portuguesa. Até então nós temos, alguns trabalhos, alguns livros, elaborados por professores Bororo para poder ensinar em sala de aula. Então é esse nosso desafio, nosso aluno aprender a falar na língua portuguesa a língua materna, o nome dos animais, nome do pássaro, nome de frutas, peixe que tem, escama, peixe liso, animais puladores, animais que andam no chão, pássaro com bico curvos, com as garras, então tudo isto tem na língua, nome das cobras, insetos. Então é isso. O esqueleto, o esqueleto do

animal, esqueleto de um pássaro. Tudo traduzido na língua materna o que que é, o que que significa e o que que representam na língua do nosso povo.

<https://youtu.be/Vrv1XGc4bkY>

Então é com relação ao impacto da ciência, como se fala na mídia, a gente observa. A gente olha, tem muita coisa a dizer com relação a isso. O impacto, com a natureza, com a nossa visão do mundo não indígena o olhar da sociedade não-indígena com os nossos, com o nosso povo indígena vice-versa. Nós temos um olhar com relação à sociedade indígena e a sociedade indígena tem um olhar com relação ao povo indígena. Mas questões políticas são com relação ao meio ambiente e a natureza, vamos destruir, vamos fazer grande plantação de soja, grande plantação de milho, soja, algodão. Então o povo em si tem outra mentalidade tem um outro olhar com relação à natureza. Relação com a Ciência da Natureza. O povo fala assim, ah, é terra mãe. Ali, nós coletamos tudo. Ali, dá tudo. Dá o que a gente quer. O povo indígena, em si, tem as suas plantações na mata, mas para seu consumo, para seu dia a dia, para estar alimentando a sua família, não é uma plantação imensa. E com relação ao meio ambiente, com a nossa natureza que nós vivemos, nós estamos olhando. Precisa ter um olhar assim com relação a nós indígenas.

Saber conhecer, entender melhor o que que a natureza traz pra gente, o que que ela é pra gente, quais seus significados, Como ela é importante, Como ela é, assim é um berço, que abraça nós, com relação tudo que nela existe, tudo, tudo o que nela tem com relação aos alimentos, com relação a manter ela em pé, manter ela vivo, preservar, conservar o meio ambiente, isso é importante. Porque quando devasta, os animais sofrem, os pássaros sofrem, a mata mesmo, ela sente. A gente percebe que a mata sente, a mata também quer viver. É uma sobrevivência, quer sobreviver. A natureza é criada por Deus. Todos nós somos filhos de Deus. Então nós estamos destruindo a natureza. O mundo está pedindo Socorro, mas o ser humano não está vendo esse socorro que está pedindo. Então é isso, é a minha fala com relação à natureza.

E quando fala assim também é com relação a minha opinião com respeito a Educação indígena no estado de Mato Grosso. Para finalizar, é preciso ter um olhar com a grade do currículo para aprendizado do povo, o tema educação diferenciado tem uma educação de qualidade, olhar que o entendimento do indígena é valoroso, olhar para a comunidade

indígena, valorizar as duas línguas ao mesmo tempo, tem que ser uma escola bilíngue, ensinar as duas línguas, valorizar a cultura do seu povo, valorizar a tradição do seu povo e valorizar a coisa não indígena também. Porque você tem que aprender as duas coisas ao mesmo tempo, seguir a coisa do seu povo, seguir a coisa da sua comunidade, que do não indígena o que acabei de falar, saber expressar bem, saber falar bem na língua materna e ao mesmo tempo saber conversar, expressar, dialogar com a sociedade não indígena também, isso é muito bom.

CAPÍTULO 4

EDUCAR É CONTINUAR A TRADIÇÃO: CAMINHOS DE UM PROFESSOR BOE

Benilton Pereira Kogebou - Boe-Bororo

Este memorial tem como objetivo mostrar minha memória educacional reflexivo sobre minha trajetória educacional escolar e trajetória educacional cultural, pois meu povo tem sua própria educação indígena onde aprendemos desde criança com os mais velhos, somos um povo que é subdividido em dois grandes clãs e este ensinamento sobre os clãs é repassado de geração em geração.

O Povo *Boe-Bororo* é subdividido em dois grandes clãs *Tugare* e *Ecerae* onde cada clã é subdividido em quatro sub – clãs e cada sub- clã tem seus deveres e afazeres dentro da nossa cultura, a nossa aldeia tradicional tem o formato circular e cada sub-clã tem seu lugar marcado na aldeia.

Os *Boe* vivem hoje em cinco terras indígenas demarcadas em cinco municípios do Estado de Mato Grosso. A Terra Indígena *Perigara* no município de Barão de Melgaço, Terra indígena *Tereza Cristina* no município de Santo Antônio de Leverger, Terra indígena *Tadarimana* no município de Rondonópolis, terra indígena *Jarudore* no município de Poxoréo, Terra indígena *Merure* no município de General Carneiro.

Meu primeiro contato com a escola

Segundo minha mãe eu tive meu primeiro contato com a escola aos cinco anos de idade pois ela disse que desde pequeno eu gostava muito de estudar, a escola ficava bem no meio do meu caminho entre a casa dos meus pais e a casa da minha avó paterno, quando eu ia para casa dos meus pais sempre parava na escola para dar uma olhada como estava lá dentro e sempre para conversar com a professora, a professora sempre falava para minha mãe e minha vó que todas as vezes que eu parava na escola eu falava que eu tinha muita vontade de estudar e a professora disse que não tinha problema que eu podia estudar, sempre vou citar a minha paterno dona *Adelaide Abuiedo (in memoriam)* e meu avô senhor

Joaquim Batista Burudui, pois eu fui criado por eles, ela disse que me cria desde meus dois anos até aos 13 anos de idade, após meus 13 anos voltei a morar com meus pais, pois minha faleceu em um trágico acidente de carro. Quando eu completei cinco anos de idade meus pais e meus avós foram conversar com a professora Irmã Maria Ossemer, para ver a possibilidade de eu estudar ela disse que não tinha problema mas eu iria estudar como ouvinte, pois eu poderia ser matriculado a partir dos seis anos no prézinho, pois na época não tinha Educação Infantil, a escola funcionava do prezinho até quarta série, foi então que eu comecei estudar pra mim era uma alegria imensa, eu ia na escola todos os dia me lembro do meu primeiro caderno até hoje.

Mas nem tudo na escola era mil maravilha como eu imaginava com o passar dos dias eu vi como a professora tratava os meus colegas, ela era muito brava gostava tudo do jeito dela, quando alguma criança errava ou desobedecia ela, ela ia até o aluno e dava uma reguada na mão do aluno umas dez vezes ou então ela tinha uma varinha que socava no aluno para aprender não desobedecer ela, eu ficava muito assustado com isso , mesmo assim continuava estudando, pois eu fazia de tudo para não desobedecer ela, pois ela só fazia isso com quem era teimoso, na escola tinha horta às vezes a professora nos levava para molhar as plantas que ali estava, todos os alunos gostava muito da professora irmã Maria Ossemer.

Finalmente aos seis anos de idade fui matriculado no pré-zinho e continuava estudando com a mesma professora, todas vezes antes de começar as aulas ela fazia nos rezar sempre agradecer a deus para proteger todos nós, e nós gostava muito, ganhei outro caderno da professora, lembro que ela me disse cuide bem do seu caderno pois você vai usar até o final do ano, pra mim foi um dos melhores sensações ganhar outro caderno, pois nesse mesmo mês ganhei um caderno e um lápis do meu pai, pois desde pequeno ele sempre me incentivou estudar, eu não sabia muito falar na língua português pois meus avós falava comigo somente na língua materna aprendi a falar na língua português na escola com a professora irmã Maria Ossemer, sou grato ela até hoje pois foi ela que me alfabetizou, ela foi minha primeira professora, pois hoje vejo que ela fazia de tudo para nos alfabetizar, pois na época as coisas não era fácil não tinha muito material pedagógico disponível para ela usar. E assim foi meu primeiro contato com a escola

A Primeira escola da aldeia era de palha e pau a pique foi construído pelas próprias pessoas da aldeia, as cadeiras era daqueles madeira pregado junto, todos os alunos sentava

em fileira um do lado do outro, era apenas duas sala de aula, que funcionava somente no período matutino e vespertino, a escola era mantido pelo município de Santo Antônio do Leverger, o nome da escola era Escola Municipal Cadete Adugo Kuiare, a irmã Maria Ossemer foi a primeira professora e a única que realmente parou na aldeia ela conviveu na aldeia por vários anos ela foi professora dos meus pais e depois foi minha professora também ela deixou uma história muita bonita com o meu povo, pois foi através dela que foi escolhido os professores mais antigos da nossa aldeia, o primeiro professor que foi escolhido por ela foi o professor Bruno Tavie que também foi aluno dela, e depois foi o professor Evaristo Kiga, os dois trabalhava com ela , depois ela escolheu os restantes dos professores entre eles estava o meu pai Benedito Pereira Bakorokaro um dos mais antigos professor, quando eu fiz minha segunda série estudei com o professor Bruno Tavie, aprendi muito com ele, Bruno foi o primeiro professor *Boe* que temos na aldeia até hoje. minha terceira série e quarta série estudei com o professor Evaristo que era um professor muito bom, que gostava de desenhar e brincar com nós.

Então, anos depois foi construída uma nova escola de alvenaria entre parceria da Funai e do município de Santo Antônio do Leverger, a escola de alvenaria foi construída através da reivindicação da nossa comunidade onde precisava muito pois o número dos alunos para estudar crescia muito e já não dava mais para estudar na escolha de palha. A nova escola foi construída e ficou pronta com duas salas de aula e continuava sendo do município. Foi nessa escola que fiz meu 5º ano onde quem dava aula pra mim foi meu pai pois ele era professor também, a nova escola funcionava nos três períodos matutino, vespertino e noturno, com turma do pezinho até 8º Ano do Ensino Fundamental.

Anos depois a pedido da comunidade foi implantado o Ensino Médio na escola da aldeia, mas para isso a escola tinha que ser estadualizada, para isso começou todos os trâmites legais para estadualizar a escola, começando pelo nome da escola que foi escolhido pela comunidade com nome de Escola Estadual Indígena *Korogedo Paru* e assim a escola foi estadualizado e foi implantado Ensino Médio na aldeia.

Eu fiz meu primeiro ano do Ensino Médio na escola da aldeia, pra mim foi muito bom pois eram vários professores, entre eles estava o meu pai. No outro ano eu fiz meu segundo ano do Ensino Médio e os professores continuaram sendo os mesmos, no outro ano eu fiz meu terceiro ano do Ensino Médio. No começo desse ano aconteceu algo inusitado com a escola, uma parte da escola desabou , a escola teve que parar tudo pois precisava ser

reformado, foi então que meu pai me matriculou em uma escola da cidade em Rondonópolis, pra mim não perder o ano letivo, e assim eu fui morar em Rondonópolis para estudar, mas eu não conseguia me adaptar com a nova escola pois eu nunca tinha estudado em outra escola que não seja da aldeia, eu estudei na escola por seis meses, depois disso eu returnei para aldeia, pois eu não estava acostumado morar na cidade, não consegui concluir meu Ensino Médio na cidade, conclui foi na aldeia mesmo.

Ao retornar para a aldeia a escola já estava começando funcionar e comecei estudar novamente até concluir o Ensino Médio e assim consegui concluir, nestes mesmos meses que eu estava estudando na cidade eu fiz um curso de informática e consegui concluir o curso. No outro ano surgiu o projeto magistério *Boe Bororo* onde eu fui escolhido para fazer o magistério pois eu já estava lecionando como professor.

Minha trajetória como professor *Boe-Bororo*

No ano seguinte após a conclusão do Ensino Médio eu fui escolhido pela minha comunidade a lecionar como professor de informática e assim comecei trabalhar como professor, lecionava para todas as turmas ensinando os alunos manusear o computador, pra mim foi uma honra ser escolhido pela minha comunidade para ser professor pois foi uma confiança que depositaram em mim, e porque já tinha me preparado antes pois eu fiz o curso de informática. Mas eu sempre quis ser professor, desde criança eu tinha dois sonho um era ser jogador famoso de futebol e outro era ser professor na minha própria comunidade , o sonho de ser professor é porque eu sempre vi meu pai dar aula pois ele é professor e isso sempre me motivou ser professor como meu pai, pois eu me inspiro muito nele, cresci ver meu pai dando aula, ele era sempre rodeado de livros e cadernos, eu era curioso eu sempre olhava o que ele estava fazendo, por isso eu sonhava em ser professor, mas antes de ser escolhido pela minha comunidade às vezes eu substitui meu pai na sala de aula quando não dava pra ele ir da aula, pois ele era cacique e professor ao mesmo tempo, quando ele ia participar de alguma reunião eu substitui ele, e sempre me incentivou ser professor.

No outro ano a secretaria da escola me disse que não continuaria como professor de informática pois a seduc não estava mais contratando para este cargo, mas continuaria como professor lecionando para turma do segundo ano do ensino fundamental, que eu trabalharia somente com uma turma, pra mim foi a melhor notícia pois era tudo que eu queria lecionar trabalhar em sala de aula, alfabetizar as crianças, meu primeiro contato com os meus alunos

pequenos foi muito bom, pois foi uma experiência incrível, pois é minha primeira turma me lembro até hoje dos meus alunos eu fazendo a lista de presença dos alunos. Neste mesmo ano surgiu o projeto magistério *Boe-Bororo* onde eu fui escolhido para participar, pois eu já estava lecionando. O magistério era exclusivo para professores e assim eu fiz o magistério até concluir. Eu já lecionei para várias turmas do 1º ao 9º Ano do ensino fundamental, Ensino Médio, EJA. Este ano estou lecionando com a turma do 6º Ano até o Ensino Médio, e assim continuo lecionando até hoje, eu já tenho onze anos de carreira como professor.

No final do ano de 2015 eu fiz a prova para vestibular indígena da UNEMAT\FAINDI, onde consegui passar, área que eu escolhi fazer foi Pedagogia pois gosto muito de trabalhar com as crianças, quando eu recebi a notícia de que passei fiquei muito feliz pois é mais um sonho que vai realizar, ter uma formação como professor. Em 2016 começou a primeira etapa em Barra do Bugres, foi um momento importantíssimo pra mim, e assim continuei estudando. No ano de 2022 consegui concluir a minha graduação em Pedagogia, no dia 22 de setembro foi o grande dia, o dia da formatura, momento importantíssimo pra mim, pois hoje sou Pedagogo. Neste mesmo ano eu fiz a prova para o mestrado, consegui passar e atualmente eu sou mestrando pela UNEMAT, continuo estudando pois vou até concluir o mestrado, após o mestrado vou fazer meu doutorado, pois meu maior objetivo é fazer o meu doutorado.

A infância e os ensinamentos da cultura

Desde criança e toda minha infância convivi com os meus avós paternos, por isso a maior parte do que aprendi da nossa cultura aprendi com os meus avós, principalmente falar na língua materna, pois minha avó sempre falava com todos nós somente na língua materna, ela ensinava a pronúncia correta das palavras, pois a língua materna *Boe* ela é muito complexa ela não é falada tudo de qualquer jeito, os meus avós também ensinava sobre os dois grandes clãs *Tugarege* e *Ecerae* e seus sub-clãs, e cada sub-clã tem seus deveres e afazeres próprios da nossa cultura, onde também cada sub-clã tem seus próprios nomes na língua materna, suas pinturas faciais, pois nós não podemos usar o nome e a pintura facial dos outros sub- clãs, assim também existe os casamentos, onde podemos casar somente com a outra metade dos clãs, por exemplo quem é *Tugarege* pode casar com quem é do clã *Ecerae*, todos esses ensinamentos aprendi desde criança com os meus avós, pois estes ensinamentos é repassado de geração em geração.

Na cultura *Boe-Bororo* tem alguns ensinamentos que somente para homem e outro somente de mulher, me lembro até hoje que meu avô ensinava pra mim e para meu primo como fazia o arco e a flecha, ele nos levava para o mato para mostrar qual é o melhor madeira para fazer o arco, depois nós ia procurar a taboquinha pequena para fazer a flecha e ele nos ensinava como fazer, era muito bom pois eu gostava muito, ele ensinava nos também como flechar acertar o alvo, todo esse ensinamento é ensinado somente para homem.

Temos também a iniciação do menino para virar homem, onde meu avô e meu pai me ensinaram como seria, eles me contavam como seria minha iniciação, onde eu comecei com 9 anos de idade. Em um certo dia começou todo um ritual para minha iniciação, onde eu fui levado até o *baíto*, onde passei o dia inteiro dentro do *baíto*, só voltei para casa no fim de tarde, nesse dia estava sendo repassado todos os ensinamentos da cultura para mim, pois eu estaria saindo da minha infância para virar um homem adulto conforme a nossa cultura, todos esses ensinamentos são repassados somente para homem.

REFERÊNCIAS

Projeto Político Pedagógico - **PPP da Escola Estadual Indígena Korogedo Paru** – 2022.

BORDIGNON ENAURÉU, Mario. ***História Bororo*** [e-book]. São Paulo: Edições Verona, 2022.

BORORO, Fernando Kudoro. **O menino adolescente e seu compromisso com o segredo do funeral sagrado Boe-Bororo**. 2016. 31 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Pedagogia Intercultural) – Universidade do Estado de Mato Grosso, Câmpus de Barra do Bugres, Barra do Bugres, 14 nov. 2016. Disponível em: <http://portal.unemat.br/media/files/fernandobororo.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2025

Consultores Nativos: Professor Benedito Pereira Junior Bakorokaro e Maria Leda Marido

Entrevista

Meu nome é Benilton Pereira Kogebou. Eu sou da etnia *Boe-Bororo*. Moro na aldeia Córrego grande. Sou professor desde 2012 e este ano estou atuando no sexto ano do ensino fundamental. Minha formação é em Pedagogia Intercultural, sou graduado aqui na UNEMAT mesmo, e a minha aldeia fica localizada no município de Rondonópolis e Santo Antônio do Leverger.

Eu acho importante, porque as Ciências da Natureza, ela envolve muito as coisas na natureza, por a gente ser indígena, a gente tem que entender mais sobre isso. E no mestrado, ela entende, ela fez eu entender mais sobre essa ciência da natureza. Igual, o meu povo, tudo que a gente faz da cultura, ela envolve a natureza e as ciências que trabalha isso é as Ciências da Natureza.

Tudo na minha cultura envolve a Natureza. A gente lá na base a gente trabalha com a natureza. Por exemplo, os nomes na língua materna. Ela envolve tudo o que é da natureza, nome de animais, nome de pássaros, nome de flor, nome de céu, de Lua, tudo o que é da natureza ela envolve o meu povo, então ela faz parte da minha formação também.

Na minha concepção, as ciências que foi ensinado aqui na faculdade é quase igual o da aldeia, porque a gente aprende lá, porque a nossa Faculdade, ela é específica, ela é diferenciada, ela é voltada para nós indígenas, para nossas temáticas, a gente traz isso para a Faculdade e a Faculdade, ela só deve melhorar mais. Para mim, não tem divergência assim por parte da Faculdade, eu só aprendi mais.

Acho que ela pode ser feita pensando em cada escola, cada aldeia indígena tem sua especificidade com a natureza, tem seu conhecimento. Próprio no momento que é da natureza. Assim, a Educação Indígena ela não vai impactar muito não, ela vai melhorar geral se colocar as Ciências da Natureza dentro.

CAPÍTULO 5

MINHA LUTA POR DOIS SABERES: A CAMINHADA ENTRE A TRADIÇÃO *HALITI* E AS CIÊNCIAS DA NATUREZA

Leandro Nenezokae - Haliti-Paresí

A vida é bela e breve como gotas de orvalho. Em instantes aparece logo dissipa, aos primeiros raios do tempo. Por ser fascinante e efêmera, deveríamos transformar lágrimas em sabedoria e perdas em maturidade (Augusto Cury).

Sou *Haliti*-Paresí do município de Tangará da Serra – MT. Nasci neste mundo imenso e desafiador em 22 de março de 1994. Vim neste mundo, na cosmologia do povo *Haliti*-Paresí. Segundo minha mãe, nasci em Tangará da Serra – MT no hospital. Mas, na época meus pais moravam na aldeia Rio verde na Terra Indígena Pareci. Após, meu nascimento com sugestão da minha tia Maria, minha mãe colocou meu nome Leandro. Quando tinha um ano de idade, na época meus pais moravam ainda na aldeia Rio Verde, meus avós fizeram uma festa tradicional grande. Nessa festa fui batizado na cultura *Haliti*-Paresí. O pajé Joãozinho deu meu nome no batismo da festa tradicional *Nenezokae*. Meu nome indígena é *Nenezokae* e o nome não indígena é *Leandro*. Com isso, quando minha mãe fez minha certidão de nascimento, ela colocou nome não indígena e nome indígena na minha certidão de nascimento.

Quando tinha ainda os 2 anos de idade, em 06 de dezembro de 1996 com retornou do meu avô paterno para seu território Estivadinho. Meu pai seguiu a decisão do meu avô, ele retornou conosco para a aldeia Estivadinho. Na época na aldeia Rio Verde, já tinha posto de saúde e escola. Porém, meu pai nunca estudou e minha mãe também não tem estudo, estudo só um pouco quando ela era adolescente. Por isso, meu pai e minha mãe levam a vida do *Haliti*-Paresí. Com volta para nosso território Estivadinho aos 2 anos.

Com isso, não tenho a lembrança da aldeia Rio Verde. Apenas ficou na história contada por minha mãe e meu pai. Com nossa volta, ficamos longe da escola e do posto de saúde. É principalmente da cidade. Na nossa aldeia na época raramente chegava não indígena. Com isso, tínhamos pouco contato com sociedade não indígena. A escolarização

nossa foi tradicional. Somente em 1999 que escola chegou na nossa aldeia com reivindicação da comunidade. Tinha alunos na época, mas, o desafio era a falta do professor. O primeiro professor da aldeia tinha só ensino fundamental inicial completo na época.

A escolarização e conhecimento do não indígena que me despertou somente em 2006. Antes disso, estudar na escola, não era importante para mim, mas que minha mãe me incentivava para estudar e dedicar ao estudo, mas da minha parte não tinha interesse. Em 2006, a visita do senhor Rony Walter Azonaice administrador da FUNAI de Tangará da Serra. Além disso, ele era recém-formado no 3º grau indígena da primeira turma da UNEMAT de Barra do Bugres. Na sua visita, ele reuniu a comunidade na escola para passar informações e orientações. Estava nessa reunião ouvindo com 12 anos de idade, mas que não tinha interesse de estudar, mas na época estava na 4º série. Quando ele entrou no assunto de Educação e importância do estudo. Deu exemplo em mim, disse seguinte forma na sua conversa:

“Darei o exemplo no Leandro, hoje ele está na 4º série com 12 anos, se ele continua estudando, quando vai está com 28 anos, ele pode concluir a graduação. Se continuar estudando pode fazer especialização aos 30 anos, aos 32 anos ele pode ser mestre e aos 40 anos pode chegar ao dourado. O estudo é importante para nossa sobrevivência no meio da sociedade não indígena.” (Rony Walter Azonaice, 2006).

O exemplo que deu em mim. Me despertou e me tocou a importância de estudar e ajudar o futuramente o meu povo. Além disso, como meu primo, ver ele como formado e administrador da Funai. Me levou a sonhar chegar lá um dia. Ter minha graduação e conhecimento da sociedade não indígena para sobreviver e ajudar meu povo. Com isso, deu à vontade e ânimo de estudar e chegar lá um dia. Porém, o início do meu desenvolvimento na escola nada é bom. Fui um aluno péssimo até os 12 anos. Minha mãe dizia para mim.

“O filho, ficou triste com seu desenvolvimento na escola, se você continua assim. Um dia você se tornará uma pessoa analfabeto e ignorante entre seus irmãos e suas irmãs. Você será uma pessoa desentendida, não terá futuro. Infelizmente hoje vocês precisam de estudo para sobreviver.” (minha mãe)

Estas palavras da minha mãe me deixaram a refletir sobre a importância de estudar. Apesar de ter aprendido na Educação Indígena com família, comunidade, meu avô e minha avó. Ter crescido na fase de criança excelente como *Haliti-Paresí* na cultura. Tinha facilidade de aprender o que é do meu povo *Haliti-Paresí*. Tinha aprendido muita coisa na cultura *Haliti-Paresí*. Mas, na escola nada era animadora a questão do meu desenvolvimento. Além disso, sou apenas falante da Língua Materna, não sabia falar em Português e muito menos sabia

ler e escrever no Português. Mas, a partir da visita do administrador da FUNAI, quis aprender falar em português, aprender a ler e escrever.

Com isso, fiz esforço para aprender e comecei gostar dos livros. Infelizmente, no ano de 2006, por falta do professor, não concluí a 4º série, mas em casa passava o tempo no livro velho que tinha alfabeto, sílabas, palavras que me despertava para entender as letras e palavras em português. Com auxílio da minha mãe comecei a ler e escrever no Português. Apesar de minha mãe ter estudado pouco, ela sabia pelo menos ler e entendia e falava em português muito bem. Com isso, ela me ajudou muito. Terminei as séries iniciais em 2007. O último ano de estudo nas séries iniciais foi bom no meu desenvolvimento. Nesta parte falou sobre o modelo da escola que iniciou na nossa aldeia em 1999. Quando começou a escola e a aula na nossa aldeia, como dizia o Freire, a escola era opressora além disso colonial. Com suas inocências nossos pais entendiam a escola na aldeia como possibilitador, mas não era a forma que nossos pais pensavam o modelo da escola. Quando terminei as séries iniciais, o desafio era continuar a estudar. Na época na nossa aldeia funcionava a escola até a 4ª série. Somente na aldeia Rio Verde funcionava Educação Básica completa na época.

Com isso, decidi ir morar com meus avôs maternos para continuar estudando em 2008. No final de 2007, aos 13 anos, falei para minha mãe e meu pai. Vou morar com meus avôs maternos para estudar o ensino fundamental final e o ensino médio, um dia voltarei para nossa aldeia. Sendo assim, fui morar com meus avôs em 07 de fevereiro de 2008 para estudar. Mas o desafio e obstáculos eram grandes, nunca tinha morado longe da família. Os primeiros meses foram muitas saudades e de solidões por falta de minha família. Para dar continuidade no estudo, foi doloroso e árduo no meu coração. Além disso, não tinha meio de comunicação para falar com a família. Para estudar na época, tinha só três pares de roupa. Mas, o esforço de aprender é maior do que dificuldade.

Quando comecei a estudar na Escola Municipal Indígena Zozoiterô, a primeira coisa que notei é nos professores, todos são formados no 3º grau indígena da primeira turma. Quando começamos a estudar. Todos diziam, “importante é vocês estudarem, vocês são futuros do nosso povo, vocês que vão ajudar o povo *Haliti-Paresí*”. Com isso, me fez refletir mais sobre querer estudar. Até chegar no curso de pós-graduação, todo por motivo da comunidade é sofrimento que nós passamos e passa hoje na Educação Escolar Indígena na região que moro.

O fôlego de querer estudar vem da necessidade da comunidade. Na região que moro não tem pessoas com graduação e nem com curso de nível técnico. Antes de eu voltar para minha aldeia, não tinha o Ensino Médio na nossa região. Tudo isso me leva e dá força de buscar conhecimento para ajudar o povo *Haliti-Paresi* da minha região. Ter chegado até aqui, foi uma caminhada longa.

Para concluir o ensino fundamental finais e Ensino Médio morei com meus avôs maternos na aldeia Rio Verde 8 anos. Durante 8 anos fiquei longe da família e somente nas férias ia para minha aldeia para rever minha família. Para garantir o estudo e ter boa formação na educação básica, fiz esforço e dedicação para concluir o estudo básico com bom desenvolvimento. Até a conclusão do ensino médio, nunca tive professor não indígena, estudei somente com professores indígenas.

Desde o 6º ano, fui destaque da minha turma. Até concluir o Ensino Médio. Quando me dediquei realmente no estudo, meu aprendizado e o desenvolvimento da Educação Indígena me ajudou muito na jornada de estudo na escola. Quando cheguei na aldeia Rio Verde para estudar na Escola Municipal Indígena Zozoiterô, o quadro do professor da escola 90% era da primeira turma do 3º grau indígena da UNEMAT de Barra do Bugres – MT.

Na época a escola era referência para povo *Haliti-Paresí* do município de Tangará da Serra – MT. A Escola Municipal Indígena Zozoiterô buscava na época sua autonomia para garantir uma Educação Escolar Indígena específica e diferenciada. A escola funcionava para garantir dois conhecimentos. Trabalhava com conhecimento do não indígena que obrigatório e com conhecimento indígena para fortalecer e valorizar o conhecimento do povo *Haliti-Paresí*. O modelo de trabalho dos professores da época da Escola Municipal Indígena Zozoiterô é base do meu olhar para a Educação Escolar Indígena. Nisso, que me inspira até o momento no meu trabalho com Educação Escolar Indígena. Para ter chegado até aqui é por muitos motivos. Anos que estudei na minha aldeia nas séries iniciais, para ter professor para nós era muito difícil, os que vinham de fora, não conseguia dar aula para nós e deixava nós sem terminar o ano letivo.

A maioria que veio trabalhar na escola conosco não tinha formação na área de Educação e muito menos concluído educação básica. Desde 1999 a 2007, apenas dois professores que vieram tinham nível magistério. Com toda essa dificuldade que passamos,

não tenho boas lembranças dos professores. A partir das séries finais e Ensino Médio que tenho lembranças dos professores e levo a mensagem deles comigo para me conciliar.

Antes de concluir o estudo no Ensino Fundamental e Médio, tive oportunidade de começar a trabalhar na escola em agosto de 2011. Na época estudava ainda 9º ano na Escola Municipal Indígena *Zozoiterô*, durante a feira que passava na minha aldeia com a família, nasceu a filha do professor Reginaldo Naizake da nossa aldeia. Com isso, me pediu para substituir ele durante o resguardo dele. Na nossa cultura, nós somos obrigados a ficar no resguardo. Devido a isso, tive oportunidade de trabalhar na Escola Municipal Indígena São José, aldeia Estivadinho. Para substituir, o professor Reginaldo na época teve que pedir autorização para a coordenadora Nilce Zonizokemairo da Escola Municipal Indígena *Zozoiterô*, para ficar quatro semanas fora do estudo. Expliquei para ela por qual motivo quero ficar fora da escola e propôs a ideia de fazer trabalhos para compensar minhas faltas nas aulas com professores. Com isso, me autorizaram duas semanas para substituir o professor Reginaldo.

A primeira experiência como professor foi aos 17 anos na Escola Municipal Indígena São José. Trabalhei com uma turma de multisseriadas de 1º a 5º ano duas semanas. Essa fui, a primeira experiência como professor na Educação Escolar Indígena. No final de 2011. Conclui o ensino fundamental final.

A partir de 2012, começa o desafio de dividir o tempo com estudo, trabalho e cultura. Em 2012, no mês de abril, abriu edital de teste seletivo para Educação Indígena, na época tinha acabado de fazer maior de idade. Pelo desenvolvimento meu na escola e pela falta de profissionais na escola devido o problema interno que teve na época, o coordenador Pedro Nazokemai da Escola Municipal Indígena *Zozoiterô*, me convidou para fazer teste seletivo para *Zozoiterô*. Na época estudava 1º ano no Ensino Médio na Escola Estadual Indígena Educação Básica *Malamalali* no período noturno. Quando fiz a prova de teste, consegui ficar entre os melhores colocados. Com isso, fui autorizado para ser contratado para trabalhar na Escola Municipal Indígena *Zozoiterô* como professor de Matemática para séries finais 12 horas no período matutino e 20 horas para trabalhar no período vespertino nos serviços gerais.

Assim, inicia a minha jornada na Educação Escolar Indígena. Trabalhei dois anos na escola em dois períodos. Durante os dois anos, o ritmo era intenso, trabalhava de manhã

como professor de Matemática, à tarde fazia serviços gerais na escola e a noite estudava o Ensino Médio. Assim fui às primeiras experiências durante os dois anos. Em 2014, comecei a trabalhar só com um período como professor de Língua Materna, Arte e Educação Física para séries finais. Além disso, em 2014 não estudei, devido ao curso de magistério. A diretora Nilce Zonizokemairo da Escola Estadual Indígena Educação Básica “*Malamalalí*” me pediu para fazer o curso de magistério. Infelizmente, não iniciou o curso de magistério. Com isso, continuei morando na aldeia Rio Verde só para trabalhar.

No ano de 2015, voltei a estudar no Ensino Médio para concluir e continuei trabalhando com um período como professor na Escola Municipal Indígena *Zozoiterô*. Sendo assim, tinha tempo para me fazer outros deveres tranquilos. Valeu a pena ter voltado a estudar, no final de 2015 foi lançado edital de vestibular de cursos de licenciaturas na FAINDI da UNEMAT de Barra do Bugres. Fiz minha inscrição e fiz a prova. Mas, o resultado foi decepcionante, tinha duas vagas na Licenciatura de Linguagem, Ciências Sociais e Ciências da Natureza e Matemática para o povo *Haliti-Paresí*. Fiz prova para Ciências da Natureza e Matemática, mas, na classificatória por povo e por vagas, fiquei em terceiro lugar, com isso tinha ficado fora das vagas.

A decepção foi tão grande que deu desânimo para mim. Por decepção, pensei deixar de trabalhar na escola. Decidi voltar para minha aldeia. Assim que concluí o Ensino Médio em dezembro, após formatura. Retornei para minha aldeia com intuito de parar de trabalhar com Educação Escolar Indígena. A fase mais difícil da minha vida. Sendo assim, minha decisão, comuniquei o coordenador da Escola *Zozoiterô* que não iria mais trabalhar e conversei com meu avô e minha avó que ia embora para minha aldeia. Assim, retornei para minha aldeia no final de 2015.

Minha avó e meu avô sentiram muitas saudades de mim. Mas, voltei com muitas experiências, por trabalhar em serviços gerais, no professor e como voluntário na unidade executora da escola na função de tesoureiro e presidente durante os quatros na escola. Apesar da decepção e decisão, tenho a gratidão as pessoas que me deram oportunidade para mim e a Escola Municipal Indígena *Zozoiterô*.

Em 2016, com minha volta para minha aldeia inicia a jornada minha na Educação Escolar Indígena na região onde moro. Quando chegou no mês de contratação, o coordenador Claudemiro da Educação Indígena me chamou para conversar comigo. Na

conversa nossa me disse, “você não precisa desistir do trabalho, você tem capacidade de voltar à sua região e ajudar a comunidade na educação”. Com a conversa que tivemos, decidi continuar trabalhando na Educação Escolar Indígena. Fui lotado na anexa do Formoso, na aldeia *Kolidiki*, como professor de aula de reforço e apoio para coordenação da Educação Indígena na região. Após dois meses de trabalho, fui chamado pela coordenação Indígena da Educação, que composto por um Indígena e por um não indígena, nessa chamada fui transferido para outra aldeia e outra escola que fica também próxima da minha aldeia. Apesar de não querer a transferência. Aceitei o desafio como profissional.

No dia 06 de abril de 2016, foi apresentado pela coordenação da Educação Indígena para comunidade da aldeia Cabeceira do Sacre para trabalhar na Escola Municipal Indígena Cabeceira do Sacre. Com isso, fui comunicado à anexa *Kolidiki*, que fui transferido para outra escola para trabalhar até as férias e até a chegada da outra professora na escola. Comecei a trabalhar na Escola Municipal Indígena Cabeceira do Sacre no dia 11 de abril de 2016. Na escola funciona dois períodos. No período matutino estuda multisseriadas de 6º a 9º ano e no período vespertino estuda multisseriadas de 1º a 5º ano. Com isso assume as 40 horas na escola. Por continuar trabalhando na Educação, procurei continuar estudando.

Na UNOPAR fiz vestibular para cursar a Matemática e após vestibular fiz matrícula para estudar pelo ead. Com isso, o ritmo voltou intenso na minha vida. Trabalhava no dia e a noite estudava. Assim foi minha vida em 2016. Quando chegamos de férias, a comunidade pediu para continuar a trabalhar na escola com os alunos. A escola tinha boa estrutura. Tinha uma sala, cozinha e banheiro. Na época, séries iniciais eram matriculadas por sistema da escola mesmo e finais funcionava como anexa da Escola *Zozoiterô*. Assim, começa meu trabalho na minha região.

Por decorrer do ano de 2016, fiquei sabendo de notícias que fui contemplado com a vaga na FAINDI, mas continuei estudando a distância. A Associação *Waimare* recorreu para ter mais vagas para povo *Haliti*-Paresí, para Gilmar ser contemplado com a vaga para ser representante da região *waimare* e do município de Campo Novo dos Parecis. Por ele ter ficado em quarto lugar, com isso, meu nome também fui contemplado na FAINDI.

No final de 2016, que inicia o curso na UNEMAT de Barra do Bugres e matrícula, fui chamado para estudar, mas na época já estava no segundo semestre de Matemática na UNOPAR. Com isso, não queria ir ao curso, mas pela orientação e conselhos dos alguns

colegas e familiares decidi ir fazer o curso na Faculdade Indígena Intercultural da UNEMAT. Uma decisão tão difícil. Mas, a decisão foi compensada. Assim inicia minha história na Universidade de Estado de Mato Grosso.

Após um ano de trabalho vi muitas necessidades e demandas apresentadas pela comunidade da região. O primeiro desafio é abrir uma anexa do Ensino Médio para alunos da região que concluíram o Ensino Fundamental para estudar na região mesmo e sem sair da sua aldeia. Tinha alunos, mas tinha só um professor formado na região. Após várias reuniões com a comunidade e o diretor Pedro Nazokemai, fui apresentando a demanda para a assessoria de Tangará da Serra, a solicitação de anexar a *Malamalali* para funcionar na Escola Municipal Indígena Cabeceira do Sacre para atender os alunos da região. Após umas consultas, fui liberado o funcionamento da anexa na escola. Com isso, o professor Ângelo Kezomae não queria lecionar as 22 horas de aulas na anexa. Ele era o único formado na nossa região. Sendo assim, apesar de super carregado, aceito trabalhar com os alunos do Ensino Médio às 10 horas. Eu e o professor Ângelo que iniciamos o trabalho na anexa Cabeceira do Sacre da *Malamalali* com Ensino Médio em abril de 2017.

Para fazer o curso na UNEMAT, cancelei meu curso na UNOPAR. Contudo isso, me fortaleci para ajudar no meu alcance na educação na minha região. Com essas iniciativas criamos a base da luta na região pela educação. Além disso, assumi também o conselho no segmento indígena em Tangará da Serra. Ao passar das lutas árduas e incansáveis.

Em 2019, conseguimos polarizar a escola Cabeceira do Sacre para atender a região. Em 2020, pelo próprio sistema conseguimos matricular os alunos no Ensino Fundamental iniciais e finais e conseguimos transferir as anexas Kolidiki, Estivadinho e para Polo Cabeceira do Sacre. Por demanda em 2021, reivindicamos a vaga de coordenação pedagógica para acompanhar o polo e as anexas.

Com autorização de vaga, os colegas professores me indicaram para assumir o cargo de coordenação. Exerci no cargo três anos de coordenação pedagógica da escola. A partir de 2021 a Escola Municipal Indígena Cabeceira do Sacre teve cinco anexas, são: Estivadinho, Figueira, Ityaotse, Kolidiki e Sacre. Com muitas lutas a escola foi ampliada e reformada. A anexa Figueira foi construída. A luta continua para melhorar outras anexas.

Hoje na nossa região somos quatro professores com formação superior e demais tem magistério e Ensino Médio completo. Ter concluído o mestrado, representa muita coisa para

mim. Enquanto *Enore* (Deus) me der oportunidade de viver, farei meu papel como ser humano. Contribuirei e ajudarei o povo no meu alcance, esse é único objetivo meu. Trabalhar com Educação desde novo e ter escolhido a área para fazer graduação, me comprehendo hoje, apenas preciso buscar mais conhecimento para ajudar da melhor forma a comunidade na Educação, o que não tive na minha infância. A escola é uma das ferramentas mais importantes para a formação do ser humano. Com isso, busco o conhecimento para dar uma escolarização humana e ter dois conhecimentos valorizados é utilizado no momento certo. Essa é minha visão como mestre e *Haliti*.

Hoje o que faço na educação escolar indígena é por amor e não penso na outra área. Tive o privilégio de viver e crescer na auto valorização da cultura *Haliti*-Paresí e os lugares que vivi a comunidade acredita e segue a Cultura *Haliti*-Paresí. Mas, para manter isso é um desafio hoje para familiares. Para manter hoje isso, a escola é uma das parceiras da comunidade.

Começando tão cedo no trabalho, focado no estudo de acordo com a cultura *Haliti*-Paresí, na nossa cultura não existia o namoro, apenas paqueras e relações sexuais era feitos. Sendo criado por essa cultura, na adolescência apenas paquerei as meninas, aos 19 anos levei primeira vez sério com colega de trabalho. Era pra nós casar, mas devido desentendimento não casamos, a primeira mulher que mexeu com meu coração, aos passar dos anos casei com mais uma, não durou muito casamento e depois tive mais uma menina mais novinha que eu, mas não deu certo.

Aos 23 anos conheci minha esposa e ela é mais velha do que eu e já tinha um filho. Ao passar dos meses casei com ela. Ela se chama Jane Zanizokeroce. Hoje temos um filho de 7 anos, que se chama José Arthur Ekezomaece e uma filha de 3 anos, que se chama Moara Anaizokeroce. Levou minha vida com minha família aquilo que aprendi na vida. A educação que dou para meu filho e minha filha é a educação que recebi e aprendi. Vivo com minha família naquilo que aprendi e vem fazendo na minha vida.

Aos 31 anos de vida sou arquiteto tradicional, artesão, líder na organização cultural e professor. Atualmente, me dedico para criar estratégias para fortalecer a cultura e revitalizar. Além disso, continuo trabalhando na Educação Escolar Indígena para garantir uma educação melhor para meu povo.

REFERÊNCIAS

NENEZOKAE, Leandro. **A Hati (casa) tradicional do povo Haliti/Paresí**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências, Matemática e da Natureza – Licenciatura Intercultural Indígena) – Universidade do Estado de Mato Grosso, Faculdade Indígena Intercultural (FAINDI), Barra do Bugres, 2022.

SANTOS, Elias Antunes dos; NENEZOKAE, Leandro; SOUZA, Hellen Cristina de; CAMARGO, Sérgio. **As histórias tradicionais do arco e flecha como símbolos da luta na educação escolar do povo Haliti Paresí**. *Ensino e Tecnologia em Revista*, Curitiba, v. 7, n. 1, p. 43–57, 2023. DOI: 10.3895/etr.v7n1.16746. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/etr/article/view/16746>. Acesso em: 15 jun. 2025

Entrevista

Eu sou Leandro, sou professor Leandro. Da etnia *Haliti*-Paresí, da aldeia Estivadinho, da Terra indígena Estivadinho no município de Tangará da Serra. Atualmente estou atuando na escola municipal Indígena Cabeceira do Sacre e acompanho cinco salas anexas da escola Cabeceira do Sacre e estou trabalhando na função de coordenador pedagógico. Faço acompanhamento pedagógico do primeiro ao nono ano.

No caso específico do nosso povo, *Haliti*-Paresí, nós temos poucos professores que têm formação na área de Ciências da Natureza. Temos pouco com formação e estão em atividade eu e o Pedro. Nós temos poucas pessoas com essa formação. Dentro dessa área, dentro do contexto da Escola indígena. Espero que essa nova geração tenha mais motivação, tenha mais olhar para essa área para ter mais professores nessa aprovação, para nós conseguir mais qualidade para trabalhar nas Ciências da Natureza.

E nisto a graduação contribui muito. Quando eu entrei na graduação eu tive um pouco de dificuldade, mas após a graduação eu tenho muitos métodos, metodologias e conhecimentos que venho trabalhando, olhando, escrevendo. Às vezes reflito e penso, leio os livros e dicas para analisar, testar como que a gente pode auxiliar ciências para a gente, trabalhar com os saberes indígenas para a gente trabalhar nos saberes indígenas, dentro dessa ciência da natureza porque a gente tem que ter fundamentação, fundamentação teórica. E ter pesquisa, e ter bom planejamento para ajudar bom resultado para ensinar os alunos. Então, a formação, minha, me ajudou muito a compreender as dúvidas que eu tinha quando eu tinha só o ensino médio, quando eu atuava na escola.

Nós trabalhamos com a classificação das plantas. E no olhar da ciência científica tem a classificação das plantas. Na nossa cultura, cultura indígena, no conhecimento indígena tradicional, tem as classificações tradicionais, os familiares de espécies e dos animais. Como que classifica os animais, têm espécies que são de uma família e de outra família. Então, essa questão eu nunca tinha trabalhado na escola, eu usava mais os livros didáticos, científicos. Mas hoje eu consigo auxiliar para levar esses conhecimentos tradicionais para escola e trabalhar isso é um dos exemplos que eu tenho feito. Por exemplo, familiares de palmeiras, palmeiras tem vários familiares, mas na nossa cultura também tem palmeiras, tem coqueirinho, da guariroba, tem do buriti, então elas são a mesma família na cultura Paresí, então são esses pontos que a gente, como professor indígena a partir da ciência científica entende que nós temos a nossa ciência, nosso mesmo, dentro da nossa comunidade, que a gente pode trabalhar a partir disso para nossos alunos compreender com facilidade a ciência científica.

É, eu posso compartilhar aqui a experiência que eu tenho. A gente aprende aqui na faculdade, a partir da ciência científica, que a gente pode levar para nossa comunidade para partilhar o nosso conhecimento a partir da conhecimentos tradicionais. Então, é uma das experiências que eu venho fazendo. É, eu sou construtor de casa, então a construção da casa, ela envolve não só as Ciências da Natureza, mas vai na matemática, vai na história, vai na língua materna, então é uma das experiências que eu levo como uma experiência minha, como *Haliti*. Com um olhar como professor formado na academia, tem muita ciência dentro da ciência da natureza. Dá para trabalhar que hora que vêm as matérias-primas, como que faz, qual o momento que é certo, como que a gente pode encontrar, então essas coisas. A gente dá experiências que eu tenho dentro da escola.

Meu entendimento sobre o conceito das Ciências da Natureza é aquilo que a gente pode começar por nós mesmos, nós fazemos parte das Ciências. Entendo que a gente é ser humano, às vezes nós não entendemos, nós somos seres vivos, mas a gente não se entende, acha que a gente é imortal. A gente não comprehende o mundo dos seres vivos, outros que nós seres vivos que depende de nós, que tem a vida para equilibrar a natureza.

Então, a função da ciência é, no meu entendimento, esclarecer aquilo lá, como que a gente pode viver, como funciona, como que é aquilo lá. Qual a função dele, qual é o objetivo daquela. São coisas assim que, a gente, às vezes pessoas que não tem conhecimento sobre

Ciências da Natureza, e, eleva aquele é imortal e ele é superior do que os outros seres vivos. Esse é o conceito que eu conceitualizo sobre as Ciências da Natureza.

É, eu cresci, eu me envolvi com a educação, escolarização não indígena só depois da adolescência, eu tive o privilégio de aprender conhecimentos tradicionais. Nossa base da vida, ela é baseada nas Ciências da Natureza. Conhecimento tradicional dentro da ciência, então a ciência da natureza faz parte da nossa. Então, tudo o que a gente faz, tudo que a gente pratica, tudo que a gente vê, nós, indígenas, crescemos nesse conhecimento. A gente tem esse olhar, respeito pela natureza, tudo o que tem dentro da natureza a gente tem respeito, sabe as funções, sabe nossa importância de contribuir com a natureza e a natureza contribuir com a nossa vida. Então, eu acredito muito nessa cosmologia do povo *Haliti-Paresí* que eu aprendi, a gente faz parte da natureza, a Ciência da Natureza é a base da nossa vida.

O primeiro ponto é a política pública, porque muitas vezes nós da Educação Escolar Indígena temos a liberdade de trabalhar com isso nas escolas indígenas, mas o tal do sistema do município ou do estado às vezes interfere para não encaixar, para a gente trabalhar dentro do currículo. Segundo desafio. É que nós temos, algumas comunidades que a gente existe com esse ensino tradicional, não entenderam o valor da Educação Escolar Indígena. O mais importante é a falta de material. A gente ter um bom financiamento do programa para a gente produzir materiais, para a gente trabalhar com saberes indígenas, ciências, com o conhecimento tradicional, a gente teria bons materiais, tendo materiais a gente tem como trabalhar e colocar no currículo. Ainda nós não temos. É dentro do currículo básico, que a legislação da educação escolar indígena garante isso, mas por falta de conhecimento, por falta de experiência, a maioria dos professores não coloca, ainda não integraram a trabalhar com esses conhecimentos. Para gente, como a gente, que tem informação, a gente tem experiência nessa área. Quando a gente está lá na sala, eu mesmo sempre cobro os professores para trabalhar a partir da realidade dos nossos alunos. Para chegar até à ciência científica. Primeiro a gente tem que saber da nossa cultura, depois a gente tem que entender das Ciências da Natureza, no olhar, no conhecimento do não indígena. Para a gente, saber, entender como funciona a ciência científica da sociedade não indígena no olhar dos pesquisadores. Essas são: falta de organização, falta de apoio, essas coisas que ainda não temos no currículo, tem poucos professores que praticam isso.

Essa questão, do meu ponto de vista, a questão principal é a questão de concepção. Eu gosto de ouvir indígena. É tanto Airton Krenak e aqui o próprio Daniel Cabixi que fala

nesse trechinho. Se ouvir todos eles, eles falam que nós indígenas, temos mais a ver com Ciências da Natureza. A base da nossa vida, é a natureza. Você vê Airton Krenak falando, ele vai sempre falar em prol da defesa da natureza, do território, do rio. Então isso significa que algumas vozes, tanto pesquisadores que gostam dessa área, já vêm colocando a importância da Ciência da Natureza. A compreensão dela, diária da sociedade para ter uma vida saudável, para ter uma vida tranquila bem na frente, não no presente, mas pensar no futuro.

Eu Acredito que como professor, com um pouco de experiência nessa área, é importante a contribuição dos indígenas; professores indígenas, pesquisadores indígenas nessa área de ciências, não só como formação acadêmica, mas tem a sua intelectual orgânico, porque a gente a entende, comprehende sobre o mundo, a natureza, como indígena, nós somos intelectuais orgânicos. Somando com o conhecimento e formação na faculdade a gente pode contribuir muito mais com a sociedade. De forma a mostrar a importância da Ciência da Natureza. Principalmente, as naturezas que envolvem o que é natureza, como que é a vida, como que a gente pode respeitar, para nós termos boa vida e para nós termos a prosperidade na Terra, porque a gente depende da natureza para usufruir muita coisa. Então, no meu ponto de vista, nós, indígenas, temos bastante coisa para contribuir com a sociedade, não indígena e com o próprio indígena que está nesse processo de não compreender nem o mundo dele nem o mundo do não indígena.

Aqui na FAINDI já vem trabalhando isso, mas necessita mais algumas Universidades fazerem isso para ter interação com os conhecimentos indígenas. Que são uma ciência, acredito que são comprovadas dentro de uma cultura Indígena. E isso seria uma grande contribuição para o desenvolvimento, melhor compreensão das Ciências da Natureza. Isso a própria FAINDI já faz e trabalha. E não sei dizer aqui nessa entrevista que a FAINDI não trabalha totalmente. Ela trabalha a partir da ciência científica, para chegar à importância do conhecimento tradicional dentro das Ciências da Natureza. Então essa interação do conhecimento tradicional é uma das coisas mais importantes na faculdade indígena. Também durante as formações, durante nas escolas, currículo das escolas que a gente não tem ainda. Ainda temos o currículo da sociedade não indígena, mas a gente que tem experiência, consegue adaptar, mas a gente precisa ter no currículo a integração do conhecimento tradicional.

Hoje no estado de Mato Grosso, nós temos de modo geral - as Ciências da Natureza é uma das áreas pouco valorizadas. E para sociedade Brasileira e para o governo estadual.

Como eu falei lá no início. Eu acredito que abrangendo as Ciências da Natureza, inclusive, proporcionando uma formação mais inclusiva para Ciências da Natureza. Contribuiria com muita coisa. A qual vai ser da sociedade, porque a partir da escola que a gente trabalha, a gente conversou a partir da nossa formação que a gente leva o ensino, e tenta trabalhar com nossos valores, da história então, a educação inclusiva na área das Ciências da Natureza contribuiria muito na formação dos novos cidadãos não só indígenas, mas de não indígenas. Porque, a base no meu olhar, porque minha formação é em Ciências Matemáticas e da natureza. Meu olhar, não só como professor, como me defino como indígena, a base da vida é as Ciências da Natureza. Sem a gente compreender as ciências, entenderíamos o funcionamento da ciência sem nós entenderem quem somos nós. Como que é? A nossa vida? A gente não vai compreender, nós não vamos conseguir contribuir com os cidadãos e não vamos ter a vida aquilo que é para nós contribuir, é uma das dificuldades que a gente está vivenciando nesse tempo contemporâneo, porque a gente não conhece a nossa ciência. Principalmente Ciências da Natureza, que faz parte da nossa desconhece isso, onde às vezes nos leva para caminhos errados. Esse é meu ponto de vista, questão das Ciências da Natureza. Principalmente para educação inclusiva das Ciências da Natureza.

Levo minha vida como professor e como indígena na base da ciência. Onde estiver, onde eu for, sempre tenho esse conhecimento tradicional, que tive desde criança até hoje. Eu tenho respeito pela natureza, pelo próximo, pelo meio ambiente, pelo ambiente em que vivo. Tudo aquilo que tenho ao redor, eu comprehendo. A gente pode compreender, não só como ser humano a outra pessoa, mas a gente também tem que compreender a natureza, do espaço, ambiente, aquilo que tem ao nosso redor, para você ter a comprehensibilidade e ter uma vida mais tranquila e ter uma consciência livre. É compreender, os outros, a vida dos outros. Essa é a compreensão que eu tenho a partir da ciência. Ciência que eu acredito que eu aprendi na minha cultura e venho aprendendo na academia. Na academia o que a gente aprende não é diferente da nossa cultura. É o mesmo, a ciência, mas ela está apenas na escrita, na pesquisa, na comprovação. Que a gente faz na faculdade, mas isso está relacionado a nossa cultura, que é passado, a gente aprende através da prática, ouvindo a história do observar mais. Quando você entrar nas ciências para aprender Ciências da Natureza dentro da academia, você vai aprender a mesma coisa através da pesquisa, através da comprovação, através da escrita. Então é isso que eu coloco como considerações finais.

CAPÍTULO 6

LER, PLANTAR E ENSINAR: A JORNADA NA EDUCAÇÃO INDÍGENA *HALITI*

Lino Zokenazokae - Haliti-paresí

Meu nome é Lino Zokenazokae, professor pedagogo pela UNOPAR-Universidade Norte do Paraná, modalidade ensino à distância. Sou *Haliti*-Paresí, subgrupo *Enomaniyere/Kozarene*, nasci no dia 03 de abril de 1988, na aldeia Rio Verde, Terra Indígena *Haliti*-Paresí, município de Tangará da Serra-MT. Sou falante da língua *Haliti*-Paresí, da família linguística Aruak.

O pai do meu avô é Gabriel *Zokizakaece* do subgrupo *Kozarene*, viviam numa aldeia chamada *Mawololi*, localizada na nascente de Rio Jauru, onde morava com seus dois filhos Maurício *Kizaece*, casado com Anita *Zonairo* do subgrupo *Enomaniyere (olo)* e Brito *Zohezokae*, casado com Luzia, onde viviam também seus netos. Viviam da caça e da pesca naquela localidade e, também, caçavam em outros locais que conheciam através do pai deles. Deslocavam da aldeia em busca de alimento e ficavam caçando por dias. Depois, voltavam para a aldeia, e era sempre assim a rotina e o cotidiano das famílias. Com o tempo, grileiros e fazendeiros chegaram na área onde habitavam e conheciam cada pedaço, como os nomes das cabeceiras, mato, rios, campo e cerrado. Os espaços foram tomados pelos fazendeiros, que faziam picadas, colocando estacas para marcar o território, como se fosse deles.

Um padre chegou até as comunidades onde eles viviam, facilitando a entrada de pessoas estranhas (não indígenas) por causa da terra. Com o tempo, perceberam a chegada de pessoas estranhas, dizendo que tinham terras ali, que foram fazendo picadas, demarcando suas áreas, diminuindo o espaço, a caça e a pesca. Com o decorrer do tempo, passou a ser terra de fazendeiro, porém, ali continua histórico com marcas da aldeia dos meus avós, com seu pai e seus filhos.

Meus pais são Rosângela Zanezokero e Lugike Zoloizokie. Eles se casaram no ano de 1982, na aldeia Rio Verde, depois moraram uns tempos na aldeia Estivadinho e na aldeia Formoso. Tempos depois, voltam para aldeia Rio Verde, onde tiveram 5 filhos: Gelson Zezokiwe, Lino Zokenazokae, Rosineide Zenezokero, Gefferson Ezonezokemaece e Rodinei Zoloizokie.

O meu pai e seus tios viviam de plantios de roça, na região da Terra Indígena Formoso, devido ao solo bom para produção de arroz, milho, abóbora, batata doce, cará, feijão fava e vários tipos de mandioca. De lá tiravam alimentos para consumir e vender na cidade, principalmente, arroz. Às vezes, meu pai nos levava para morar algum tempo na região, com outras pessoas, para cuidar da plantação até a colheita. Depois, voltávamos para a aldeia Rio Verde, onde minha mãe me carregava na *zamata* (carregador de bebê) feito de algodão. Assim vivi e cresci até os 4 anos de idade, já sabendo do meu trajeto de vivência. No ano seguinte, os tios do meu pai o chamaram para trabalhar nos seringais, para extrair borracha, na Terra Indígena Utiariti, no município de Campo Novo do Parecis.

Assim que estava tudo resolvido, pediram o carro da comunidade para nos levar até a aldeia Seringal, junto com o pessoal, minha mãe, meu pai, meu irmão e eu. Na época, meus avós maternos não queriam que nós fôssemos com eles, mesmo assim, nos deslocamos da aldeia Rio Verde para a outra aldeia.

Ao chegar na outra aldeia, o cacique, senhor Narciso nos recebeu e nos ofereceu uma *hati* para morarmos. Quando meu pai ia trabalhar na seringa, ia de canoa. Ele colocava a bicicleta dentro e atravessava o rio Papagaio, e nós o acompanhamos até a beira do rio. O produto era vendido em Cuiabá, capital do Estado. Assim, moramos dois anos ali, conhecendo a localidade, os caminhos de pesca e caça, de trabalho e dos rios e nascentes. Em fevereiro de 1995, meu pai resolveu retornar conosco para o lugar de origem, para podermos estudar na Escola Municipal Zozoiterô, fundada no ano de 1992. Aqui trago uma mensagem muito importante que meu pai deixou para nós, uma vez, quando acordou às três horas da madrugada:

Meus filhos queridos, quero dizer uma coisa importante para vocês, quero que vocês estudem na escola que o único espaço que pode mudar a vida de vocês e do nosso povo. Eu tive uma infância muito triste, perdi minha mãe tão cedo, quando tinha dois anos de idade e quem me criou foi meu irmão Maurinho, e meu pai nos abandonou tão crianças e depois

minha avó materna Petromilia me recolheu me para criar, que onde tive infância difícil de estudar que hoje tenho apenas a 3º terceira série. Por este motivo quero que vocês estudem na escola, que não seja igual eu, porque isso servirá para vocês no futuro melhor, respeitando o próximo para ser respeitado.

Quando meus pais saiam para caçar e pescar e procurar filhotes de papagaio, eles nos deixavam com meus avô e avó, parte da minha mãe. A gente chorava e corria atrás deles, mas algumas horas depois parávamos de chorar e meu avô passeava com a gente para nos acalmar. Ele caminhava três quilômetros para passear na outra aldeia. Eu me lembro que no caminho meu avô fazia cada arte com uma varinha de taquara (*kore katse*): ninho de pássaro, estrela, e na palha de guariroba, as tranças de rastro de trator (*matokoliddyo*). Assim chegava na outra aldeia, visitava as pessoas e depois voltava novamente para nossa aldeia. Também colocava a folha de coqueirinho na nossa cabeça como se fosse uma touca.

À noite, nós pedímos para meu avô e avó contar história, que a gente ouvia e depois ia dormir. Eles acordam de madrugada e depois nos acordam para podermos tomar banho no rio. Eles falavam: “tomar banho cedo, antes do sol nascer é para ficar firme, forte na saúde e não envelhecer tão cedo. Se você tomar banho depois de sol nascer você fica velho rápido”

E, assim, vivenciamos os ensinamentos e aprendizagens até que nossos pais retornassem da caça e da pesca para casa.

Quando meu pai me matriculou, com 8 anos de idade, na Escola Municipal Zozoiterô que tinha do 1º ao 4º ano, na época, fiquei muito ansioso para estudar e frequentar a escola. A minha professora se chamava Nilce Zonizokemairo, que lecionava aulas na aldeia Rio Verde.

A escola mudou a minha rotina de vida e, somente nos finais de semana, praticava esporte de arco e flecha com os amigos da outra aldeia, caçamos frutas com minha avó materna, pois ela conhecia o lugar de frutas do cerrado e do campo, na época de frutas, na época de filhote de animais e outras realidades. Assim foi a minha jornada com as pessoas com quem eu convivia, as pessoas que praticavam os modos de vivência do dia a dia. Durante o primeiro ano de estudo, tive bastante dificuldade para escrever, e me perguntava: “Como posso aprender a ler e escrever?”

A professora me castigava por não saber escrever, por isso eu não saia para o recreio, ficava na escola o tempo de intervalo. Eu obedecia, mas tentava sempre fazer tarefa do meu jeito para ficar em dia com meu dever. Eu frequentava a escola todos os dias para aprender a escrita e a leitura da segunda língua, o português. Porém, no primeiro ano de estudo, fui reprovado direto por não saber escrever direito e não saber ler. Assim foi no segundo ano, consecutivo, reprovado, e no terceiro ano de estudo fiquei de exame em três disciplinas: Matemática, Língua Portuguesa e Ciências. A primeira matéria do exame não consegui e reprovei. Saí da escola para o caminho de casa e contei para minha mãe que não tinha passado de ano mais uma vez. No outro ano, meu pai me matriculou de novo, então, pedi a ele comprar lápis com borracha na ponta e caneta. A minha intenção era passar de ano para poder saber ler e escrever com a caneta na 2º série. O que me dificultava no meu estudo era que minha mãe não sabia nada de escrita, e meu pai estudou até a 3º série. Ele sabia ler e, também, sabia matemática, mas ficava mais na fazenda trabalhando, e como não tinha outras pessoas para me ajudar nas tarefas escolares, eu enfrentava muita dificuldade. Assim, ninguém me ajudava nas tarefas, então eu fazia do jeito que eu conseguia. E, assim, comecei a escrever e a ler, pelo menos, olhava o que estava escrito naquele livro e ficava sempre com a mesma leitura até aprender a ler. E isso sempre me levava adiante. Quase terminando o primeiro bimestre, deu uma luz na mente, e minha vida escolar parece que acendeu algo na minha memória. Foi então que eu peguei o livro de leitura e comecei a ler. No dia que eu entendi as letras, as sílabas e as palavras, comecei a ler sozinho. Nesse dia, fiquei ansioso para fazer leitura para professora, pois finalmente, podia ler sozinho. Eu queria que o dia passasse rápido. No outro dia, acordei cedo para tomar banho com minha mãe no rio, e depois fui para a escola antes do horário às 6h30 da manhã. Assim que nós entramos na sala de aula, a minha professora me pediu para ler, o meu coração batia forte no meu peito. Comecei a ler e, finalmente, passei naquela leitura. Para mim, foi um alívio. Depois desse dia, pegava qualquer livro para ler e, a partir daí, comecei a entender o mundo da leitura e da escrita.

O texto era pequeno e dizia o seguinte:

Um dia a Regina, o Pedro e o Ivan conversaram com o sapinho atrás de uma geladeira.

Esta frase marcou a minha vida para sempre, pois foi quando, pela primeira vez, consegui ler sozinho na sala de aula. Para mim, foi uma alegria imensa e, depois dali, comecei a ler qualquer livro e texto.

E foi no ano de 1998, com 10 anos de idade que consegui passar para a 2^a série. No ano seguinte, em 1999, comecei a estudar na 2^a série, conseguindo realizar o sonho, quando guardava as canetas coloridas. A preferida era a caneta preta, para escrever e passar por cima da linha do meu desenho. Assim, terminei o ano letivo e passei para a 3^º série. Eu continuei me dedicando aos meus estudos e não gostava de faltar. E no ano de 2001, conclui a 4^a série, fase dos anos iniciais.

Na época, a escola só ofertava de 1^a série à 4^a série, na aldeia Rio Verde. Quando terminei, fiquei alguns anos parado, porque não tinha como continuar estudando. As pessoas que tinham condições de matricular seus filhos na cidade, colocava para estudar nas escolas das cidades próximas. As comunidades das aldeias e da região, caciques e lideranças, antes, já tinham solicitado e reivindicado para a prefeitura do município, a construção de uma nova escola para implantação do ensino fundamental II (de 5^a a 8^a série), na aldeia. Por causa do alto número de alunos *Haliti-Paresí* que frequentavam a escola da cidade e das fazendas, a grande preocupação da maioria dos pais era a dificuldade que os filhos passavam na cidade, em relação a alimentação, alojamento e, também, por conta da língua portuguesa. Além disso, havia a preocupação por causa de drogas ilícitas, por isso, era melhor para os alunos estudarem na aldeia mesmo, com tranquilidade e dando resultado para sua comunidade.

Assim, a Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SEMEC) fez acordo com as comunidades locais para ampliar e usar o salão comunitário da aldeia Rio Verde como escola. As pessoas concordaram e aquele espaço passou a servir como escola para atender os anos finais.

Infelizmente, nesse ano, em setembro, faleceu de câncer, na aldeia Rio Verde, o meu avô materno, o senhor Mauricio Kizaece. Ele era um dos melhores cantores tradicionais, reconhecido na cultura e nas festas pelo cântico que praticava. Todos nós, os familiares, e a aldeia ficamos de luto. Também, foi nesse mesmo ano, que aconteceu a grande tragédia em Nova Iorque, nos Estados Unidos. O ataque às Torres Gêmeas pelos terroristas. Nesse ano,

não tinha muita tecnologia nas aldeias, então as notícias eram ouvidas somente pelos rádios, ou quando as pessoas iam para a cidade e viam as notícias na TV.

Em 2003, começaram as aulas de 5^a a 8^a série, na aldeia Rio Verde, na Escola Municipal Indígena Zozoitero. No entanto, não havia professores *Haliti-Paresí* suficientes para lecionar na sala de aula, para as turmas. Na ocasião, os professores presentes para ensinar eram Alinor Alves Zezonai, Angelo Kezomae, Nilce Zonizokemairo que estavam em formação no 3º grau indígena, na FAINDI, do Campus da UNEMAT, em Barra do Bugres. Faltavam professores para lecionar em algumas áreas de ensino como: Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Língua Espanhola e Ensino Religioso, então, a SEMEC contratou 2 professores não indígenas da cidade para que completassem o quadro docente da escola. Os professores indígenas ainda tinham pouca formação nas áreas de ensino.

Eu estudei a 5^a série na aldeia, com professores indígenas e não indígenas, aprendendo duas linhas de conhecimento. No final do ano letivo, consegui passar de ano.

No ano de 2004, a estrutura da escola estava um pouco melhor, o espaço e as salas no salão comunitário foi se transformando numa escola.

Continuei meus estudos, já na 6^a série, na aldeia. Nós estudávamos de manhã, com os professores não indígenas, conhecidos como Beto, que ensinava Língua Portuguesa e Ensino Religioso, a professora Lucineide que ensinava Língua Espanhola e Língua Inglesa, e a professora Perla que ensinava matemática. Eles vinham da cidade e enfrentam muita dificuldade, por causa do transporte não adequado, pois a Kombi não tinha ar-condicionado e a porta não fechava direito. Eles relataram para nós essas dificuldades, pois para chegar na escola, percorriam, toda semana, de Tangará da Serra até a aldeia, 114 km.

Na escola, sempre havia apresentação de trabalhos, e quando o ano letivo se encerra, fui aprovado em todas as disciplinas. Portanto, mais um ano com sucesso.

No ano de 2005, cursei a 7^a série, na Escola Municipal “Zozoitero”. Em 2006, iniciei o ano letivo com a expectativa de estudar bastante e terminar a 8^a série, concluindo o fundamental II, com sucesso e feliz da vida. Mas, como tudo tem um porém, na aldeia não tinha o Ensino Médio para frequentar. As lideranças da região do Rio Verde sempre solicitavam e reivindicavam uma escola para o Ensino Médio, para poder atender os alunos que já haviam concluído o ensino fundamental.

No ano de 2007, participei de dois cursos ofertados pela SEMEC, um de hortaliça e outro de horticultura (cultivo de banana) no Assentamento Antônio Conselheiro, “Escola Municipal Chê Guevara”. Para estes cursos, foram convidadas três escolas indígenas: Formoso, Nova Esperança e Zozoiterô. Eram duas vagas para cada escola, sendo que, futuramente, os professores poderiam ser contratados pela prefeitura.

Eu fiquei um tempo sem estudar, porque não havia Ensino Médio na aldeia e, também, porque não tinha condições de frequentar a escola na cidade. O Ensino Médio não saia porque, a Secretaria de Estado de Educação-SEDUC, não aceitava turmas de 14 alunos, que era o nosso caso. Mas, em agosto de 2007, recebemos a boa notícia de que teríamos o Ensino Médio na aldeia, e iria funcionar no prédio da Escola Municipal “Zozoitero”, em parceria com o Estado. Com isso, iniciamos a turma do 1º ano, com 22 alunos. Ficamos felizes com isso, pois para nós, *Haliti-Paresí*, era um fato histórico para o nosso povo. Era a primeira escola estadual do ensino médio, onde alunos que moravam na aldeia tiveram oportunidade de continuar estudando, e professores *Haliti-Paresí* lecionar na sua própria aldeia.

Assim iniciamos o 1º ano do Ensino Médio e continuamos até o 3º ano, em nossa aldeia. Nesse período, junto com os professores, comunidade e alunos pensaram em criar o nome da escola estadual. Todos entraram em consenso que seria *Malamalali*, nome de uma palmeirinha do mato. E o local de travessia do rio era chamado de *Malamalali Kohinyaho*. Assim o nome foi discutido e colocado na escrita para ser registrado, até a escola ser reconhecida como Escola Estadual Indígena Básica “*Malamalali*”.

No ano de 2008, tivemos muitas coisas boas para educação escolar, porque a FUNAI, juntamente com a Associação Halitinã desenvolveram um projeto para construir duas casas *hati* na aldeia Rio Verde, uma para homens e outra para mulheres, inclusive, para os alunos que moravam longe, em outras aldeias. Além das duas *hati*, teria alimentação e alguns materiais para os alunos. Com isso, aumentou o número de alunos e turmas.

Como eu já tinha participado no ano anterior do curso de horticultura ofertado pela SEMEC, e já tendo experiência em trabalhar com isso, no início de 2008, tive o meu primeiro emprego na escola, trabalhando com hortaliça, com uma renda de 300 reais mensal. Eu trabalhava com os alunos de segunda à sexta, com a horta escolar, de acordo com a escala feita pela escola. Assim, escolhemos uma área para plantarmos mandioca, batata doce,

melancia, tomate, abóbora, alface, couve, beterraba, entre outras plantas. Tais produtos eram destinados para a merenda da própria escola.

No ano de 2009, já estudando no 2º ano do ensino médio, continuei trabalhando na horta escolar e, também, fui escolhido na reunião dos professores para substituí-los quando precisam sair para participar de eventos ou reuniões. Foi a partir daí, que dei o primeiro passo para ensinar os alunos em sala de aula. E, assim, em julho de 2009, terminamos como os primeiros alunos do ensino médio na aldeia, fato histórico para o nosso povo e para o município.

Em 2010, depois de concluir o ensino médio, continuei trabalhando na horta escolar da Escola Municipal Indígena Zozoitero, junto com os alunos, ensinando sobre os canteiros, plantas, adubação do solo, quais alimentos e plantas podíamos cultivar para o nosso consumo.

No ano de 2011, no início de janeiro, houve reunião sobre o quadro dos professores, o qual tinha vaga para professor da Educação Infantil. Na ocasião fui convidado para assumir a sala de aula, pois de acordo com algumas pessoas, eu tinha condições para isso, pois eu já vinha substituindo alguns professores na escola. Os professores me apoiaram, então me inscrevi para fazer o seletivo da prefeitura, conquistando o 8º lugar, entre as 43 vagas destinadas a professores *Haliti-Paresí*, do município de Tangará da Serra-MT.

No ano letivo de 2012, já tínhamos o quadro de professores completo para iniciar os trabalhos na escola. Porém, em fevereiro do mesmo ano, aconteceu uma grande tragédia na família, pois faleceu meu primo, esposo da professora Nilce Zonizokemairo. Ficamos totalmente perdidos pela grande perda que tivemos, por isso, mudamos da aldeia Rio Verde, para abrir uma aldeia nova com toda família na região Ilhoce, no Rio Sacre. Éramos 54 pessoas, compondo 12 famílias. Assim, em março de 2012, fundamos a aldeia *Kolidiki*. Na nossa família havia 20 alunos e 3 professores: Angelo Kezomae, Gelson Zezokiwe e Eu, então, procuramos a SEMEC para podermos continuar com nosso trabalho na educação, porém, uma sala anexa foi aberta na aldeia Estivadinho, Terra Indígena Estivandinho, a 17 km da aldeia nova que abrimos.

De 2013 a 2015, dava aulas na escola e cursava Pedagogia, modalidade de ensino à distância, um período rico de experiências e aprendizados. Uma vez por semana ia para Tangará da Serra, na época, ainda não tinha internet na minha aldeia, então, acessava só

quando chegava na cidade. E nesta trajetória fui adquirindo mais conhecimentos de como ensinar as crianças na escola. Para me formar como professor pedagogo, foi uma grande luta e, nessa caminhada, recebi o apoio de várias pessoas, principalmente, do meu pai que sempre me deu grande apoio nos momentos difíceis.

Entre 2017 e 2018, depois de formado em Pedagogia, a comunidade do Rio Verde me convidou para assumir o cargo de coordenadora da Escola Indígena Municipal Zozoiterô, onde estudei na minha infância. Aceitei o convite e trabalhei os dois anos na Coordenação, ali fizemos muitas coisas para a escola, para a comunidade e para os alunos.

No início de 2019, recebi uma proposta da comunidade da aldeia *Kotitiko*, próxima da aldeia Rio Verde, para trabalhar com as turmas do 1º ao 5º ano, o que seria um grande desafio para mim. Aceitei o convite e terminamos o ano letivo com sucesso. Encerrado o ano letivo de 2019, agradeci a comunidade Rio Verde, pois iria voltar para a minha aldeia *Kolidiki*, devido ao convite que recebi para atuar como professor na escola de lá.

No início de janeiro de 2020, fizemos o contrato para trabalhar na aldeia Sacre, a 12 quilômetros da minha aldeia. No entanto, devido a pandemia da COVID 19, recebemos comunicado da Semec e da Seduc que não iríamos voltar às salas de aula, o ensino seria por meio de apostilas, que teríamos que entregar nas casas dos alunos, seguindo todos os protocolos vigentes. Devido a isso, adotamos cuidados de higiene com os materiais, com uso de máscara e álcool gel para poder fazer o trabalho, inclusive, com prazo de recolher. Foram momentos difíceis de enfrentar, trabalhar e se cuidar, sem contar a tristeza de vermos nossos alunos doentes quando chegamos a casa deles.

No ano de 2021, continuamos a trabalhar na Educação Escolar Indígena, com apostilas por todo o ano letivo porque continuava a circulação da pandemia COVID 19 na comunidade e, assim, o fizemos, respeitando as normas de protocolo.

Em 2022, o contrato da prefeitura foi prorrogado, para continuarmos na Educação Escolar Indígena do nosso município. Nesse ano, pudemos voltar a trabalhar de forma presencial com os nossos alunos. Na minha aldeia *Kolidiki*, trabalhei com as turmas do 1º ao 5º ano, no período matutino e, no período vespertino, trabalhei na escola Cabeceira do Sacre, nas salas anexas (extensão da Escola Estadual Indígena *Malamalali*), com meu tio, o professor Angelo Kezomae, com os alunos do 1º ao 3º ano do ensino médio. Todos os dias percorria 11 quilômetros, entre a aldeia onde moro até a escola da Cabeceira do Sacre.

No período das férias, a minha filha ficou de reclusão, porque entrou para a adolescência. Refizemos a *hati* (casa tradicional). Devido a isso, não podíamos retornar para nosso trabalho da escola, por respeito a nossa cultura e, também, porque toda a comunidade local estava envolvida na festa da menina moça e no batizado das crianças. Assim, organizamos a festa que seria realizada no mês de agosto, com a participação de várias aldeias. Nesse mesmo ano, fiz a inscrição para o curso de mestrado profissional da UNEMAT, para o qual fui aprovado, com meu projeto na linha de pesquisa: “Ensino e linguagens em contexto intercultural.”

O ano de 2023 foi muito desafiador e de muito trabalho na Educação Escolar Indígena, no município e no estado, como também, no mestrado escolhi na linha de linguagem no PPGECL (Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Ensino em Contexto Indígena Intercultural) e consegui ser aprovado no projeto escolhendo História *Haliti-Paresí* na Língua Materna *Haliti zako*, no ano de 2024 comecei a estudar na Universidade em Barra de Bugres-UNEMAT e fiz a pesquisa na minha comunidade com os anciões e anciãs, pajés, professores, o projeto voltado para os alunos da aldeia *Kolidiki*, anos iniciais da escola M.I. *Kolidiki*.

É um desafio de vida gratificante, porque acredito que irei contribuir ainda mais para a nossa Educação Escolar *Haliti-Paresí*, principalmente, na minha área de atuação.

E nesta pesquisa, na área de ensino, escolhi trabalhar com as narrativas do meu povo, com foco na leitura e na escrita, como uma forma de contribuir para o fortalecimento de nossa língua materna, como forma de registrar nossos conhecimentos milenares, presentes nessas narrativas, porque elas trazem nossa cosmologia *Haliti*. E nesse processo, não podemos deixar de lado a oralidade, prática indispensável para manter vivos nossos saberes e conhecimentos tradicionais, nossas histórias. E na escola, a oralidade é uma prática muito importante e base para o processo da escrita, pois é por meio da oralidade, que buscamos nossos conhecimentos, fazemos nossas rezas, nossos cantos, enfim, a oralidade nos traz toda uma sabedoria ancestral que é a nossa identidade. E como iremos tratar do ensino de língua materna, primeiramente, trago a situação sociolinguística de nossa comunidade, local onde desenvolvemos nossa pesquisa, porque acredito que um bom ensino de língua materna na escola depende muito de como esta língua está presente em nosso meio.

Entrevista

Meu nome é Lino Zokenazokae sou da etnia *Haliti-Paresí* do território indígena Haliti-Pareci, município de Tangará da Serra. A minha formação é na área de pedagogia. Que eu fiz ensino a distância na UNOPAR e hoje sou mestrando no campus da universidade de Barra do Bugres, faz parte da FAINDI, PPGECH.

E para começar a entrevista. A Ciência da Natureza na formação dos futuros professores, no caso do meu povo, tem alguns professores que já são formados. A gente sempre está contribuindo um com o outro, esses conhecimentos, saberes tradicionais que é tão importante na nossa escola, principalmente para os futuros, que vem. E cada vez, nós estamos aprimorando, levando esses conhecimentos no espaço da escola que a gente leva lá da comunidade e a gente está aplicando. Assim, preservando e além disso, fortalecendo aquelas práticas que, que tem do próprio povo. Então isso para mim vale na formação dos professores que futuramente isso vai valer muito para a escola e para a comunidade, e assim, uma forma geral para o povo, né, principalmente no ensino, no ensino da educação escolar.

E agora, a formação no curso de graduação, mestrado, Em Ciência da Natureza, contribuindo bastante em relação ao nosso trabalho e levando mais conhecimento ainda, e cada vez nós aprofundando os conhecimentos de acordo com a realidade, nos trazendo. E as experiências que que nos pratica e que nos atende de acordo com a cada realidade do povo né. E, para dar um exemplo à experiência, Que é bater Timbó, durante um ano os Parecis batem timbó e ali tem cheio de Química, que faz parte do um conhecimento, uma Física também, então ali envolve toda aquela questão que é da cultura da comunidade. Aí você vê que cada processo tem, tem processo diferente até do começo até fim. Quando você coloca muito timbó na água, sai tudo aquele líquido que vai, flutuando dentro do Rio e onde os peixe vai está boiando morrendo e as pessoas vai estar coletando aqueles peixes que vai boiando, então tudo isso é uma experiência que todos nós temos parte do conhecimento e saberes indígenas, então essa é uma das experiências que todos nós tem, principalmente assim de uma forma geral do povo Paresí que a gente leva esses conhecimentos para escola também.

E outra questão que é muito importante em relação a *haxixe*. *Haxixe* é um pó químico, você coloca ali, aí vai se deixar ela muito tempo, ela vai ficar muita azeda e vai ficar um pouco

amargo e com o tempo ela vai ser misturar ali cheia de Química, e faz parte da Física, da Biologia de acordo com a realidade da comunidade daquele local que faz. Então, essas experiências que a gente sempre tem na nossa comunidade, e às vezes é escrito para a gente levar lá para as escolas, para mostrar para os alunos que saberes indígenas tem toda essa questão que está envolvido nessas matérias, então isso cabe na formação, formação do conhecimento. Portanto, para o professor e para os alunos. Essas experiências que a gente tem aprendido. Assim, escrito na realidade de outros povos, na faculdade. E lá na comunidade também acontece de uma forma diferente, então isso é muito relevante o que a faculdade oferece.

E muita das vezes, eu, no meu caso - ensino EAD. Só que eu sempre levei nossa instituição de acordo com a minha realidade, sempre eu levei essas linhas de conhecimento que sempre tragam durante o meio processo de estudo, sempre comparei a realidade do meu povo com a realidade não indígena. É isso que é mais importante. Trabalhar, fazer os conhecimentos dos saberes tradicionais ao povo. Então, esse conceito nos traz dentro da ciência que relaciona todo. Que esses conhecimentos indígenas tradicionais, né, que relaciona ali, que é amplo, porque ali não é só o que sentimos, tem várias outras situações que ocorrem sem perceber, às vezes sem perceber, você está praticando tudo aquilo lá que tem.

E agora, no meu ponto de vista, seus principais desafios na construção do currículo, na ciência natureza, colabora bastante para contemplar essa diversidade cultural. Que cada povo tem a sua realidade de forma de praticar dentro da sua cultura, dentro de seu costume, dentro dessa territorialidade, principalmente nas aldeias, juntamente com a comunidade, os professores. É, e assim por diante.

E quando fala da percepção sobre diferentes vozes que indígenas, científicas e políticas, porque os indígenas sempre têm a política da sua especificidade para manter, para preservar, para fortalecer cada vez mais. Então, eles que entendem sobre esse discurso da natureza. E onde faz essa formação do processo. Que é mais importante, que prepara os professores também com isso, essa formação, toda essa realidade é relevante para qualquer acadêmico e para qualquer aluno, portanto, tudo isso é registrado e volta no local o qual foi registrado, espalhando naquela comunidade. Também, eu acredito que a voz indígena também ensina Ciências da Natureza aqui que tem um impacto grande, né. Ela, a compreensão dessas práticas, no modo geral, então é isso que é minha. Opinião que eu

estou colocando que as vozes são, vão além do ensino. Agora, na escrita, entra no registro que vai mais além de vozes, porque ele fica registrado, os processos, os acontecimentos, a forma, forma mais clara e qual o momento que é acontece, qual ocasião, então, tudo isso depende de cada processo para prática e na formação e no ensino. Então, isso eu entendo. É dessa pergunta.

E também quando se fala de mudanças no currículo não é que a gente sempre, onde a gente trabalha uma vez teve essas correção. Eu acredito que mais lá na frente vai ter, vai ter esses currículos um pouco modificados. Por que que eu falo isso? Porque, primeiro, nos currículos, não tinha língua materna. E onde hoje tem a língua materna. E onde tem as outras áreas de conhecimento que têm, uma delas é a história indígena. E por que não a química indígena? Filosofia indígena? Essas coisas então, mas mesmo assim, nesse currículo a gente sempre está abordando esses saberes indígena dentro da Física, Biologia, Química, que a gente se diferencia, porque válido que são os dois conhecimentos.

Mas o que acontece dentro desses currículos, a gente está transformando de dentro desse currículo dentro da filosofia o que é da comunidade, o que é do povo que a gente sempre nos trás desses exemplos, as práticas que a gente se pratica no meio da comunidade e dentro da escola que a gente traz pra ter aquele conhecimento que o povo tem, tem a sua biologia, sua Física, a Química que ocorre durante as ocasiões que acontece dentro da comunidade. Então isso é relação do currículo. Para que possam, os outros indígenas, os outros povos da sociedade para terem o conhecimento, porque isso, isso a gente teve experiência devido ao RCNEI que fala, fala dessas diversidades, que é o grande documento, reconhecidamente, nacionalmente por todos os povos e não só pelos povos indígenas, mas pelos não indígenas também.

Então, essa especificidade de cada povo que tem. Essa formação de conhecimento tem uma, já tem uma base. Ali você vê que tem essas características para você apreciar, ver todas dentro da educação escolar. Então, eu entendo dessa forma. Como sou educador, eu sempre levei essas formas dentro de cada currículo que a gente segue. De acordo com a realidade comparando, da prática pedagógica, Da prática pedagógica com realidade com o povo. E além disso, nessas formações a gente vai aprofundando cada vez mais o nosso conhecimento para que nós melhoremos cada vez mais dentro da educação escolar indígena.

E agora. Educação indígena no estado de Mato Grosso. Recentemente, tem. Se está chegando umas estruturas lá. Mas precisa ser, precisa ser mais assim, no olhar indígena, mas assim no olhar indígena. Para que corresponda à realidade, para que os alunos se sintam à vontade, tanto aos professores que são formadores. Para ter esse conhecimento da natureza, porque hoje em dia a ciência da natureza tem inovado, principalmente as tecnologias que vem chegando aí. De que forma podemos adaptar aqui aqueles conhecimentos que são os novos. Está de acordo com a realidade, tanto no nosso meio geral e principalmente de que forma podemos abordar dentro do espaço da escola. E é isso que vejo dentro da escola do estado de Mato Grosso, que a gente sabe que tem o estatuto do Índio que entra lá, que tem LDB próprio. O BNCC que tem onde fala da sociedade e da diversidade das culturas indígenas, são essas características socioculturais e o território. Então tudo ali precisa contribuir mais.

O estado tem que contribuir mais em relação às capacitações dos professores, tanto no espaço da escola para que nós possamos ser cada vez mais assim reconhecidamente respeitados dentro da de cada povo, vivendo da sua forma de diversidade. Respeitando todos pela igualdade, a diversidade é grande. Mas você tem que respeitar o povo que tá ali, que forma, que vive da sua cultura. Vive dos saberes tradicionais, vive de conhecimentos milenares que já vem lá do início né, e até hoje, no momento, está sendo levado, então, no modos atual, é sendo registros, os professores estão começando a registrar com essas formações que está tendo, e através desses conhecimentos de formação que vai estar melhorando os conhecimento da ciência da natureza. Quando fala da ciência da natureza, envolve cada aspecto que tem. Então, professor, tem que estar - o conhecimento tem que estar, tem que ter a formação, somente nesses espaços onde a gente tá, aí colabora bastante para nos aprofundar mais. É isso.

CAPÍTULO 7

MEMÓRIA, PARENTESCO E EDUCAÇÃO: A TRAJETÓRIA DE UM LÍDER APYÃWA

Carlos Xario'i - APYÃWA-TAPIRAPÉ

Para obter a informação certa sobre o casamento dos meus avós, tive que fazer uma entrevista com a minha mãe IPAREWÃ, para ela me passar as informações corretas, às quais vou relatar de acordo com o relato dela.

O meu avô **ARAPAXIGI** era casado com a senhora **MYTYGOO**, no primeiro casamento deles, houve diversas vezes descasamento deles. Com isso, o tio da minha avó **PAXEAPÃRA** assumiu o compromisso de realizar os casamentos deles, **ARAPAXIGI** e **ATAXOWOO** e o casamento deles foi com sucesso. Mesmo assim, o meu avô **ARAPAXIGI** continuava descansando, voltando para sua ex-mulher. Devido a isso, a família da minha avó **ATAXOWOO** não aceitava mais a volta do meu avô **ARAPAXIGI** para ela, mesmo que eles já tivessem a primeira filha chamada **IPAREWÃ**. Então, a separação deles aconteceu quando a minha mãe estava com, aproximadamente, dois aninhos de idade.

Devido a isso, a minha avó teve que se casar com outro meu avô **XAWAKATO**, com ele, o casamento deles foi dando muito certo até o fim da vida. Então, ele criou a minha mãe como padrasto dela. **XAWAKATO** cuidava muito bem dela como uma filha verdadeira até ficar mocinha.

O caso do meu pai também ocorreu só descansando da primeira mulher dele que se chamava **PAWYGOO**, mas só que era o contrário do meu avô, a mulher que estava se separando do meu pai, devido que ela estava namorando com outro homem, que é **XYWAERI**. Com isso, o meu pai, um dia decidiu se separar da sua esposa, pois era uma mulher que não tinha futuro para ele.

O meu pai **KAOREWYGI TAPIRAPÉ**, originário da antiga Aldeia Paranytãwa, nasceu em 15.05.1938, nessa região tradicional que era chamada, naquele tempo, de

Ipirakwaritāwa. No ano de 1993, retomamos este lugar sagrado do povo *Apyāwa*/Tapirapé, atualmente pertencente ao município de Confresa, MT, onde se situavam estas aldeias.

Ele viveu e cresceu sempre na aldeia, a aprendizagem dele foi com a sua própria mãe, que contava as histórias antigas para ele, ou seja, levava muito a sério o aconselhamento da sua mãe, no sentido de aprender tudo aquilo que os homens *Apyāwa*/Tapirapé realizam, por exemplo: as histórias, as sequências das músicas, as diversas confecções das artes, isso a mãe dele orientava para o futuro dele, devido a que pai dele faleceu quando tinha aproximadamente, quatro aninhos de idade. Durante o seu crescimento, a aprendizagem ativa foi mais com o seu tio **XARIO**, grande conhecedor de diversos trabalhos feitos pelos homens *Apyāwa*/Tapirapé, que foi importantíssima para a vida dele. Pois, futuramente, ele próprio teria uma grande responsabilidade na sustentação da sua família. Por isso mesmo, atualmente, somente ele é maior conhecedor da cultura *Apyāwa*/Tapirapé, principalmente dos rituais e é chefe do ceremonial do nosso povo *Apyāwa*.

A minha mãe **IPAREWÃ TAPIRAPÉ**, nasceu na Aldeia Orokotāwa na região do Araguaia da Área Indígena Tapirapé/Karajá, nasceu em 09.04.1959, no município de Santa Terezinha, MT. Ela também cresceu e viveu sempre na aldeia e ela recebia o seu ensinamento pela mãe e avó em tudo aquilo que as mulheres *Apyāwa*/Tapirapé realizam. Ela foi a única filha do **ARAPAXIGI** com **ATAXOWOO**.

Então, o casamento deles ocorreu da seguinte forma: quando os *Apyāwa* foram na abertura do picadão da Área Indígena Tapirapé/Karajá, neste tempo houve uma combinação dos meus avós **XAKO'IAPARI** e **XAWAKATO**. Eles tiveram uma conversa particular com meu pai no sentido de ele fazer um compromisso sério no casamento com a neta deles.

Desse modo, ele aceitou o convite deles. Este casamento deles aconteceu de forma tradicional, devido a isso, tiveram que cumprir todas as regras, preferiram que o ritual feminino da iniciação fosse compartilhado pelo noivo da jovem. Nesse caso, ambos se recolhiam, faziam a mesma dieta alimentar, eram enegrecidos totalmente com tinta de jenipapo e, ao fim do resguardo, ambos saíam enfeitados. Esses casamentos seriam mais duradouros, o casal não se separaria, uma vez que os dois sofreram juntos.

Assim, naquele tempo, o verdadeiro casamento *Apyāwa*/Tapirapé ocorria com muito respeito, com tranquilidade e era combinado entre os familiares da moça, do rapaz sem atropelar a cultura que rege este ceremonial.

Quando a minha mãe completou um ano de casamento, engravidou pela primeira vez, com 13 anos de idade ainda bem novinha, do primeiro filho dela. Isso me confirmou, dizendo que o casamento dela ocorreu aos 12 anos de idade. Como afirma Paula (1997),

O processo de socializar a criança começa mesmo antes do parto, como transparece no comportamento dos pais grávidos: ambos fazem dieta alimentar própria do período de gestação, a fim de que a criança seja bem gerada. O pai também deve se abster de fazer serviços mais pesados, como atenção particular nos últimos meses da gravidez. Tanto os pais como os avós conversam com a criança dentro do ventre materno, recomendando-lhe para que nasça bem.

No decorrer dos anos de casamento vividos por eles, até o momento atual, constam oito filhos vivos. Eles tiveram 10 filhos, porém, o segundo filho faleceu, a primeira filha também faleceu, ficando quatro filhos homens e quatro filhas mulheres.

Eu, **XARIO'I CARLOS TAPIRAPÉ**, nasci na Aldeia Orokotāwa em 09.01.1972, município de Santa Terezinha - MT. Sou filho de Kaorewygi Tapirapé e Iparewā Tapirapé. Sou o primeiro filho deles, era um menino sofrido no sentido de pegar doenças, principalmente, dor de barriga, as comidas me faziam mal quando meus pais comiam alguns alimentos pesados como carne, com isso, o meu tratamento foi com os pajés, um pajé Karajá Txitxi, uma curadora Mahiru, um pajé Apyāwa Kamoriwao e, além deles, a Irmãzinha Maiye Batista também foi uma pessoa importantíssima que cuidou da minha saúde naqueles anos e ela foi a parteira da minha mãe quando nasci.

Devido a que eu adoecia, a minha mãe teve que cumprir a sua dieta, só tomando *kawi* (mingau de milho), sem comer nenhuma carne. Devido a isso, a minha mãe, cada vez mais ia emagrecendo e meu avô Arapaxigi, desesperado com a situação dela, um dia, ele falou que eu podia morrer, mas Xaneramoja (Deus), estava acima de tudo e eu sobrevivi. Cresci sempre na aldeia, participando da vida da comunidade. O meu pai é e continua sendo chefe dos ceremoniais do povo Apyāwa/Tapirapé. Sou casado, tenho cinco filhos, moro sempre na aldeia.

Por isso, naquela época a minha aprendizagem era juntamente com os mais velhos, como: fazer cesto, flecha, arco, matar peixe e outras atividades realizadas pelos homens Apyāwa/Tapirapé.

Na minha infância sempre brincava também com outras colegas, praticando a nossa brincadeira que é de *Mani'akawý*. É uma brincadeira de cinco pessoas ou mais, somente pelos meninos circulando, pegando as mãos uns dos outros. Lá dentro do círculo tem uma

criança, é chamado de *moja*, é um sapo. *Inimape*, brincadeira com corda pulando, *Xapi’emāwa*, brincadeira de beliscar outra pessoa, isso acontece na água, subindo no pau e o adversário dele tem que correr atrás até pegar. *Yypapyryryma*, brincadeira com cipó pulando na água ou no córrego, *Inimape*, brincadeira com barbante fazendo vários tipos de desenhos e outras mais.

Além das brincadeiras, os meninos junto com as meninas iam pescar de canoa no Rio Tapirapé. Quando pegavam o peixe, lá mesmo era um lugar específico para eles, iam acender o fogo onde as meninas iam assar os peixinhos, isso nós chamamos de “*Xemamara’āwa*”, isso faz parte de cada aprendizagem dos gêneros do povo Apyāwa/Tapirapé.

A declaração da minha mãe foi sempre relembrando do passado e do meu futuro, o passar do tempo, a cada ano que ela sofreu bastante por mim, por causa de uma notícia ruim que ela passava ao fazer de tudo até para mim sobreviver, devido que eu era único filho e, em algum momento da reunião da nossa família, ela cita para os filhos dela que eu era um menino inteligente e hoje sou um dos mais atuantes que a cuidam no dia a dia, fazendo algumas coisas importantes para a nossa família. Devido a isso, imensamente, ela me agradece de coração mesmo.

Figura 1- Imagem da minha infância na Aldeia Orokotāwa



Fonte: Arquivo das Irmãzinhas de Jesus (1973)

Durante a minha vivência foi um fato marcante e histórico para mim o relato da minha mãe, sobre a tragédia de falecimento de meu avô ocorrido na mata e que ela nunca se esquecerá deste acontecimento.

No decorrer da minha vida, passando os anos do meu crescimento, o meu pai demonstrou a sua responsabilidade e capacidade nos seus trabalhos individuais, praticando a sua sabedoria que aprendeu junto com a própria mãe, que era uma grande conheedora e uma grande liderança, conheedora originária da verdadeira identidade étnica Apyãwa/Tapirapé.

Não tive oportunidade de conhecer melhor o meu avô paterno, devido ao falecimento dele. Além de que falava mal de mim, ele também gostava de mim, era o único filho que os meus pais tinham.

Registro o acontecimento ocorrido com o meu avô **ARAPAXIGI**, ainda deixo bem claro que, na verdade, vou deixar algumas partes importantes desse relato feito pela professora Makato Tapirapé, que posso descrever da mesma forma.

Em 1975, havia uma caçada coletiva dos homens Apyãwa/Tapirapé, iam de canoa até chegar ao porto de Lago Redondo. De lá, eles iam a pé até chegar no acampamento de Campo de Veado, lá eles dormiam um dia só. No outro dia, eles saíram bem cedo para caçar e conseguiram matar nesse dia somente quatro caititus e também pegaram dez *xawaxikato'i* (tartaruga de orelha vermelha). No dia seguinte, eles novamente mudaram para outro lugar que denominamos de Morro de Terezinha, onde eles acamparam de novo. Da mesma forma que a caçada anterior, a saída foi novamente bem cedo, continuando a caçar porco-queixada, sendo que, nesse dia, eles conseguiram matar três porcos-queixadas. Além do porcão, o meu avô **ARAPAXIGI** pegou um jabuti bem grande, isso os filhos dele e, até mesmo, o genro dele estranharam porque ele saiu zerado, sem matar porco-queixada. No ponto de vista deles, nunca ele saiu zerado, sempre matava o porco-queixada, toda vez que encontravam o porco-queixada, a primeira pessoa que ia matar porco era ele. Com isso, os companheiros dele estranharam, pensando que ia acontecer alguma coisa ruim com ele. Porém, chegando no acampamento deles, ele comeu a carne do porcão assado, logo depois de terminar de comer, sentiu uma dor de barriga e estava vomitando. Com isso, um pajé, o sr. Toto'i estava benzendo ele. Ele falou para ele que a comida fez mal, mas a dor de barriga não parava, continuava doendo.

Devido a isso, com grandes preocupações, o filho dele, Xywaeri veio atrás de outro pajé, o sr. Kamoriwao na aldeia e os dois voltaram de bicicleta até chegar no final da estrada boa, de lá continuaram a pé até chegar no acampamento.

Logo, logo Kamoriwaofoi novamente benzendo o meu avô. Enquanto isso, o meu avô falava com os filhos dele para comer o moqueado de pâncreas do porco-queixada feito por ele, e dizia também aos filhos para se despedir depois de ver eles comerem na frente dele, já sabia o que ia acontecer com ele.

Quando Kamoriwao terminava de benzê-lo, logo, logo ele faleceu. Com isso, os filhos, os companheiros dele começaram a chorar o ritual de funeral *Apyãwa/Tapirapé* no acampamento, o que foi bastante doloroso para eles. Ele morreu porque a comida fez mal para ele. Ele foi trazido para o Porto de Lago Redondo, onde as canoas ficam. Veio na rede pendurada em uma vara segurada com muita força por dois caçadores, um genro dele, Kaorewygi e outro era o tio dele, Awarao. Porque, na tradição do povo *Apyãwa/Tapirapé*, a pessoa que carrega o morto não pode parar ou descansar no caminho.

Então, eles conduziram o corpo do meu avô até a canoa, de onde seguiram para a Aldeia Orokotâwa, município de Santa Terezinha - MT. Isso ocorreu no mês de abril de 1975, os dois, Arapaxigi com o irmão dele, Xako' iapari, tinham um plano secreto de fazer um susto para as mulheres, porque tem um ritual quando os homens matam muito porcões. Esse ritual é trazido por caçadores, isso chamamos de *Axygeapokaja* (Espírito assustador).

O meu avô Arapaxigi era grande conhecedor da cultura *Apyãwa/Tapirapé*, mestre em quaisquer rituais, nas artes, nas histórias entre outros conhecimentos.

Quando a minha mãe lembra do acontecimento com o pai dela, sinceramente, durante o seu relato, ela se emociona contando passo a passo a tragédia ocorrida com o pai dela no meio da mata. Com isso, falo com a minha mãe assim, se o meu avô Arapaxigi fosse vivo, faria uma surpresa a ele, dando um presente importante a ele.

Figura 2- Este é meu avô materno Arapaxigi no ritual de Marakayja



Fonte: Arquivo das Irmãzinhas de Jesus(1963).

Outro fato marcante e histórico para mim foi o acolhimento da família dos professores Luiz, Eunice e seu filho André que foi trazido recém-nascido na aldeia Orokotāwa, no município de Santa Terezinha-MT, onde crescemos juntos e que faz parte da nossa família. Ainda demos a cada um deles o nome *Apyāwa/Tapirapé*, Eunice chamamos de *Kato'ywa*, Luiz chamamos de *Tenywaāwa* e André, chamávamos quando ele era criança menino de *Waporãe* quando passou para a fase que vai desde a primeira iniciação até a segunda iniciação *Xyre'i'i* (aproximadamente entre os 9 a 12 anos) mudou novamente o nome para *Awaetekato'i*. Até hoje, mantemos essas pessoas como a nossa família, valorizamos, respeitamos da forma que a cultura *Apyāwa/Tapirapé* quer reger verdadeiramente.

Nesse momento, tive uma grande oportunidade de aprender um pouco com o meu irmão *Xyre* (*Awaetekato'i*) a língua portuguesa desde pequeno, quanto ele também, da mesma forma, aprendeu toda a língua materna *Apyāwa/Tapirapé*.

Foi um momento histórico para mim durante a minha vivência, juntamente com a família de *Xyre*, pois demonstraram desde a chegada deles na aldeia, um compromisso sério na atuação na educação *Apyāwa/Tapirapé*, como professores atuantes na nossa aldeia e escola.

Figura 3- Irmão verdadeiramente atuante desde a infância



Fonte:Makato Tapirapé(2019)

Os primeiros professores do povo *Apyãwa*/Tapirapé foram Wanda, Hosana, Maximino e Mike. A professora Wanda veio através da Funai e os professores Hosana, Maximino e Mike vieram convidados pelo padre Francisco Jentel. A atitude destes professores com a comunidade era muito boa. Mas esses professores ficaram pouco tempo na Aldeia porque não se acostumaram.

Até que, em 1973, chegaram Luiz e Eunice com seu filho André, que está conosco até hoje. Então, a Escola começou a ficar mais organizada. Eram três turmas que estudavam: uma turma de homens, uma turma de mulheres e uma turma de jovens, foram as pessoas certas para desenvolver este trabalho com esta comunidade na área de educação. É importante destacar que, com os *Apyãwa*, surgiu a primeira proposta curricular, específica, diferenciada que respeita a especificidade do povo. Isso considerado no âmbito estadual e até mesmo no Brasil, porque nessa época, em nenhum segmento se discutia essa proposta na área de Educação Escolar Indígena.

Figura 4 - Mulheres na Aldeia (Orokotāwa): Maxāja, Taparawoo, Tajpa com Kararawore, Iparewā, Tage'ymi



Fonte: Antônio Carlos Moura(1974)

Ainda tenho, de fato, uma real lembrança memorial inesquecível e é muito marcante da minha vida a chegada das Irmãzinhas como intuito de ajudar, ou seja, de cuidar na preservação de saúde *Apyáwa*, devido que a população *Apyáwa*, naquela época, enfrentou diferentes tipos de epidemias e morreu bastante gente. Com isso, a população *Apyáwa/Tapirapé* foi diminuindo bastante e quase acabou.

Na década de 50, a chegada das Irmãzinhas de Jesus, com seus grandes objetivos de cuidar da saúde do povo *Apyáwa/Tapirapé*, fez com que a população crescesse novamente. Por isso, deixo o meu grande agradecimento, homenagem e respeito a elas, por tudo que elas realizaram, um belo trabalho com o nosso povo durante esses anos de convivência.

Depois é que a Prelazia chegou para essas pessoas importantíssimas. As Irmãzinhas chegaram para os *Tapirapé*, a chegada da Veva foi em 1952, junto com a Clara e a Denise e elas chegaram para não voltar mais. Dizem que elas ficaram procurando outras pessoas para ajudar, até que veio o Pe. Francisco. Mas, só que ele chegou jovem, não chegou como adulto e ele não sabia falar na língua portuguesa, só sabia falar na linguagem dele.

No meu relato deixo uma singela mensagem a elas que sempre disponibilizaram a sua pessoa e criando a coragem de atender a qualquer momento da hora que algum *Apyāwa* adoecia, tanto de dia, quanto de noite.

Figura 5 - A chegada das Irmãzinhas na Aldeia *Apyāwa* Elizabeth, Genoveva, Maria Olídia e Mayie em Tawyao



Fonte: Arquivo das Irmãzinhas de Jesus(1976)

Não posso deixar de registrar a experiência das duas professoras *Apyāwa* pois, foi um fato marcante para mim, iniciar o aprendizado com a primeira professora *Apyāwa*.

No ano de 1979, houve uma experiência com duas professoras indígenas que eram Maria Rita Iparewã Tapirapé e Tarywajoo Rosilda Tapirapé. Elas estavam ensinando bem as crianças, mas houve um problema de saúde com os filhos, então, elas pararam de lecionar. Também aconteceu um problema com a FUNAI que queria transferir as professoras para outra aldeia. Por isso, a professora Maria Rita Iparewã desistiu.

A minha participação na escola aconteceu quando tinha 10 anos de idade, em 1982 iniciei a frequentar a escola. Porque, naquela época, a escola não existia na nossa aldeia, por isso mesmo a minha participação na sala de aula foi com maior idade nesse tempo.

Também nesse momento, antes de entrar na sala de aula, levei bastante atenção e conselho da minha família para que o meu estudo seguisse em frente com seriedade e responsabilidade.

Figura 6—Esta foto de Warapi representa o começo de aprender a Língua Portuguesa através do irmão Waporã oralmente.



Fonte: Arquivo das Irmãzinhas de Jesus(1974)

Com isso, a minha família ficou muito contente. O que dizia para eles, é que, futuramente, o meu sonho era ter uma melhor qualidade de formação em qualquer cargo, seja professor ou outro. Também dizia para minha família que gostaria de aprender um pouco o processo da língua Apyãwa/Tapirapé e aprender um pouco a língua portuguesa para comunicar melhor com os não indígenas e lutar pelos nossos direitos, por exemplo: na luta pela terra, saúde, educação e etc. Assim, durante os meus estudos, a minha família ia dando aconselhamento.

Durante o meu estudo, o relacionamento com os professores na sala de aula não tinha nenhum problema, porque respeitava muito eles. Até mesmo eu me preocupava muito com o meu estudo na sala de aula, por isso eu tinha consciência de respeitar o meu professor e as minhas colegas de estudo e a minha intenção era aprender com eles.

Dentro da sala de aula fazia mais produção do texto, problemas, continha quantidade, divisão, adição, multiplicação, subtração e até mesmo o professor fazia uma tarefa para nós fazermos na casa e a correção acontecia na sala de aula juntamente com o professor.

Agora, fora da sala de aula fazia mais pesquisas, entrevistas com os mais velhos (os) e aula passeio. No meu tempo gostava mais da matemática, resolver problemas, fazer as continhas e outras matérias não me interessavam muito. Até o momento, me lembro corretamente da minha alfabetização, principalmente fazia três coisas, como: rastro de passarinho, nome próprio do aluno e *yxapenoga* (banzeiro).

Cada um escrevia uma folha inteira no caderno e, ao mesmo tempo, via alfabeto Tapirapé. Isso levava muito tempo, até decorar bem ou escrever corretamente, assim ia passando pouco a pouco, outra atividade. Durante o ano letivo, os professores acompanhavam cada aluno dentro da sala de aula, para saber qual aluno estava frequentando bem a aula, por isso cada aluno individualmente. As avaliações também eram feitas por bimestre.

Durante o meu estudo, a avaliação sempre foi de modo descriptivo, por isso nós nunca passamos por provas. Também não havia reprovação, porque os alunos que precisavam de ajuda e que encontravam bastante dificuldade, precisavam muito de um reforço para recuperação deles, para seguir todos iguais, por isso os professores acompanhavam mais eles fora do horário da aula.

Fazíamos também apresentação dos trabalhos para a comunidade, como por exemplo: maquete da Área Indígena Tapirapé-Karajá, apresentação de teatro sobre a chegada dos portugueses e outras atividades. E, através dessa apresentação, a comunidade avaliava o desenvolvimento de cada aluno, dependendo de cada expressão do aluno e os trabalhos dos professores.

A maior parte dos trabalhos era feito em grupo, como: a construção de esqueleto com massa de papel e trigo, aula passeio no morro do Cadete, excursão na Área Indígena Urubu Branco. Eu também fazia atividades individualmente como, por exemplo: produção de texto, desenho e entre outras.

Em 1991 concluí o meu estudo de 1º Grau completo na Aldeia Orokotáwa, só que essa formação de 1º Grau não era suficiente para minha carreira como profissional. A partir

daí, a minha carreira iniciou estagiando com outro professor durante o 1º ano para conhecer melhor o desenvolvimento do trabalho dentro da sala de aula e ter experiência com eles. Por isso, no ano seguinte, houve uma grande reunião com todos os pais e mães dos alunos e nessa reunião, eu fui indicado como Agente de Portaria pela comunidade Tapirapé.

Figura 7 - Os primeiros alunos *Apyãwa* concluindo 1º Grau Completo



Fonte: Luiz Gouvêa de Paula, (1991)

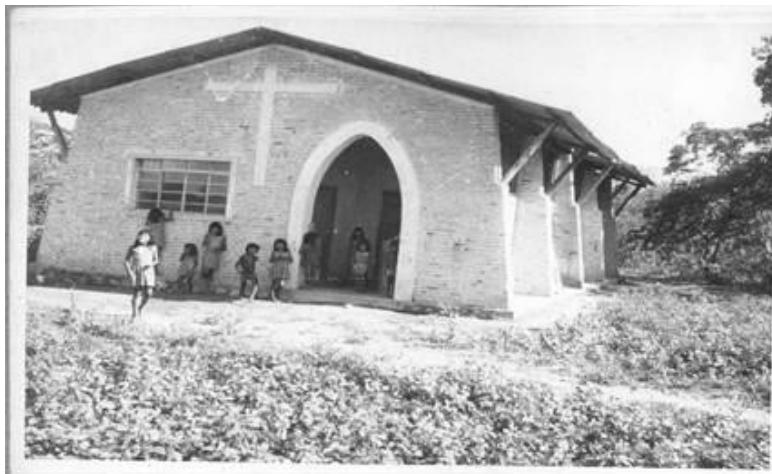
Só em 1985, novamente, professores Tapirapé assumiram salas de aula, acompanhados por Eunice e Luiz. Os três primeiros professores foram: Ronaldo Komaoro'i Tapirapé, já falecido; Alberto Orokomy'i Tapirapé e Kamoriwa'i Elber Tapirapé. Esses primeiros professores, que já tinham experiência na sala de aula, estudaram no Projeto Inajá I, que aconteceu de 1987 a 1990. Esse projeto foi promovido pelas Prefeituras Municipais de Santa Terezinha, Canarana, São Félix do Araguaia e Porto Alegre do Norte juntamente com a SEDUC – MT, em convênio com a UNICAMP. Esse curso de formação para o magistério aconteceu para os 32 professores da zona rural e também com a participação dos professores Tapirapé. A formatura desses três primeiros professores Tapirapé no magistério aconteceu no Projeto Inajá I em 1991.

Em 1993, novamente, a Prefeitura Municipal de Santa Terezinha promoveu o Projeto Inajá II, em conjunto com várias prefeituras da região. Nesse segundo curso de formação para o Magistério já foram 08 professores Tapirapé que participaram: Júlio César Tawy'i Tapirapé, Xawapare'ymi Genivaldo Tapirapé, Josimar Xawapare'ymi Tapirapé, Xaopoko'i Tapirapé, Xario'i Carlos Tapirapé, Kaorewygi Reginaldo Tapirapé, Agnaldo Wariniay'i Tapirapé e Nivaldo Korira'i Tapirapé. A formatura desses professores foi em 1996.

Lembrando também, naquela época, a primeira vez que ocorreu o reconhecimento da Escola Apyãwa pela Prefeitura Municipal de Santa Terezinha, com DECRETO Nº 003 de 07 de fevereiro de 1983, que dispõe sobre a criação de uma Escola Municipal na nossa Aldeia Orokotãwa, Área Indígena Tapirapé/Karajá, no Município de Santa Terezinha – MT.

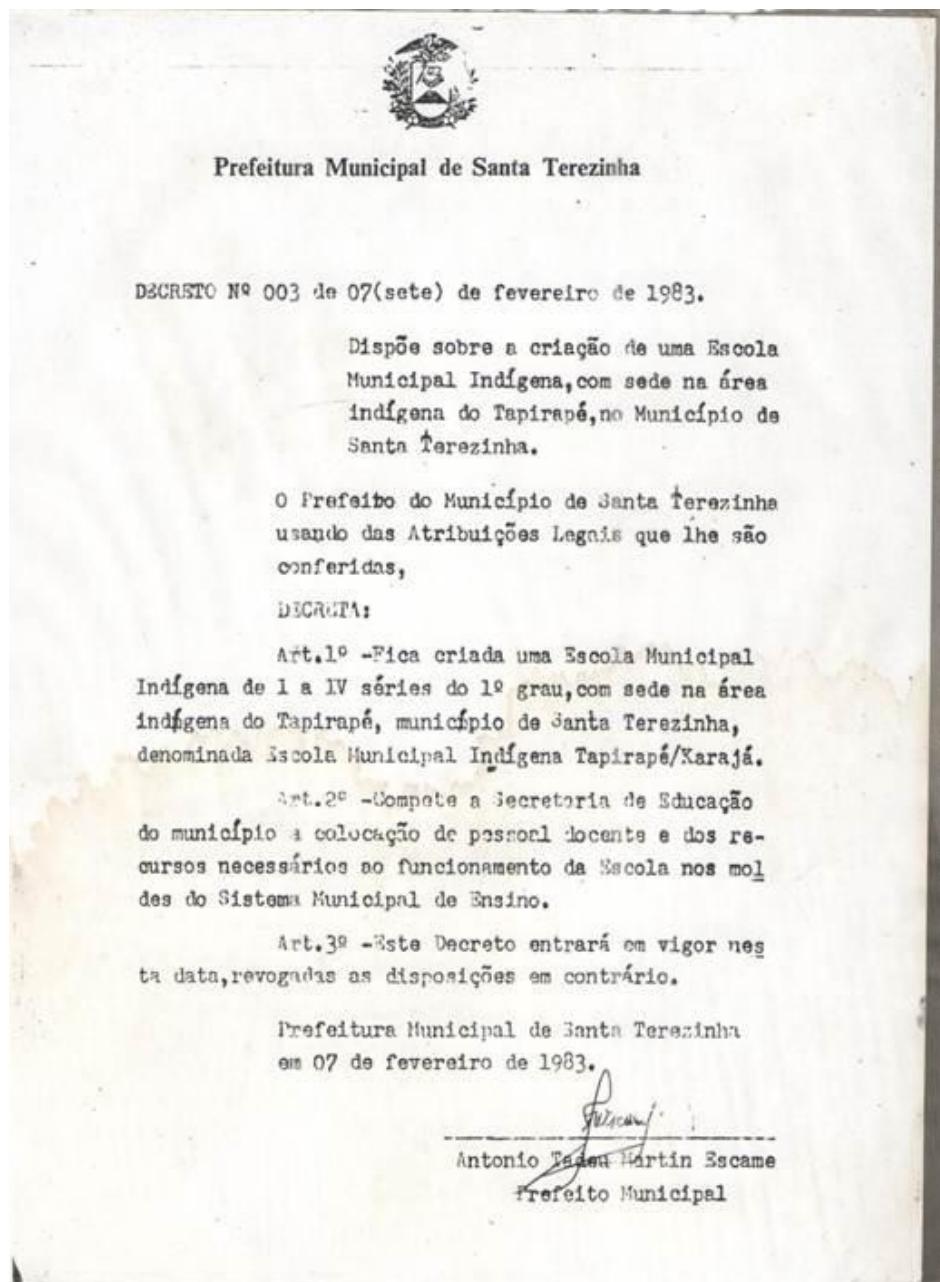
Veja a seguir a foto da 1^a Escola e o decreto de criação:

Figura 8 - Capela onde funcionava a 1^a Escola *Apyãwa*



Fonte: Acervo das Irmãzinhas de Jesus(1970)

Figura 9 - Documento do Decreto da 1^a Criação da Escola Municipal Apyāwa



Mesmo assim, acompanhei ainda estagiando com um professor, isso foi o meu interesse, com isso também frequentei o curso de magistério juntamente com os não-índios. Em seguida, logo em 1993, a Prefeitura Municipal de Santa Terezinha, MT, realizou um curso de formação de professores de magistério e esse curso foi chamado Projeto Inajá II, no qual oito professores Apyāwa/Tapirapé participaram juntamente com não-índios. Então, concluí esse curso de magistério em 1996, com muita coragem, interesse, esforço e responsabilidade, por isso a minha formação é magistério completo.

Figura 10 - 1^a Experiência de Kamajrao como professor



Fonte: Alberto Orokomy'i Tapirapé(1993)

Esta imagem da foto demonstrando a minha primeira experiência como o professor *Apyãwa* realizando uma atividade junto com os meus alunos da turma de séries iniciais na aldeia Orokotãwa na Escola Estadual de 1º Grau “Indígena Tapirapé” em 1993.

Figura 11 - cursando no Projeto Inajá II em Santa Terezinha- MT



Fonte: Xawapare'ymi Genivaldo Tapirapé(1995)

Mesmo assim, eu tive muito o sonho de estudar numa Faculdade e consegui realizar esse sonho, pois tive oportunidade de estudar na Faculdade de Barra dos Bugres, que foi a primeira cidade que acolheu com muito carinho um povo diferente participando do Curso de 3º Grau Indígena. Por isso, durante cinco anos estava estudando na Unemat de Barra dos Bugres, de 2001 a 2006.

Em 2006, concluí o meu estudo de Faculdade, por isso, atualmente a minha escolaridade é de Ensino Superior completo e a minha habilitação é Língua, Artes e Literatura. O meu tema de graduação foi sobre Cantos de Xakowi.

Figura 12 - Formando na graduação em UNEMAT



Fonte: A equipe de 3º Grau Indígena(2006)

Em 2008, aconteceu um curso de Especialização que mais uma vez a Unemat de Barra dos Bugres acolheu com braços abertos, abrindo oportunidade para os professores indígenas que terminaram 3^a Grau Indígena, isso ocorreu somente para povos indígenas do Estado de Mato Grosso. Por isso mesmo, elaborei com muito carinho e capricho o meu Projeto de Pesquisa na Especialização em Educação Escolar Indígena. E consegui ingressar novamente e participar do curso de Especialização. Durante esses anos de curso de Especialização frequentei bastante as aulas e a minha expressão oral cresceu bastante com muita participação ativa, principalmente nas trocas das experiências. O meu tema de pesquisa foi: EDUCAÇÃO TRADICIONAL DO POVO APYÃWA/TAPIRAPÉ.

Em 2010, concluí o curso de Especialização com muita alegria, emocionado, pois mesmo sendo cacique, afirmo que tenho certeza de que posso crescer no meu conhecimento, dessa forma com muita responsabilidade na educação da minha comunidade e ter competência, dignidade e compromisso com o meu povo *Apyāwa/Tapirapé* e como cacique dentro da minha comunidade, isso, com certeza, é a minha maior responsabilidade, com meu povo. Por isso mesmo, no ano de 2010, estava atuando como cacique e professor lutando pela causa da minha comunidade, direitos do meu povo, principalmente na demarcação da Terra Indígena Urubu Branco e na Saúde e Educação.

Figura 13 - Cursando Graduação em Barra dos Bugres – MT



Fonte: Oparaxowi Marcelino Tapirapé(2005)

Também neste momento, não deixo de esquecer de registrar a minha formação e carreira como liderança *Apyāwa/Tapirapé* que é muito gratificante para mim. Mesmo sendo professor, aceitei a indicação da minha comunidade e eu tive uma grande oportunidade e confiança depositada pelo meu povo no cargo de cacique. Então, durante esses anos, de 1998 e 2000 tive esta oportunidade de assumir este cargo, isso ocorreu na Aldeia Majtyri na Área Indígena *Tapirapé/Karajá*, no município de Santa Terezinha – MT.

No final do ano de 2000, aconteceu uma tragédia muito complicada com a saúde da minha irmã, que foi levada diretamente na U.T.I de Goiânia, onde ela faleceu no dia 27.12.2000, e o corpo dela foi levada para Aldeia Tapi'itāwa, Terra Indígena Urubu Branco, no município de Confresa-MT, e foi feito o velório dela na casa da minha tia Akoxi .Devido a isso, deixei este cargo porque a minha família decidiu fazer a mudança para cuidar do cemitério dela, porque a cultura *Apyāwa/Tapirapé* não permite deixar um cemitério sem ninguém da família, isso ocorreu no início do ano de 2001.

Figura 14 - Deixo a lembrança da foto da minha irmã Marapy'i



Fonte: Túlio Souza Muniz(1990)

No ano de 2006, novamente, fui escolhido como Cacique Geral do meu povo *Apyāwa/Tapirapé*, isso me fez mais ainda a ter a confiança, principalmente, a responsabilidade que recebi nesse momento e, mesmo assim, não deixei de ter participação na educação. Também tive nesse momento uma grande oportunidade da minha aprendizagem ao aprender a maneira do comportamento do verdadeiro Cacique

Apyāwa/Tapirapé, que tem que agir de forma respeitosa com as pessoas, sem usar uma palavra ofendendo as pessoas. Devido a isso, durante a minha carreira como Cacique Geral de 2006 até 2017, mostrei a minha atitude, responsabilidade, compromisso e comportamento de ser um dos melhores cacique, na maneira de tratar o meu povo, igualmente o meu avô Kamajrao tratava bem as pessoas e ele era uma grande liderança Apyāwa/Tapirapé naquela época. Também aprendi todos os cantos que o cacique então isso me levou a crescer, ao aprender entoar todos os cantos, por isso tive oportunidade de aprender junto com os sábios, principalmente, com meu pai Kaorewygi que é grande conhecedor da nossa cultura, repassando o seu conhecimento para mim.

Figura 15 - Formando como liderança Apyāwa



Fonte: Demilson Makarore Tapirapé(2013)

Além de cumprir todo o processo da minha formação como uma liderança, tive ainda uma grande oportunidade, a responsabilidade de assumir um compromisso seríssimo para o meu povo, que é de ser o dono da nossa festa tradicional Tawā (Kopi), isso também foi parte do nosso processo de aprendizagem com a Makato, no qual, nesse momento, fomos aprovados de forma cultural Apyāwa/Tapirapé, fomos heróis ao aprender todos os cantos rituais que são entoados pelo líder Apyāwa, da mesma forma foi Makato, ao aprender todos os cantos entoados pela mulher.

Nesse sentido, fomos muito agradecidos pelo nosso povo porque tivemos uma honra, ao assumir com responsabilidade e respeitosamente cumprindo corretamente o papel do

verdadeiro líder *Apyãwa*. Sempre deixamos na nossa memória a pessoa que foi um exemplar de um líder *Apyãwa*: o meu avô Kamajrao, que era um grande líder *Apyãwa*, era muito respeitado pelo seu povo, assim, também fiz, cumpri o meu papel com responsabilidade, atuando como verdadeiro líder *Apyãwa*, mostrando a minha atitude para a nova geração *Apyãwa*, principalmente, no sentido de respeitar as pessoas da nossa comunidade, devido ao fato que recebi este nome famoso, Kamajrao.

Por isso, no ano de 2014, tivemos uma conversa com Paxepára, ele é pajé e me informou que iria trazer uma novidade importantíssima, de um novo Tawã que é Kopi, que seria nós que assumiríamos de ser dono e tivemos muita coragem e responsabilidade nesse caso, cumprindo todos os rituais que pertencem a esta festa, principalmente Ka'o, o ritual que acontece somente à noite. Então, ele trouxe este espírito de Kopi transformado em Tawã.

Os Kopi era um grupo isolado que somava somente duas pessoas e este grupo foi encontrado naquela época antiga pelo guerreiro Xako'iapari e seu irmão. Com muita luta e coragem, conseguiram pegar a mulher, agora o homem foi morto. Devido a isso, o pajé, naquele tempo, via o espírito do Kopi através do sonho e trouxe esta festa de TawãKopi, só que, durante o passar do século, o povo *Apyãwa*/Tapirapé não sabia que tinha TawãKopi, mas, através do Paxepára, este ritual de TawãKopi se recuperou através da minha pessoa, junto com a minha esposa Makato, por isso mesmo, este ritual de Kopi é, especificamente, da nossa família.

Também quero deixar registrado que a mulher Kopi teve que criar um menino *Apyãwa*, ao qual ela deu o nome para seu filho adotivo Panawyete, além desse nome ela repassava os nomes do grupo dela do Kopipara para a família do esposo, como: Iona'i, Koxawiri e Ka'axowa, estes nomes surgiram do grupo Kopi.

Assim, foi trazido este espírito de Kopi através do sonho pelo atual pajé Paxepára.

Figura 16- A minha primeira experiência de ser dono de TawãKopi.



Fonte: Arokomyo'i Pablo Tapirapé(2014)

Mesmo que consegui cursar a graduação completa, o meu grande desafio e expectativa eram de continuar os meus estudos e participar de um Curso de Formação para Apoio Administrativo e hoje o meu sonho está realizado através do Curso de PROFUNCIONÁRIO, que é um Curso muito interessante, pois tem seu objetivo de capacitar, ou seja, investir na formação das pessoas que atuam no sistema escolar. Mesmo que encontrei dificuldade, principalmente, nas palavras novas, mas com a ajuda dos companheiros e companheiras, consegui compreender e fazer a prática.

Figura 17-Cursando PROFUNCIONÁRIO em Confresa – MT



Fonte:Makarore Demilson Tapirapé(2015)

Diante de muita responsabilidade e compromisso tive que assumir com seriedade este curso de Profuncionário, o qual foi concluído em 23/12/2016, o curso: Técnico em Infraestrutura Escolar, na modalidade Educação Profissional de Nível Médio, Eixo Tecnológico Desenvolvimento Educacional e Social, pelo Programa de Formação Inicial em Serviço dos Profissionais da Educação Básica dos Sistemas de Ensino Público – Profuncionário.

Figura 18- Formando no Curso de PROFUNCIONÁRIO em 2016



Fonte: Elaine Darc Ramos (2016)

Nos anos seguintes, 2017 até 2021, não tive o pensamento de levar o meu estudo em diante. Durante o ano de 2022, a Makato esteve sempre me pressionando, cobrando a continuação do meu estudo e, com isso, tive que aceitar o convite dela, por causa de tanta pressão, dando ainda mais o incentivo para mim e me inscrevi a fazer o mestrado da Unemat de Barra do Bugres, o mestrado em Ensino em Contexto Indígena Intercultural - PPGECII, linha de pesquisa Ensino, Docência e Interculturalidade, com título Relações de Parentesco do Povo Apyāwa/Tapirapé , na qual foi aprovado na 4^a turma de mestrandos.

Figura 19-Kamajrao aprovado na seletiva de mestrado



Fonte: Koxamy Fabíola Tapirapé (2019)

Esta minha imagem na foto está representando uma imensa satisfação, de tanta alegria quando vi o meu nome na lista de aprovação na seletiva de 4^a turma de mestrado na Unemat, campus de Barra do Bugres-MT em 2023.

Não deixar de registrar também os nossos filhos que ocorreram durante o nosso casamento, tivemos quatro filhos, os nomes são: o primeiro filho se chama Arokomyo'i, o segundo filho Tawaxare'i, a terceira filha Tarywajoo, o quarto filho se chama Koromí e hoje temos onze netos. Assim, finalizo a minha história de carreira como educador e de formação de uma liderança Apyäwa/Tapirapé.

REFERÊNCIAS

SILVA, Adailton Alves da; PAULA, Eunice Dias de; PAULA, Luiz Gouvêa de; FERREIRA, Lucimar Luisa; FILHO, João Severino (Orgs.). **XANEXEMA'EÄWA PARAGETÃ – História da Educação Escolar Apyäwa**. Cuiabá: UNEMAT, [s.d.]. Disponível em: <https://portal.unemat.br/media/files/Hist%C3%83ria%20da%20educa%C3%A7%C3%A3o%20escolar%20Apy%C3%A3wa.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2025.

SEVERINO-FILHO, João. **Marcadores de tempo Apyäwa: a solidariedade entre os povos e o ambiente que habitam**. Rio Claro, SP: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2015. Tese (Doutor em Educação Matemática) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus de Rio Claro-SP. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/11449/134038/1/000857303.pdf> Acesso em: 17 jun. 2025.

Entrevista

Sou **Carlos Xario'i** Tapirapé da aldeia *Tapita'wa* do município de Confresa, terra indígena Urubu branco. E vou falar um pouco aqui sobre ciência da natureza conforme do meu conhecimento e também conforme que o nosso povo conhece sobre a ciência da natureza. A minha formação é me graduei na Arte e Língua e Literatura. Vou dar essa minha experiência também de como trabalhamos a educação de nossas crianças na aldeia.

Então, a minha, eu tive muitos sonhos de entrar em uma universidade quando eu concluí o curso de magistério, e então a UNEMAT trouxe essa primeira graduação – que era esse 3º grau Indígena, e naquele momento eu me inscrevi, concorri com os parentes no qual eu fui selecionado também como passei nessa graduação. Então, eu durante o meu estudo, eu tive grande desafio de conhecimento que ia levar para minha aldeia sobre a nova conhecimento que eu tive dentro da universidade e esse conhecimento teve que retornar para minha aldeia na qual passarei pra minha comunidade e pra minha é, para meus alunos também. Como, por exemplo, da ciência da natureza. A ciência da natureza faz parte da nossa, da nossa cultura, da nossa identidade, da nossa diversidade de conhecimento da natureza. Então, através, sem natureza, a cultura Tapirapé também não é nada. É por isso importante natureza ligada com a cultura Tapirapé. Isso sempre a gente traz esse conhecimento para os nossos alunos, compreender melhor sobre a nossa ciência da natureza.

Então, dizer um pouco sobre a ciência que faz parte da cultura tradicional do povo Apyãwa. Por exemplo, um calendário. O calendário, a gente sempre vem colocando tradicionalmente. Que cada espécie, são colocadas, que vem marcando o nosso calendário tradicional, como por exemplo. A Flor do Urucum, e está marcando que é uma marca importante para nós, como por exemplo a flor da árvore, está marcando que os tracajás estão saindo, ou seja, que os tracajás estão botando ovo na praia. E outras flores que marcam que a água está baixando. Então, tudo isso faz parte da nossa natureza, na ciência da natureza. Então, informa que os nossos conhecimentos já vinham conhecendo essa maneira de conhecer essa a nossa marcação de tempo, então esse é um exemplo que estou colocando aqui nessa minha entrevista. Porque esse nosso calendário também serve como uma marcação muito importante para nós.

É um desafio que a gente é, é um desafio que a gente vai levar também para nossa escola, os nossos conhecimentos, porque esses desafios também pode ajudar as pessoas que nunca viu sobre as Ciências da Natureza, isso também a gente pode deixar nas escola, como por exemplo, nos nossos currículos para que trata nossos companheiros, nossos anciões também podem reconhecer esses documentários dos nossos desafios que a gente pode levar através dos nossos currículos.

Bom, a gente tem uma dificuldade assim. É, por exemplo, No sistema, né, sistema que cada vez mais está tendo a maior tecnologia que cada tempo, cada ano vai outros, outras diferentes tecnologias são, a gente se encontra mais através de sistema, sistema de, por exemplo, do Seduc também, então isso a gente encontra muito dificuldade. Colocar o nosso próprio conhecimento dentro desse sistema. Ou então a gente é acompanhar esse sistema, é cada 4 em 4 anos, é cada governo, muda essa, esse sistema diferente, então essas que a gente encontra mais dificuldade.

É muito, é muito importante dizer também sobre os nossos conhecimentos de voz, deixar a minha a minha voz por aqui em nome da comunidade que a gente sempre vem lutando a causa natureza, a causa das pessoas que vivem igual ao indígena, também, a gente sempre vem lutando e é por isso que a nossa grande luta hoje é sobre a natureza. Porque através da natureza a gente pode respirar um bom ar, é através da natureza, a gente pode ter um clima muito, climatização muito bom. Agora, se a gente não cumprir a natureza, se a gente está destruindo a natureza própria, a natureza após, pode se vingar pelo homem também. Então a gente sempre respeita a natureza. E, sempre a gente defende a natureza também, agora tem assim, dizer sobre política. Político é cada vez mais só querendo acabar com a natureza. Trazendo cada vez mais qualquer tipo de destruição da natureza e isso também a gente, não podemos aceitar, porque a gente faz parte da natureza.

Então, a minha visão sobre acompanhar assim a mudança de currículo, e eu fico muito assim. É pensar que antes não sabia como que a gente não conhecia sobre a natureza, sobre ciência da natureza, então quando entrei numa faculdade a minha visão era totalmente diferente. Porque várias pessoas e vários professores que teve dado a sua experiência, isso me fez bastante com o olho aberto para que eu posso levar esse conhecimento, ou então fazer um novo currículo com essas pessoas para a gente levar um novo desafio para que as nossas crianças das nossas comunidades também podem ver esses resultados que a gente está levando através do conhecimento dos professores e

próprios dos alunos também, isso me fez bastante, me cresceu também de conhecimento De conhecer a cada a cada experiência de cada povo. Então, isso trouxe para mim um novo crescimento. E podemos fazer um bom trabalho com esse novo currículo.

<https://youtu.be/ntrFqRukYgs>

Então, para mim, as novas opiniões, a minha opinião. É dizer que o meu grande aspecto sobre Educação Indígena de Mato Grosso é dizer que tem uma formação de qualidade, de formação que está levando um conhecimento muito bom para nossas comunidades, para que os nossos, as nossas crianças, nossas crianças possam ter um bom aula de qualidade. Isso pode nos levar para nossas aldeias para que esses conhecimentos possam ajudar bastante. Nossas comunidades, nossas criançadas, jovens, isso. Isso quero deixar registrado para que a nossa educação indígena seja de forma muito, muito diferente, para que essa educação seja de qualidade para nossas crianças.

O aspecto que a gente precisa melhorar, eu acho que no meu conhecimento seria uma formação. De levar esse conhecimento. De uma forma de conhecimento de cada povo mesmo.

CAPÍTULO 8

SABERES ANCESTRAIS E ENSINO: A CONQUISTA DE UM EDUCADOR APYÃWA

Klebson Awararawoo'i Tapirapé - APYÃWA-TAPIRAPÉ

Aoxekato.... Primeiramente me apresento a você, leitor e leitora.

De acordo com documento, meu nome registrado é **KlebsonAwararawoo'iTapirape**, porém, meu nome atual é *Axa'a'i*.

É importante ressaltar que, nós, do povo *Apyãwa* recebemos vários nomes, eu, por exemplo, quando nasci, recebi o nome *Xemykwera*. Na fase *xyre'i'i* (rapazinho), deixei esse nome de criança e recebi outro nome que era *Awararawoo'i*, o qual está registrado no meu documento pessoal. Seguindo o rito, entrei na fase de *Awa'yao'i'i*, a terceira passagem que acontece em nossa cultura, quando eu recebi o nome *Ikorawatori*. Após isso, me prepararei para realizar o ritual da última fase do rito de passagem masculina *Apyãwa*, ou seja, a festa do rapaz, na qual eu me tornei como *awa'yao* (rapaz), onde também recebeu outro nome, que atualmente é *Axa'a'i*.

Conforme expliquei acima, nós, como povo *Apyãwa*, recebemos os nomes, de acordo com os ritos de passagem de vida, ou seja, quando nascemos, recebemos o primeiro nome. Entrando na fase adolescente, recebemos outro nome. E assim vem o rito de passagem de vida para fase adulta para receber outro nome, além dos outros nomes até o envelhecimento. Tenho 35 anos, sou casado com Carmen Inamoxigi Tapirapé, tenho uma filha de 12 anos, um filho de 7 anos e o caçula de 1 ano e 2 meses. Sou o último filho “caçula” de JoséAntonioXawaraxowiTapirapé, com EirowytygiTapirapé. Meus pais não tinham e não têm conhecimento sobre os códigos da escrita escolar, pois não tiveram oportunidade de estudar na escola.

Conforme informação da minha mãe, eu nasci no hospital de São Félix do Araguaia-MT, em 31 de outubro de 1989. Morava na aldeia denominada *Orokotãwa*, onde eu poderia ter nascido, mas conforme acompanhamento e avaliação da gravidez da minha mãe pela

equipe de saúde, eu nasci em outra localidade. Naquela época, quem dava suporte no atendimento da saúde para os *Apyãwa* eram as equipes das irmãzinhas de Jesus.

Até no ano 2000, morávamos próximo ao rio, uma vez que a principal subsistência nossa eram as riquezas do *Awioy* (Rio Tapirapé), como: peixes e tartarugas, além das caças e produtos da roça. Meus pais são atores principais nossos, em relação à vida que nos deu e por ter compartilhado os conhecimentos cognitivos sobre os segredos do contexto da vida do nosso povo *Apyãwa*.

Quero recordar aqui uma história que sempre carrego comigo, o que marcou e bate muito forte na minha história de vida, era conhecer meus avós paternos e meu avô materno, pois antes que eu existisse já tinham falecido. Por isso, destaco que a partir dessas circunstâncias lamentáveis, nunca usei a palavra *xeramoja* que significa “meu avô”. É uma triste realidade que marcou minha vida, pois já tinha falecido tanto o pai da minha mãe, quanto o do meu pai, quem eu ia chamar de *xeramoja* “meu avô”. Quanto ao termo *xaryja* “minha avó”, da parte da minha mãe convivi com ela até os meus 10 ou 11 anos de idade, pois não me lembro bem. A única *xaryja* “minha avó” que eu convivi na família, mas não por muito tempo, porque faleceu antes que eu deixasse a minha vida de criança. Todas essas situações lamentáveis ficam eternamente na história da minha família. No entanto, posso dizer também que a minha infância foi ótima, pois vivíamos próximo ao *Awioy* (Rio Tapirapé), cheio de coisas naturais. No ano de 1996, aproximadamente, mudamos de *Orokotãwa* para aldeia *Majtyritãwa*.

A minha vivência em *Orokotãwa* e *Majtyritãwa* era super maravilhosa, pois tinha toda a natureza e o tempo livre para brincar, aprontar e sensibilizar a pureza do ambiente natural. Aprendi muita coisa durante minha infância, pois era uma vida totalmente focada na educação *Apyãwa* e sempre conectada com a natureza.

Quando se trata do contexto da concepção educacional indígena, confesso que não se aplica o sistema de cronometragem para os ensinamentos, pois não há fronteira que rompe a aprendizagem das crianças na comunidade.

Meus pais sempre me deixavam livre para aproveitar minha infância. Eu brincava com meus amigos, subia nas árvores, comia frutas, tomava banho de chuva, no rio, às vezes, até jogava bola, pois isso é muito normal na vida das crianças. Sempre acordava bem cedinho e sentia aquele cheirinho de fumaça do fogão à lenha que meu pai e minha mãe sempre

acendiam, pois a hora que nós levantávamos íamos direto nos esquentar. Sempre me lembro das coisas maravilhosas que presenciei e fiz na minha infância, como, por exemplo, *dexapie’ema* (pega-pega) e subir na árvore para pular na água, pois o rio passava próximo da nossa aldeia.

Recordo-me do rio que passava próximo, onde tomava banho com meus amiguinhos de infância, inclusive, matávamos peixinhos e até peixes grandes com arco e flechas, com anzol e levava para nossas casas. Conforme a combinação com os amiguinhos, às vezes, levávamos na *Takāra* (casa dos homens/casa ceremonial) para assar e comer, pois cada um tinha contribuído para levar alguns alimentos, como: farinha, sal e pimenta. Lembro muito bem também e posso dizer que eu adorava brincar nos terreiros da casa com meus sobrinhos, inclusive, com meus amigos. Está marcado também no histórico da minha vida o momento de criação dos filhotes dos pássaros, como: gavião, mergulhão, arapapá e entre outras.

Para alimentar esses filhotes, eu e outras crianças atirávamos nos passarinhos e lagartixas ao redor da aldeia, da casa ou então íamos à beira do rio para matá-las, com intenção de alimentar, especialmente, gaviãozinho. Mas para alimentar os filhotes de pássaros aquáticos, como, mergulhão e arapapá, nós sempre saímos bem cedinho para o rio e para os lagos que ficavam próximos da aldeia para atirar nos peixinhos, exatamente para sustentar os filhotes. Quando algum dia eu falhava por não buscar alimentos para os bichinhos, meus pais, como já conhecedores do fundamento da vida, me davam conselhos, despertando minha atenção pela falha que eu tinha cometido. Isso porque os meninos que não têm afeto para criar os filhotes de seres vivos, como animais e pássaros, significa que não será um bom pai, inclusive, é um processo de aprendizagem para ser um grande caçador e pescador na vida.

Quando já crescido, na fase adulto, como um pai de família, esse processo de aprendizagem vivenciada lá na fase da minha infância, me fez compreender sobre a responsabilidade de ser um pai. Era uma educação que meus pais tinham me dado para me adaptar, tradicionalmente, os segredos de sobrevivência.

É importante destacar, também, as coletas de frutas nos tempos da minha infância que fazem parte da minha trajetória de vida em relação ao meu aprendizado tradicional. Quando ainda criança, também coletava muitas frutas silvestres que se encontravam

próximas da aldeia ou da nossa casa. Onde eu morava, na fase de infância, era um lugar muito rico de frutas, pois ficavam bem pertinho da aldeia e da casa, por isso, não íamos muito longe para coletar. A partir desses momentos, eu tive oportunidade de saborear os gostos de frutas, aprendendo, também, seus nomes e suas características, inclusive, a importância delas na cultura *Apyãwa*.

À noite, se realizavam várias brincadeiras no pátio da casa. Além das brincadeiras noturnas, no pátio, também tive meus momentos de aprender os conhecimentos sobre o universo, como os significados das estrelas e da lua nos saberes *Apyãwa*. Nessa época não tinham tecnologias que conhecemos hoje, como o programa do governo “Luz para todos (energia)”, o qual adentrou em nosso mundo, a partir de 2009, trazendo a televisão, o celular e muitas outras coisas, mudando totalmente a realidade que eu presenciava na minha infância. Na minha infância, tinha vivenciado momentos com tempo livre, conforme a nossa cultura e muitas aprendizagens, a partir das diversões repletas de alegria.

Embora tenha dito na introdução, quero enfatizar novamente minhas passagens de vida em cada fase, de acordo com os rituais. Aos 11 anos de idade, me tornei *xyre'i'i* ou *apixokori*, minha passagem para fase adolescente, deixando minha vida de ser criança e receber meu segundo nome, conforme a nossa cultura, ou seja, meu primeiro nome foi *Xemykwera*, segundo nome *Awararawoo'i*, terceiro nome *Ikorawatori*, e o quarto nome, que é meu nome atual *Axa'a'i*. Nesse processo de passagem, recebi orientações dos anciãos e dos meus pais, especialmente, sobre respeito. Na cultura *Apyãwa*, nunca podemos desobedecer aos mais velhos, e devemos respeitar o próximo e os códigos culturais do nosso povo. Esse ritual de passagem tem como norma liberar os meninos para acompanhar os adultos em todos os momentos de rituais, onde aprendemos os segredos de vida *Apyãwa*, como ser um bom artesão, conchedor de história, mitos, cantos, rituais e vice-versa. Destaco que nessa passagem de vida, entrei na fase de *xetanogãwa*, ou seja, um elemento do processo de resguardo que resulta nas pessoas coisa boa e coisa ruim. Na cultura *Apyãwa*, durante o ritual de passagem de vida ou em quaisquer tipos de resguardos, o corpo da pessoa fica aberto para seguimento da vida. Sendo assim, quando se realizou o meu primeiro ritual de passagem, meus pais me orientaram bastante para que pudesse ter o máximo de cuidado em relação às coisas ruins, pois isso é pelo resto da vida.

Aos 14 anos de idade, passei pelo último ritual de passagem, o qual chamamos de *Awa'yaorarywa* “Festa do rapaz”, ou *Awa'yaoleakygetaxiāwa*, processo de passagem para a fase adulta, deixando também minha vida de adolescente.

Figura 1: Festa do rapaz



Fonte: Walkiria Neiva Praça, 2004

Tudo isso ficou na minha memória como aprendizado, pois foram os momentos que marcaram a minha trajetória de vida na base dos contextos culturais do nosso povo *Apyáwa*. Quero destacar, também, que quando estava na fase adulta, passei a compreender a importância desses processos de rituais de passagem de vida, uma vez que na cultura milenar significa preparar o corpo do jovem para os vários segmentos dos projetos de vida *Apyáwa*. Nesse processo de passagem de vida *Apyáwa*, o rapaz se torna um homem maduro na comunidade. Durante o ritual, o corpo do rapaz fica em transformação, tornando-se um homem adulto que futuramente será resistente para quaisquer tipos de atividade mais pesada, como, carregar madeiras, trabalhar na roça, carregar os produtos da roça, caças e peixes moqueados com *peyra* (cesto de carregar os objetos com maior quantia) e vice-versa. Inclusive, *Awa'ya* (rapaz) recebe permissão para consumir certos alimentos, como a carne de frango, mutum e outras carnes de aves que consumimos para a nossa sobrevivência na fase adulta. Sendo assim, esse ritual é extremamente importante para nosso povo.

Cabe salientar que, com esses rituais, também adquiri bastante experiência, especialmente, nas práticas de alguns rituais considerados fundamentais para o nosso povo. Uma delas foi a experiência cognitiva de meu pertencimento, ou seja, de ser *Apyãwa*, a partir da qual me tornei um dos atores principais do nosso povo para a realização de alguns rituais importantes, como: *iraxao* (aruanã), *tawã* (cara grande), *ka'o* (um ritual que se realiza no período noturno), *kawiypyparakãwa*, *kawiepexynãwa* e *axywoja* (outros tipos de aruanã). Tudo isto fica como um dos meus maiores conhecimentos, através das minhas convivências com os sábios, que são as pessoas especialistas dos nossos conhecimentos milenares. Confesso que sou encantado por cânticos dos rituais do nosso povo, por isso, me dediquei bastante para dominar suas regras, no sentido de somar corpos de resistência para sustentar esses saberes.

Nesse processo, o meu maior desafio foi o momento de vestir os corpos dos espíritos perigosos, como *iraxaoetawã*, os quais saem para festejar com o povo *Apyãwa*. Considero um grande desafio, porque caso cometam algum erro durante os rituais, as consequências malignas causadas pelos espíritos podem afetar a população inteira, principalmente, as pessoas que saem vestindo seus corpos.

Figura 2:*Iraxao*



Fonte:Orokomy'i Tapirapé, 2022

A partir desse momento, tive a percepção da importância do contexto de *xepaanogãwa* na nossa cultura. *Xepaanogãwa* é um ritual de comunicação do povo *Apyãwa* com os espíritos, ao mesmo tempo, é preciso alimentá-lo e alegrá-los para concretizar um bem-estar de vida, para viver por mais tempo, sem sofrer coisas malignas. Outro momento que me marcou muitíssimo, também, com a maior alegria, foi tocar a famosa

ywyrapāramoro, uma vez que ela é tocada somente pelos líderes ceremoniais e pelo *kapitāwa/cacique*. *Ywyrapāramoro* é um arco tradicional dos líderes *Apyāwa* em determinados rituais, ou melhor, é a representação das figuras importantes do povo *Apyāwa*.

Além desses conhecimentos, tenho aprendido a confecção dos seguintes instrumentos: flecha, *peyra*, borduna, arco, *tamokoramaxygāwa* e *xy'ā* (cabo de machado). Nesse sentido, com muito orgulho, destaco, sabidamente, aqui a importância dos conhecimentos que tenho aprendido até neste momento da minha vida, a partir da nossa educação *Apyāwa*. Com base nessa experiência, venho contribuindo positivamente para o meu povo *Apyāwa*, nutrindo fortemente a nossa política de atualização cultural e linguística na comunidade, reconhecendo a importância dos nossos saberes ancestrais, uma vez que nossos anciões estão morrendo aos poucos, levando consigo seus conhecimentos conectados efetivamente ao contexto tradicional do nosso povo. No entanto, o fortalecimento da nossa cultura e língua milenar é mesmo no sentido de honrar a dedicação dos nossos anciões pelas vidas que vêm se passando de geração para geração, milenarmente.

Ressalto, também, aqui neste relato, o meu casamento que aconteceu com minha querida esposa Carmen InamoxigiTapirape, no ano 2011. Eu tinha 22 anos de idade e a minha esposa, 16 anos. Com toda sinceridade e respeito, digo que é uma pessoa incrível e generosa que me acolheu como seu esposo e com quem eu construí uma família. Tivemos a nossa primeira filha Letícia Taxirowytyga Tapirapé, em maio de 2012, foi a maior felicidade que eu tive quando me tornei pai. A minha família também ficou muito feliz pela minha primeira filha. Em outubro de 2017, nasceu meu segundo filho, Marcos TawyTapirapé, que hoje tem 7 anos de idade. Meu caçula EndrickTaropā Tapirapé nasceu no dia 14 de dezembro de 2023, momento em que eu cursava o mestrado. São as pessoas que ascenderam à minha maior felicidade por toda vida.

Recordo aqui, também, que na cultura *Apyāwa*, quando o rapaz realiza seu casamento, ele tem obrigação de morar na casa dos pais da sua esposa. Isso é comum na cultura *Apyāwa*, assim, eu tive que me afastar dos meus pais, conforme a nossa cultura, morando com a família da minha esposa. Por isso, a partir do ano 2011, eu tive que acompanhar a família da minha esposa que mora na aldeia *Myryxitāwa*, Terra Indígena Urubu Branco. Lá passei por novas experiências, uma vez que fui morar longe dos meus pais, onde minha responsabilidade se tornou maior para sustentar a família. No entanto, com todo esforço e dedicação de buscar o futuro melhor para mim, eu superei as dificuldades

anteriores e me tornei professor *Apyãwa*, conquistando minha própria fonte financeira. Mesmo assim, nunca deixei de lado a minha prática cultural como pescaria, caçada, plantar na roça para sustentar minha família.

Comecei a estudar no ano de 1996, com sete anos de idade, numa escola estadual situada na aldeia *Orokotãwa*, no município de Santa Terezinha-MT. Era uma escola para e com o povo *Apyãwa*. Ingressei na vida escolar sem ter noção do que seria de mim, a partir desta concepção da educação escolar indígena. No primeiro momento da vida escolar, fui alfabetizado na língua materna conforme o regimento da nossa educação escolar indígena, pois até no 4º ano, a nossa escola aplica o processo de ensino somente na língua materna. Ao entrar no 5º ano, era o início do contato com a segunda língua, que é a língua ocidental (*Maira*). Naquela época, a educação escolar *Apyãwa* já estava avançada na formação dos jovens *Apyãwa* em relação ao domínio do mundo da escrita, pois funcionava na comunidade desde 1973. Portanto, quando iniciei a minha vida estudantil, a história da nossa educação escolar indígena já ultrapassa mais de 20 anos e as aulas já eram ministradas pela maioria dos próprios professores *Apyãwa*.

Lembro-me ainda hoje daquela escolinha que marcou a minha primeira vida estudantil na aldeia *Orokotãwa*, pois era uma ponte inicial, rumo à vida escolar. Era uma casinha bem simples, uma sala de aula com piso de chão sem cimento, paredes feitas de barro, cobertura feita de palha, não tinha janelas, apenas uma porta. Não tinha nada de material feito de concreto como os modelos de prédios que vejo atualmente nas comunidades, construídos pelo estado, pois era uma construção feita pela boa vontade da própria comunidade *Apyãwa* para que as crianças não deixassem de frequentar as aulas.

O foco do ensino era o domínio da escrita, tanto da escrita ocidental, quanto da nossa escrita, portanto, um ensino bilíngue. Sabemos que o bilinguismo conceitua o domínio de duas línguas para se expressar, se defender, interagir com o outro mundo da sociedade. Na maioria das vezes, o bilinguismo ocorre na sociedade de forma obrigatória para quebrar as barreiras que impedem os indivíduos das tais situações explicitadas anteriormente. A legislação brasileira, a partir da Constituição Federal de 1988, rege esse direito para educação escolar indígena. Assim o bilinguismo foi concretizado em nossa educação escolar na década de 1970, objetivando a formação das crianças e dos jovens defendendo os direitos territoriais e sua autonomia. Desde esse tempo, por conta das experiências vividas, em relação às dificuldades e necessidade de compreender e se comunicar na língua

ocidental, tanto na oralidade, quanto na escrita, para reivindicar nossos direitos ao estado, principalmente, sobre a demarcação da nossa terra, já sentíamos a necessidade de aprender a língua portuguesa, como segunda língua.

Em 1970, o povo Tapirapé, apresentou a necessidade de uma escola na aldeia, após várias discussões a respeito dos pontos positivos e negativos que a escola traria para a comunidade. O objetivo da escola na aldeia surgiu de várias necessidades, entre elas, a luta pela terra. Nossos líderes necessitavam do domínio da língua portuguesa para dialogar com os governantes, ou seja, as pessoas competentes que respondiam pela questão fundiária. Após vários movimentos e discussões sobre a criação da escola na aldeia, em 1973 a Prelazia de São Félix do Araguaia aceitou a proposta da comunidade de iniciar a escola com o povo *Apyãwa* (PPP, 2009, p. 28).

Assim, era total o apoio da comunidade para atuação dos professores na educação escolar indígena, objetivando o protagonismo *Apyãwa* para se conectar conscientemente no âmbito das políticas públicas federais, estaduais e municipais em prol da comunidade. O fundamento da nossa educação escolar indígena era e ainda é trabalhar primordialmente o ensino de língua materna nas séries iniciais, e assim se iniciou meu primeiro contato com o mundo da escrita escolarizada, com aulas todos os dias, no período matutino, de segunda-feira a sexta-feira. Com isso, percebi que minha vida tinha caminhado para outro ambiente distinto, pois não era o ambiente que eu frequentava antes.

Inicialmente não me acostumava com a vida escolar, uma vez que não tinha liberdade de realizar as atividades desde antes, pois agora era preciso estar na sala de aula todos os dias. A rotina era totalmente outra, pois era uma nova trajetória que inicialmente me incomodava muito, no sentido de romper com a minha liberdade de relacionar com o mundo natural *Apyãwa*. Muitas vezes, não acompanhava mais meu pai na roça, na pescaria, e dentre outras atividades importantes, porque estava estudando, cumprindo carga horária das aulas, num único espaço, num ambiente fechado entre quatro paredes, conduzido por um professor. Por sua vez, meus pais, como eternos orientadores, incentivaram-me a me dedicar a trajetória de vida escolar, tendo em vista que o novo sistema destruidor “*Maira rekaxywaatý/política de dominação ocidental*” se alastrou na comunidade, prejudicando o modo de vida dos povos indígenas. Assim comecei a dar importância ao ambiente escolar, com o objetivo de seguir efetivamente a vida estudantil para o mundo intercultural.

O material escolar, como: caderno, lápis e borracha era fornecido pela própria escola, uma vez que na época já estava sendo reconhecida como instituição estadual indígena Tapirapé. Na hora do recreio, era sempre livre e aproveitava para brincar com meus colegas

de estudo, inclusive, a gente corria para o mato para coletar frutas que se encontravam próximas da escola, como: *magāwa*/mangaba, *morio*/murici-grande e *morore*.

A partir da atividade metodológica da prática de ensino do professor, recebo como minha primeira atividade escolar uma ilustração de *wyra'ipypara* (rastro de passarinho). Recordo-me que essa foi a atividade que ficou marcada como meu primeiro contato com o mundo da escrita escolar, pois não foi fácil no primeiro momento. Todo mundo se esforçava nesse processo escolar para aprender a escrever com lápis no caderno. É fundamental frisar que naquela época os professores *Apyāwa* alfabetizavam os alunos iniciantes por meio desta experiência metodológica na educação escolar *Apyāwa*, com o objetivo de facilitar o ensino e aprendizagem da escrita.

A partir dessas atividades, comecei a me familiarizar com a escrita que a nossa comunidade tanto desejava. A alfabetização era e ainda é apenas na escrita de nossa língua materna, concretizando a língua como um conhecimento de extrema importância no âmbito educacional escolar *Apyāwa*. E com essa metodologia de ensino e aprendizagem, comecei a aprender a ler, especialmente, na língua materna. Os conteúdos trabalhados durante a minha fase de alfabetização eram relacionados com a riqueza natural da área indígena Tapirapé/Karajá, a partir dos nomes dos peixes, animais, plantas e lugares sagrados.

A parte sociocultural, que incluía rituais, cantos, artesanatos, pinturas corporais, também eram fontes de conteúdo durante a minha alfabetização. Além desses conteúdos, o sistema de contagem e a matemática também se concretizou na minha fase de alfabetização. Portanto, no decorrer dos anos letivos, fui praticando os conhecimentos que professores tinham ensinado para mim sobre ler e escrever.

Seguindo a minha vida estudantil, o desejo de estudar já era bem maior, eu me sentia entusiasmado e me levantava bem cedinho para ir à escola, pois as aulas começavam às 7 horas da manhã. Recordo-me também que minha família tinha se mudado para outra localidade, era uma aldeia nova fundada naquela época, que ainda hoje existe e é denominada como *Majyritāwa* pela comunidade *Apyāwa*. Naquele tempo, a aldeia *Orokotāwa* passava por uma fase de abandono, porém, não tenho informação por qual razão abriu uma outra aldeia. Mas as aulas ainda funcionavam na aldeia *Orokotāwa*, porque não tinha prédio para ministrar as aulas e algumas famílias ainda permaneciam lá. A maioria dos professores e alunos passaram a ser moradores da aldeia nova que ficava, mais ou menos,

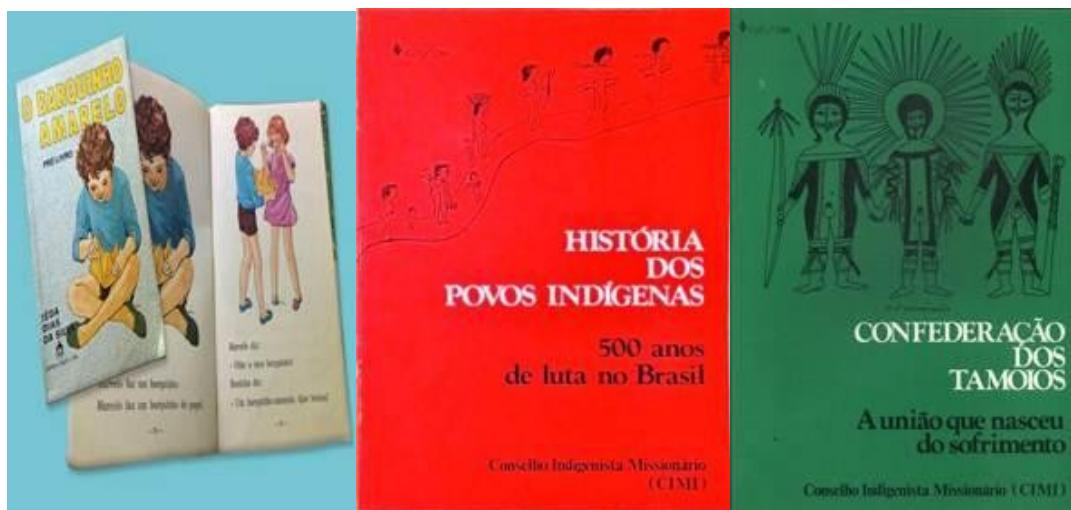
uns 2 ou 3 km da aldeia *Orokotāwa*. Assim me levantava bem cedinho e saía a pé para chegar na sala de aula, pois não tinha um meio de transporte para chegar no local de estudo.

Ao chegar à sala de aula, na aldeia *Orokotāwa* estava um pouco cansado, mas não tinha desânimo para estudar. Lembro-me muito bem que naquela época carregava meus materiais escolares com embalagem de arroz para proteger das chuvas, porque não tinha mochila para carregá-los. Isso eu nunca esqueço, até hoje conto com meus filhos e para meus alunos. Depois da aula, voltava com os coleguinhas de estudo, sempre animados, aproveitando para pegar as frutas que ficavam na beira do caminho. Felizmente, tempos depois, foi construído um prédio/escola na aldeia nova *Majtyritāwa*, e lá eu fui seguindo meu estudo, pois sempre fiz o possível para não me ausentar da sala de aula, pois queria aperfeiçoar meu aprendizado na escrita. Durante esse processo escolar, fui dominando os códigos da escrita com os professores, produzindo frases, textos e leitura sobre os temas abordados. Também não tinha muita dificuldade para efetuar operações básicas de matemática como, adição, subtração, divisão e multiplicação.

No decorrer dos meus estudos, acredito que meu aprendizado se fortaleceu bastante em relação à escrita da nossa língua materna, pois do 1º ao 3º ano, a minha vida estudantil seguiu somente no processo de aprendizagem da língua materna, conforme decisão da comunidade, priorizando a escrita da nossa língua.

Entrando no 4º ano, era o início do contato com a segunda língua. Nesse processo de aprendizagem da língua ocidental, percebi que minha escolaridade começou a caminhar ainda mais no sentido de dominar o mundo da escrita. Compreendo que a escrita da língua portuguesa, como um complemento de nosso conhecimento, é uma das ferramentas de luta e que nos ajuda a cobrar os deveres dos estados pelos nossos direitos territoriais, educação e saúde. Neste sentido, ela se tornou fundamental na matriz curricular da nossa escola. No decorrer das aulas, meu aprendizado foi se aperfeiçoando na leitura e na escrita ocidental. Lembro-me muito bem dos livros como: *História dos povos indígenas*, *Confederação dos Tamoios* e *O Barquinho Amarelo*, livros, estes, que marcaram minha escolaridade na fase de ensino da língua portuguesa, como primeira atividade de leitura que, inclusive, todo mundo gostava. Podemos vê-los nas imagens abaixo:

Figura 3: Livros que marcaram minha escolaridade



Fonte: web

Depois de concluir meu 4º ano, na Escola Estadual Indígena Tapirapé, houve a mudança da minha família para o Território Indígena UrubuBranco, na aldeia denominada *Tapi'itāwa*. Desse modo, como minha família tinha se mudado para Urubu Branco, a conclusão do meu 5º ano foi na Escola Estadual Indígena *Tapi'itāwa*. A nossa mudança da aldeia *Majytāwa* para região Urubu Branco aconteceu porque minha avó materna tinha falecido e o ritual funeral de enterro foi na aldeia *Tapi'itāwa*. Pelo fato da maior parte familiar da minha mãe já estar sendo moradores da aldeia *Tapi'itāwa*, também nos mudamos para esta região. Vale destacar que, naquela época, o nosso povo *Apyāwa* ainda estava em processo de retomada da área tradicional, pois os fazendeiros ainda ocupavam o nosso território. Para esta circunstância, o meu pai se encorajou a fundar uma nova aldeia na região sul do nosso território, no local onde uma fazenda tinha se instalado depois dos anos de 1940.

Com toda essa gigantesca situação, meu pai tomou coragem de fundar uma nova aldeia em 2000, a qual se denominou *Wiriaotāwa*. Criar uma nova aldeia não foi fácil, um momento que marcou a minha luta, enfrentando o desafio de manter minha escolaridade equilibrada. Inicialmente não tinha espaço e professor para ministrar as aulas na aldeia *Wiriaotāwa*, por isso, naquela época as aulas funcionavam somente na aldeia *Xapi'ikeatāwa*, uma aldeia que ficava mais próxima à nossa aldeia, com uma distância de 15 km aproximadamente. Com muita dificuldade prossegui a minha vida estudantil na aldeia *Xapi'ikeatāwa*, e o mais difícil era chegar até a sala de aula, pois não tinha transporte escolar para me deslocar da minha aldeia até ao local de estudos. O único transporte que se

utilizava, indispensavelmente, naquela ocasião era a bicicleta, até concluir o 6º ano na aldeia *Xapi’ikeatāwa*.

Quero me reportar também à minha primeira aula com os professores não indígenas, pois foi naquela escola que eu iniciei as aulas com os professores que não tinham naturalidade linguística do meu povo *Apyāwa*, ou melhor, não tinham conhecimento do domínio da nossa língua para se comunicar. A interação dialógica era totalmente na língua portuguesa, nem sequer acontecia o uso de nossa língua materna. Com muito esforço dedicado à minha escolaridade, fui enfrentando esse desafio para manter a minha frequência em dia, sempre focado nos conteúdos aplicados pelos professores para ganhar nota máxima. Foi minha primeira experiência nesse processo de ensino, e encontrei muita dificuldade para me comunicar com os professores, uma vez que eu não tinha domínio da oralidade da língua portuguesa. Mesmo com dificuldades linguísticas na língua portuguesa, não desanimei da minha vida escolar e prossegui meu estudo. Graças aos esforços da minha comunidade com tantas lutas e dificuldades, as aulas funcionavam na minha aldeia *Wiriaotāwa*, onde eu concluí o Ensino Fundamental, em 2004.

Ao concluir o Ensino Fundamental, o curso de Ensino Médio já estava funcionando com a primeira turma na aldeia *Tapi’itāwa*, aprovado pela Seduc, a partir da reivindicação do povo *Apyāwa*. Depois de muita luta de nossas lideranças, caciques e gestores da nossa escola, foi conquistada a implantação do curso de Ensino Médio, projeto “*Aranowa’yão – Novos Pensamentos*”, em 2004, na aldeia *Tapi’itāwa*. O curso funcionava com os seguintes módulos: as etapas intensivas funcionavam, preferencialmente, nos períodos de férias, ou seja, de janeiro a fevereiro e julho a agosto. Já as tapas intermediárias, por sua vez, funcionavam efetivamente no mês de maio e outubro. Assim iniciei meus estudos no Ensino Médio de 2007 a 2009, com o objetivo de buscar mais conhecimentos e experiências novas com os professores, inclusive, com meus colegas de estudos.

Durante as etapas intensivas e intermediárias desse curso, houve momentos oportunos de enriquecer meu aprendizado sobre conhecimentos novos através das atividades desenvolvidas com cada um (uma) dos professores (as). A partir dos temas abordados, pesquisados e trabalhados pelos professores do Ensino Médio, tive a oportunidade de conhecer e sensibilizar sobre a importância do nosso conhecimento milenar, principalmente, a respeito da história de origem do nosso povo *Apyāwa*.

No decorrer do curso, durante 3 anos, o meu aprendizado estava indo muito bem, pois o projeto “Aranowa’yao – Novos Pensamentos” tinha como objetivo principal a formação dos jovens *Apyãwa*. Desde então, despertou a minha consciência sobre a realidade do meu povo *Apyãwa*, quando estudava conteúdos relacionados à língua e cultura.

Quando foi o ano de concluir o curso, o foco era mais sobre as pesquisas para alimentar o TCC – Trabalho de Conclusão do Curso. Portanto, o meu TCC foi relacionado à língua, na qual eu trabalhei o seguinte tema: “Empréstimos da Língua Portuguesa”. Este foi um tema que trabalhei na minha monografia do Ensino Médio, a partir das discussões feitas com os professores da área da linguagem, pois discutimos várias situações sociolinguísticas do nosso povo.

Conforme o regimento, apresentamos os nossos trabalhos de conclusão do curso para a comunidade, onde os sábios enfatizavam suas análises críticas construtivas relacionadas aos trabalhos desenvolvidos pelos formandos. A defesa do TCC durou uma semana, ministrada pela equipe de gestores da nossa educação escolar indígena.

Depois que foi concluída a defesa dos trabalhos, chegou o momento mais esperado, a realização da nossa colação de grau com maior felicidade, pois era o dia de receber o diploma.

Na realização da nossa colação de grau, realizamos as apresentações culturais com a participação de nossos sábios, momento em que tivemos a presença da maior parte da nossa comunidade, especialmente, de nossos familiares para comemorar essa grande conquista conosco, ou melhor, dizer, a conquista do nosso povo *Apyãwa* (Tapirapé) na história da nossa educação escolar.

Figura 4: Colação de grau - 2^a turma do Ensino Médio-Projeto Aranowa'yao II



Fonte: Klebson Awararawoo'i Tapirapé, 2009

É importante ressaltar que na colação de grau, tivemos o momento de usar jenipapo e urucum, ornamentados com os *akygetãra* (cocar), *tamakorã* (tornozeleira), *maapy* (bracelete), *awai* (conjunto de bracelete) como uma honra de festejar uma formação na Educação Escolar Diferenciada relacionada ao povo *Apyãwa*.

Recordo aqui, também, sobre a indicação da minha pessoa para assumir um cargo de professor na sala anexa *Myryxitãwa*, em 2012, pois eu já fazia parte da comunidade. Confesso que, a partir desse momento, iniciei a minha carreira como professor na minha comunidade, assumindo grandes responsabilidades para formação dos nossos jovens.

Claro que as dificuldades não faltaram no primeiro momento, ainda mais para lecionar numa turma multisseriada, logo no início de minha atuação como professor. Foi um momento desafiador em relação a mim, pois não tinha experiência para ministrar as aulas.

Contudo, com ajuda de alguns professores que já atuavam na sala de aula, fui buscando experiências de ministrar as aulas. Havia também os momentos dialógicos entre professores, conforme a organização didática da nossa escola, momento em que os professores apresentavam suas práticas pedagógicas.

Figura 5: Formação continuada na Escola E.I. *Tapi'tãwa*



Fonte: Waraxowoo'i Maurício Tapirapé, 2015

A partir dessas intenções metodológicas da nossa escola, fui aperfeiçoando minha prática pedagógica, aplicando metodologias mais apreciáveis e concretas com meus alunos na sala de aula.

No decorrer da minha atuação, fui me dedicando a aprimorar minha experiência docente na sala de aula, pois o contexto da nossa educação escolar *Apyãwa* é sempre manter metodologias relacionadas com a nossa especificidade e com os conhecimentos da natureza intercultural. É nessa perspectiva de ensino que sempre venho atuando com meus alunos, respeitando e valorizando o regimento da nossa escola que é crucial para formação dos jovens, no fortalecimento da existência cotidiana do nosso povo. Assim, tenho a minha experiência docente na perspectiva de provocar na formação dos alunos a consciência crítica e política para salvaguardar nossas raízes culturais, bem como, os conhecimentos interculturais para protegê-las.

Aqui trago, também, o meu ingresso na graduação, em 2011, no ensino superior, no “Núcleo *Takinahakŷ* de Formação Superior Indígena”, no curso de Licenciatura em Educação Intercultural da UFG. Foram dois anos da matriz básica, de 2011 a 2012, e três anos da matriz específica, de 2013 a 2015.

Figura 6: Atividade na área da Ciências da Linguagem-Núcleo Takinahaky-UFG



Fonte: Waraxowoo'i Maurício Tapirapé, 2015

A minha entrada na Universidade Federal de Goiás foi minha primeira experiência de estudar fora da nossa Educação Escolar Indígena e longe dos meus pais, pessoas que amo e admiro tanto e sempre me motivaram nos estudos. Recordo-me que foram momentos que eu tive oportunidade de estudar e discutir com os/as professores (as) as concepções fundamentais sobre aspectos das políticas linguísticas voltadas às comunidades indígenas. Afinal de contas, o princípio pedagógico do curso é a interculturalidade e transdisciplinaridade, conceitos que considero inovadores referente à Educação Escolar Indígena, pois permitem discutir e refletir sobre as concepções da educação com respeito, sem fragmentação dos conhecimentos. A matriz específica contempla três áreas de conhecimentos: Ciência da Cultura, Ciência da Natureza e Ciência da Linguagem, a qual escolhi para minha formação. Tive a oportunidade de aprender conhecimentos diferentes na UFG, me sensibilizando com as concepções de ser professor indígena, com um olhar profundo sobre a política docente, com foco nas políticas linguísticas, em relação aos saberes indígenas. A partir daí, a percepção sobre a importância do acadêmico pesquisador e professor indígena foi se tornando o meu maior conhecimento, tornando-se protagonista das ações de saberes sociais, culturais e linguísticos.

Vale destacar que os trabalhos desenvolvidos no meu momento de graduação foram através do “Projeto Extraescolar” e o “Estágio Pedagógico”, atividades que foram trabalhadas nas aldeias, de modo geral, nas terras indígenas, além das atividades estudadas e discutidas nas determinadas disciplinas nos períodos do curso. O projeto

Extraescolar é uma atividade executada na comunidade pelos acadêmicos, de forma coletiva, por meio da Educação Intercultural da UFG, considerando os conhecimentos reais do povo. Dentro dessa atividade, durante minha graduação, trabalhamos um tema de grande importância para nosso povo, “Caçada Tradicional Apyāwa”, a principal sustentabilidade dos nossos rituais. Para tanto, envolvemos a comunidade, especialmente, os homens, uma vez que esta é uma atividade masculina. Relato, também, que esta atividade ocorreu semestralmente, durante 3 anos (2013 a 2015).

Durante as atividades, realizamos as caçadas tradicionais, com a participação da comunidade, onde buscamos informações vitais sobre o nosso tema e aprendemos os segredos culturais relacionados à caçada, especialmente, com os anciões. Nesse processo, acampamos no local ideal para abater os animais durante as caçadas. Realizamos, ainda, a confecção de flechas, a partir de informações coletadas durante entrevistas com os anciões.

A confecção de flechas ocorreu no interior da *Takāra*, lugar ideal para os homens, quando fazem seus afazeres, conforme nossa organização social. Quero destacar que, durante o “Projeto Extraescolar”, buscamos vários conhecimentos do nosso povo, além da caçada, como, nomes de lugares, tipos de flechas para caçar, histórias diferentes, resguardos, alimentos e muitos saberes que são essenciais para nosso povo. À medida que as atividades iam sendo desenvolvidas, todas as informações e as práticas culturais eram registradas, por meio de um caderno específico do “Projeto Extraescolar”. Assim, levamos este trabalho em consideração durante 3 anos. Para concluir o curso, houve o momento de defender o trabalho desenvolvido, diante da nossa comunidade, onde também foram avaliadas nossas pesquisas pelos anciões para serem aprovadas.

Quanto ao estágio pedagógico, foi uma atividade desenvolvida individualmente por meio das pesquisas com os anciões e, também, com desenvolvimento das práticas pedagógicas com os alunos e alunas na sala de aula durante 3 anos. É importante ressaltar que nesta atividade era obrigatório ministrar, no mínimo, 5 aulas, ocasião em que trabalhei na sala anexa *Myryxitāwa*, com a turma multiciclada do Ensino Fundamental 2. Foi uma experiência proveitosa durante 3 anos, na qual busquei novas práticas de ensinar e fortalecer os conhecimentos milenares do nosso povo, a partir das orientações do nosso comitê. Foi uma oportunidade de aplicar na sala de aula, os conhecimentos adquiridos durante as pesquisas.

Como relatei anteriormente, a atividade do “Projeto Extraescolar” e “Estágio Pedagógico” são os trabalhos desenvolvidos nas aldeias, por meio de um tema contextual, ou seja, um aspecto de estratégia pedagógica sem fronteiras que, também, corresponde efetivamente ao contexto da educação de transdisciplinaridade de que guiam as interações de saberes entre várias áreas de conhecimentos no processo de Ensino e Aprendizagem. Esta é uma concepção da educação que rompe as práticas pedagógicas decoloniais, sem fragmentar os conhecimentos no âmbito educacional, inclusive, posso afirmar que, de fato, essa concepção sustenta a nossa educação indígena, reconhecendo a importância de todos os conhecimentos relacionados ao tema abordado.

Desde então, o projeto extraescolar foi desenvolvido com efetiva participação da comunidade. A figura 7 apresenta uma das ações acadêmicas fora da sala de aula, por meio do tema contextual, “Ataãkera/Caçada Tradicional Apyãwa, em que tive momentos de interação com os sábios para reativação dos nossos conhecimentos.

Figura 7: Confecção de arco e flecha na *Takãra* (extraescolar)



Fonte: Waraxowoo'i Maurício Tapirapé, 2015

O estágio pedagógico foi meu momento oportuno para ministrar as aulas sobre os dois temas contextuais. Num primeiro momento, foi o ritual “Kawawoo” e, num segundo momento, foi o “Apyãwa Xawepyãwa”. Como executor desses trabalhos, ainda confesso que

foram momentos de experiências inovadoras e reflexivas para enriquecimento da minha prática pedagógica na sala de aula.

Outro momento que me marcou muitíssimo, foi à pesquisa do observatório, na qual atuei como bolsista durante o curso, promovendo pesquisas sobre os rituais *Apyãwa*. Nesta pesquisa, me dediquei a buscar os conhecimentos, a partir das interações com os nossos anciões. As pesquisas sempre foram feitas na aldeia *Tapi'itãwa*, com as pessoas que dominam os conhecimentos dos nossos rituais. A cada etapa do curso, era apresentado o relatório da pesquisa para a coordenação e, simultaneamente, ocorriam as orientações. O trabalho foi desenvolvido com a participação dos anciões, com quem eu promovi as entrevistas e as práticas pedagógicas com os alunos e alunas na sala anexa *Myryxitãwa*.

Quero registrar que este foi um grande incentivo dado para mim pela universidade durante o momento da minha graduação, onde eu aprendi um pouquinho os conhecimentos sobre os nossos rituais e cantos. Inclusive, aprendi apreciar o gosto de praticar os cantos rituais do nosso povo, prezando, também, nossos anciões que são memórias vivas para fortalecer nossos saberes de geração para geração.

Tudo isso contribuiu efetivamente para a minha formação e experiência como professor e pesquisador indígena, pois oportunizou me relacionar de forma mais afetuosa com as concepções da interculturalidade e transdisciplinaridade.

Todas as discussões e reflexões provocadas, por meio dos trabalhos realizados, possibilitaram uma visão mais profunda sobre a importância de pesquisas para a vitalidade da nossa língua materna, dos saberes sociais e dos saberes culturais do meu povo *Apyãwa*. Foram oportunidades significativas que enriqueceram meus conhecimentos em relação ao fortalecimento sociolinguístico e cultural do nosso povo *Apyãwa*. Mas, para isso, é preciso dominar e vivenciar aquilo que pesquisamos, conforme a nossa maneira de formação sobre conhecimentos, uma vez que, quando morre um sábio, ele leva consigo os saberes que compõem o contexto cultural do nosso povo.

Por fim, em 2015, conclui a graduação de forma intercultural, pois, no primeiro momento a minha defesa foi realizada na aldeia *Tapi'itãwa*, com a participação da comunidade. Foi uma formação e experiência que me levaram a entender a importância do papel de professor indígena, não como um sujeito para compreender e assumir o trabalho apenas na sala de aula, mas também, como um sujeito que proporcione o processo de

Ensino e Aprendizagem das crianças e dos jovens fora da sala de aula, sempre buscando a transmissão de saberes, por meio das práticas das nossas atividades culturais e em diferentes ambientes.

No segundo momento, com muito entusiasmo, realizou-se minha colação de grau no Núcleo *Takinahakyna* Universidade Federal de Goiás, onde estiveram os professores e a equipe de reitoria para prestigiar a entrega dos diplomas aos formandos de várias etnias.

Veja as imagens abaixo que trazem a memória dos momentos finais da minha graduação no curso de educação intercultural de formação dos professores indígenas na UFG.

Figura 8: Colação de grau do curso Educação Intercultural-UFG



Fonte: Site da UFG, 2016

Nesse sentido, procuro estudar e buscar conhecimentos no contexto do estudo intercultural, o que me proporcionou e me incentivou a concorrer na prova do mestrado na UNEMAT. Nesse contexto, não posso deixar de destacar que a UNEMAT, em 2001, foi a primeira universidade a ofertar o primeiro curso de formação específica para formação de professores indígenas no Brasil.

Voltando à seleção do mestrado, no final da prova deu tudo certo, pois fui aprovado para ingressar no Programa de Pós-Graduação em “Ensino em Contexto Indígena Intercultural” – PPGECII/UNEMAT. Hoje estou no curso de mestrado na UNEMAT, um novo desafio na minha vida acadêmica, como pesquisador e como professor Apyãwa. Acredito

que seja uma nova trajetória que, certamente, adiciona, também, às minhas experiências como educador, um olhar crítico e político em relação à Educação Escolar Indígena.

Aoxekato!

REFERENCIA

Tapirapé, K. A. ., & Cruz, M. C. da . (2024). **Roça tradicional como política de fortalecimento da língua Apyãwa.** *Revista Taka'a*, 1, e2023008. <https://periodicos.unemat.br/index.php/rtakaa/article/view/12560>

Entrevista

Meu nome é KLEBSON AWARARAWOO'I TAPIRAPE conforme o documento registrado. E eu já me chamo Awararawoo'i conforme a nossa cultura. Mudança de nome. Eu sou professor também da comunidade. Onde eu moro, a comunidade aldeia *Myxitãwa*, é conhecido pelo português Buriti 2, é da Terra Indígena Urubu Branco. No município de Confresa, Mato Grosso. Sou formado também em Ciência da Linguagem. Fiz graduação, minha graduação na Universidade Federal de Goiás, na Educação Intercultural de Formação de Professores Indígenas. E hoje eu trabalho com um professor lá na minha comunidade.

Então, aqui se trata do assunto em relação às Ciências, Matemática e Natureza. Então é um tema bastante interessante também para ser socializado na formação dos alunos na comunidade, nas escolas. Isso é uma coisa que os alunos precisam ter consciência também em seu conhecimento em relação a esse tema. Então, a experiência conforme esse tema bastante significativa para formação dos alunos, uma vez que nós povos indígenas, sempre mantemos relações a com a natureza, então, nesse sentido é fazer um trabalho com as crianças, com os alunos é bastante pertinente para a sua formação, porque está bem, bem relacionado com conhecimento tradicional. Uma vez que nós, como Indígenas, sempre, mantemos os conhecimentos, os saberes tradicionais sempre relacionados com a natureza.

Desde a educação, a nossa educação tradicional. É sempre envolvida pela natureza. Isso é muito importante. E também como um desafio do professor como nós, como professores. É, temos que ter esse olhar também. Trazendo, levando isso em consideração dentro da nossa escola, fortalecendo a nossa forma de ensinar, a nossa forma de aprender. Então isso é importante. Em relação a nossa Educação Escolar Indígena a gente sempre

discute a valorização da nossa cultura, da nossa língua, que são ligados também com o nosso PPP, próprio da escola. É, ampara a nossa forma de trabalhar na escola. Acredito que nós, como professores, temos essa voz, de assim trazer essas políticas relacionadas a essa ciência, a Ciência da Natureza que também é bastante interessante para a formação dos nossos jovens. Então, nesse sentido, eu te falo, ela é muito importante, tanto para nós quanto o professor e também para nossos alunos que sempre orientamos, que sempre incentivamos para fortalecer a sua própria identidade.

Acho que assim é de pensar, a partir de, é criar, é promover os materiais que são necessários, porque nós, como temos uma escola específica diferenciada. Muitas vezes recebemos materiais do Estado que vão para a escola que muitas vezes não faz muito sentido para nossa realidade. Então teria sentido, é nos esforçarmos. Com esse desafio de promover os materiais didáticos. É referente à nossa realidade, como no caso dos rituais, própria língua, vários da nossa realidade.

Eu vejo, para ter uma melhora da Educação da nossa Educação Escolar mais voltada para nossa realidade, mas assim de específico. Apesar da nossa Educação, ela é específica, e diferenciada, mas, de fato, muitas vezes sofre essa pressão do Estado através do sistema, então nesse sentido. É para ter mais assim, Assim, não ser rejeitada comunidade. É envolver mais a comunidade teria aqui uma escola mais específica mesmo, assim voltada mais para a realidade tradicional.

CAPÍTULO 9

HISTÓRIA DA MINHA VIDA INŶ

Luiz Carlos Mauri - Inŷ-Karajá

Meu nome é Luiz Carlos Mauri, sou da etnia *Inŷ-Karajá*, tenho 48 anos, casado, tenho três filhos e três netos. Aqui neste texto vou contar sobre a minha trajetória acadêmica e profissional em relação à Educação.

Posso dizer que minha infância foi ótima, morava no município de Aruanã, no Estado de Goiás, em uma aldeia chamada Buridina (PORTELA, 2006). Pois tinha toda a natureza e o tempo livre para brincar e chorar também. Meus pais sempre me deixaram livre para aproveitar minha infância: eu brincava com meus amigos e primos, jogava bola na praia, tomava banho no rio Araguaia, subia no pé de manga e comia as mangas, e tomava banho de chuva, pois isso é muito normal na vida de uma criança *Inŷ-karajá*. Mas o que eu mais gostava de fazer era acampar na praia com meus pais, e pescava peixes para comer assado, e de noite se deitava na praia e contemplava as estrelas, até hoje sou um eterno apaixonado pela natureza e um defensor.

Minha educação indireta com a escrita e com a leitura foi boa, pois sempre estiveram em torno de jornais e revistas em quadrinhos, mesmo que meus pais tivessem poucos estudos sempre fizeram com que eu tivesse oportunidades de vivenciar a leitura e a escrita. Comecei a estudar em uma escola municipal situada na cidade de Aruanã – GO. Ingressei com seis anos no jardim de infância, no primeiro dia de aula saí chorando da sala de aula, não me adaptava a sala de aula. Era a primeira vez que eu estava longe de meus pais, mas no segundo dia já estava me acostumando com o ambiente escolar e com os coleguinhas de sala é também a minha primeira professora, a dona Bernadete que me tratou com muito carinho, sabia da minha dificuldade por estar em meio a uma cultura diferente uma outra língua que não era minha. Já com 7 anos de idade passei para o 1º ano do ensino fundamental, na Escola Estadual Dom Cândido Penso de 1º e 2º graus. Nessa escola estudei até o 1º ano do Ensino Médio, lembro-me também da minha primeira professora do ensino fundamental a dona Regina, com ela começou o pontapé inicial em relação a minha

aprendizagem, tive dificuldade na disciplina de matemática, me esforçava ao máximo para entender as explicações da minha professora.

Passei muita dificuldade do 1º ano do Ensino Fundamental até o Ensino Médio na minha trajetória escolar, tive dificuldade em todos os sentidos, por ser indígena passei preconceito por alguns colegas de sala de aula e por alguns professores nesta época, mas a minha vontade de vencer na vida através dos estudos era maior que tudo.

Por ser indígena às vezes me sentia intimidado, e na época a minha comunidade estava em conflito com alguns *tori* da minha cidade, *tori* quer dizer na nossa língua materna homem branco, o conflito era por causa de território e a nossa realidade do povo *Iny-karajá* da aldeia Buridina, na cidade de Aruanã – Go, não era diferente de outras aldeias e territórios indígenas que estão espalhados pelo Brasil. A história de conflitos territoriais indígenas com grandes empresários era a mesma.

Aos 19 anos de idade fui nomeado cacique da minha comunidade e estava cursando o 1º ano do Ensino Médio na Escola Estadual Dom Cândido Penso, na verdade eu era muito tímido, falava muito pouco, essa timidez me atrapalha um pouco a liderar uma comunidade de quase cem pessoas. Comecei a viajar para Goiânia, Brasília, Cuiabá, a fim de buscar melhoria para a comunidade, experiência e segurança em mim, mas por outro lado as viagens para outros lugares a fim de resolver as coisas. Essas viagens atrasaram muito os meus estudos, fiquei praticamente 4 anos parado no tempo, ou seja, parei no 1º ano do Ensino Médio e perdi todo esse tempo.

Mas em uma dessas minhas viagens, em Goiânia, na Capital do Estado de Goiás, acabei conhecendo a minha esposa Xirikeru karajá, minha esposa é artesã e professora da nossa língua materna, com ela aperfeiçoei a minha leitura e escrita no que tange a língua mãe, também participei de um projeto, chamado de projeto de revitalização da língua e da cultura Maurehi, esse projeto teve e tem até hoje um significado especial para mim.

Maurehi (PORTELA, 2006) foi meu avô e pai de criação ao mesmo tempo, meu avô, foi um grande guerreiro e um grande cacique foi o fundador da aldeia de Buridina, um ícone da resistência e inspiração para muitas gerações na aldeia Buridina ele me passou conhecimento milenares, por isso me sinto feliz e realizado, o meu avô me passou muitos conhecimentos culturais através da oralidade, quando era criança não passei por rituais, até por que quando nasci a minha aldeia de origem, uma boa parte estava invadido por

pousadas e imobiliárias e a comunidade já não praticavam as danças e nem os cantos culturais, somente os mais velhos cantavam quando atravessavam os rios a fim de pescar, já os mais jovens, infelizmente já estavam bastante influenciados pelas coisas da sociedade envolvente . Mas, fico feliz que me espelho muito nele, falo isso porque o meu avô começou a ter planos para a melhoria da comunidade.

Em meados dos anos de 1993, iniciam – se as discussões acerca da implantação de um projeto de educação que viesse a atender aos anseios da comunidade. As discussões foram coordenadas pelo Departamento de Educação da FUNAI, através da professora Maria do Socorro Pimentel da Silva (atualmente era professora do Departamento de Letras e pesquisadora do Museu Antropológico – UFG), infelizmente esta grande parceira já não está entre nós, contraiu o vírus da covid-19, não resistiu e acabou falecendo. Através da parceria entre a Aldeia Buridina, a FUNAI e o Museu Antropológico (UFG), origina- se o projeto de Educação e cultura Indígena Maurehi, que teve e tem até hoje o objetivo central, reconstituir as ofertas de uso social da língua Karajá e da cultura tradicional. Estou contando tudo isso, sabem por quê?

Porque, fiz parte deste maravilhoso projeto cultural que deu o pontapé inicial nesta minha jornada como educador, primeiramente a minha esposa foi convidada pela professora Socorro como era conhecida carinhosamente por todos os membros na comunidade da Aldeia de Buridina, ela a convidou para ser professora de língua materna das crianças, então, a minha esposa Xirikeru trabalhou mais ou menos um ano e meio como professora, ensinando as crianças a falar a língua materna, pintura corporal e outros ensinamentos que já estavam ficando no esquecimento na comunidade de Buridina.

Então passados um ano e meio minha esposa pediu para descansar do trabalho de professora, e a professora Socorro acabou me indicando como Bibliotecário da Escola Estadual Indígena Maurehi. Então comecei a participar de eventos do projeto, o respectivo projeto começou a promover o intercâmbio entre professores e especialistas karajás (artesãos, contadores de história, pintores, desenhistas etc.), e, dessa forma, reconstruir em Buridina, os espaços sociais de uso da língua Karajá; promover o intercâmbio entre professores de Buridina e de outras aldeias Karajás, para a construção de uma pedagogia específica de revitalização da língua e da cultura *Inŷ-karajá*; e também produzir material escrito para uso didático e para documentação do saber karajá; Proporcionar aos karajá,

melhores condições de vida com a comercialização de artesanatos e de outros produtos, na loja do Centro Cultural Maurehi.

E também o projeto Maurehi trabalhou em cima de revitalização da língua e da cultura na comunidade da aldeia de Buridina, já que nessa respectiva comunidade, a maioria dos jovens já não falavam mais a língua materna, praticamente falavam bem mal a própria língua, os meus pais falavam fluentemente a língua materna comigo, então eu era um jovem que estava mantendo a língua tradicional, mas o contato com a sociedade envolvente era muito forte, ou seja, com os não indígenas. Foi por isso que foi preciso promover o estudo da língua e da cultura karajá pelos jovens e adultos, também foi preciso promover atividades de uso da língua karajá dentro e fora da escola. E também documentar e analisar a língua *Iny-karajá*.

Posso dizer que este respectivo projeto, me fortaleceu muito e me fez refletir que a cultura de cada povo e a identidade de cada povo que nunca deve ficar no esquecimento e isso é muito valoroso para os povos indígenas em geral, ficamos dois anos morando na aldeia de Buridina, e nesta época a minha esposa me incentivou a voltar aos estudos, tinha parado de estudar no 1º ano do Ensino Médio, então com o incentivo da minha esposa voltei a estudar, muito animado e já estávamos com plano de mudar para Mato Grosso, onde fica situada a aldeia da minha esposa. Mas minha esposa antecipou a mudança junto com minha filhinha Manackiru de 7 meses, eu tive que ficar para trás para finalizar o ano aprovado para o 2º ano do Ensino Médio, mas para minha surpresa acabei ficando de recuperação na disciplina de Matemática, era disciplina do professor Barberete, ele era francês, mas já naturalizado brasileiro, era um ótimo professor de Matemática, e a semana de recuperação iniciou, me preparei para a semana, tinha alguns colegas de sala que também tinha ficado de recuperação.

Começamos a fazer juntos a prova de recuperação, quando foi no terceiro dia de prova de recuperação, recebi uma ligação da minha esposa do Mato Grosso, uma notícia muito preocupante! A minha filha Manackiru estava doente e acabou sendo hospitalizada e internada. Então, fiquei muito preocupado e não pensei duas vezes em organizar minhas coisas para viajar, só avisei o meu professor e viajei para Mato Grosso sem finalizar a minha prova de recuperação, cheguei na cidade de São Félix do Araguaia e fui direto para o hospital para ver a minha filha e a minha esposa. Entrei no hospital, e quando minha filha me viu entrando no quarto, ela estava tomando soro, mas quando me viu saltou da cama e com

muita alegria me abraçou, e quando o médico veio para visita, a minha filha já estava bem melhor e no outro dia ela recebeu alta do hospital e fomos para a aldeia de minha esposa.

Chegamos na aldeia *Krehawa*, Território de São Domingos, na aldeia fomos bem recepcionados por todos, principalmente pelo meu sogro Paulo Kuady e minha sogra Iracema Hakuwi Kuady, e ficamos residindo na casa do meu sogro, já fazia uma semana que a gente estava na aldeia, quando veio uma ligação no orelhão da aldeia, na época era a única forma de comunicação que nós tínhamos e uma pessoa da comunidade veio me avisar, eu estava sentado quando a pessoa chegou e falou comigo dizendo que tinha um *tori* no orelhão querendo falar comigo, fui atender o telefone para ver quem era, para minha surpresa era o diretor da escola que eu estava estudando, ele ligou para mim a respeito das provas de recuperação que eu deixei para trás sem fazer, o diretor me disse que eu tinha que voltar para o estado de Goiás para finalizar as provas. Se eu não voltasse a finalizar as provas iria reprová e perder o ano, e novamente repetiria o 1º ano do Ensino Médio, mas conversei com a minha esposa e ela como sempre me apoiou e incentivou e disse que eu tinha que ir imediatamente para não perder o ano.

E assim organizei as minhas bagagens e viajei para a cidade de Aruanã onde fica a minha aldeia de origem, chegando lá me organizei e no outro dia fui à escola para fazer o restante da prova de recuperação. Era uma escola que tinha ótimos professores, por isso o ensino era de qualidade, quando eu cheguei na sala o professor ficou feliz em me ver, cheguei no tempo hábil, em 4 dias terminei toda a prova, e Graças a Deus para minha felicidade fui aprovado para o 2º ano do Ensino Médio. Agora era hora de retornar para Mato Grosso, e em definitivo voltei para a aldeia da minha esposa, chegando na aldeia *Krehawã*, minha esposa a minha filha Manackiru e eu moramos mais ou menos por 3 meses na casa do meu sogro, e eu e minha esposa conversamos e decidimos juntos que era melhor ter o nosso cantinho. E para começar construímos uma barraquinha de palha, e foi bem melhor assim, ter o nosso lugarzinho para morar, apesar que o meu sogro Paulo Kuady e a minha sogra Iracema Hakiwi Kuady nos trataram muito bem, nos deram todo o apoio que precisávamos naquele momento. Eu e meu sogro trabalhamos juntos, plantando na roça, batata doce, abacaxi, mandioca, cana de açúcar e banana. Hoje o meu sogro Paulo Kuady está aposentado, ele foi professor bilíngue, do quadro da Funai, muitos alunos indígenas aprenderam muito com ele, inclusive eu, aprendi muito com ele sobre ortografia *Iny-karajá*.

E nessa época não perdi tempo no que tange aos meus estudos, já tinha feito a minha matrícula no município de Luciara - MT, na Escola Estadual Juscelino Kubitschek, e nesta escola fiz o 2º e 3º anos do Ensino Médio, trabalhava de dia e estudava no período noturno. A escola que eu estudava ficava 3km da minha aldeia, e ia de bicicleta, a entrada era às 19:00hs até às 23:00hs. Batalhei muito, trabalhava de dia, capinava o quintal do senhor Kuraxiwa, tio da minha esposa, e terminava de limpar em três dias, no outro dia já passava para o outro quintal. O Quintal do senhor Pr. João Werreria, um outro tio da minha esposa, e quando terminava ambos me pagavam tudo certinho. Mas a maior parte que me ajudou financeiramente foi o meu sogro e a minha sogra, capinava o quintal deles em redor da casa, mas a ajuda que eles nos davam era maior que o trabalho que eu havia realizado. Não só por isso, mas por muita ajuda que o meu sogro e minha sogra nos deram, sou muito grato a eles por tudo, eles para mim foram os meus segundos pais, a minha sogra já falecida, e o meu sogro está com a idade de 87 anos.

Enquanto eu trabalhava e estudava a minha esposa trabalhava fazendo artesanatos, e vendia para os turistas que apareciam na aldeia fazendo visitas, e assim ela ajudava na renda da casa, praticamente estávamos começando do zero a nossa vida e na comunidade *Iny-karajá* um ajuda o outro. Mas graças a Deus, aos poucos fomos nos organizando, como eu já tinha mencionado, estudei dois anos na cidade de Luciara – MT. com os estudos na escola Da cidade, na época estava cursando o 2º ano do Ensino Médio, e praticamente já na metade do ano, eu não tinha bicicleta para ir à escola, que ficava 3 km, emprestava dos vizinhos, mas não era todos os dias que eles estavam com bom senso para me empresta, tem dias que eu ia caminhando esses três km até a escola, e voltava caminhando a noite pela mata no escuro, e na época de chuva também muitas vezes cheguei molhado na escola. E um amigo de sala de aula, chamado Evandro, me levava para casa dele e me emprestava uma toalha para eu poder me enxugar da chuva. Mas certa vez uma amiga da minha esposa, a professora Maria Elena Fialho, contratou a minha esposa para fazer uma tradução de textos na língua materna, então a minha esposa fez as traduções dos textos para a professora, e com esses trabalhos feitos minha esposa recebeu um bom dinheiro da professora. E com esse dinheiro para minha surpresa, eu sabia que a minha esposa tinha um grande coração, mas fiquei surpreso porque tínhamos que comprar alimento para nosso sustento.

Mas, preocupada com os meus estudos, não era meu aniversário, mas posso dizer que foi um presentão, ela comprou uma bicicleta novinha em folha para mim, para ir à escola e não perder o ano letivo, aquele dia ficou marcado para mim, não só pela bicicleta, mas por tamanha generosidade da minha esposa Então um certo dia, já cursando o 3º ano do Ensino Médio, a professora Raimunda, uma colega não indígena, que trabalhou na escola indígena, na época era uma escola municipal, funcionava até o 4º ano do ensino fundamental, esta colega ajudou muito a escola indígena da aldeia *Krehawã*. A professora Raimunda nesta época, estava fazendo faculdade na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), no Campus Universitário de Luciara. Então, quando as aulas do mês de fevereiro iniciaram, a colega ainda estava fazendo faculdade, foi aí que ela precisou de um substituto, para ministrar as aulas para as crianças do 4º ano, do ensino fundamental, e ela sabia que eu estava desempregado e também por eu ter estudado em uma boa escola, acho que ela me viu mais preparado que os demais interessados. Como eu estava precisando de emprego, eu aceitei o convite da colega, e substituí-la por mais ou menos vinte dias.

Quando a faculdade acabou, a professora retornou ao serviço, então ela fez os acertos comigo, agradeci ela e disse a ela que sempre que precisasse de mim, estava disposto a substituir as suas aulas. O tempo foi passando, então chegou um dia que a professora Raimunda resolveu mudar de cidade, provavelmente ela tinha recebido uma proposta de um trabalho. Ela resolveu mudar mesmo, a comunidade sentiu a sua saída, muito tempo que ela trabalhava na comunidade, praticamente na época ela era professora, secretária, coordenadora, na época o apoio a escola indígena vinha do Estado do Tocantins, da Funai e do município. Não era ainda uma escola reconhecida pelo Estado. Então chegaram autoridades educacionais na comunidade da aldeia *Krehawã*, representantes do Estado de Mato Grosso, representantes do Estado do Tocantins e departamento da educação da Funai, representada pela professora Maria Elena Fialho.

Participaram da reunião comunidade, cacique e lideranças, nessa reunião foi pautada, qual o estado que a comunidade escolheria para que a escola fosse reconhecida, Mato Grosso ou Tocantins, a comunidade discutia e tirava suas dúvidas junto às autoridades presentes, depois de muito diálogo, entraram em um consenso, por unanimidade escolheram o Estado do Mato Grosso. Então começaram a segunda e última pauta, essa seria a minha oportunidade, pois surgiu uma vaga para professor, essa vaga que era da professora Raimunda. E as pessoas começaram a cochichar umas com as outras, e a

professora Maria Elena abriu a fala, ela disse a comunidade que tinha uma vaga para professor, e o perfil desse professor ou professora tinha que ser uma pessoa preparada para o cargo, e a professora Raimunda estava presente, e ela acabou citando o meu nome para tal cargo para toda a comunidade, dizendo que eu era professor substituto e que estava preparado para tal função. E tão logo também a professora Maria Elena Fialho disse logo em seguida, que participei de muitos cursos do projeto de revitalização da língua e da cultura Maurehi (PORTELA, 2006). E com essas duas falas, o cacique, as lideranças e toda a comunidade me deram apoio e acabei ganhando a vaga para professor. E aí só foi alegria, da minha esposa, filhos e filhas e toda a minha família alegraram-se.

E tudo estava dando certo na minha vida, estava já no terceiro ano do Ensino Médio, era o mês de outubro, quando surgiu um edital da UNEMAT, um edital de um vestibular que privilegiou Luciara e todos os municípios vizinhos, este edital veio a tona para todos. E com isso todos os interessados se prepararam, e esse noticiário também chegou à comunidade indígena *Krehawa*, da prova do vestibular, então, o comentário na aldeia era o vestibular. Nisso nem imaginava que estaria inserido neste vestibular, tudo começou com essa companheira que está ao meu lado a 25 anos, a minha querida esposa Xirekeru, e um dia eu chegando da escola, ela me perguntou, se eu não estava interessado em fazer o vestibular, eu disse que não, disse para ela que estava pensando nisso, mas futuramente. Mas ela insistiu, comigo, eu disse a ela que também não estava preparado.

Então virei para minha esposa e disse mais, não terminei ainda o Ensino Médio, e eu já estava cursando o 3º ano do Ensino Médio, e estava quase finalizando o ano, estávamos no mês de Outubro, e a minha esposa disse que tinha 50 reais para pagar a inscrição, então eu disse a ela que não precisava, que ela podia gastar o dinheiro em outros fins, então ela me disse com toda segurança e sinceridade que poucas pessoas tem, ela me disse que eu poderia fazer a minha inscrição sem me preocupar com outras coisas, então mais uma vez eu disse a minha esposa, que não iria fazer porque ainda faltava dois meses e meio para o ano letivo terminar e que ia ficar muito acumulado os trabalho para mim, se eu passasse no vestibular da UNEMAT. Então, ela se sentou bem pertinho de mim e me disse *Waijôre*, você pode fazer tranquilamente a sua inscrição, não custa nada tentar, se não der certo, está tudo bem, vai ter outras oportunidades.

Então com essas palavras incentivadoras da minha esposa, acabei aceitando a proposta de fazer a inscrição do vestibular da UNEMAT de Luciara, então finalmente fiz a

minha inscrição, depois de ter feito a inscrição, pesquisei e estudei em alguns livros, me preparei e fui a fundo nos estudos para a prova. Então chegou o dia da prova, isso foi no mês de outubro de 2003, cheguei na Escola Estadual Humberto Castelo Branco, o local da prova, cheguei no local e observei que tinha quase duzentos candidatos, de vários municípios vizinhos, e que na época a UNEMAT estava ofertando cinco cursos diferentes, Geografia, Biologia, História, Letras e Pedagogia. Por isso o motivo de tantos candidatos no município de Luciara. Entrei na sala que constava o meu nome para fazer a prova, e o professor explicou os procedimentos para a realização da prova, a sala estava lotado, e um silêncio só, todos os candidatos estavam muitos concentrados, inclusive eu, me concentrei de tal forma que em nenhum momento sair para ir ao banheiro ou tomar água.

A duração para fazer a prova foi 4 horas, então comecei a fazer a prova, até que fui indo bem, respondendo as questões, quando chegou em uma pergunta tipo pegadinha, parei, dei uma pensada, mas repentinamente a minha mente deu uma clareada, e a resposta me veio à cabeça e responde essa última questão que faltava para ser respondido, até a redação fiz com tranquilidade. Terminei a prova e entreguei ao professor, quando saí da sala ainda tinha candidatos fazendo a prova, saí da sala confiante e fui para casa confiante e com uma sensação de dever cumprido.

Cheguei em casa e minha esposa estava me esperando, cheguei em casa muito animado, e minha esposa me perguntou se a prova foi difícil e como que eu tinha saído na prova, disse para ela que eu estava confiante. Então alguns dias passou e tinha chegado o dia tão esperado, o dia do resultado do vestibular, era mais ou menos 22:00hs da noite, tinha um senhor dormindo no posto de saúde da aldeia, esse senhor era o coordenador da agricultura da comunidade, se chamava irmão Luís, ele bateu na porta de casa e minha esposa e eu fomos atender a porta para ver quem era, quando abrimos a porta era o senhor Luís, com uma feição alegre, e perguntou, se eu era o Luiz Carlos Mauri, então eu disse que sim. Com um sorriso alegre, ele me deu os parabéns, e falou que uma amiga ligou no orelhão e deu recado que tinha sido aprovado no vestibular da UNEMAT, esse senhor me deu um abraço e agradeci. A minha esposa e eu nos abraçamos e comemoramos juntos, choramos emocionados! Fui aprovado em 4 lugar no curso de Geografia, estudei incansavelmente por quatro anos, não foi fácil, devido a minha primeira língua ser a língua materna, mas com muito esforço e incentivo da minha esposa conseguir terminar a faculdade.

Sou da turma de 2003 a 2007, fiquei mais ou menos 3 meses parado e surgiu o curso de especialização em educação e ambiente e fiz a prova e fui aprovado também neste curso também ofertado pela UNEMAT. Estudei por um ano e meio e concluí o curso. E esses anos todos tenho me dedicado à Educação Escolar Indígena na comunidade de *Krehawã*. Fui diretor de escola por 7 anos, não na sequência, mas em anos alternados, fiquei algum tempo parado, então pesquisando no Portal da UNEMAT, encontrei o edital do Programa de Pós-Graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural - PPGECLII.

Então me interessei e fiz o meu Pré-Projeto, e me inscrevi fiz todo os procedimentos, mas infelizmente não conseguir ser aprovado na primeira tentativa, mas não desisti, novamente em 2023, apareceu uma outra oportunidade e novamente fiz a entrevista, enviei o meu Pré - Projeto e o meu currículum e desta vez graças a Deus, consegui ser aprovado, alcancei a nota necessária para ser aprovado, isso na segunda tentativa. Agradeci a todos que me incentivaram, a Deus e aos meus familiares.

Bom, essa minha trajetória de vida e acadêmica, não foi nada fácil chegar até aqui, hoje sou mestrando do mestrado indígena, estou muito feliz e animado de estar cursando neste programa do mestrado indígena, sei que também não vai ser fácil, mas tenho um objetivo a alcançar e uma meta a atingir, não pensando só em aumento de salário ou em um concurso público. Mas também aprimorar o meu conhecimento e assim, ajudar a escola e a comunidade com projetos no que tange a Educação Escolar Indígena.

Atualmente estou em sala de aula, ministrando aula de 5º a 9º do ensino fundamental ao Ensino Médio, na escola estadual indígena Hadori. O nosso objetivo e a cada dia fortalecer a escola indígena de acordo com a cultura e os costumes do povo *Iny-Karajá*.

REFERENCIAS

MUSEU DA PESSOA. *Luiz Karajá fala sobre sua trajetória de vida e resistência indígena*.: Museu da Pessoa, 2024. Vídeo (YouTube). Disponível em: <https://youtu.be/uqBAqTA9IVc>. Acesso em: 3 jun. 2025.

PORTELA, Cristiane de Assis. **Nem ressurgidos, nem emergentes: a resistência histórica dos Karajá de Buridina em Aruanã-GO (1980-2006)**. 2006. 233 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2006. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/113/o/portela_cristianedeAssis.pdf. Acesso em: 14 jun. 2025.

Entrevista

Vídeo e transcrição da Entrevista - julho de 2023

<https://youtu.be/muh-w1Hlqk8>

Boa tarde. Gostaria de me apresentar em primeiro lugar. Meu nome é Luiz Carlos Mauri. Sou da etnia *Inŷ-karajá*, lá da região do Araguaia, município de Luciara, Terra indígena *Krewahã*, Território São Domingos. Sou professor, trabalho na Escola Estadual Indígena *Hadori* e leciono nas séries do oitavo ano ao nono e também no Ensino Médio. Eu vou falar um pouco aqui da experiência educacional.

Em primeiro lugar, a nossa cultura, ela é muito diferente, quando se trata da Educação Indígena e Educação Escolar Indígena. Os meus avós é que me educaram tradicionalmente. E como povo é *Inŷ*, ele educa através da oralidade, então foi o que aconteceu. E quando, depois de jovem, aí eu passei a conhecer a Educação Escolar Indígena, ou seja, a Educação da sociedade envolvente. Eu estudei no antigo Jardim de infância e, por eu ter nascido em uma aldeia praticamente urbana, da vida de infância até adolescente, eu estudei numa escola não indígena. Então não foi fácil. Porque se tratando de um lugar, de um lugar, assim. Na verdade, estranho, no primeiro momento que não era. É muito assim, aquele local, o costume que os meus avós tinham me criado, passei muita dificuldade. Na questão cultural, na questão da língua, na questão de como eu me envolver com os colegas. Infelizmente, passei um pouco de dificuldade com alguns professores não indígena, não entendiam a minha reação dentro de sala e alguns colegas também.

Então assim, aí depois passei no vestibular. Depois, já de adolescente, jovem, aí consegui passar no vestibular. Estudei, me preparei, e aí passei no curso de Geografia. Conseguir estudar, terminar. Logo após veio uma pós-graduação, ou seja, uma Especialização. E aí também fiz esse curso de Especialização em 1 ano e meio. O meu curso de especialização em Educação Ambiental, então, assim como dá para entender, é esses os meus cursos. Parece que é uma coisa assim, é muito interessante o que aconteceu na minha vida, uma coisa que tudo tem a ver com minha vida cultural, ser como indígena. E aí o meu curso de pós-graduação, Especialização em Educação Ambiental, é uma coisa que tem tudo a ver com a realidade do meu povo. E por eu morar na beira do Araguaia, então eu gostei muito deste curso. E foi um curso ofertado pela UNEMAT, tanto a Graduação quanto a pós-graduação. E aqui estou, cursando o mestrado indígena, uma experiência única, por estar no

meio de colegas que são de outras etnias, então a gente troca experiências. O tempo todo ali nos alojamentos, na sala de aula. Então, a gente, realmente a gente está aprendendo com os professores, com os colegas, então é uma experiência única este curso que a gente tá ficando aqui agora, a gente está quase no finalzinho do curso, então é uma experiência única que a gente está passando o tempo aqui.

<https://youtu.be/v5QhPoSwqx0>

Bom professor Elias, falar sobre saberes indígenas e as Ciências da Natureza é significativo em seu processo de aprendizagem. Falar um pouco das experiências das Ciências da Natureza que a gente aprendeu na universidade.

Então, assim, o meu curso de graduação na Geografia, ele abrangeu tudo. Todos os acontecimentos que vem acontecendo na natureza. E a gente por ser indígena, desde pequeno, a gente nasce com aquele intuito realmente de preservação, da preservação dos rios, preservação das matas. Na preservação dos animais, ou seja, nós nunca fomos aquela sociedade de estar acumulando as coisas. Nós estamos sempre ali, por exemplo, os nossos avós iam pescar, então ele sempre pescava. A pescaria dele não era aquela pescaria da abundância. Ele pescava aqueles peixes que ia comer naquele dia, ou seja, ele sabia, o tanto que a gente estava necessitando, a família, né.

Então é isso que a gente fala. É ter uma verdadeira, assim é ser amigo da natureza, viver em harmonia com a natureza. Então, assim, hoje é a questão da escola, das universidades. Então assim é, às vezes a gente assim, ouve algumas questões. É que não tem muito assim, a ver com a questão assim, da realidade do nosso povo, do nosso costume, ou seja, de acordo com o que nós somos educados pelos nossos avós, então tem coisas às vezes que é a universidade, ele não contempla, né. Não contempla o que os povos indígenas realmente vivem. Convivem com a natureza e a gente tem que estar ali, é às vezes explicando como são os nossos costumes com a natureza, ou seja, com o meio que a gente vive.

Então, a gente às vezes, a gente tem que adaptar, adaptar algumas falas, alguns textos que a gente aprende nas universidades. Então, assim, a gente tem que sempre ter muito cuidado com que a gente tá ouvindo e aprendendo na universidade. Porque uma coisa errada, pode trazer, todas essas aprendizagens, saberes que nós aprendemos dos nossos

ancestrais, esses conhecimentos milenares por água abaixo. Então pode contradizer, por isso que a gente sempre vem às universidades. Desde a graduação, e agora não é diferentemente, o mestrado indígena, então a gente sempre está abordando esses saberes, na qual a gente, desde pequeno a gente aprendeu. A gente cresceu e a gente teve família. Então tudo com esses conhecimentos milenares.

Então, assim é um pouco disso, a gente tem passado para o local que a gente está estudando. As pesquisas, juntamente com os colegas, não indígena, então cada um fala de sua experiência. Como que eles vivem nas suas terras, nas suas aldeias, então um passando as experiências pro outro que é como que a gente tá em harmonia, no local, no espaço que a gente vive.

Então, como eu sou da área de Geografia, eu aprendi muito a questão de espaço. Então, às vezes passo para um não indígena, pode ser uma coisa qualquer, mas para nós, indígena, o espaço é uma coisa sagrada. Às vezes, o olhar que o não indígena não vê, o índio vê longe, muito longe. Qual o espaço que a gente não pode fazer isso ou fazer aquilo. Então cada espaço tem o seu devido lugar de fazer as atividades. Então é isso que a gente está passando para as universidades.

<https://youtu.be/kMXav8F5I98>

Sim, agora é. Vou falar um pouco da Geografia, como que a sociedade envolvente, ou seja, a Educação que a sociedade envolvente vê o campo da Geografia, e como é a nossa cultura, o nosso costume, a gente faz um relacionamento com a nossa cultura e nosso costume que tem a ver a Geografia.

Bom assim, quando é numa sociedade indígena, dentro da comunidade, tem vários espaços. Então, aí já entra a Geografia, por exemplo: é tem a casa dos homens. A casa dos homens é a casa onde está todo o segredo ali do povo *Iny*. Onde acontece a cerimônia, do menino, quando ele tá passando de criança e mudando a fase para adolescente. Então, ali, um não indígena chegando lá, geograficamente ele vai entender que ali, pode visitar a qualquer hora, a qualquer momento, mas geograficamente aquele espaço ali, ele é sagrado para o povo *Iny*. Então, assim, ali a mulher não pode frequentar aquela casa. Aquele local, aquele espaço. Então, todos os *Iny* já nascem com esse conhecimento, tanto as mulheres quanto os homens. É um campo ali, um espaço ali, que realmente ali só tá para os homens

frequentarem. As mulheres, jamais devem chegar ali, se aproximar daquele local ou entrar naquela casa.

Então, assim, se tratando da Geografia, é de uma escola da sociedade envolvente, então eles vão ter dificuldade de entender. Que geograficamente aquele espaço ali não pode chegar nem mulheres e nem crianças que ainda não passaram de fase. Então, assim, o tanto que é, é muito rico, a Geografia do povo *Inŷ*. Falando assim, assim como professor. Como a gente agora está nessa fase da pesquisa, como mestrando indígena. Então, assim, é muito interessante. É quando a gente fala um pouco, desse campo, da Geografia, porque ali não só essa casa que ela é proibida para mulheres, mas tem outro espaço também, que é o espaço onde acontece as danças. Então, ali também é proibido das mulheres está transitando ali. Ou seja, quando acontece uma cerimônia, por exemplo, a cerimônia do aruanã. *Aruanã* é uma dança do povo, *Inŷ-Karajá*. Então aquela estrada, quando está acontecendo essa cerimônia, quando é o início dessa cerimônia, aquele espaço que onde a mulher vai caminhando, que é para ir para a cidade, aquele espaço que está dentro do território *Inŷ-karajá*, a mulher não pode transitar, ou seja, geograficamente aquele, aquele caminho já está proibido. Aquele caminho que vai para a cidade, e a gente já deparou várias vezes com não indígena vindo da cidade, bem no momento da cerimônia, dos rituais. Então eles vieram, passaram ali de moto, mas geograficamente, culturalmente falando, eles não tinham esse conhecimento. Aí que a gente foi conversando com eles, explicando como que é esse espaço, que ali não podia passar, eles acabaram, quebrando a regra com as visitas não indígenas da cidade. Então, assim é nesse sentido aí que a gente fala que a nossa Geografia, ela tem muitos locais, tem muitos espaços que a gente tem que estar trabalhando nesse campo aí da Geografia.

<https://youtu.be/OkIt3JOfbKE>

Agora eu vou falar um pouco sobre como a gente tem enfrentado os desafios que a cada ano que passa é uma mudança, para nós, os povos indígenas. E hoje é o que mais tem nos preocupado são as mudanças que vem acontecendo, é bruscamente, na sociedade indígena. Então assim, os desafios são muitos. As nossas lutas, batalhas. E por isso que agora a gente está agora, nessa luta né, do saber. E a gente agora, é os povos indígenas se unindo, numa única voz, que é de estar em harmonia mesmo, em harmonia em todos os sentidos, da comunidade e a gente está aí, é envolvido com a Educação, com a Educação

em todos os sentidos também. Tanto a Educação Escolar Indígena quanto a educação indígena. Porque ambas as palavras estão juntas.

Então, assim é os desafios que a gente tem enfrentado, é muito grande. Porque, principalmente, é especificamente o povo *Inŷ-Karajá*, é, apesar de nós sermos um povo muito forte, na questão cultural. Mas tem mudado a cada ano que passa. Os nossos costumes e até as nossas falas maternas também, vem sofrendo mudanças. Então, se a nossa ortografia das palavras que a gente usa para os objetos. Tem mudado, que a gente tem que pegar do empréstimo do português, que é uma coisa muito preocupante, principalmente dos nossos avós. Que infelizmente, alguns já estão de partida, outros já partiram deste mundo. Então, a preocupação que nós, educadores e professores, a gente tem que estar trabalhando agora nas escolas indígenas, para registrar mesmo, essas palavras antigas, que os nossos avós usavam, tanto para objetos quanto para animais. Para, classificar, tudo. Os animais, então tudo tem um nome, então é esse que é o nosso desafio. A gente sabe que a globalização está aí, a cada dia chegando aí, nas comunidades indígenas, então não adianta, a gente é, vou usar esse termo aqui. Não adianta, a gente é estar dando assim mesmo, é lutando contra essas coisas. Então a gente tem que saber unir o útil ao agradável. Eu falo assim das tecnologias que têm chegado às comunidades indígenas. Então muitos jovens aí têm sofrido mudanças, em todo sentido. Mudanças no modo de estar ali, convivendo com os pais, com as mães. Então, assim, então, o que nós temos que fazer, é realmente fazer, registrar, pesquisar com os mais velhos. Então, assim, esse é o método que nós, educadores como líderes também da comunidade e como cacique. A gente tem conversado muito, com essas autoridades da aldeia.

Então aí, a gente tem procurado também parcerias junto às universidades, que já tem costume de trabalhar com os povos *Inŷ*. Então, assim, a UNEMAT aí, ela é pioneira na questão da Educação Escolar. Então, assim, mas não é fácil, a gente está lutando nessa parte aí dos nossos costumes, da cultura. Então assim, a gente tem buscado da melhor forma possível, os nossos anciões, que participam muito também das pesquisas. Eles também capacitam os nossos jovens para não esquecer, produzir os adornos, produzir remédios tradicionais.

Então tudo isso tem feito com que, é tem dado, efeito positivo. Tem dado, positividade para a comunidade. O povo *Inŷ* é, assim, tem lutado para que isso não fique só nos registros, mas que continue a praticar esses conhecimentos que são os saberes indígenas. Então a

gente nunca esquece o que os nossos pais, nossos avós ensinaram para nós e a gente tem que transmitir isso, principalmente, na nossa Instituição Escolar Indígena que está nas comunidades. Então, hoje, a Escola Indígena, comunidade é uma referência de saberes. Então a gente tem que estar usando essa ferramenta. Essa ferramenta, que ela, essa ferramenta junto com os anciões. Junto com os sábios, que são aquelas pessoas que são especialistas em contar mitos, contar histórias e em fazer bonecas de barro. Então tudo, tudo isso é muito rico para as nossas crianças, então é isso que a gente tem feito e trabalhado na nossa instituição escolar.

https://youtu.be/smUIrxQc_Xw

vamos falar um pouco também da questão das propagandas. Que a gente vê muito aí usando o meio ambiente, usando aí também o nome dos povos indígenas. Então, assim eu mesmo. É particularmente, eu não concordo com essas propagandas. Às vezes hoje é, principalmente a TV Globo, ela usa muito a questão da natureza. Mas, infelizmente, o que a gente vê, o que a gente enxerga, não acontece na prática. E tanto é que, é o Brasil, ele é muito rico, ele é muito rico na questão da biodiversidade. Mas o que a gente vê, infelizmente, é a biodiversidade ser degradada, degradada por empresas. Empresas, que realmente não estão nem aí para o meio ambiente. Junto vem os povos indígenas, nessa linha aí. Então, quando a gente, por exemplo: uma vez eu viajei de avião dentro da ilha do Bananal. A ilha do Bananal, ela é um parque indígena, a maior ilha fluvial do mundo, que a gente tem esse conhecimento aí sobre essa ilha e é onde estão os parentes *Inŷ Karajá*, onde está a maior concentração. Então, o que a gente vê lá é um ambiente degradado pelos fazendeiros, criação de gados. E quando a gente olha de lá, a gente vê que só a beirada do Rio que tem matas, que tem árvores.

Mas a realidade lá no meio da mata é um campo limpo. Um campo limpo, com mais ou menos, dá uns quatro ou cinco estádios. É desses estádios, grande mesmo, de cidades grandes, capitais, estádio de futebol. Então, o tamanho da degradação que está tendo o meio ambiente nas terras indígenas. E o discurso que a gente vê é um outro discurso. Que o meio ambiente está sendo defendido. Principalmente, no governo anterior. É o meio ambiente, sofreu muito, sofreu muito. Muitas queimadas, muitos desmatamentos, muita poluição nos rios. E o que a mídia às vezes fala é uma coisa que não está na realidade, que

esse meio ambiente está sendo cuidado e realmente, o que vê, é só a produtividade da sociedade envolvente.

Eles produzem muita coisa aqui, mas a gente só vê a produção, mas essa produção muitas vezes não fica aqui no Brasil. Ela vai tudo pro exterior, então mesmo assim eles usam essa mídia, para fazer propaganda, de produtos que são plantados aqui na esta Terra aqui do Brasil. Então, a gente vê assim que, não é realidade, o que acontece com as florestas e com as matas aqui no Brasil. Então, assim, é muito preocupante, principalmente para nós, povos indígenas. Os povos originários aqui do Brasil, então a gente tem feito de tudo para preservar. As frutas, naturais que estão aqui nas nossas matas. E principalmente, os remédios tradicionais que estão nas matas. Então é isso, é uma riqueza, uma riqueza natural que está nas reservas indígenas.

Hoje não se vê mais frutas nativas. Assim, é falando assim como a gente via antigamente, um pé de muricy, um pé de pequi, coisas que a gente via com facilidade, o que a gente vê, é um montinho. O montinho que está ali pode dizer que está de enfeite ali, numa fazenda bem grande. Um montinho de árvores, um montinho de capim ali pro gado comer. Mas as matas virgens, mesmo hoje, a gente, quase não se vê, a não ser nas reservas indígenas, que ainda se vê isso e é isso que essas grandes empresas ainda querem acabar. Com essas poucas matas que ainda existem nas reservas indígenas. Então assim, essa é a nossa Batalha para que isso não venha acabar com tudo. Essas propagandas, nessas grandes empresas. Então assim, eu queria falar um pouco disso também.

E também é, às vezes a gente também vem lutando contra. É muitas coisas assim, às vezes que vem acontecendo, mas. É, às vezes é bom a gente estar a par é dos acontecimentos, das notícias, aí a questão da política, das questões das políticas públicas. Que vêm acontecendo, política pública sobre biodiversidade, política pública sobre meio ambiente, educação. Eu falo muito nessa área porque é muito preocupante, porque acho que eu também é, cientificamente, eu estudei um pouco nessa parte aí da natureza. Então essa é a minha área, por isso que eu abordo muito. Nessa parte aí da natureza e sobre a nossa preocupação como indígena, como educador.

E também, eu gostaria de abordar um pouco aqui a questão de Estado. Do Estado sobre como ela vem trabalhando com a Educação Escolar Indígena. Com as escolas indígenas aqui no nosso Estado, aqui de Mato Grosso. E nós estudamos uma disciplina, aqui

no PPGCEII - mestrado indígena e eu gostei muito dessa disciplina. Que foi uma disciplina que falou sobre legislação, não é legislação indígena, é no que se refere a Educação Escolar Indígena. Como que ela vem sendo tratada e como ela foi promulgada, desde a Constituição de 1988 e que está no papel, mais infelizmente, esses direitos educacionais não são respeitados na prática. Então, é por isso que nós temos que estar a par é desses nossos direitos. No que se refere a nossa Educação Escolar Indígena. Porque ela tem que ser respeitada, ela tem que ser ouvida. Porque a nossa escola indígena ela é diferenciada, ela é diferenciada, porque ela está em consonância com a comunidade. Ela está em consonância com os nossos costumes culturais. Então é isso, é o que nós abordamos nas nossas instituições, e, infelizmente, o Estado não vem correspondendo como deveria, não tem tido esse retorno para nós de acordo com a nossa Educação Escolar Indígena. Então, ela tem quebrado, ela tem regras, ela tem a cada ano que passa, principalmente nesse governo, agora atual que, foi ele.

Ele foi governador e agora continua. Infelizmente aí continua e a cada a cada gestão dele, nossas escolas, a nossa educação está sendo fragmentada, e infelizmente, a gente tem falado com os representantes da educação indígena, no Estado, então, é muito desrespeito, é de acordo com os nossos costumes, o nosso modo de trabalhar na escola indígena. Então ela não tem respeitado, os nossos modos de trabalhar numa escola indígena, que a gente trabalha com a diferença, a nossa língua mãe, que a língua materna e a gente trabalha com, a nossa metodologia também é diferenciada. A gente, é a língua materna, a gente ensina os alunos a como lidar com as coisas da natureza. Como é aprender os mitos, como aprender a fazer um remo, como fazer uma canoa de madeira, como fazer uma boneca de barro, Então, tudo ali é um saber. Então é isso que o Estado deveria nos ouvir. Em uma comissão ou representantes. Para que esses costumes sejam respeitados, essas aprendizagens sejam respeitadas, então assim, nós temos esses direitos que estão na lei, na Constituição, mas infelizmente ela não é respeitada. É por isso que nós temos que saber, conhecer a nossa legislação, para a gente realmente colocar em prática aí. Correr atrás dos nossos direitos para que as nossas crianças tenham uma escola, uma escola realmente diferenciada e que seja de qualidade e que nós tenhamos alcançado a nossa autonomia. Como deveríamos ter alcançado já há muito tempo. De acordo com o que rege a Constituição de 1988, então é um pouco disso.

CAPÍTULO 10

ESCOLA, CULTURA E LIDERANÇA: A TRAJETÓRIA DE UMA MULHER *INŶ*

Sandra Hakuwi Kuady - Inŷ-Karajá

Me chamo Sandra Hakuwi Kuady, nasci na aldeia Fontoura que se localiza na ilha do Bananal - Tocantins.

Quando eu tinha seis anos de idade, eu e minha família, mudamos para aldeia São Domingos que fica no município de Luciara em Mato Grosso onde resido atualmente. Com sete anos de idade meus pais fizeram minha matrícula no pré, então comecei a minha vida escolar na escola *krehawa*, na época a escola funcionava pela FUNAI, meu primeiro professor foi meu pai Paulo Kuady Mambiora, ele dava aula no ensino fundamental.

Quando passei de série para primeira série minha professora foi a Tereza Mahike Karajá e tempo depois ela foi minha colega de trabalho e de curso na faculdade. Devido a problemas de saúde e outros, ela foi afastada do trabalho e também desistiu do curso, infelizmente não conseguiu concluir a Licenciatura em Pedagogia, nesse período foi uma das fases que marcou a minha vida, porque foi muito triste a situação da minha ex professora e me coloquei no lugar dela, infelizmente ela não conseguiu se aposentar devido à falta tempo de serviço e por não ter a idade mínima e por isso não teve como se aposentar pelo trabalho como professora, hoje em dia ela se sustenta de bolsa família e com a ajuda da família, mas pelo tempo de dedicação e esforço com seu trabalho tem o reconhecimento e respeito da comunidade.

Na primeira série eu aprendi a ler e a escrever com meu pai professor Paulo kuady e a professora Tereza Mahike Karajá, na escrita de língua materna indígena e *Inŷ-rybe* este foi meu primeiro passo para manter a grande importância da nossa cultura é identidade, a aula ministrada com professores indígenas na escola *krehawa*.

No ano 2003 a escola foi legalizada pelo estado de Mato Grosso, atualmente o nome oficial da Escola é “Escola Estadual Indígena *Hadori*” a escola de referência de ensino

específico voltada na Educação Escolar Indígena, pois estudei na escola indígena até 4^a série porque na época a escola funcionava só até o ensino fundamental a partir da 5^a série fui estudar na cidade, no colégio Humberto Castelo Branco porque era necessário devido não ter Ensino Médio na escola indígena.

Na 5^a série conheci a professora Elizete Beatriz Azambuja, foi minha primeira professora de Língua português uma pessoa maravilhosa e bem amigável, querida por todos os alunos/as, ela foi uma das minhas professoras que marcou minha vida e até hoje temos contato como amiga e minha ex professora, tenho muita admiração e respeito por ela, ela é a melhor professora que conheci na minha vida me ajudou bastante, porque quando passei a estudar na escola urbana, eu não sabia ler e escrever bem na língua portuguesa devido por ter aprendido a ler e escrever primeiro na língua materna *Inŷ-rybe* e a língua português é considerado como a segunda língua, por isso eu tinha muitas dificuldades para me expressar e

Falar em português, eu sabia falar poucas palavras, as mais básicas que tinham, como de comprimento e outras, mesmo assim eu não colocava muito em prática, nem falava direito, mas a professora Elizete foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida, pois é uma profissional e pessoa muito atenciosa, ela que me orientou e me ensinou nos meus momentos de dificuldade na aprendizagem da língua portuguesa, pelo fato de ser meu primeiro contato na 5^a série na escola não indígena, então a professora Elizete me deu a maior força e me incentivou na minha aprendizagem de estudo, depois da aula ela marcava um horário específico só para ela me atender e me ensinar a falar e escrever, pois percebeu minha dificuldades de leitura e a escrita, minha gratidão a professora Elizete Beatriz Azambuja.

Na 8^a série as coisas ficaram meio que mais difícil do que já estava, cada série que passei tinha sua realidade diferente, mas umas me marcaram mais e a 8^o série era um desafio para mim, tive muita dificuldade na matéria de matemática, português e outros, o professor de matemática era o Márcio e a professora de português era Elizete, quando chegou o fim do ano eu fiquei de recuperação devido minhas dificuldades, mas não me esforcei também e fiquei desanimada, muito triste, não ia à aula de recuperação e acabei sendo reprovada, depois minha mãe e minhas colegas conversaram comigo, dizendo que as coisas não são assim a gente tem que enfrentar cada vez que a dificuldade aparecer, com essas dificuldades as pessoas sempre aprendem alguma coisa para crescer na vida, o

conselho mais importante que ouvir que levo até hoje comigo como meu incentivo da minha vida, foi relevante para meu crescimento, “não pode desistir no meio do caminho, pelos menos tem que tentar fazer” e hoje essas palavras que foram ditas para mim passo para meus filhos que eles também são capazes de fazer o que eles querem e chegarem aonde querem mesmo diante das dificuldades, é sempre importante incentivar e ter apoio moral, assim tudo fica mais leve para lidar.

No ano seguinte eu repeti a 8^a série e conheci outros colegas de sala pois a sala que eu estudava os meus colegas passaram para outra sala, então no início de ano de aula eu comecei me esforçar e fazer leitura, procurava mais à fazer minhas atividades escolar para responder às tarefas de escola, isso fez com que eu melhorasse o meu desenvolvimento de aprendizagem e teve avanço, quando chegou o fim do ano os professores convidaram todos os alunos para verem suas avaliações para saber quem passou e quem ficou de ano, fui chamada para ver minha auto -avaliação e no final estava escrito aprovada, fiquei tão feliz que não acreditei e ainda perguntei a uma das minhas professoras se realmente eu tinha passado, ela respondeu que sim. Saí do colégio rápido, peguei minha bicicleta e fui para a aldeia dar a notícia aos meus pais, pois passei por tantas dificuldades, era um desafio e tanto, mas consegui, enfrentei graças ao apoio deles, então para mim foi uma superação e uma das conquistas importante em minha vida.

A aldeia fica a 2 km da cidade de Luciara onde todos os dias tinha que enfrentar a distância para ir à escola entre sol e a chuva para frequentar as aulas, tudo que consegui superar com ajuda da minha família que são meus pais e a paciência da minha professora Elizete, pois ela fez tudo que é necessário para que eu interagisse com minhas colegas da sala de aula, mas ao longo do tempo comecei a me acostumar me esforçar nas atividades e na interação com os colegas, comecei a ter amizades, principalmente com a colega Solange Lopes que sempre quando fazíamos trabalho de escola em grupo ela me convidava para participar do seu grupo, isso me ajudou muito e me sentir acolhida, conversávamos muito, me ajudou a melhora na minha comunicação na segunda língua, naquela época eu era muito tímida, eu lembro que sentava no fundo da sala de aula, não gostava de conversar muito porque ficava com medo falar errado ou ler e errar, ficava nervosa, as vezes eu fazia leitura em grupo.

Durante meu percurso no Ensino Médio a minha colega Solange me dava a maior força para me fortalecer na vida de estudo, ela conversava comigo, para não ter medo de ler

e de errar, porque todos seres humanos tem erros e também nós éramos estudantes e que estávamos na sala de aula e todos nós estávamos no mesmo processo de aprendizagem, para poder aprender, isso me confortava e tirava um pouco do meu medo, ela também se tornou uma das minhas melhores amigas, além de ser colega de sala, lembro que toda vez quando íamos fazer atividades e trabalhos em grupo a Solange me chamava para estudar na casa dela, às vezes nós iríamos na minha aldeia na minha humilde casa, nós ensaiamos na casa dela com as outras colegas e no final tudo dava certo eu conseguia me expressar na apresentação do trabalho.

Solange foi minha amiga e colega de infância, crescemos e cada uma seguiu sua vida, mas sou muito grata a ela e hoje em diante ainda temos contato pelo *facebook* na rede social, e foi assim que fui melhorando bastante, tive meu avanço de processo no ensino de estudo em alguns pontos.

No Ensino Médio meu professor de Educação Física foi o Wesley Santos Barros, eu não era muito boa de futebol e outros exercícios em relação à Educação Física não era meu forte, mas era bom para ficar juntos com os colegas conversávamos e nossa interação era boa, quando passei em outras séries eu aprendi duas culturas diferentes porque ao longo do estudo que frequentava a escola urbana do *tori*, por vários motivos gostei da convivência com as colegas não indígena, naquela época no meu ponto de vista não tinha muita descrição sobre a pessoa ter a cultura diferente, as pessoas tinha respeito, talvez porque naquela época a criação de jovem era mais com a família não tinha influência ou seja interferência de tecnologia avançada como hoje em dia que traz pontos positivos e negativos, eu lembro que foi bem divertido durante a minha vida escolar, nós íamos fazer piquenique na praia e na chácara e na aldeia na beira do rio tinha as pedras lindas, nosso locomoção era bicicleta ou até mesmo de pé para nós estudantes chegar ao nosso destino de diversão e lazer foi momento incrível, tenho umas boas recordações com a trajetória de minha infância.

Quando passei de ano para Ensino Médio do 1º ano do 2º grau meus pais resolveram morar em São Félix do Araguaia em busca de mais conhecimento para melhorar meu desempenho na escola, então eu tive que ir junto com eles eu fui matriculada no colégio Tancredo Neves, isso foi no ano 1999, foi uma coisa muito legal, foi novidade pra mim e uma nova experiência e tive que morar na cidade então tive mais convivência com não indígena, algo que melhoraria a fluência da minha segunda língua, foi a primeira vez que fui morar na

cidade fora da aldeia nasci e cresci na aldeia, então era uma outra realidade a escola mais avançada de acordo com políticas do homem branco.

Naquela época tive que me acostumar com a realidade da cidade, era uma necessidade para conseguir seguir as regras da escola e tanto na vida externa e não foi difícil na época, tudo foi tranquilo, no meu primeiro dia de aula, foi bem legal, me apresentei para os novos colegas da sala e me deram boas vinda a minha nova turma.

No dia seguinte conheci uma das colegas de sala e fiz amizade com ela e assim foi indo, mas sentia saudades da minha aldeia, de ir ao rio com meus colegas e brincadeiras culturais, todos fim de semana meus pais iam na aldeia de ônibus era 2 horas de viagem, depois minha família resolveu voltar na sua terra natal devido ao serviço.

No 2º ano fui estudar na Cidade Aruanã interior do Goiás, fiquei lá durante três meses, morava junto com minha irmã Cleonilda Xirikeru e meu cunhado Luiz Carlos que eram recém-casados naquela época, tive que voltar porque não deu certo, não conseguir ficar longe da minha família, sentia muitas saudades dos meus pais e voltei para a aldeia São Domingos e fui estudar na cidade de Luciara-MT novamente, no colégio Juscelino Kubitschek, frequentei as aulas durante 6 meses, depois desisti porque passei por problemas pessoais e isso atrapalhou meu estudo.

Fiquei grávida da minha primeira filha de um relacionamento passageiro, passei por muitas dificuldades sem terminar o estudo, sem emprego e o pai da minha filha não assumiu a responsabilidade como pai, então foi um grande obstáculo na minha vida pessoal, foi bem difícil, criei minha filha primogênita com ajuda e apoio dos meus pais, eles cuidaram da minha filha até 4 anos de idade e nesse período resolvi voltar a estudar e me esforçar, para que eu pudesse oferecer uma vida melhor para minha filha, eu tinha um sonho de conseguir um trabalho de profissão através do meu certificado de conclusão de curso, ter trabalho com formação, mas não sabia qual seria meu trabalho, simplesmente pensava em concluir o ensino médio.

Os conselhos e incentivos da minha família foi muito importante para mim principalmente da minha mãe Iracema Hakuwi, ela sempre falava as seguintes palavras lembro como se fosse hoje *"filha eu nunca tive oportunidade de estudar para ser alguém na vida para ter uma profissão, sou analfabeto porque na minha época era tudo difícil por isso não conseguir aprender ler e entrar na escola, simplesmente as mulheres só podiam ser"*

dona de casa, casar e cuidar dos afazeres da casa e ser doméstica, mas tenho muita sabedoria com as experiências adquirida e a educação que seus avós passaram, então estude bastante para que você consiga seu sonhos e objetivos, que um dia vai ser alguém na vida como profissional e como pessoa para que possam ajudar sua família e seu povo quem sabe até mesmo uma ser uma das liderança". Essas foram as palavras mais lindas que já ouvi na minha vida, minha mãe me fez enxergar e essa fala me deu esperança, foi muito forte as palavras dela as mais fortes que já ouvi na minha vida que me ajudou bastante para que possa prosseguir minha vida diante de obstáculos e desafios.

A vida da minha mãe foi minha maior inspiração me incentivou para tudo de bom, ela foi e é meu espelho, foi uma grande mulher e guerreira mesmo que ela era idosa cuidou da filha minha pequena com muito amor e carinho e todo cuidado para que eu pudesse continuar estudando e ver uma filha universitária era um sonho dela, me ver como uma profissão, sonho de todas mães, querem o melhor para os filhos, e me esforcei para ver minha mãe feliz e realizada o que ela não foi um dia.

Em 2003 retornei a estudar o 2º ano e passei para o 3º ano, fiz o provão e concluí o 3º ano e 2º grau do Ensino Médio, meus pais são minha inspiração meu espelho na trajetória de vida escolar e profissional, atualmente sou uma professora formada em pedagogia.

Então no ano de 05/12/2004 prestei o vestibular para educação à distância, a divulgação dos resultados saiu em janeiro de 2005, na primeira chamada não tive a oportunidade, mas quando surgiu a 2ª chamada fui classificada e com a ajuda de Deus em primeiro lugar agradeço a Deus e segundo lugar apoio da minha família e meus pais que nunca desistiram de mim e confiaram em mim, assim que ingressei na faculdade.

Nesse período descobrir estava gestante do segundo filho foi uma grande surpresa, inesperado também, mas quando cheguei na abertura da apresentação de acadêmicos fui contar para meu companheiro e ficamos feliz com a notícia, a vinda de mais um membro da família e formamos uma família, atualmente temos 4 filhos e com minha primeira filha mais velha sou mãe de 5 filhos, bem no início do meu curso de Pedagogia fiquei grávida do meu segundo filho e esse período tive todo apoio, durante meu curso, o meu companheiro e minha irmã que ajudou a cuidar do meu filho e apoio da minha família foi muito importante e com ajuda e incentivo da minha família conseguir concluir, sempre foi um sonho meu e conseguir me formar na universidade, pela Unemat, em Pedagogia.

Atualmente sou professora de Ensino Fundamental e meus alunos são do 4º e 5º ano, formada em Pedagogia com muito orgulho. Não foi fácil onde cheguei, foi uma luta com muita dificuldade, principalmente, financeira e outras coisas, só que conseguir superar todos os desafios. No ano 2014 a 2015 fiz curso de Especialização em Educação Intercultural e Transdisciplinar Gestão Pedagógica, foi uma troca de experiência com as colegas de outras etnias foi enriquecedor o ensino sobre Educação Intercultural Indígena com as outras escolas onde trata a realidade de educação diferenciada de cada um e as escolas com suas realidades diferentes do seu povo, com essa reflexão teve retorno para nossa comunidade sobre a importância de estudar a cultura e conhecer melhor as histórias do seu povo e origem e para professores foi importante para que possam ensinar nossos jovens alunos na sala sobre a importância da cultura, aprender e ter trocas de saberes.

Surgiu uma grande oportunidade na comunidade da minha aldeia para vaga de Diretor da Escola Estadual Indígena Hadori e algumas pessoas colocaram meu nome como candidata e aceitei e me candidatei na seleção de emprego de direção e conseguir a vaga e foi meu primeiro emprego, fui diretora da Escola Estadual Indígena Hadori que minha comunidade me deu essa oportunidade um cargo de confiança e votos de confianças da comunidade, tinha três candidatos eram homens e comigo era 4 candidatos sendo mulher era somente eu e foi uma conquista e tanto para mim porque fui a primeira mulher indígena como diretora da escola. Na época ainda tinha muita barreira para ser quebrada, o espaço para empregar as mulheres indígenas na comunidades naquela época era bem difícil para as mulheres *Iny* então foi uma das minhas primeiras conquistas de trabalho no cargo de direção de administrativa na escola, fiquei muito feliz pelo trabalho e pelo reconhecimento do meu povo da comunidade e pela confiança.

Assim foi o primeiro passo de desafios e aprendizados, adquirir os conhecimentos interno e externo na comunidade e da Seduc-MT eram muito difíceis e liderar a equipe da escola, servidores como professores, funcionários da limpeza, merendeira e alunos e nos gestores para lidar com trabalho pedagógico da escola, mas foi caminhando e aprendendo a resolver tudo na comunicação.

Entrei no meu primeiro emprego começando somente com minha expectativa de boa vontade de trabalhar, entrei sem experiência, sem formação de graduação, simplesmente só com a força de vontade e confiança, a escola teve conquista e história em seu

funcionamento, e conseguimos o ensino fundamental, Ensino Médio e até a Educação Jovens e Adultos (EJA).

Tiveram reuniões com a comunidade e juntamente com a representante da Seduc de Educação Indígena que era Wanda Fortunato e outros com intuito de elaboração de projeto pedagógico para a trabalhar de acordo com sua realidade na escola diferenciada com regimento da Escola Indígena e a escola foi legalizada com sucesso e documento oficial logo saiu, também teve o ponto negativo, foi o período difícil na comunidade escolar, presenciei como diretora da escola Hadori a existência de alguns pais na comunidade que não aceitavam a disciplinas de língua materna e prática cultural do *Inŷ* na escola e sala de aula, eles queriam tirar os filhos e alguns deles foram matriculado na escola urbana para estudar na cidade para que os filhos aprendessem a escrita em língua portuguesa e falar fluentemente na língua portuguesa eles diziam que já falavam a língua materna e tinham conhecimentos sobre a cultura na aldeia, então para eles não tinham necessidades de estudar sobre a cultura, porém não tinha importância de estudar a cultura por esse motivo e teve impacto muito grande, saída de alunos da escola para cidade escolar urbana.

Então nós gestores e com algumas lideranças e os professores juntamente, nos organizamos sempre realizando reunião com a comunidade, periódica ou por semestre sobre a Educação Indígena, falamos a importância da cultura, da língua materna, a preservação e manter a língua na escrita e oral para que os jovens futuramente terem conhecimentos e não esquecer a sua identidade cultural e origem, que essas pautas importam, pouco a pouco conseguimos resgatar a confiança da comunidade para reconhecer a importância da Escola diferenciada dentro da cultura.

Nossos grandes aliados que foram o professor Chico Machado do Cefapro, Olimpia Soares da Prelazia e professora Socorro Pimentel da UFG e os professores indígenas Paulo kuady, Tereza Mahike, Celio Ijawari, Luiz Carlos Mauri e eu Sandra kuady e algumas pessoas da comunidade, essa luta foi de suma importante para comunidade, a luta foi grande, mas teve retorno positivo, nossa luta era para que os alunos permanecesse na escola Hadori para que os alunos voltassem a estudar na sua escola porque é importante iniciar sua vida escolar na série iniciais da língua materna para se identificar a sua história e origem, assim vai os alunos e estudantes vai terem facilidades de aprendizagem começando pela sua raiz e cultura original do povo *Inŷ*, com intuito de fortalecer seus conhecimentos de estudo então assim foi uma das superações do resgate dos alunos *Inŷ*, durante minha gestão

como diretora da escola *Hadori*, quando terminou meu mandato teve outras eleição para diretor com outros candidatos.

Eu fui para coordenação pedagógica, outra nova experiência e oportunidade no caminho então foi assim que comecei a me identificar na área de Educação Indígena e fui me aperfeiçoando, procurei a informação do curso de formação continuada que era ofertado pelo Cefapro e fiquei como coordenadora pedagógica durante 1 ano.

Em 2007 fui para a sala de aula onde estou atualmente como professora de 4º e 5º ano onde me identifiquei mais e por isso até hoje estou atuando na sala de aula, gosto de trabalhar com as crianças meus alunos têm entre 9 e 11 anos, são crianças adoráveis e amigáveis.

Vale ressaltar que além desses cargos, fui a primeira cacique mulher da minha aldeia, foi um momento histórico, vim de uma família que fizeram história, com lutas e legado de liderança, meu pai foi cacique e professor bilíngue e tradutor de hinários, foi uns dos fundador da terra indígena aldeia *krehawa* atualmente o meu pai é um professor aposentado pela FUNAI.

Meus pais, minha inspiração, meu espelho e a trajetória de vida escolar e profissional que sou atualmente, uma professora formada em pedagogia são graças a eles.

De 2014 a 2015 concluiu o curso de Especialização em Educação Intercultural e transdisciplinar Gestão Pedagógica Intercultural na UFG.

No ano de 2020 fiz a minha inscrição para concorrer a vaga de mestrado “Ensino em contexto indígena intercultural na Barra do Bugres, só que na primeira tentativa não consegui entrar o meu projeto conseguir nota boa na entrevista saiu bem, tive uma nota boa também, fiquei classificada fiquei muito feliz e ao sair a análise de currículo e resultado final, percebi que eu não consegui entrar, fiquei muito triste, chorei e me decepcionei, no ano seguinte não concorri por ficar desacreditada da minha capacidade de ser aprovada.

No de 2022 os meus colegas de trabalho me incentivaram, contando suas experiências de que também não tinham conseguido passar da primeira vez, após ouvir eles me dando força eu comecei acreditar que seria possível, realizei minha inscrição, melhorei o meu projeto e iniciei as etapas.

Na primeira conseguimos realizar a inscrição com os documentos e projeto pronto, depois passamos pela defesa do projeto, avaliação do currículo e entrevista. A cada resultado a esperança de que ia dar certo aumentava, fiquei muito feliz com as notas alcançadas, ao conseguir aprovação foi um sentimento muito bom, pois era um sonho muito esperado e que eu achava que era impossível.

Ao entrar no curso de mestrado Ensino em Contexto Indígena Intercultural - PPGECII, assim gostaria e quero prosseguir para melhorar meu conhecimento, para que possa ajudar nossos jovens indígenas e a comunidade para um futuro melhor com novos conhecimentos e evoluir sempre.

REFERÊNCIAS

KUADY, S. (2022). **Mulheres Indígenas Iny em busca de reconhecimento para um futuro melhor.** Fragmentum, (58). Disponível em <<https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/66193>>. Acesso em junho de 2025.

Entrevista

Sou professora Sandra Hakuwi Kuadi. Sou formada em Pedagogia pela Unemat. Minha especialização intercultural pela UFG de Goiás. Trabalho na escola *Hadori* (Escola Estadual Indígena *Hadori*), que fica na aldeia São Domingo – *Krenawa*, município de Luciara. Lá tem matriculados, cerca de 110 alunos. Ensino Fundamental, Ensino Médio e EJA também.

Então sempre é importante, é falar de ciência, porque existe na nossa cultura que muitas pessoas mais velhas, que usam remédio tradicional, que é muito importante para a comunidade. A preservação, o conhecimento dos saberes indígenas dos anciões. Para poder repassar para jovens, e na escola é muito importante, é onde os anciões podem passar e os professores na metodologia também, oralmente também. E isso é muito importante, eu acredito que faz parte da ciência. Não é comprovado cientificamente, mas, salvou muitas vidas. É, por exemplo, que durante o coronavírus, muito remédio tradicional, ajudou bastante a população indígena. Antes da chegada da vacina. Que foi comprovado, demorou, mas chegou. Isso ajudou bastante a comunidade, o remédio tradicional, do povo *Iny*.

Não tem nada assim específico que que abrange que é cientificamente, mas sempre a cultura, sempre está ligada em relação à ciência. Como a pesca, que os *Inŷ* usam um método do tipo, tipoia que fala, aquele negócio, umas plantas que joga no lago para poder matar os peixes. Para se alimentar e isso é muito importante para contribuição da, que a ciência traz esse conhecimento.

Isso é o timbó, outras culturas também usam. Antigamente nós, Karajás, também antigamente, hoje, atualmente também eles tem utilizado muito isso ultimamente. Porque com a rede com os de outro negócio, outra utilização está acabando com o peixe. Aí esse, a plantação não acaba tanto porque nem todos os peixes morrem nos lagos. Geralmente são usados no lago, as plantas que o jovem usa para poder matar os peixes. Que aquela química sai das plantinhas para ir, os peixinhos tomam e acabam morrendo.

Eu, eu acredito que tem que ser assim, mais voltado para a realidade da comunidade indígena, assim facilita muito o nosso trabalho, nosso conhecimento, nossa cultura, nossa crença, nossa. Que tudo o que vem da cultura tradicional. Em primeiro lugar. Precisa ter concurso público e para concurso público específico para indígena para fortalecer o trabalho dos professores e indígenas. Que seria muito importante para aprimorar o trabalho.

Seria muito importante, porque, muitos professores na região de Mato Grosso trabalham contratados, interinos. Nenhuma, poucas pessoas são concursadas. Aqui mesmo, no mestrado, parece que tem três pessoas na minha sala que são concursados, e o resto, tudo interino.

CAPÍTULO 11

A LUTA PELA TERRA E A SALA DE AULA: A TRAJETÓRIA DE UMA PROFESSORA TERENA

Misma Turi Rondon Mamedes - Terena

Trajetória de meus pais e avós

Meu nome é Misma Turi Rondon Mamedes tenho 38 anos, nasci dia 12 de novembro do ano de 1985, moro na aldeia *Kuxonety Poke'ẽ* (terra esperada), pertencente ao município de Matupá no Estado de Mato Grosso, sou formada em Licenciatura em Pedagogia Intercultural, leciono atualmente na Escola Estadual Indígena *Komomoyea Kovoero*, para turma do 4º e 5º ano. Vou relatar a minha trajetória escolar, profissional e cultural.

Sou filha de Brasiliana Clementino Rondon e Milton Jorge Turi Rondon, a minha mãe é pertencente ao povo *Terena* e o meu saudoso Pai era Mestiço da Etnia Tapirapé e *Terena*, era conhecido como Cacique Rondon. Meus avós paternos, Catarina Jorge, da etnia *Terena* e Hélio Turi Rondon eram *Tapirapé*, avós maternos, Olinda Alcântara e Bernabé Clementino são da mesma etnia *Terena*.

Meu pai que era conhecido como Cacique Rondon liderou um grupo do povo *Terena* na busca da conquista da terra, essa luta começa no ano de 1982, bem antes do meu nascimento. Por seus pais na época que moravam no estado de Mato Grosso do Sul, foi um período muito difícil, na época meu avô tinha um sonho de retornar a sua aldeia de origem. No mesmo ano, minha avó Catarina e meu avô Hélio, tiveram duas perdas de seus filhos, Cilta e Eli vieram a falecer.

Por esse motivo e a falta de espaço para fazerem o plantio para o sustento, dificuldade financeira e falta de trabalho, tiveram a ideia de retornar definitivamente à aldeia de origem Urubu Branco do povo Tapirapé, Município de Santa Teresinha em Confresa. Relatava meu avô que na sua aldeia tinha muita terra, peixe e caça onde sempre lembrava do seu povo. Mas meu pai na época não queria ir acompanhar meu avô, segundo minha mãe relata que ela não queria deixar a aldeia dela onde viveu desde a infância e o outro motivo foi que meu pai estava trabalhando e não poderia abandonar seu trabalho naquele momento. E ficou com

a minha mãe na aldeia olho d'água e meus avós e irmãos do meu pai acompanharam eles seguindo viagem rumo a aldeia Urubu Branco.

O relato de minha mãe, que a viagem que era de destino à aldeia de meu avô, não chegou a concluir, ficando em Cuiabá, por motivos financeiros não conseguiram prosseguir viagem, ficando em Cuiabá com a família permanecendo alguns dias na ‘chácara do índio’ onde os doentes indígenas de várias regiões permaneciam em tratamento de saúde.

A FUNAI, Fundação Nacional do Índio, ajudou a família *terena*, na articulação de uma moradia com o povo Bororo. Onde tiveram que conviver com eles alguns anos, tendo os vínculos de amizades de consequentemente a família cresceu, houve casamento de *Terena* com Bororo. A FUNAI na época ficou muito preocupada com essa situação do grupo pois a população tinha aumentado do povo *Terena*.

Conforme ata registrada em 23 de agosto do ano de 1988, ao saírem do território do povo *Bororo*, os **Terena** foram morar em barracos de lona na periferia de Rondonópolis, onde passaram fome. As mulheres foram trabalhar de domésticas, os homens por não ter níveis de escolaridade não conseguiam empregos, e essa situação foi se arrastando até o ano de 1997. Cansados dessa situação, o líder do grupo, Milton Turi Jorge Rondon, filho mais velho do senhor Hélio Turi, buscou apoio em alguns segmentos da sociedade, como a Universidade Federal de Mato Grosso, o setor de Direitos Humanos Simeão Bororo, com o antropólogo Professor Paulo Mário Isaac e César Carneiro, os quais motivaram e apoiaram o grupo na reivindicação de um novo território. (MAMEDES, Rondon Turi Misma, 2016).

Começa a luta por um espaço onde a família Rondon pudesse morar e praticar sua cultura, essa situação permaneceu por muitos anos, meus pais já não praticavam mais a cultura, adotaram a religião evangélica onde nasci e fui criada nos ensinamentos e princípios evangélicos.

Nascimento Infância e religião

Minha infância foi incrível e ao mesmo tempo uma infância cheia de medos, desafios e dificuldade financeira de meus pais. Venho de uma família evangélica todos os meus ensinamentos foram conforme a religião de meus pais, nasci em berço evangélico, tudo que aprendi no laço familiar guardo comigo até hoje, os valores, respeito e acima de tudo crer em um Deus supremo, minha mãe dizia “que Deus é um só depende da fé que cada um”.

Nasci na aldeia, Olho d'água Município de Dois irmãos do Buriti-MS, meu nascimento foi em casa com a parteira minha avó Catarina. Anos depois, meus pais foram morar na cidade de Rondonópolis, na aldeia *Pobore* do povo *Boe-Bororo*, anos depois, meus pais se mudaram para o bairro jardim Iguaçu onde vivi até os 8 anos de idade, se mudaram por problemas territoriais, pois a população Terena aumentou a população, em territórios do Povo Bororo onde eles ocupavam na época.

Estudei em escola não indígena, Escola Municipal Rosalino Antônio da Silva, nesta escola aprendi a escrever o meu primeiro nome e consequentemente a ler e escrever, ali vivi os melhores momentos de uma aluna frágil e ao mesmo tempo guerreira. Começa a luta em uma escola cheia de preconceito e desafiadora, por ser uma aluna indígena e estudando numa escola do não índio. Como eu era criança não importava e nem sabia o que era preconceito que vivenciava na escola do não indígena.

Eu não tive privilégio de ser alfabetizada pelo meu pai, minha irmã foi alfabetizada por ele, ela entrou na escola sabendo todo o alfabeto e sílabas. Já por ser a filha caçula, meu pai era muito protetor e não exigia muito de mim, não me alfabetizou deixando todas as responsabilidades do meu ensino para a professora.

Me lembro, quando entrei pela primeira vez na escola, tudo era novidade para mim, não tinha nem noção como seria dentro da escola, se eu iria ter bons colegas, ou se iria ter uma professora legal. Tudo muito diferente, você está no meio de tantos alunos diferentes na qual eu não estava habituada a conviver. Eu estava acostumada a estar sempre perto da minha mãe. Estudava no período vespertino. O primeiro dia de aula me lembro que estava ansiosa, os meus caderninhos arrumados que minha mãe tinha comprado os meus materiais, meus cabelos eram longos por causa da minha religião cristã estavam com tranças muito bem penteados. Às 13:00 horas o portão se fechou todos os alunos da 1^a e 8^a série na época se reuniu no pátio da escola e se posicionaram em filas por série, assim o Diretor Iurim não me recordo muito bem do sobrenome dele, foi chamado por série e falando o número da sala e o nome da professora.

Os meus irmãos, Mateus o mais velho, Messias o do meio, Micael o caçula dos homens e minha irmã Miria também estavam todos em suas filas conforme a suas séries. Mas mesmo assim eu estava muito ansiosa por ver muitos alunos e professores num mesmo ambiente, meu coração acelerado por ver multidões de pessoas me senti 'como peixe fora

d'água. Foi um desses momentos que não prestei atenção na chamada do Diretor e perdi da professora da minha sala. Todos os alunos que foram chamados seguiram seus professores, somente eu que não ouvi e no momento não sabia o que fazer pois havia muito barulho de conversa, era um lugar estranho para mim.

Quando chamou a turma do meu irmão Messias eu rapidamente corri atrás da fila dele e o segui até sua sala. Entrei e sentei atrás dele, mas a professora chegou e perguntou para ele o que eu estava fazendo na sala. Muito atenciosa e delicada pediu para o meu irmão me levar à minha sala. Foram 2 dias sem decorar onde ficava a sala que eu estudava, não conseguia, pois, a escola era muito grande, os quarteirões iguais, eu ficava confusa sem saber onde estudava.

Na hora da merenda, um momento que guardo em minha memória o sabor e o gosto do cheiro verde na sopa, as merendeiras levavam a nossa merenda em bandeja na nossa sala, era servido em cumbuquinha, depois que saímos para o recreio esse momento era maravilhoso. Me recordo de um momento que me deixou muito triste, que hoje me lembro e me faz sentir mais forte e carinhosa com meus alunos.

Quando estava na 2^a série, no ano seguinte tive dificuldade na leitura de sílabas complexas, por esse motivo que fiquei de recuperação no final do ano. Minha irmã mais velha que me levava sempre na escola, para fazer o reforço, pois ela e meus irmãos passaram de série. Foi uma semana de recuperação, um desses dias, como não consegui ler o texto que a professora deixou para ler em casa, nesse momento que não consegui ler, ela soltou uma frase que até hoje guardo como inspiração não como uma negatividade.

Faço dessa lembrança algo muito melhor como fonte de inspiração quando meus alunos estão com dificuldade em aprender um conteúdo. Falas da professora ela me disse a seguinte frase “você parece igual burro, quando empaca, não há ninguém que tire você do lugar”. Na hora fiquei triste e comecei a chorar e não conseguir ler, o nervosismo tomou conta de mim e daquele dia não foi produtivo a leitura. Muitas crianças poderiam ser traumatizadas pela professora, mas eu venci, como criança e como aluna e hoje sou feliz por passar por essa incômoda situação na minha infância, penso que ela estava no seu momento ruim e venho a recordar da frase de Willian Shakespeare.

“Aprende que, quando está com raiva, tem o direito de estar com raiva, mas não dá a você o direito de ser cruel (Willian Shakespeare).

Me lembro bem desse comportamento de uma professora, numa escola pública, comportamentos que nem deveriam existir, eu era uma criança frágil e além disso uma indígena estudando no mundo estranho, onde deveria ser acolhida e não ofendida com palavras preconceituosas. Neste sentido, me apoio no que o autor Paulo Freire fala sobre o professor afirmado como deve ser um professor.

Um professor dedicado para a educação popular tem que acreditar em mudanças, não pode ensinar apenas para ler e escrever, é preciso haver uma mudança de paradigmas, e transmitir esperanças, fazer com que o aluno se transforme em sujeito pensante, crítico e consciente no que envolve no dia a dia, o professor tem que de prazer, alegria e transmitir aos alunos. Freire (2002, p. 80)

Mas como eu era criança não me importei com que ela disse, segui fazendo todas as leituras que ela me pedia, mesmo assim eu gostava dela e não contei para minha mãe o que ela me disse. Assim segui a semana fazendo reforço e no final fui aprovada. Foi o momento de felicidade quando chegou o boletim para os meus pais.

Na escola da minha infância, antes de começar a aula a professora e os alunos tinham que fazer a reza do pai nosso, todos ficavam em pé e a professora mandava todos rezarem independente da religião, meus pais diziam que poderia sim se levantar, a respeito a professora, mais na hora da reza teríamos que orar, porque essa era a nossa religião, assim seguíamos nesse ritmo o ano todo.

Nesse período os meus avós paterno moravam na aldeia *Pobore*, aldeia pertencente aos povo *Boe-Bororo*, nas férias de julho íamos todos para casa da minha vó Catarina, era o que eu mais gostava, meu saudoso pai tinha uma bicicleta cargueira, onde eu e minha irmã sentava na frente da bicicleta e minha mãe ia sentada atrás e assim partíamos do bairro do Jardim Iguaçu até na aldeia *Pobore*, era uma diversão e tanto, meus irmãos por ser mais grande eles iam a pé com suas mochilas nas costas carregando suas roupas.

Esses momentos foram marcantes na minha caminhada como estudante da escola e aldeia do povo *Boe-Bororo*. Dois espaços que aprendi os bons valores.

Terra de origem

Em 1993 aos 8 anos de idade, meus pais retornaram para a terra de origem, Mato Grosso do sul, aldeia Lagoinha pertencente ao Município de Sidrolândia com a finalidade de evangelizar o povo Terena. Ele por ser missionário foi designado a levar a palavra evangélica

para aqueles que não conheciam. Uma aldeia que eu desconhecia, muito diferente da qual eu estava habituada a visitar, pois nunca ouvi meus pais falarem da nossa aldeia de origem. Fomos matriculados na escola indígena, a partir de então que pude pela primeira vez ter contato com minha cultura, não falava a língua materna, não conhecia as nossas histórias, os cantos e nem sabia dançar a nossa dança tradicional, todos os ensinamentos da minha cultura que preservou hoje foram ensinados na escola, a escola foi um fator importantíssimo no processo do meu ensinamento cultural do meu povo, não culpo os meus pais por isso, foram ensinados o que no momento era propício para eles o ensinamento do evangélico.

Nessa caminhada de meus pais, em busca de evangelizar, os meus pais se separaram, quebrou o laço familiar da minha família que tanto me inspirou. Com a chegada da separação de meus pais, minha mãe teve muita dificuldade financeira e teve que cuidar de mim e de meus irmãos sozinha. Meu pai na época retornou para Mato Grosso na Cidade de Rondonópolis junto com o meu irmão mais velho Mateus, para continuar na busca de seu sonho e objetivos que seus pais tinham iniciado em 1982 em busca de um espaço para poder acomodar sua família.

Lembro de minha mãe trabalhar na época como doméstica ganhava 70 reais por mês, onde ela fazia de tudo para não faltar nada de alimentação. Mas mesmo vendo as dificuldades da minha mãe, eu sempre fui uma criança feliz, gostava de ir à escola, brincava, jogava bola, íamos escondido da minha mãe para o córrego e nadava, tive bons momentos que vivi na aldeia em Mato Grosso do Sul. Na escola estudava até a 4^a série, as turmas seguintes estudavam na cidade, no Município de Sidrolândia, que ficava a 25 km aproximadamente da aldeia.

Os meus irmãos por ver a dificuldade financeira de nossa mãe teve de abandonar os estudos para trabalhar, eu e minha irmã ficamos estudando na aldeia, meus irmãos tiveram que sair de casa por meses e ficar dias trabalhando para poder ajudar a minha mãe. Eles trabalhavam em fazendas e em outro tempo em usinas de corte de cana de açúcar. Nesse período nós passamos por momentos difíceis, falta de roupas, calçados, não tinha privilégios de comer bolachas e refrigerantes, era raro quando tínhamos essas guloseimas. Usávamos roupas, calçados e agasalhos que a patroa da minha mãe doava para ela, pois o salário da minha mãe mal dava para a nossa alimentação.

Vendo essa dificuldade meu saudoso pai chamou a minha mãe e seus filhos a se juntar a eles para lutar e reivindicar um pedaço de terra no estado de Mato Grosso onde ele seus irmão e seus pais já tinha iniciado a luta no processo de um pedaço terra que iniciou bem antes de eu nascer pois esse sonho começa ainda quando ele estava casado com minha mãe.

Em 1998 já na luta de reivindicação da terra, ficamos no espaço da fazenda do Raul Pinto, em Rondonópolis. O governo prometeu na época comprar as terras dessa fazenda ficando por pouco tempo, por decepção não veio a concretizar, nos mudamos novamente para um outro lugar até conseguirem uma área específica para morar.

No decorrer de meus estudos tive um espaço de tempo que parei de estudar, pois casei e não prossegui com os meus estudos parando na 7^a série. E prossegui estudando em Rondonópolis na Escola Municipal Guerino Berton as dificuldades familiares fizeram com que parasse de estudar.

Logo seguimos de mudança a uma área definitiva que o governo cedeu para poder ocupar, um desejo de todos essa conquista, principalmente do meu saudoso pai Milton Jorge Turi Rondon, Cacique Rondon o idealizador da luta do povo Terena de Mato Grosso junto com seu pai Hélio Turi.

No dia 23 de janeiro ano de 2003, algumas famílias Terena foram transferidas de Rondonópolis para o Município de Peixoto de Azevedo, no Norte do Estado de Mato Grosso para que ocupassem uma área cedida pelo Incra, de 20 hectares, apenas a 4 km do Distrito de União do Norte, e distante 160 km da área Iriri Novo. Iriri Novo era já a Terra dos Terena em Mato Grosso. As mudanças foram feitas de carretas e ônibus cedidos pela Funai e demoraram três dias para chegar no Distrito União do Norte, aproximadamente 75 km do Município Peixoto de Azevedo. Depois das famílias terem mudado para o local onde o Incra cedeu a área de 20 hectares, esta área recebeu o nome de *Kopenoty* (Eliel Rondon).

Ao final de 2003, retorno a aldeia Córrego do Meio, Município de Sidrolândia. Depois nos anos de 2005 retornei à escola com muito sacrifício e dificuldade, pois já tinha uma responsabilidade a mais, já tinha filho e trabalhava como merendeira concursada pelo Município de Sidrolândia. Mas consegui com muita dificuldade me formar na 8^a série na Escola Municipal Cacique Armando Gabriel. No ano de 2007 já no 2º ano do Ensino Médio, estudava na Escola Estadual Indígena Lúcio Dias em que morava recentemente, na aldeia Córrego do Meio.

Mato Grosso aldeia *Kopenoty*

Passando por intempéries da vida, mudei para o Estados de Mato Grosso onde minha Mãe e outros familiares estavam no movimento com meu pai, Saudoso Cacique Rondon, já estavam em luta no processo de reivindicação de terra onde pudessem morar, uma luta que se iniciou há alguns anos antes de me casar. Esse espaço onde o povo *Terena* já estavam localizados, devido a muitas lutas e reivindicações do povo *Terena*, o líder do Grupo Saudoso Cacique Rondon e seu companheiro de luta Cirênio Reginaldo, o governo cedeu um espaço para que o povo pudessem morar, esse lugar era o Distrito União do Norte, localizado no Estado de Mato Grosso, Município de Peixoto de Azevedo. E minha mãe já estava nesse espaço. Voltando para Mato Grosso, continuei a prosseguir os meus estudos na Escola Estadual Indígena Élio Turi Rondon 'Terena'.

No ano de 2008 continuei com meus estudos, já estava no último ano do Ensino Médio e nesse mesmo ano a comunidade indígena da aldeia *Kopenoty* me indicou para substituir o professor que estaria indo para outra aldeia lecionar. A partir de então começa a minha trajetória profissional na educação. Fiquei honrada ao ter uma responsabilidade como professora na aldeia Terena de Mato Grosso, a turma foram os alunos do 4º ano do Ensino Fundamental, mais o medo e a responsabilidade me fizeram ficar preocupada, como que uma estudante que estava no último ano do Ensino Médio poderia ensinar os alunos, pois naquele dia tive até insônia de tanta preocupação.

Primeiro dia de aula

O planejamento me inspirou quando meu professor do 4º ano lecionava para mim a admiração por esse professor me fez planejar a minha primeira aula. Muitos e outros planejamentos e comportamentos de um bom profissional, me inspiraram grandes professores que tive no Ensino Médio, Professores Antônino Jorge, Laucídio Jorge, Jader Gabriel e Professor Mateus, meu querido Irmão, foram professores que me deixaram a dedicação, pois foram excelentes professores no Ensino Médio.

Durante o ano de 2008, esse ano foi finalizado com dificuldade, como não tinha uma graduação, não tive grande sucesso no ensino de meus alunos. Mesmo assim, a comunidade não desistiu de me manter como professora desses alunos no ano seguinte.

O professor Antonino Jorge sempre me incentivou a não desistir, sempre dizia quando queria desistir que o próximo ano seria melhor que o outro, no começo tive muita dificuldade em planejamento anual, pois esse professor me deu todo suporte para fazer o planejamento anual, a falta do Ensino Superior me fez falta, quando não se tem formação acadêmica fica complicado a ter um bom desenvolvimento em sala de aula. Falta de você conhecer mais as práticas pedagógicas que foram ficando cada vez mais difíceis. Mas tinha grande esperança de cursar uma faculdade. No começo queria seguir a carreira de psicologia, é uma área que ainda tenho sonho de algum dia realizar meu sonho. Mais no ano de 2011, surgiu a oportunidade de me inscrever na UNEMAT Intercultural, Campus de Barra do Bugres, mas veio a deceção, não fui aprovada. Fiquei muito triste, mas compreendi que ainda não seria o meu momento, sempre tive muita fé, são ensinamentos de meus pais para mim na infância.

No ano de 2012 teve outra oportunidade, novamente me inscrevi eu e meu esposo, me recordo que numa tarde o diretor da escola foi até a minha casa e pela minha surpresa eu e meu esposo fomos aprovados no curso da Unemat Intercultural em Licenciatura de Pedagogia, uma emoção me tomou conta naquele momento. A partir de então começa a nova jornada acadêmica.

Caminhada acadêmica

Podemos considerar isso, uma base sólida para as minhas práticas pedagógicas, desde a primeira etapa até a última foram aprendizados que me deram suporte na minha vida profissional. A Educação Indígena tem uma carência muito grande de profissionais para um ensino específico de uma escola diferenciada, as metodologias e as práticas pedagógicas que foram me ensinado na instituição da Unemat, e como se desse um “ anzol e a isca”, só precisaríamos aprender a “pescar”, o que tiro disso que nos possibilitou ensinar os nossos alunos uma diversidades de conhecimentos que estão em nosso meio, era só sistematizar só para se tornar uma boa prática pedagógica, tornando uma aula atrativa e prazerosa, tanto o conhecimento universal e cultural ambos na mesma direção contribuindo com a nossa comunidade.

Nesta instituição tive ótimos professores mestres e Doutores que carrego comigo na minha caminhada educacional, a UNEMAT, nos proporcionou um curso Intercultural de Pedagogia que abriu o leque de sabedoria às questões indígenas educacionais que todo o acadêmico indígena deveria ter, valorização da nossa cultura e especificidade de cada povo.

Com todo esse aprendizado que aprendi na teoria e na prática, reflete no aprendizado de meus alunos. Me recordo do meu primeiro dia de aula no ano de 2008 quando não tinha experiência. Hoje venho refletir sobre as experiências que adquiri durante o tempo que estive estudando na FAINDI, momentos alegres, na interação com colegas e professores. Os tristes foram ficar longe do seu aconchego familiar, longe de casa, longe da comunidade e quando pensávamos que era por pouco tempo tudo se tornava fácil, o cansaço e a esperança de vencer me fazia ser otimista.

A alegria maior quando no mês de novembro no ano de 2016 chegou a colação de grau, todos os acadêmicos alegres, por ser o momento único de nossas vidas, formatura é um marco para a vida de um acadêmico.

Portanto todo acadêmico tem suas dificuldades, para isso devemos ser fortes e otimistas, que o retorno sempre vem de maneira delicada e sutil. Problemas todos nós temos, o que nos difere de alguns que há pessoas que desistem na primeira dificuldade, outras não desistem jamais. Posso dizer que sempre estou como a frase que diz de Willian Shakespeare *“plante seu jardim e decore sua alma ao invés de esperar que alguém lhe traga flores”*, sempre fui uma menina frágil mas a vida me ensinou a ser forte.

Uma grande perda que tive, que me deixou sem chão foi a perda do meu pai Cacique Rondon, uma pessoa admirável, trago sempre comigo suas lembranças e apoio que sempre me dada no seu momento ainda quando estava com vida, sempre acreditei que um dia todos nós vamos partir um dia, mas não esperava o meu pai nos deixar de maneira tão rápida. Foi e sempre será lembrado em nossos corações, tinha uma grande admiração por ser meu pai e ainda uma inteligência de líder nato.

Este legado ele nos deixou e agora sigo na educação, tendo com meus alunos a prática de nossa cultura sou hoje a representante do grupo feminino *terena* de dança, vem a me recordar que na caminhada da luta pela terra meu pai dizia “temos que praticar a nossa cultura agora está sobre a minha responsabilidade pois o meu pai foi o idealizador da luta do povo *Terena* do Estado de Mato Grosso, tenho que seguir o legado que ele deixou. Ele faleceu em Rondonópolis no ano de 20 de dezembro de 2019, as aldeias *Terena* ficaram sem o seu maior líder do Povo *Terena* de Mato Grosso.

REFERENCIAS

RONDON, Misma Turi. **Alfabetização do povo Terena de Mato Grosso da aldeia Kopenoty**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia Intercultural) – Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus Universitário Dep. Renê Barbour, Barra do Bugres, 2016. Orientadora: Prof.ª Ma. Dulcilene Rodrigues Fernandes. Disponível em: <https://portal.unemat.br/media/files/MISMA.pdf> Acesso em: 31 maio 2025.

Terenas voltam a bloquear BR-163 e fazem jornalistas como reféns. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/es/Not%C3%ADcias?id=3469>.

Entrevista

Bom, meu nome é Misma, sou da etnia Terena da Terra indígena, Iriri Novo. Sou professora e leciono na turma do quarto e do quinto ano na aldeia Terena. Sou professora pedagoga e sou mestrandona PPGECII do ano 2023, ingressei este ano. A elaboração da minha dissertação é sobre Educação Indígena e Educação Ambiental.

Essa Ciência da Natureza a gente teve poucas aulas durante a minha graduação. E o meu objetivo, do meu projeto de pesquisa, que é a educação ambiental, está nesse contexto de compreender mais a questão ambiental e a questão da cosmologia do meu povo mesmo e ligação entre um e outro, tanto da cultura quanto do conhecimento do não indígena. E como disciplina, ela, essas Ciências da Natureza ela vem com uma disciplina na minha escola. Então a gente aborda essa questão, mas na disciplina, mais é com os alunos e tem contribuído bastante, apesar de não ser minha área. Mas ela tá composta no nosso currículo e a gente passa alguns conteúdos relacionados a questão do ciclo da água, essas questões, mesmo que isso que é envolvente, à disciplina.

Bom, esse processo formativo é aqui da Unemat. Tivemos poucas que eu me lembro. Eu acho que foi uma disciplina, mas não aprofundada. Que eu tenho um pouco de conhecimento sobre essa questão mesmo é mais relacionada a uma questão subjetiva mesmo. Mas a disciplina em si que faz parte do meu currículo eu tive pouco.

Os saberes indígenas que a gente trabalha lá são a questão de horta, de cultivo de plantas. É conteúdo sobre veneno que prejudica a Terra. É, fazemos cultivo também de plantas frutíferas. Na minha comunidade indígena, eles têm um plantio de poncã e laranjas, e tem uma professora específica de saberes indígenas na minha comunidade, que aborda essas questões, tanto indígena e vale também pro não indígena.

No meu entendimento, as Ciências da Natureza e tudo que está relacionado à questão ambiental, eu comprehendo também muito da questão da cosmologia do povo. Eu creio que estas duas questões, assim estão bem no meu povo, creio que seja mais ou menos isso. E os conhecimentos tradicionais com a Ciência da Natureza é o vínculo muito forte que o povo Terena tem. Apesar da gente ter perdido um pouco desse fortalecimento do povo. Ainda é muito presente a questão da agricultura, o povo Terena, ele é conhecido como povo agricultor. Então a relação é muito forte.

Eu acredito, assim, no meu ponto de vista. Eu acho que ela (Ciências da Natureza) tinha que ser mais, mais aprofundados esses conhecimentos. Que na escola a gente elabora o PPP, só que tem muito pouco este conhecimento. Eu acho que tinha que ser aprofundado ainda mais. Tanto na nossa questão cultural. Quanto a do não indígena. O currículo não contempla muita coisa, então eles estão ali apenas para cumprir mesmo o currículo.

Eu Acredito que tinha que fazer uma reunião. É com a comunidade indígena para elaborar o conceito. O que é ciência da natureza para eles compreender, porque o PPP precisa da comunidade, tanto da comunidade indígena quanto da comunidade escolar. Eu creio que a comunidade indígena, sabendo o que é Ciências da Natureza, eles podem, com certeza, optar suas opiniões para colocar dentro desses currículos dentro do currículo que é o PPP.

O meu povo Terena é muito, eu creio assim, que devido o processo nosso do que que nós estamos aqui no estado de Mato Grosso, a gente está com 20 anos aqui. Nós viemos de Mato Grosso do Sul e tanto que teve aquele processo da nossa trajetória para cá. Mas eu creio assim, que as vozes indígenas hoje do meu povo, eu creio que está muito fraca nessas questões da ciência. Nesse discurso, mesmo que eles não tenham muita compreensão. Essas questões aí, mas vendo das políticas, porque ela sempre tem mostrado e, possivelmente, a gente pode até ter uma compreensão maior. Porque no caso aqui, quando fala no processo de formação, eu não tive muita compreensão dessa questão do meu curso, que é questão da pedagogia a gente teve bem pouco conhecimento sobre isso.

Bom, o meu povo eles são agricultores para subsistência Só que em volta de nós tem as fazendas Então, ali estão os agrotóxicos, que é a soja que eles plantam, milho. Então através dali eles vão trazer o agrotóxico e com certeza, vai afetar a nossa comunidade indígena, porque passa o Rio perto. E, possivelmente pode estar afetando, então. Essa é a

questão da Agricultura, mesmo não indígena. Que é por longa escala, automaticamente afeta a comunidade indígena, então creio que é mais ou menos isso. Acho que seria um meio assim de ter autonomia. Quando você inclui uma voz indígena para falar dessas questões ambientais mesmo, eu acho que é por aí que a gente começa a compreender aos poucos.

Eu creio que com a contribuição. Fazendo com que meu povo, eles. Por exemplo, eu aqui no mestrado. A gente tá fazendo muitos artigos. Então eu, no meu Estado de Mato Grosso. No caso, tem outro povo no Mato Grosso do Sul, mas produz muito pouco. Então tem muitas coisas. Que às vezes acontece lá, as pessoas quase não conhecem gente lá. Tô aqui no, lá no Matupá, município onde eu moro, eu creio que é divulgando essas questões mesmo, do povo, eu acho que isso é uma contribuição grande para a Universidade.

Bom, creio que através de formações. Acho que quando a Educação Indígena, ela propõe formações continuadas para seus professores, eu creio que fortalece o povo cada vez mais.

CAPÍTULO 12

SER PROFESSORA É SER MUITOS: A JORNADA DE UMA PROFESSORA TERENA

Adima Gomes Mario - Terena

“Nunca aceite um não como resposta a um sonho teu”

Luís Capela

Memória da minha infância

Meu nome é Adima Gomes Mario, nasci em 01 de fevereiro de 1995 em Dois Irmão do Buriti, Mato Grosso do Sul. Vou contar um pouco sobre mim, minha jornada como filha, mãe, professora e estudante.

Nasci em Dois Irmãos do Buriti em 01 de fevereiro de 1995 em Mato Grosso do Sul, começarei falando sobre a minha pessoa pois me orgulho em dizer que sou uma mulher guerreira. Quando nasci tive vários problemas de saúde, minha mãe sempre conta, hoje sou uma mulher saudável e tudo graças aos cuidados carinhosos que minha mãe sempre teve comigo, quando era bebê morávamos na aldeia recanto em Mato Grosso do Sul. Minha mãe me cuidou bem dizer sozinha, na época meu pai saía pra trabalhar fora de casa às vezes muito longe, como ele não tinha estudo nenhum ele fazia trabalhos manuais nas fazendas onde solicitaram um grupo de pessoas da aldeia, não o culpo porque graças a ele nunca passamos fome, mas eles contam que a vida não era fácil. Como ficamos na estrada sem paradeiro fixo, tive pouco ensinamento por parte dos meus pais em relação à cultura, meu pai se chama Antônio Mário Neto e minha mãe se chama Luciana Reginaldo Gomes, meu pai sempre participou da dança das gincanas que tinham na época e até hoje nas festas tradicionais. Já a minha mãe, não sei se por falta de tempo, por ser mãe de três filhas (uma quase seguida da outra e outra menor), eu nunca a vi dançando nem tenho recordações dela participando das gincanas. Ela sempre foi muito reservada, diz ela que dançou somente uma vez depois que nascemos, eu e minhas irmãs, e foi depois que já estávamos grandes, mesmo não ensinado com palavras, as atitudes dos meus pais nos mostraram muito em

relação ao o que é ser um membro da comunidade. Eles sempre nos ensinaram sobre repartir o pouco que temos e que, unidos, íamos mais longe.

Quando comecei a estudar tive mais incentivo por parte dos professores, quando que me recordo sobre minha escola, lembro dos meus professores me ensinando a valorizar a cultura, ensinando sobre as pinturas, as danças e seus significados. Hoje sei algumas frases e algumas palavras na língua Terena graças a eles.

Aos meus 4 anos de idade começou minha jornada escolar. Minha mãe conta que eu era uma criança muito esforçada e aplicada, diz que nunca me ensinou a fundo o alfabeto nem as sílabas, que eu ia aprendendo aos poucos. Comecei a acompanhar as aulas onde meu tio Timóteo Reginaldo Gomes era o professor, onde eu ia por vontade própria e às vezes voltava carregada porque dormia em sala de aula. Aos 5 anos de idade minha mãe se assustou quando me viu lendo, inexplicavelmente sem nenhuma cobrança por parte dela. Na época morávamos na aldeia campo novo (Rondonópolis MT) quando iniciei minha jornada escolar (dessa vez já matriculada) gostava bastante da rotina sempre me propus aprender mais e mais a cada dia, e também ajudava os meus coleguinhas mais atrasados (acredito que aí nasceu o amor a minha profissão) o nome da minha primeira escola foi Rio Vermelho que inclusive era anexa de uma vila chamada Rio vermelho.

Ao iniciar minha jornada escolar tive dois professores, Timóteo Reginaldo Gomes e Fernando Mamedes, cada um com sua peculiaridade. Meus colegas de sala sempre foram os mesmos, minhas primas (os) e amigos conheço todos e convivo com a maioria hoje em dia, estudei mais ou menos 2 anos nessa escola (1 ano matriculada e outro não) e logo viemos para união do norte onde aqui fiz na época o que chamávamos de 2^a série, na união do norte a primeira escola que estudei era anexa de escola chamada Vida e Esperança que era e ainda é localizada em uma vila chamada União do norte que é perto do lugar onde nos alojamos quando chegamos, o lugar era um barracão enorme que na época dividiram em partes para as famílias se acomodarem, e lá mesmo eram administradas as aulas e assim por 1 ano nesse barracão fiquei estudando, depois de mudarmos para a vila *kopenoty* onde ficamos mais ou menos um ano ainda anexos da Escola Vida e Esperança logo criaram uma escola diferenciada para nós indígenas chamada de Hélio Turi Rondon Terena e lá estudei até o segundo ano do ensino médio, a escola sempre valorizou a cultura essa foto abaixo é a prova mais concreta do que falo. Tínhamos uma professora chamada Cícera Chagas que na

época era Diretora que mesmo não sendo indígena sempre foi a maior incentivadora para que todas dançassem nos dias de festividades culturais.

Foto - álbum pessoal



Meu maior desafio escolar foi em questão à timidez (até hoje acredito, mais bem menos que antes), tive vários professores desde a minha educação infantil até terminar o ensino médio, mas com toda certeza o professor que mais me inspirou até hoje, foi meu primeiro professor Timóteo Reginaldo Gomes que é meu tio, e hoje tenho a honra de ser colega de trabalho dele (estudamos a faculdade juntos também) aprendi muito na educação infantil com ele e aprendo até hoje. Estudei mais ou menos 4 anos com ele já na união do norte, ele sempre foi um professor muito exigente, ele é o que chamamos de professor tradicional, que por sua rigidez é muito respeitado. Ele é uma das pessoas que mais admiro não só como o profissional maravilhoso que é, mas também como ser humano, uma pessoa que não admite nada de errado e que abomina a mentira. Durante toda minha vida escolar tive apenas um professor que me marcou negativamente, inclusive hoje ele é enfermeiro acredito eu que ele estava dando aula por não ter o que fazer, que ele era uma pessoa muito

nervosa em sala de aula, hoje ele é um amor na profissão dele mais na época eu morria de medo de ir para escola que ele sempre brigava conosco.

Desde sempre estudei em escolas indígenas tive apenas dois professores em toda minha jornada escolar desde o ensino fundamental ao médio que não são indígenas que me deram aula no ensino médio (professor Amaurí Olimpio e professora Roseli Carbolin) que eram maravilhosos, o professor Amauri é o melhor professor de matemática que já tive em toda minha vida, foi com ele que aprendi um pouco mais sobre os conteúdos da matemática que é umas das matérias que nunca gostei, ele tem uma maneira peculiar de ensinar sempre muito carinhoso, engraçado e principalmente passava confiança a todos onde eu acredito que aprendemos literalmente brincando, ele fazia tudo ficar tão fácil com relação aos conteúdos. Mas infelizmente foi apenas 1 ano que estudei com ele. Terminei o ensino médio na escola anexa na aldeia *turipuku* da escola onde hoje trabalho na Escola Estadual Indígena Terena *Komomoyea kovoero*, aos meus 16 anos de idade. Me orgulho em dizer que nunca houve reclamações aos meus pais por parte dos professores ou gestão escolar com relação ao meu aprendizado e nem por mau comportamento, ao contrário meus pais só ouviam elogios ao meu respeito, ao meu desempenho e minha vontade de aprender. Na aldeia *Turipuku* tive apenas dois professores, Micael e Mateus os dois se esforçaram muito em ensinar mesmo que as condições na época eram precárias, a escola onde estudava era de palha e quando chovia não tínhamos aula porque molhava muito a sala, mais foi o meu último ano como estudante. Minha formatura também foi inesquecível, eu digo orgulhosamente que me formei caracterizada em terena, foi um dia muito chuvoso, mas para mim era o final de uma etapa da minha vida onde eu tinha vencido.

Minha Religião

Desde crianças meus pais me levam a igreja, na nossa etnia existiu muito forte a crença em pajés e ainda existem pajés e pessoas que creem nele mais é bem menos que antes, e não aqui em mato grosso mais sim em Mato Grosso do Sul que é a nossa terra natal, aqui onde moro Mato Grosso não temos nenhum que crê e nem que é pajé, inclusive meu pai conta que minha bisavó contou para ele que numa certa briga de pajés minha avó hoje tem olhos azuis, contam que num certo dia um certo pajé tentou testar o tamanho do poder do pai da minha bisavó, ele disse que o pajé colocou embrulhado em um papel um certo pó de origem desconhecida deles num “toco” que é um pedaço de pau caído no chão bem na

estrada onde minha bisavó passava, ela era uma menina muito curiosa e quando foi levar almoço para seu pai na roça achou esse pedaço de papel no “toco” e foi então que pegou ele, justamente no momento que abriu ela perdeu a visão e caiu no chão, o pai dela percebeu que ela estava demorando demais, deixou seu serviço e foi vê-la para confirmar o que tinha acontecido e a achou caída no chão, rapidamente a levou para casa e fez tudo que pode para ela recuperar a visão, mais ele disse que não foi fácil mais conseguiu reverter e graças a Deus não danificou em nada sobre a vida da minha bisavó, mais a única coisa que modificou foram os olhos dela, a rincha deles durou a vida toda a vida deles, essa é uma história que meu pai conta sobre os pajés e a existência deles.

Foto - álbum pessoal



Essa senhora na foto acima é a minha bisavó Catarina, ela foi a criança que na época foi alvo de um pajé que graças ao pai dela e sua crença hoje está viva. Minha mãe já conta que não teve muita proximidade com pajés e que conhece pouco por sempre estar no lar cristão meus avós também são evangélicos desde pequenos, congregamos na igreja que não é de origem brasileira o nome dela é MIU significa Missão Indígena Unidas, aos meus 13 anos batizei e até hoje ainda concreto nessa igreja, quando criança fiz parte de um grupo de coreografia chama Jardim de Deus e hoje faço parte do grupo da sociedade das irmãs da minha igreja amada, sou muito crente e confio muito em Deus, e tenho fé que Jesus um dia

ele vai voltar e nos levar para morar junto a ele no paraíso. “Então se verá o filho do homem vindo numa nuvem com poder e grande glória” (BÍBLIA, Lucas 21;27).

Tempo de formação e Atuação como professora

Ao terminar o colegial não sabia muito bem o que queria estudar e foi então que pedi ao meu pai que me pagasse um cursinho, ele se dispôs e me disse que faria o possível pra me ajudar, comecei o cursinho na Fisk em Peixoto de Azevedo, fiquei lá um ano estudando mais infelizmente não conclui devido à falta de condições de pagamento por parte do meu pai, mais durante esse um ano de experiência em sala de aula como estudante de inglês aprendi muita coisa significativa para poder repassar em sala de aula. Depois dessa experiência maravilhosa, me deram uma oportunidade de serviço na aldeia *kopenoty*, onde comecei minha jornada como professora ministrando somente aulas de inglês. Não foi fácil, comecei sem experiência nenhuma, justamente quando comecei a faculdade já estava ministrando aulas, foram momentos que felizmente passou e eu consegui executar com êxito meu trabalho com a ajuda de outros professores da sede, graças a Deus tive companheiro de trabalho que me ajudaram e me incentivaram a não desistir, inclusive tive uma oportunidade maravilhosa de ter trabalhado com o melhor professor de matemática que já estudei professor Amauri.

Minha primeira experiência escolar foi na aldeia *kopenoty* onde me deram a oportunidade de ministrar aulas de inglês, pois queriam dar oportunidades para pessoas indígenas, minha primeira vez em sala foi estranho, eu era bem novinha 20 anos apenas sem experiência nenhuma, me vi diante de jovens e até adultos indígenas e não indígenas foi uma experiência esplêndida, mais minha surpresa mesmo foi a segunda escola que trabalhei aqui aprendi mais e principalmente obtive mais experiência de trabalhar com outras etnias e possibilitou a aprender ainda mais. Conheci mais sobre a diversidade cultural, em que todas são importantes e a inclusão é fundamental para o crescimento pessoal e comunitário tanto nossa como professores e também dos alunos. No início tive muita dificuldade porque eles têm nomes difíceis de pronunciar, mais com o tempo acabei me acostumando, e hoje ainda tem nomes que são difíceis mas sou mais familiarizada com eles, alguns já estudam a muito tempo e já são bem conhecidos e uns novatos já vem sabendo quem somos nós e já chegam bem animados a aprender. O processo de alfabetização do estudantes *mebengokre*, que tem a primeira língua a língua materna (idioma deles), eles vem alfabetizados pra estudar

aqui, mais alfabetizados na língua deles, como na época estava estudando letras, tive dificuldades em conciliar, eu dava aulas pro ensino fundamental e médio, ambos tive que alfabetizar alguns alunos, mas isso não era uma dificuldade só minha eram de todos nós professores da época que ainda não tínhamos nenhum pedagogo formado, sendo que todos nós ajudávamos uns aos outros, com reuniões frequente e trocando experiências. Os meninos que vem a maioria são meninos esforçados, eles ficam em torno de 11 meses alojados na casa do cacique Cirenio Reginaldo e Cicera Chagas. Em torno desses 11 meses somos responsáveis em ajudá-los com o aprender da língua portuguesa, e a alfabetizar quem ainda não lê através dos conteúdos conforme o ano que estão. Durante todo o processo de trabalho escolar nunca tive problemas com nenhum aluno, eles sempre me respeitaram, uma das vantagens de trabalhar na aldeia é de conhecermos a todos, estamos sempre em contato direto uns com os outros diariamente.

Quando iniciei meu trabalho na aldeia *kuxonety* tive diversas barreiras com relação às idas para a faculdade e a moradia, morei um ano na com a minha avó que sempre foi muito gentil comigo e me acolheu com muito amor e carinho na casa dela, até fazer minha casa que para mim foi uma das minhas primeiras conquista pessoal, hoje moro perto da casa da minha avó mais infelizmente eles não moram mais na aldeia, moram na cidade, devido meu avô sofrer muito por causa dos rins dele, hoje ele faz hemodiálise 3 vezes por semana em Sinop, e morar na aldeia para ele seria muito cansativo e da cidade fica mais perto para as idas e voltas dele para Sinop. Outra questão era as idas para faculdade, pegávamos ônibus a 100 km da aldeia, e para irmos até o cruzeiro para pegarmos os ônibus tínhamos que pagar gasolina de ida e volta até lá, na época éramos 9 acadêmicos. Saímos 2 horas da madrugada todos os sábados da aldeia para chegarmos às 8h na faculdade e de lá voltávamos às 5 horas da tarde, foram 3 anos nessa rotina, de ir todos os sábados para faculdade, em Guarantã do Norte.

A questão das idas para a faculdade eram bem difíceis contávamos com ajuda da comunidade, da generosidade das pessoas e algumas vezes de vaquinhas entre nós mesmos para conseguirmos ir estudar, as épocas de chuva eram as mais sofridas, aí conseguimos uma ajuda do município que disponibilizou ônibus e o combustível para nos levar e trazer todos os sábados da aldeia pro cruzeiro e do cruzeiro para aldeia, teve vezes de irmos e não chegarmos a faculdade, era quando nosso carro atolava, infelizmente depois

desses dias de luta não foram todos que concluíram, dentre os 9 somente 4 de nós concluiu certinho, alguns desistiram e outros terminaram mais depois de 1 ano pagando matéria.

Fazer faculdade é um sonho acredito que da maioria dos indígenas que convivo, tenho primas primos sobrinhos e tios que sonham em ter uma formação, mais não querem pagar o preço, não digo em dinheiro mais em coragem de sair da zona de conforto que é a aldeia, ficar aqui em todas as festas, todo evento, querem estudar mais acham que é fácil que é só ir. É por isso que muitos já tentaram e infelizmente foram poucos que conseguiram concluir, digo por experiência própria nada na vida é fácil e durante o período da faculdade eu engravidei do meu primogênito Lorenzo Xûnaty Gomes Pereira que nasceu em 04 de setembro de 2016, foi meu primeiro presente de Deus, meu menino ao qual tenho muito orgulho de ser mãe, ele não foi planejado mais sempre foi muito amado um menino tão lindo e inteligente esforçado que quando bebê me deu trabalho mais hoje é só benção, me ajuda muito em casa, brincar com sua irmãzinha e me orgulho em dizer que está quase lendo e que a professora dele elogia bastante. Mas na época foi bem difícil deixá-lo tão pequeno, minha mãe era quem cuidava dele para eu estudar e trabalhar graças ao cuidado que ela tinha com meu filho pude concluir minha faculdade inclusive até hoje meu filho a chama de mãe, mesmo sabendo que eu sou a mãe dele ele se acostumou a chamá-la de mãe. Em 14 de dezembro de 2018 teve minha colação de grau onde foi um dia memorável que me emocionou toda vez que me lembro, lá estiveram presentes meus pais, minhas irmãs e uma das minhas tias que amo demais, colamos grau juntos meu esposo, meu tio e eu.

Logo após a faculdade fiz uma pós graduação em Didática e Teoria de aprendizagem onde estudei por 1 ano na faculdade UNIFAMA foi outra experiência maravilhosa onde aprendi mais sobre vários métodos para ajudar no processo escolar dos meus alunos e também tive a companhia das minhas amigas Daiane, Ariane e Kátia que não são indígenas foi a faculdade que me presenteou essas amigas tão especiais que fizeram a pós somente para estarmos juntas aprendendo novamente uma incentivando a outra e assim juntas concluímos em 2019.

Foto - Álbum pessoal



Em 28 de fevereiro de 2021 ganhei meu segundo presente de Deus, minha filha Laura Gomes Pereira, uma menina encantadora que hoje tem 2 anos e é uma menina muito esperta. A vinda dela também não foi planejada, mas ela é muito amada assim como o irmão dela. Graças a Deus eu pude cuidar da minha filha desta vez, mesmo trabalhando o pai dela e eu revezamos o cuidado sobre ela e onde ela sim me chama de mamãe e eu tenho muito orgulho disso.

Três anos depois da minha formação decidi fazer um projeto para tentar uma vaga no mestrado PPGCEII por incentivo dos meus pais, eles sempre me motivaram a crescer profissionalmente, todas as conversas que temos eles exaltam a importância de que conhecimento nunca é demais. Tive dificuldades em escolher um tema para o projeto e com a ajuda da minha tia Telma Reginaldo Gomes, numa conversa no *whatsapp*, ela me falou sobre a culinária do povo terena. Tive um momento de reflexão e relembrando todos os momento culturais aqui em Mato Grosso que foi onde cresci, tive apenas um momento da minha vida que foi na minha adolescência em uma certa ocasião na escola Élio Turi Rondon Terena (*aldeia Kopenoty*) que um professor fez um projeto com os alunos na época do ensino médio onde fizeram alguns pratos típicos da comida tradicional terena que foram para

degustação de todos, ai fica minha única lembrança de ter experimentado um prato feito tipicamente tradicional, foi onde surgiu a ideia de fazer um projeto envolvendo a comida típica do povo Terena e por sua vez adequá-las com a disciplina de língua portuguesa.

Foto - Álbum pessoal



Ao ser aprovada no mestrado do PPGCEII para mim foi uma grande surpresa. Na primeira etapa, é onde mandamos o projeto e os documentos pessoais, pois não consegui enviar um documento que comprovasse meu tempo de atuação como professora, minha internet é muito lenta e moro longe da cidade e quando pedimos demoram de 3 a 4 dias para o secretário nos entregar, como era a minha primeira vez deixei pra enviar tudo em cima da hora e quando me dei conta tinha faltado e foi aí que entreguei nas mãos de Deus, comentei com meu marido e ele disse pra mim fazer mesmo assim, que se aceitassem bem se não

tentaria na próxima, ai eu fiz mesmo faltando consegui concluir minha inscrição. No dia que saiu o resultado minha tia Raquel veio aqui em casa e me disse que tinha visto meu nome como classificada para a banca e eu fiquei tão feliz pois já não tinha mais esperança de ser aceita esse ano, olhei e comprovei mesmo que meu nome estava lá. Fiquei tão feliz que estudei mais ainda meu projeto para me sair bem na banca, que ali dependia só de mim, graças ao bom Deus consegui, no dia da banca fiquei nervosa, mas me mantive calma e apresentei meu trabalho a professores muito gentis que me deixaram bem à vontade.

No dia que iam divulgar a lista dos aprovados eu estava bem nervosa ficava só olhando no site, e até que meia noite mais ou menos saiu o resultado, meu nome estava entre os classificados, fiquei, muito feliz, mandei mensagem para minhas irmãs, meus pais minha tia Raquel, todos me parabenizaram disseram estar feliz e acreditavam na minha capacidade, meu marido me parabenizou também disse que faria o possível para me ajudar e que eu ia vencer mais essa etapa da minha vida.

Projeto cultural e um pouco de minha cultura

Falar sobre cultura Terena é muito difícil, como todos já sabem sofremos uma migração durante uns anos, nunca tive por parte dos meus pais um ensinamento adequado sobre cultura, sobre fortalecimento cultural, palavras soltas ou frases na língua indígena. Atualmente tenho 2 filhos e faço de tudo para aprender e ensiná-los frases e palavras. Nossos filhos são “nossa geração” como diz minha avó Angélica Gabriel que é uma anciã fluente na Língua Terena, como convivo.

O projeto cultural que mais marcou a minha vida está acontecendo esse ano, uma iniciativa de um guerreiro chamado Gildo Jorge Roberto (meu tio), ele passou de casa em casa chamando as pessoas para um curso de Idioma Terena com o intuito de alfabetizar os papais Terenas “nem que seja só pra falar”, disse ele. Ele teme a morte do único ancião da Aldeia *kuxonety poke’é* que é Antônio Jorge, um antigo professor que não é formado na faculdade, mas com uma inteligência surreal, ele não só é fluente na língua mas também conhece toda a sua gramática. Gildo disse que vai começar o curso com os pais e depois que ver que aprenderam vão também promover um cursinho para as crianças. Essa iniciativa me motivou a querer ser igual a ele, uma pessoa que não vê só por ele, mas por todos.

Estudar Mestrado Profissional, em uma Instituição Pública, aliás o único da UNEMAT aprovado pela CAPES, é um sonho realizado, sempre tive vontade de estudar na Unemat de Barra do Bugres, sempre ouvi maravilhas sobre os professores, sobre o entrar lá e ter uma visão muito abrangente sobre o fato de ser indígena e trabalhar com indígenas. Hoje posso dizer que valorizo ainda mais a minha cultura, estou aprendendo mais sobre meus direitos como professora indígena e sobre a Educação Escolar Indígena.

Ser doutora é minha meta, pretendo estudar muito para poder ajudar meus alunos, meus filhos e minha comunidade, pretende incentivá-los a serem melhores que já são e ser um exemplo a ser seguido.

Ser professora para mim é ser um pouco de vários, quando digo vários me lembro de uns alunos me chamando de “Vó”, “mãe”, “pai”, a gente sorri sempre juntos, também tenho momentos de estresse com eles, mais juro que não saberia ser outra coisa, ser professora é minha vida, minha profissão é meu orgulho. Trabalhar ministrando aulas para meus parentes é uma honra, na escola tenho primas (os) tenho sobrinhos (as) e meu filho que ainda está no primeiro ciclo do Ensino Fundamental, ver meus parentes crescer é uma motivação, dei aula para alguns alunos que hoje fazem faculdade, vê-los crescendo me anima, porque um pouco de mim está indo com eles.

REFERÊNCIAS

GOMES, Timóteo Reginaldo, **entrevista concedida a Adima Gomes Mario**, março de 2023.

MÁRIO, Adima Gomes; FERREIRA, Lucimar Luisa. **O ensino interdisciplinar de alunos Terena a partir de receitas culinárias**. *Revista de Comunicação Científica – RCC*, maio/ago. 2024, v. 1, n. 15, p. 01–10. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/RCC/index>. Acesso em: 14 jun. 2025.

NETO, Antônio Mario, **entrevista concedida a Adima Gomes Mario**, maio 2023.

REGINALDO, Luciana Gomes, **entrevista concedida a Adima Gomes Mario**, março de 2023.

SILVA, Cícera chagas da, **entrevista concedida a Adima Gomes Mario**, maio 2023

ENTREVISTA - Vídeo e transcrição

<https://youtu.be/cPp6ZLmctOo>

Meu nome é Adima Gomes Mário. Tenho 28 anos. Sou formada em letras, na faculdade da universidade. Na antiga Uniflor, agora é UNIFAMA. É, e desde sempre, estudei em Escola Indígena. Eu nasci em Mato Grosso do Sul. Passamos por um processo longo de migração do Mato Grosso do Sul para o Mato Grosso. Tem uma história muito, muito triste sobre o nosso povo. Tivemos morte também nesse, nessa migração de lá para cá, foi em busca de melhorias para o nosso povo. Eu saí de Mato Grosso do Sul em noventa e sete, segundo a minha mãe, que eu não lembro. Eu tinha 2 anos, e desde que eu me entendo por mim, eu sou de Mato Grosso, nem me considero sul-mato-grossense mais.

<https://youtu.be/WNcFnpHbIZ4>

Eu comecei a trabalhar na escola. Em 2015, de 2014 para 2015, trabalhei na Escola Hélio Turi, que é ali na *Kopenoty*. Eu dava aula de inglês, dei aula para indígena e também dei aula para não indígena ali na *Kopenoty*. Esse ano de experiência pra mim foi muito significante. Porque foi aí que eu aprendi a gostar de dar aula, inclusive, foi nesse ano também que eu ganhei a bolsa para estudar na Uniflor, que é a Unifama agora. No ano seguinte. Eu pedi uma vaga para nossa coordenadora, agora atual coordenadora. Na época, ela era diretora. Aí ela falou, não pode vim. A gente aceita aqui que é na aldeia que eu estou agora que é a aldeia *Kuxonety*.

E aí, eu fui trabalhar pra lá. Lá, lá sim, eu aprendi o que é Educação Escolar Indígena, porque, pelo convívio, na época era só Kayapó, Kayapó e Terena. Hoje já temos uma turma de 5 etnias. Kayapó, Terena, Paresí, Xavante. Paresí, Xavante, Kayapó, Terena e Panará. Aí, então, a partir de 2016, eu comecei a trabalhar lá no *Kuxonety*. Dei aula para as séries iniciais. Acho que é o quarto e quinto ano. Foi uma experiência e tanto porque eu estava me formando para dar aula só de língua portuguesa. Porque é Letras, né. Mais, para as séries finais do Ensino Fundamental e também para o Ensino Médio, então é uma experiência única que eu passei.

Porque, é meio que trabalhar com alfabetização, não era para o que eu estava estudando. Mas foi bom, porque eu aprendi bastante, hoje nós temos alunos que têm muita

dificuldade no Ensino Médio, então, com a experiência que eu tive lá no começo, hoje eu já consigo ajudar bem mais os meus, os meus alunos, porque eles estão. Eles vão para nossa aldeia com o intuito de aprender a língua portuguesa. Eles falam, mas eles não conseguem decodificar as palavras, não sabem o significado.. Eles falam assim por falar. Aí a nossa missão é tentar ajudar eles o máximo que a gente consegue.

Aprender, principalmente a língua portuguesa, porque a língua materna deles é bem forte. Eles falam só na língua. Nós usamos a estratégia de - pegamos um aluno que sabe falar bem a língua portuguesa e consegue saber o significado e a gente consegue ajudar os alunos através do coleguinha dele. Então é uma experiência única. Eu gostei muito e, agora eu estou trabalhando com, depois que eu me formei, eu me formei em 2018, eu comecei a trabalhar mais com Ensino Médio, já trabalhava, trabalhava mais o da Educação Infantil, mas agora trabalhando, com Ensino Médio. As 3 séries são o primeiro, segundo, terceiro ano e os finais do Ensino Fundamental e também a Educação de Jovens e Adultos, que é o EJA. Também estou trabalhando com EJA.

Tô dando aula de língua portuguesa para os alunos do sétimo ano. Esses dias eu tava, tava pensando comigo. Como que eu vou fazer para incluir alguma história do nosso povo para poder ensinar para nossos alunos? Porque na nossa escola ela está muito, em relação ao nosso conhecimento tradicional, ela está muito parada. Porque a gente não ensina, ou a gente ensina a nossa cultura para eles. Ou a gente ajuda os outros com relação à língua portuguesa e eles agora são maioria - os outros, nós temos poucos Terena, assim em sala de aula.

Aí eu peguei o sétimo ano, o sétimo ano, acho que vai ter 5 alunos Terena. Sétimo, oitavo e nono ano, uma sala multisseriada. Peguei 3 histórias contadas pelos pelo povo antigamente, eu peguei, entreguei uma para cada um em forma de texto. Aí eu pedi para eles, através daquele texto que eu passei, eu pedi para eles fazerem um outro texto, mais em forma de poema que é onde que rima as palavras. E nisso, eles conseguiram, fizeram o desenho, fizeram uma cartilha assim, pequenininha, dobraram uma folha ao meio. Fizeram aqui na frente, a capa e aqui dentro colocaram a historinha, ficou muito legal.

Aí, eu acredito que eles aprenderam a história e também aprenderam o conhecimento indígena quanto o conhecimento, como diz a minha amiga, do mundo ocidental, (risos), aí eu

consegui fazer essa, eu consegui fazer através desse, desse conteúdo eu consegui trabalhar, trabalhar bem, os saberes tradicionais e os não indígenas.

<https://youtu.be/HH7ZMJn8xe4>

Falar de conhecimentos tradicionais para minha escola é um pouco difícil, porque, sofremos muito com a migração, perdemos a língua. Graças a alguns dos nossos guerreiros, ainda temos a dança, temos lá cultura, adorno, a roupa tradicional a gente ainda mantém, mas nossa língua já é bem fraca.

Inclusive eu estou fazendo um projeto de pesquisa sobre alimentos tradicionais, onde envolve o tradicional e a cultura ocidental, porque? Porque eu consigo incluir ela no meu conteúdo programático, e também consigo, e também consigo elaborá-la. Reproduzi-la com meus alunos, e ensinar a eles mais sobre o conhecimento tradicional.

Falar sobre currículo. A gente, adicionar todos os nossos conhecimentos tradicionais no currículo, é um dos nossos direitos. Mas, infelizmente, nós não temos, nós não temos, materiais para trabalhar com isso. Nós temos direito a uma Educação Escolar Indígena Diferenciada, mas não temos como trabalhar esse diferenciado porque? Porque o Estado, ele impõe à nossa comunidade material didático, que é o é para a gente seguir. Tanto é que ele vem por módulo; módulo 1, módulo 2, módulo 3, módulo 4 não só, não é só do Ensino Fundamental e Médio, mas na Educação Infantil também tenho percebido isso, porque eu tenho um filho que está estudando.. Aí ele chega com esses materiais, inclusive CD's em inglês. O material assim, para seguir a risca tudo o que está está pedindo lá, mas e o nosso conhecimento tradicional aí não tem, . Aí eles falam que a gente tem que cumprir o horário que a gente tem que. Eles vão lá fazer uma vistoria para ver se a gente realmente está em sala de aula.

Então a gente tem, tem isso assegurado em lei, mas na hora da prática a gente não consegue um retorno da parte deles, porque se a gente for fazer uma atividade que nem eu fiz esses dias, eu peguei os meus alunos, trabalhei a parte teórica com eles em sala de aula. Que eu ensinei. Como que a gente faz um título do gênero receita. Trabalhei o gênero, trabalhei estrutura, trabalhei, acho que foi 2 ou 3 horas com eles. Exercício, para eles poderem aprender, como que eles conseguem fazer o passo a passo de uma receita. Aí eu levei eles pra prática. Se o pessoal da DRE tivesse chegado naquela hora. Eles não tinham.

Eles já tinham até cortado 2 horas do meu salário, por que? Porque eu não estava em sala de aula. Peguei meus alunos, levei eles pra uma casa lá, lá na aldeia mesmo. Ficamos lá por 2 horas, trabalhando a prática. Gostaram muito, aprenderam bastantes, eles amam sair da sala de aula, porque é cansativo a gente ficar entre 4 paredes. Levei eles, eles se divertiram bastante, gostaram, fizeram a comida, a comida é, o nome da comida, é pro meu pai, ele é tipo uma farinha. Mas aí a gente faz ele tanto doce quanto salgado, uma farinha de milho, milho seco, a gente soca no pilão, torra e soca no pilão. Aí eles fizeram o passo a passo dessa prática, anotaram, gostaram bastante. Então é isso, ah, incluir isso no nosso Projeto Político Pedagógico é fundamental. Mas aí também temos a parte de que na nossa escola nós temos, nós atendemos às 5 etnias diferentes. Aí vem, vamos contemplar os Terena. Mas a escola, mesmo a escola sendo Terena nós também temos que atender. Quem quiser, quem vier. Inclusive, tínhamos um aluno não indígena lá também, ele acompanhou todo o processo, inclusive a aula de língua materna, práticas culturais, práticas, tecnologia indígena. Então ele era obrigado a estudar isso porque faz parte do nosso currículo.

Mas nós também temos alunos que têm dificuldade com a língua portuguesa. Aí fica difícil para a gente ensinar a nossa língua, ensinar os nossos costumes, ensinar as nossas pinturas, nossa dança. E incluir, sem excluir eles. Falar sobre Educação Escolar Indígena não é fácil. Quando a gente, quando a gente para pensar. Os nossos conhecimentos, ele é limitado. Nós dependemos de pessoas para poder nos ensinar. Eu mesmo nesse projeto que eu estou fazendo. Eu estou descobrindo coisas, alimentos assim que eu nunca nem tinha ouvido falar, isso é pro meu pai mesmo, nem sabia que ele existia. Aí eu conversei com a minha coordenadora lá, com nossa coordenadora, ela falou não, vamos fazer. Ela é muito animada, vamos fazer, vamos fazer o que você consegue fazer aí para a gente comer, leva essa criança, pode levar - Ela falou.

Aí eu consegui fazer um prato, agora eu estou querendo fazer um projeto para poder fazer mais. E eu vou incluir o máximo que eu conseguir sobre os nossos conhecimentos tradicionais, porque isso acaba. Os nossos anciões, eles estão, Já estão bem velhinhos, a minha avó já está com 70 anos, ela é uma pessoa muito conhecida também da nossa tradição. Ela é fluente na língua também, lá, na aldeia onde eu moro só tem uma pessoa que consegue escrever, inclusive foi ele que traduziu todos os TCC aqui, de todos que passaram aqui na UNEMAT, foi ele que fez a tradução. E temos a honra de tê-lo na nossa comunidade, e a gente não está aproveitando isso. E é isso, eu acho que nós temos que, a importância de

incluir isso no PPP é gigantesco. E eu vou falar um pouquinho sobre Ciências da Natureza também.

Eu dei aula de História e Geografia. Acho que uns dois a três anos atrás. Eu via a necessidade que a gente tem de fazer com que nossos alunos compreendam, compreendam bem o que é preservação. Quais os processos de preservação da cultura, não só da cultura, mas também da natureza. Levar isso em projeto seria essencial, porque nós não, com essa essa tecnologia que vem vindo agora. Nosso, nossos conhecimentos tradicionais, eles estão regredindo, nossos alunos não querem saber mais de. Ah, é que nem eu fiz o alimento com eles e com meu pai né. Eles não querem socar no pilão né, eles já querem bater no liquidificador, por quê? Porque no triturador lá ele já é rapidão. Não tem todo aquele processo do passo a passo e tal. Então, é. Acho que é isso, .

CAPÍTULO 13

CULTURA E EDUCAÇÃO INTERCULTURAL: DESAFIOS E CONQUISTAS XAVANTE NA TERRA INDÍGENA SÃO MARCOS

Sandoval Tomotsudza'rebe Rureme - A'UWĒ RÃPRÉ - XAVANTE

Eu sou Sandoval Tomotsudza'rebe Rureme da etnia Xavante, faço parte do grupo etário *Tirowa* e do clã *Po'redza'ño*, isso é da minha cultura do povo Xavante, e moro na Aldeia Nossa Senhora de Guadalupe, município de Barra do Garças MT. Fui formando no ano de 2000 com o curso do magistério no ensino médio na Escola Indígena Estadual Dom Filippo Rinaldi na aldeia São Marcos. Em 2009, na Graduação, conclui o curso de Licenciatura em Ciências Matemáticas e da Natureza pela UNEMAT. Desde 2023, estou no mestrado e até hoje ainda trabalho na minha aldeia como professor na Escola Estadual Indígena Deputado Mário Juruna, lecionei para o Ensino Médio com as disciplinas de Matemática, Química e Física. Comecei a trabalhar na sala de aula no ano de 2003, desde que a escola surgiu na minha aldeia.

Então, desde que comecei trabalhar lecionei as disciplinas, por isso estou trabalhando com as mesmas disciplinas, porque gosto desses componentes curriculares. Na sala trabalho em bilíngue, mas em primeiro lugar dar aula na língua materna, logo faz tradução para língua portuguesa. Assim que os meus alunos aprendem a segunda língua, mas não aprendem todas as palavras. Pois, é importante, porque os alunos lutam e procuram para poder aprender a segunda língua.

Na minha infância aprendi um pouco a educação dentro da cultura tradicional do povo xavante. Primeiro, aprendi dentro da minha casa com meu pai e que ele me ensinava junto com minha mãe. Os ensinamentos dos meus pais são muito importantes para minha vida e também para o futuro. Por isso, o meu pai sempre me falava e também a minha mãe. Com todas as coisas que o meu pai sempre ensinou para mim. Portanto, as coisas boas não proibiam, mas as coisas ruins não permitem para mim. Sempre ensinava também com respeito aos outros e até às coisas dos outros para não tocar e nem roubar. Aprendi a trabalhar também na roça de toco junto com meu pai e com a minha mãe.

Para trabalhar sempre saímos na parte da manhã e voltamos para casa sempre ao meio-dia. A distância para a roça de toco da aldeia era de 3 quilômetros, é longe de andar a pé. Mas, um dia vai se acostumar a andar a pé, depois não sofrer mais. Então, nessa época quando trabalhava na roça de toco era o trabalho leve como, capinar com enxada e limpar algumas plantações. Assim que o meu pai e minha mãe ensinavam para mim. Um dia o meu pai ensinou também a fabricação de arco e flecha. Então, primeiro mostrou o que a matéria precisa para arco e flecha. Um dia ele fez na minha presença e ensinou para mim, como que faz arco e flecha. Então, aprendi a fazer, por isso tentei fazer. Para que serve arco e flecha. Na explicação do meu pai, o arco e flecha servem para caçar os bichos do mato e também para o peixe.

Então, um dia tentei caçar no mato com arco e flecha para matar os passarinhos, mas não consegui matar os passarinhos. Depois, no outro dia, tentei caçar o peixe também com arco e flecha, e foi junto com a comunidade da aldeia, porque a comunidade vai matar os peixes com timbó. Então, para matar os peixes com timbó é muito fácil, é fácil também matar com arco e flecha. Assim que tentei caçar com arco e flecha, achei muito bom. Um dia, aprendi a fazer arco e flecha e aprendi também a caçada dos passarinhos no mato.

Outras atividades que aprendi também foram as danças de dia e de noite, e também o canto. Como vários tipos de danças, aprendi a cada maneira como, dança após a corrida de buriti, dança dos adolescentes, dança para festejar juntos com os velhos e mulheres. Então, nesse tempo aprendi três tipos de danças do meu povo. No outro dia, já participei também da luta corporal, mas naquele dia estava só olhando e nem lutei outro e nem ajudei outro. Apenas só observando, mas fui pintado todo meu corpo. Depois da luta corporal existe a dança, e participei somente a dança. Então, todas atividades do meu povo são importantes para mim, porque é a nossa cultura tradicional. Em futuramente, vou ensinar também para os meus filhos e também para os meus netos, por isso é obrigatório para aprender todas as atividades que existem dentro da nossa cultura do povo xavante. Com certeza, hoje em dia já comecei a ensinar para os meus filhos e também para os meus netos. Na verdade, é para manter a nossa cultura tradicional e nem para acabar. Assim vai passando em diante para nova geração.

Outro dia, aprendi também a luta das crianças com raiz “ó’ó”, essa luta traz a educação e respeito aos outros. Para a luta existem dois grupos divididos entre xavante, um de “*Po’redza’õno* e outro de *Öwawé* (*Tób’ratató*), então para a disputa acontece somente

através da divisão. Na hora das lutas todo mundo torce ao seu lado e precisam da vitória. Mas, pode acontecer a derrota dos dois lados. E pode acontecer também somente a vitória de um grupo. A luta é com a raiz, essa raiz vive no brejo e na lama. Então, a raiz fica em todo lugar onde tem brejo e lama. Na minha época o meu pai sempre buscava num lugar longe. As crianças batem um ao outro no braço e na costela. Isso sente dor, mas para quem é corajoso não vai sentir dor no corpo, no braço e na costela. Os corajosos aguentam até vencer a luta. Por isso, alguns não aguentam dor no corpo e choram e perdem. Foi nessa luta que os corajosos aparecem e mostram seus corajosos. Depois disso, os corajosos são bem respeitados pelos outros.

(<https://youtu.be/ovWTRkiHt14?si=d19r-ueDER4PfM9i>).

Então, o respeito é infinito até o fim da vida da pessoa. Ao longo do tempo, nunca pode acontecer a briga depois disso, mas pode acontecer a conversa sério entre os dois com quem que lutou com raiz “óí’ó”, mas a conversa não é desgraça, mas é de respeito. Por isso, é importante a luta das crianças e mais valorizado dentro da cultura tradicional do povo xavante. Essa luta das crianças e a cultura tradicional do povo xavante, e nem vai acabar. Mas, poderá existir na vida cotidiana. Sempre acontece em todo ano, porque é o primeiro lugar para o xavante. Outro sentido que tem, é para ser formado de corajoso. Então, todo mundo participa da luta de raiz. Para isso criou a divisão e formou dois grupos entre o povo xavante.

Esses dois grupos do xavante que denominam de clã. Portanto, tem clã do *PO’REDZA’ÔNO* e outro clã é do *ÖWAWÊ (TOB’RATATÓ)*. Então sou do clã *Po’redzá’ôno*, portanto o nosso símbolo é o tipo de girino, por isso, pode-se chamar de girino em língua portuguesa. O clã do *Öwawê* significa rio grande. Por isso, fui casado com a mulher *öwawê*, porque a nossa lei permite para casar somente do outro clã, do mesmo clã não permite para casar. Então, os meus filhos também seguem o meu clã *po’redzá’ôno*. Por isso, todos meus filhos são *po’redzá’ôno*. Eles também podem casar com mulher *öwawê*, mas como tenho minha filha ela vai casar com homem *öwawê*. Assim vivem os xavantes na cultura tradicional.

Para a disputa dentro das cerimônias sempre acontecem dois clãs. A competição entre xavante é dura, porque os dois lados precisam da vitória e nem precisam derrotar. Quando acontece a derrota a história nunca vai acabar, mas vai passando para nova

geração. Isso dá vergonha para o grupo, então o grupo é fraco e não vale nada. Por isso é dura a competição do xavante na luta do ói'ó. Portanto, dois lados evitam a derrota, por isso precisam somente da vitória, porque quando o grupo recebe a vitória a história sempre será boa. Então, eu sempre participava de toda competição desde que era pequeno. Pela participação da competição dentro da cultura do xavante, parei no ano de 2010.

Agora não participa mais na competição, mas participa ainda na pintura corporal e sem lutar. Mas, sempre acompanhada com todas as cerimônias, porque é importante para mim. Mas, torci bastante em cada competição, quando tinha a disputa dentro das cerimônias. Nas cerimônias existem bastantes a educação própria do povo xavante. Existem cerimônias do xavante que as crianças tanto homens quanto mulheres não podem ver é proibido. Como casamento tradicional as crianças não podem ver de perto, isso é proibido para crianças menores de idade de 5 anos, é para os jovens com a idade de 13 anos de idade. Essa cerimônia também traz o respeito, educação e valorização. Então, quando eu era pequeno aprendi pelo conselho do meu pai e também proibia para mim algumas cerimônias que não servem para crianças. Então, eu respeito a ordem do meu pai, porque é meu pai. Assim acontece algumas cerimônias proibidas para crianças e jovens. Portanto, a educação também se inicia dentro de casa pela família.

Assim que comecei a aprender a educação pelos ensinamentos do meu pai, porque sempre davam conselhos para mim junto com minha mãe. É claro que a educação é muito importante na vida da sociedade xavante, quem não aprende não vale nada. Porque, quando a gente não obedece aos conselhos de seus pais, não vai aprender nunca que o caminho serve para melhorar a vida. Conselhos dos pais é completamente certo para o futuro, porque quando a pessoa tiver filhos um dia também ensinam com coisas mais importantes para seus filhos. Assim os pais ensinam e dão conselhos para seus filhos. Isso é para que os filhos seguem com a vida toda. Então, a luta das crianças nunca vai acabar, porque é o primeiro lugar para crianças aprenderem a lutar para possuir coragem e também para aprender a educação e respeito. Por isso, vai passando para a nova geração, e assim por diante.

Dentro da cultura do povo xavante existe a educação que vem dos padinhos, mas isso que a gente recebe somente quando os jovens se formam em *wapté*. Então, no ano de 1987, me formei em *wapté*, quando tinha 11 anos de idade. Foi nesse momento que chegou a minha vergonha e respeito dos outros e das coisas dos outros também. E saí de casa dos meus pais nesse ano, e nunca mais voltei para casa dos meus pais. Mas, numa noite

comecei a visitar os meus pais depois de um ano, isso foi autorizado pelos meus padrinhos. Para visitar a família na casa dos pais, os *wapté* anda só de noite, de dia não permite pela lei é proibido, porque é muito perigoso. Acontece que alguns acusam os *wapté* caso das meninas, por isso os *wapté* não anda de dia para casa do pai. Durante essa fase os responsáveis são os padrinhos e eles são liberados para visitar os pais na casa. Assim acontece, só quando os padrinhos autorizam que os *wapté* visitem os pais e a família. Mas, os padrinhos proibiam para chamar quaisquer mulheres. Proibido mesmo dos *wapté* a conversa para as mulheres. Porque, quando os *wapté* ou um deles conversa para mulher, vai furar orelhas. Então, essa parte da furação de orelhas ninguém aceita e ninguém gosta.

Por isso, os *wapté* são bem protegidos pelos padrinhos durante o dia e de noite. Por causa disso, nunca conversei para as mulheres e nem para minhas irmãs, mas conversei somente para minha mãe. Isso quando eu era *wapté*. Então, a situação é assim dentro da sociedade xavante. Então, a função dos padrinhos é assim, davam conselhos para os *wapté*, principalmente para evitar a furação de orelhas de ninguém. Como eu, fiquei com muito medo de furar as minhas orelhas. Porque, quando acontece a furação de orelhas dos *wapté* não servem mais nada e não é mais considerado de *wapté*. E chama de outro tipo de homem e denomina-se de “*atsitõ*”, esse nome ninguém gosta e nem para o pais dos *wapté*. Por isso, os *wapté* precisavam obedecer aos conselhos de seus padrinhos. Por isso, terminei bem a fase ou o tempo do *wapté*, graças a Deus nunca me chamou de “*atsitõ*” até hoje em dia.

Para isso, eu precisava de obediência por causa dos conselhos que deram os meus padrinhos. Os meus padrinhos me chamavam atenção durante toda noite antes da dança e canto na aldeia. Isso é muito bom para mim, porque é muito importante ouvir os conselhos dos padrinhos. Os conselhos para o *wapté* acontece também para os idosos. Também é obrigatório para idosos fazer os conselhos para os *wapté*. Mas, tanto padrinhos e quanto idosos sempre proibiam chamar as mulheres, isso é proibido com o *wapté*. Por isso os *wapté* respeitam as mulheres, mas acontece que alguns podem errar o caminho, isso é levado para assembleia para furar orelhas, isso pode acontecer na presença da comunidade, assim fica vergonha. Então como ninguém não gosta disso todo mundo precisa de respeito. Assim que aprendi as normas dentro da cultura do xavante, isso é importante.

Existe dança e canto dos *wapté* com seus padrinhos, isso acontece ao redor das casas na aldeia. Então, a regra que existe para isso é a seguinte. Durante a dança e canto os *wapté* adolescentes vão cantando e dançando com cabeça para baixo e sem olhar pra cima.

Isso não permite e também é proibido brincar e nem conversar durante dança e canto. Isso é a parte da educação que nós temos durante a fase do *wapté*. Durante a vida do *wapté* recebi bastante o que é bom e o que não é bom, então na vivência dos *wapté* também é muito importante, por causa disso. Ou seja, isso é mais valorizado na cultura do povo xavante.

Mas, na cultura do povo xavante existem oito grupos divididos. Esses oito grupos existem que pertencem do lado como *Ai'rere*, *Tirowa*, *Abare'u* e *Anarowa*. Outros grupos que pertencem de outro lado são: *Hötörä*, *Êtêpa*, *Nodzô'u* e *Tsada'ró*. Por exemplo, quando o grupo *Ai'rere* ficam como padrinhos eles vão dar conselhos para o grupo *Tirowa*, mas se for o grupo *Tirowa* eles dão conselhos para o grupo *Abare'u*, e se for do grupo *Abare'u* eles dão conselhos para o grupo *Anarowa*. Assim é a mesma coisa do outro grupo do *Hötörä* vai passando para o grupo *Êtêpa*, esses seguem os conselhos para o grupo *Nodzô'u*, e esse grupo também passa para o grupo *Tsada'ró*. Assim que a educação vai passando de outro grupo que pertencem. Então, cada grupo vai aprendendo a educação que vem dos padrinhos. Então, a educação que vem dos padrinhos é muito importante dentro da cultura do povo xavante. Pois, a educação não pode perder dos *wapté*, mas continua, até o conhecimento também desenvolvem a cada vez mais. Os *wapté* quando ficam na casa isolado e a pouca distância da aldeia, são considerados de dirigentes de cerimônias na aldeia.

Por isso, os *wapté* também são respeitados pela comunidade da aldeia. Sem *wapté* a aldeia fica calada e não faz nada. Por isso, acontece a formação dos *wapté* depois de um ou dois anos. Isso somente após a passagem ceremonial dos adolescentes, porque vem outro grupo, e assim por diante depois de 4 a 6 anos. Na verdade, para a formação dos *wapté* sempre é obrigado quando os meninos começam a crescer, com a idade de 10 anos para cima. Por isso, não demora para os meninos ficarem na casa de seus pais. Por isso, eu fui e formei com minha idade de 11. Mas, fiquei com *wapté* apenas por 3 anos, logo furou minhas orelhas com minha idade de 13.

Porque, ficamos na casa dos adolescentes apenas de 3 anos. Não demorou e nem fez 4 anos para ficarmos na casa dos adolescentes. Então, sou do grupo *Tirowa* e os nossos padrinhos são *Ai'rere*. Foi assim que aconteceu para nosso grupo, não demorou para ficar como *wapté*. Era muito bom ficar longe e fora da casa da aldeia, e também longe das mulheres. Mas, não completou 4 anos para nós ficar na casa dos adolescentes. Para mim é muito importante ficar na casa dos adolescentes. Porque, durante o tempo dos *wapté* as

aprendizagens desenvolvem pela contribuição dos padrinhos e dos idosos. Então, achei muito bom essa fase de vida dos adolescentes dentro da cultura do povo xavante. Portanto, essa fase de vida é o aprofundamento de buscar os conhecimentos e de aprendizagens dos jovens adolescentes. Porque, muitos jovens *wapté* aprenderam nessa fase, o que é bom e o que não é bom. Em futuramente, cada um de nós passa para a nova geração a vida principal dos *wapté* e a educação.

O primeiro contato meu na escola, foi no ano de 1980. Foi nessa época que comecei a estudar, e entrei primeiro na educação infantil. A minha professora era branca, junto com uma mulher indígena e ficou como auxiliar. Nesse tempo tivemos aula somente na alfabetização e consoantes. Mas, alguns dias também deram o desenho, isso é para pintar. Então, foi naquele tempo que aprendi a leitura e a escrita, mas somente das vogais e consoantes. A professora branca ensinou também para nós banhar e escovar os dentes, mas não foi sozinha, mas sempre junto com seu auxiliar. Então, achei muito bom o trabalho de prática da minha professora. Assim que elas fizeram os trabalhos para nós.

E no outro ano, quando passei para primeira série antiga, eu vi pela primeira vez o professor índio, antigo monitor. Esse professor deu aula para nós um pouco avançado de língua portuguesa e de matemática. Então, esse professor fala em dois idiomas: em língua materna e em língua portuguesa. Portanto, na minha opinião é fácil para aprender, leituras e escritas. Foi nesse tempo que aprendi escrita de alguma frase e também leitura. Mas, as escritas que aprendi somente com lápis e nem caneta, porque o meu professor monitor proibido para mim, para não escrever com caneta. E sempre fala que a caneta é do adulto. Por isso, escrevi somente com lápis.

Então, desde que comecei a estudar, o meu pai sempre falava que a escola é importante e também para encontrar uma vida boa. Mas, quando interpretei a fala do meu pai, eu não entendia nada. Do que ele está falando. E não entendi nada. Mas, continua falando para não faltar às aulas. Quando chega a hora das aulas o meu pai e minha mãe sempre me chamavam para banhar logo. Então, eu obedecço a fala dos meus pais, por isso banhava logo depois andava para escola. Por isso, nunca levei a falta de cada matéria durante as aulas. Então, sempre fiquei presente na sala de aula e participava das aulas. Na verdade, era difícil acordar de manhã cedo, mas outro dia acostumei a acordar bem de manhã cedo. E naquele tempo estudava na parte da manhã, então para mim não importa o sono e preguiça. Por isso sempre acordava muito cedo. Depois, fui para a escola, mesmo

que não tomei café da manhã. Porque naquele tempo não tinha café para tomar e nem bolo para comer. As roupas também eram poucas para vestir e andava também com descalço. Mas, dessa coisa não importa para mim.

Porque eu sei que o meu pai e minha mãe não tinham nada como aposentados. Então, na minha época não tinha nada como, roupas, tênis, chinelo e nem sandália. Mesmo assim nunca desanimei, mas sempre fiquei alegre, estudioso e trabalhador. Realmente, os nossos pais são os mesmos, que quer dizer eles não tinham nada para sustentar a família. Mas, são trabalhadores da roça de toco. Mas, ensinavam coisas boas, como estudo e demais coisas importantes. Então, nunca desisti de aula e sempre participava das aulas. Nesse tempo o meu pai e minha mãe me ensinavam que o estudo é muito importante, e também serve para a vida boa futuramente. Assim que o meu pai e minha mãe me ensinavam. Então, me deu sentimento a fala do meu pai e da minha mãe. Por isso, pensei em não parar e nem desistir da aula. Por causa disso, aprendi a ler e a escrever.

Então, eu me lembro que as nossas aulas avançaram um pouco como os textos quando tiveram em 5 a 6 linhas, isso com a disciplina de língua portuguesa e de matemática. Os conteúdos de matemática que estudávamos eram de expressões numéricas, divisão exata e de divisão não exata. Nesse momento aprendi também a leitura de matemática e de cálculo. No outro ano, quando passei para a segunda série antiga, encontrei outro professor que também é índio. Esse professor que encontrei é um professor excelente, trabalhador não é preguiçoso. Também é muito fácil para entender quando ele faz a explicação de textos, isso com matéria de português e de matemática. Por isso, aprendi mais com ele durante as aulas. Foi nesse tempo que comecei entender o que é escola, e o que é estudo.

Por isso, pensei que um dia seria professor. Porque achei muito bom que o professor desse aula para seus alunos. Então, como eu vi, a função do professor não era fácil, porque sempre acompanhava os seus alunos durante as aulas e até as escritas que o professor acompanha. Existe também aula de campo, portanto um dia o professor dá aula de campo como as brincadeiras, jogo de futebol de campo e da luta corporal do povo xavante. Por isso, fiquei muito satisfeito nessas aulas. Um dia, esse professor nos viu num lugar muito lindo e o rio também é lindo. E nesse lugar o rio é claro e muito lindo, então brincávamos no rio. Durante nossa brincadeira o nosso professor cozinhou. Depois fizemos almoço juntos nesse lugar. Para este lugar fomos a pé e saímos muito cedo. Na verdade, esse lugar é de outra aldeia. Depois do nosso almoço, o professor pensou para nos visitar a aldeia. Então, todo

mundo gostou. Então, visitávamos uma aldeia que se chama Aldeia Nossa Senhora de Aparecida. Essa é uma aldeia que tem água quente que existe no território entre o povo xavante, e da Terra Indígena São Marcos. É interessante essa água quente e banhamos nela. Logo depois, jogávamos um pouco com vôlei contra a comunidade da aldeia, mas perdemos o jogo. Depois voltávamos para nossa aldeia, e chegamos às 17:00 horas da tarde. Assim que experimentei algumas atividades práticas.

No outro ano passei para terceira série antiga, então nessa fase encontrei uma professora branca que é freira salesiana. Então, nesse tempo complicou um pouco as aulas. Porque ela fala em português. Portanto, pensei para não desanimar e nem desistir, mas aceitei o estudo dela, por isso, pensei em aprender a língua portuguesa. Foi nesse momento que comecei a falar em português como, boa tarde, boa noite, como é seu nome e de nomes dos objetos. E aprendi primeiro somente a perguntas em português. Outro dia, a professora ensinou também a cantar no canto da missa e em outros tipos de cantos. Então, nesse tempo aprendi também a cantar em português. E achei muito boa aula de língua portuguesa. Essa professora sempre deu para nós leitura, quando aparece texto no quadro ela chama cada um de nós para ler o texto. E sempre fala também que a leitura é importante. Então, foi nesse tempo que aprendi mais a leitura, e pede para nós fazer leitura em qualquer lugar, quando encontramos alguns, jornais, revistas e livros. Portanto, no meu entendimento a fala da professora é exatamente positiva, porque não é somente dentro da sala de aula que os alunos podem aprender a leitura. Assim que comecei a aprender a leitura. E também percebi o entendimento dos estudos que a escola é importante para vida da pessoa.

Depois que passou o ano, passei para outra fase que é quarta série antiga, aqui encontrei mais uma vez aquele professor índio que deu aula na segunda série, e naquele dia fiquei feliz, porque ele é excelente professor. Durante a aula dele, aprendi mais a leitura, cálculo na matemática, e fala um pouco na língua portuguesa. Por isso, hoje em dia, sempre lembrando dele do meu professor que me ensinou muito bem e me deu esclarecimento sobre os estudos. Foi nesse tempo que comecei a falar em português, mas não muito. Depois passei em outro ano para quinta série antiga, aqui encontrei os professores não índios, mas são os padres salesianos. Então, pela primeira vez que eu vi o trabalho dos professores era diferente, mas percebi logo.

Portanto, os professores padres deram aulas para nós de cada matéria. Então, cada um deles tem um bom trabalho feito, excelente e muito fácil de compreender. Por isso, achei

muito interessante as aulas dos professores não índios. E encontrei um professor excelente na matemática, ele é muito bom e muito fácil para entender a explicação dele na matemática, esse professor que vem do exterior e vem da Áustria, mas fala em português, por isso dá para entender. Quando passei para sexta série, encontrei os mesmos professores. Por isso, nesse tempo já tinha falado um pouco de português. Mas, tinha errado ainda a minha fala na língua portuguesa, mas não parei de falar em português. Porque, precisava aprender a falar em português, então é importante para mim.

Depois cheguei para a sétima série, os professores meus são os mesmos, mas tinha um índio juntos deles. Esse índio trabalhava com a matéria de língua xavante e arte. Então, o trabalho do índio ficou muito fácil. No ano de 1995, fiz o último ano do Ensino Fundamental, e nesse tempo os professores que trabalham são muitos excelentes e maravilhosos. Nessa época havia muitos alunos e alunas, portanto para mim são excelentes, porque tinha visto que nem só eu que estava presente nas aulas, mas todos os alunos, que sempre participavam das aulas. E terminou o ano com muita satisfação para minha turma e especialmente para mim.

Durante o meu estudo, quando estava na segunda série antiga, já tinha sonho para ser professor. Então, eu prefiro o curso para formação de professor, então no Ensino Médio tem curso de magistério, no Ensino Superior tem curso de licenciatura também serve para professor. Assim que pensei, depois que concluí o Ensino Fundamental, sempre tive meu sonho de ser professor. Portanto, no ano de 1996, procurei o curso profissional que serve para formação de professor que é curso de magistério. Mas, na aldeia ainda não existe esse curso somente na cidade que tinha, e na minha cidade não tinha, mas na Aragarças GO do outro estado tinha. Então, eu fui fazer a matrícula, mas não tinha vaga naquele dia, então fiquei triste. E logo decidi estudar com o curso não profissionalizante, para não perder o tempo.

Então, fiz matrícula com o curso não profissionalizante também em Aragarças GO. Foi no ano de 1996, que estudei em Aragarças GO, com o curso não profissionalizante. Naquele tempo a despesa foi a conta da FUNAI de Barra do Garças MT. Naquele tempo havia muitos xavantes que estudaram na cidade de Barra do Garças e de Aragarças. O alojamento ficava em Aragarças, lá os estudantes ficavam. Isso não é fácil de ficar, porque o problema acontece sempre dos alimentos. Quando chegam as compras de alimentos sempre muitos, mas como tinham muitos estudantes acabam logo. Esse é o grande problema que tinham. O

alojamento não era a conta da Funai, mas era a casa do índio de Aragarças GO. Então, a Funai escolheu um bloco para o alojamento para que os estudantes ficassem nessa. No outro bloco serve para postinho de saúde do índio. Outro bloco era para qualquer pessoa como turista, mas alimentam-se juntos com os pacientes. Mas, os estudantes alimentam-se sozinhos. Assim aconteceu o problema quando estudava em Aragarças. Mas, estudei apenas em um ano, foi no ano de 1996.

Em 1997 voltei para aldeia, porque criei o curso magistério na Aldeia São Marcos, isso foi no ano de 1998. Então, a partir do mês de julho em 1997, começou a inscrição para curso de magistério. Logo fui fazer a inscrição, porque eu prefiro o curso para formação de professor. Porque é meu sonho desde que estudei na segunda série antiga. Então, comecei a estudar com curso do magistério, isso foi no ano de 1998. Portanto, pela primeira vez eu vi o estudo no curso de magistério para professor. Achei muito bom o estudo para formação de professor. Então, durante o curso foi contribuído pelas aulas dos meus professores.

Todos os professores são não índios. Mas, esses professores foram convocados pelo diretor da escola, por isso chegaram de outros lugares e de outros estados para lecionar as matérias. E cada um deles têm matérias específicas com o qual se formaram como matérias de Física, Química e de outras matérias. Esse curso de magistério é de presencial que realizou, mas apenas três anos do ano de 1998 à 2000. Portanto, cada matéria possui os conteúdos mais importantes e também servem para o papel do professor. Acontece nas aulas como aula de campo, aula de vídeo e aula prática. Por isso, a preparação para formação do professor é avançada e muito aprendizado e também muito esclarecido. Também tinham bastante atividades escritas e de práticas. Assim os professores se preparam durante o curso do magistério. Então, muito trabalho que os professores passaram para os alunos do magistério, por isso é muito importante esse curso para formação do professor. E concluiu esse curso do magistério no ano de 2000, e com grande satisfação pela comunidade junto com alunos do magistério.

Depois entre dois anos de 2001 a 2002 não trabalhei como professor. Mas, fiquei em paciência para trabalhar como professor. Nesse momento, a partir de 2001, prestei vestibular para Unemat, então fiz a prova e não consegui passar na prova e fui eliminado. No ano de 2002, prestei outro vestibular que é da UCDB de Campo Grande MS, que é do outro estado. Quando fiz a prova não consegui passar e fui eliminado, mas fiquei com paciência.

No ano de 2003, comecei a trabalhar como professor na Escola Estadual Indígena Deputado Mário Juruna, localizada na Aldeia Nossa Senhora de Guadalupe, município de Barra do Garças MT. Lecionei para o Ensino Fundamental e para o Ensino Médio, quando tinha só Ensino Médio do magistério, que comecei trabalhar como professor. E trabalhei com a disciplina de ciências e de matemática. O meu trabalho foi em dois idiomas: língua materna e de língua portuguesa. Aulas dadas de Língua portuguesa para língua materna.

Assim fica fácil para os alunos entenderem as aulas. Então, essa minha experiência no início do meu trabalho para os meus alunos. Porque, o importante é que os alunos compreendam bem as aulas. Na verdade, a dificuldade que tem para os alunos xavante é a segunda língua, por isso é importante a tradução de língua portuguesa para língua materna. Para perceber aprendizagens e conhecimentos avançados, precisava de muitas atividades bem explicadas e passam bastante exemplos. Depois que mandei fazer na casa eles levam para casa, então quando voltam para as aulas, é recolhido os cadernos deles para ver que eles fizeram. Então, vistoriou o caderno de cada um deles. Assim que percebi que os alunos conseguiram entender os estudos durante as aulas. E continua trabalhando bastante, que quer dizer passava mais as atividades para os alunos fazerem, se for na sala de aula ou para levar na casa, isso porque é o papel do professor. Então, achei muito bom quando passa mais atividades para fazer, porque assim vão aprendendo cada vez mais.

Mas, junto às atividades também é muito importante fazer a leitura. Por isso, os meus alunos sempre faziam a leitura em grupo e individual. Mas, em primeiro eles faziam leitura em grupo, porque alguns que ainda não sabem ler a leitura sozinhos eles vão perceber junto com aquele que já saber ler a leitura. Depois, sozinho vai conseguir ler. Às vezes, eu também leio junto com meus alunos e logo corrigindo as pronúncias, quando tenho erro de leitura. Assim que eu trabalhei com minhas experiências na sala de aula. Então, isso é um desafio para mim e também para meus alunos, principalmente para nós indígenas. Porque é questão da busca do conhecimento e de aprendizagens. Então, isso é uma grande luta.

A partir do ano de 2004, fiz vestibular na Unemat de Barra do Bugres MT, a prova realiza-se na aldeia Nossa Senhora de Guadalupe, então na hora da prova chegaram a equipe da Unemat para fiscalizar, portanto a prova que aconteceu não era fácil, mas é sério e tudo organizado pela equipe. Fiz a prova, porque o curso que existe na Unemat serve para formação de professores indígenas. Por isso, fiz a inscrição para fazer a prova no vestibular.

Porque, prefiro este curso para formação do professor, por isso fiz a prova. Então, aqui deu certo para mim e consegui passar na prova.

E comecei a estudar no Ensino Superior no ano de 2005. Então, aqui achei muito importante também o estudo no Ensino Superior na Unemat de Barra do Bugres-MT. O curso acontece somente de férias, portanto é considerado de curso de férias e também por etapa. E nesse curso os professores somente os brancos. Os professores que deram aulas para nós no Ensino Superior foram em nível de mestrado e de doutorado. Por isso as aulas foram avançando e mais valorizadas para vida dos professores. Existem também aulas de campo, aula de vídeo e aula prática. Por isso, achei muito bom, porque as aulas foram avançadas e movimentadas. Esse curso foi realizado em 5 anos, desde 2005 a 2009.

Por isso, durante 5 anos de estudos no Curso do Ensino Superior, o conhecimento melhorou bastante e avançados. E também acontece mais os estudos para vida do professor e também sobre aulas e conteúdos importantes. E no outro dia já aconteceu o estudo sobre planejamento de aula. Isso também é a mais importante para os professores, porque com o planejamento que os professores trabalham nas aulas. Sem isso, o professor não é mais professor, por isso é obrigatório fazer plano de aula. Ou seja, os professores que ensinam aos alunos são preparados e ensinam bem direito e correto. Assim pode acontecer o trabalho do professor na sala de aula. Por isso, tudo que assisti durante a aula no ensino superior, são muito importantes. E também ajuda bastante na vida do professor, principalmente.

Porque o ensino superior é outro nível que pouco para cima do nível médio, por isso as aulas mais puxadas, porque também é de etapa. Por isso, acontece muito trabalho para nós, mas é importante para trabalhar mesmo durante o curso no ensino superior. Porque é a preparação para professor, então aprende mais o que necessário com o papel do profissional na área da educação. Por isso, os profissionais que têm nível maior como graduados, são bons professores que dão aula para o ensino fundamental e para o ensino médio. Assim como eu vi durante o meu curso no ensino superior, então é mais puxado do que no curso do magistério no ensino médio. Tudo que eu vi a experiência dos profissionais durante o curso do ensino superior, é necessário para mim. Por isso, também passa algumas experiências poucos iguais, mas só quando serve para o ensino médio e também para o ensino fundamental.

Portanto, quando leciona na minha aula tanto para o ensino médio quanto para o ensino fundamental, consigo criar também outra forma de experiências. Às vezes, faço criatividade também. Porque percebi também que a criatividade é importante para passar aos alunos. Assim que eu faço ainda hoje, se for por escritas ou de práticas. Então, assim os alunos vão caminhando juntos sem ter dificuldade. Até as leituras que eu mando para eles, porque também a leitura é muito importante para os alunos. Mais importante ainda é a aprendizagem. Por isso, jamais esqueço de mandar a leitura, escrita e aprendizagem.

Por causa disso, depois que concluí a graduação, pensei em continuar o estudo no pós-graduação. E demorei para continuar o meu estudo no pós-graduação, porque terminei o curso na graduação no ano de 2009. Então, fiquei sete anos sem continuar o estudo. Por isso, decidi fazer o pós-graduação também na área da educação e escolhi o curso de Docência no Ensino Superior, isso foi em um ano e meio. Comecei em 2017 e concluí no ano de 2018. Então, durante esse curso na pós-graduação, também acontece bastante o caminho para o professor, mas a disciplina importante para mim é a didática. Porque nessa disciplina fala muito sobre manejo e assimilação. Portanto, achei muito importante a disciplina de didática, por isso é necessário para trabalhar na sala de aula. Pelo entendimento dessa disciplina o trabalho na sala de aula ficou muito bom e também facilitou. Na verdade, é muito fácil levar os alunos quando têm dificuldade pela aprendizagem e ajuda muito com os alunos.

Fiz curso de pós-graduação no ano de 2017, foi o ano em que fui assumir a direção na Escola Estadual Indígena Deputado Mário Juruna. Nesse tempo aconteceu também a minha experiência na parte da administração na escola, mas com função de diretor. Isso foi na minha aldeia Nossa Senhora de Guadalupe, com apenas dois anos de mandato, e termina o meu mandato no ano de 2018. Depois, precisava sair na direção da escola, porque achei muito trabalho e não tem tempo para descansar e também é pesado. Mas a comunidade me deixou continuar na direção. Então, aceitei a decisão da comunidade, por isso continuei mais dois anos de mandato de 2019 a 2020. Portanto, fiz trabalho de quatro anos na direção da escola desde 2017 a 2020 no total. Por causa disso, fiquei quatro anos sem continuar o estudo depois da pós-graduação e nem prestei algum processo seletivo para o mestrado.

Quando acabou o meu mandato em 2020, fiz reunião com a comunidade com o assunto da nova direção da escola. Então, naquele dia após a discussão pela comunidade sobre o diretor da escola, tinham quatro candidatos escolhidos para a nova direção, mas

esses quatro candidatos ninguém quer assumir o cargo na direção. Nesse dia a reunião começou a partir das 08:00 horas da manhã e ficou para 17:00 horas da tarde, mas ninguém quis assumir o cargo na direção. Por isso, a comunidade me chamou para que eu continue a trabalhar na direção. Mas, respondi a comunidade que eu não vou mais trabalhar na direção, porque o trabalho é pesado e também muito cansativo. Então, fiz assim, depois que acabou o meu mandato na direção e não voltei mais na direção da escola.

Logo depois, montei o meu projeto de pesquisa para o mestrado, isso foi no ano de 2021. Prestei processo seletivo para o mestrado intercultural, porque eu vi o curso com linha de pesquisa de Ensino, Docência Interculturalidade. Porque no meu entendimento, quando se fala de docência significa o professor. Por isso, escolhi essa linha de pesquisa. Mas, nesse período não deu certo para mim e fui eliminado, então fiquei triste naquele dia. Isso foi na primeira tentativa que não consegui passar no processo seletivo para o mestrado. Mas, no próximo continuei o mesmo projeto de pesquisa, só que formatei o meu projeto de pesquisa, por isso quando aconteceu novo processo seletivo para o mestrado, fiz logo a inscrição, isso é para segunda tentativa. Nesse momento, prefiro fé em Deus em primeiro lugar, para que consiga passar pelo processo seletivo.

Então, aqui deu certo para mim e passei com processo seletivo, por isso agradeci em Deus e segundo agradeci também pela equipe da Unemat como professores bancadas. Por isso, estou mestrando comecei estudar nesse ano de 2023, se Deus quiser eu estarei concluindo esse curso no mestrado em Barra do Bugres. Esse estudo no mestrado tem apenas dois anos para concluir, começou esse ano e completa dois anos para o ano que vem em 2024, mas finaliza em fevereiro de 2025. Então, acima de tudo agradeci a Deus em primeiro lugar, e também a instituição como Universidade do Estado de Mato Grosso- Unemat, depois agradeci todos os professores que me deram aulas durante meu estudo na graduação e do mestrado. Daqui em diante, vou continuar o meu sonho com doutorado também será da área da educação. Porque o caminho que eu queria, quando estava na segunda série antiga, por isso consegui todo o curso que servisse para professor. Por isso, fiz magistério no ensino médio, e licenciatura no ensino superior e docência no ensino superior no pós-graduação, e atualmente fiz mestrando também o curso de ensino, docência interculturalidade também serve para professor.

Se Deus quiser eu estarei na área da Educação no doutorado, por isso não vou parar o meu sonho, de onde eu vou e para onde eu vou. Portanto, tinha meu sonho quando

estudava na segunda série antiga, para que eu seria professor um dia. Mas, consegui esse meu sonho, já tive meu trabalho como professor e atualmente continuo lecionando ainda na sala de aula. Na verdade, eu tenho minha formação com o curso de magistério no ensino médio para professor. E consegui também no ensino superior com o curso de licenciatura e docência no ensino superior no pós-graduação.

Tenho 20 anos de trabalho como professor na escola da minha comunidade. Para chegar até nesse ponto eu tinha muita luta, estudei bastante sem cansativo, na verdade estava cansativo, mas aguentei até chegar até o fim. No meu entendimento, quando se prefere o caminho que a gente gosta, um dia vai conseguir mesmo que seja difícil, pode chegar até o fim. Assim foi durante a minha trajetória.

Acima de tudo só fé em Deus. E também sem desânimo durante a caminhada, por onde anda e sem errar.

Entrevista

Meu nome é Sandoval Tomotsudzarebe Rureme, sou da etnia Xavante, moro na aldeia Nossa Senhora da Guadalupe, município de Barra do Garças. Como professor trabalho na minha aldeia, sou formado pela licenciatura plena em Ciências Matemáticas e da Natureza na Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT. Comecei a estudar na Faculdade Indígena em 2005 e me formei, concluí o ensino superior até 2009 e no momento estou aqui mestrandando.

Na minha aldeia trabalho com a turma, de sexto ano do Ensino Fundamental e de primeiro a terceiro ano do Ensino Médio. Trabalho com a formação, no Ensino Fundamental, dei aula de Ciências Matemáticas e da Natureza, no Ensino Médio trabalho com a Matemática, Física e Química e nesse ano trabalhando com a disciplina de Biologia.

Então, sobre as Ciências da Natureza, eu me preocupo com os povos indígenas, da minha comunidade também. É buscar conhecimentos. Essa disciplina de ciências, aprender tudo o que existe na natureza dentro da disciplina de ciências. Então, é assim que eu penso sobre essa disciplina de Ciências da Natureza. E na verdade, assim, é importante aprender tudo o que existe na natureza, que é bom, o que é ruim. Trabalhar, com essa disciplina, a importância que tem o ensino de Ciências da Natureza.

Por exemplo, entre os saberes indígenas, tudo o que existe na natureza, como para fazer artefatos indígenas, os xavante precisam extrair algumas árvores ou fruto de buriti, essas coisas são muito importantes. Porque serve para artefatos do povo xavante, que atualmente ainda existem artefatos indígenas do meu povo, então, precisa muito dessas coisas. Então, de agora em diante tem que melhorar. Quer dizer que um dia pode acontecer, pode ser assim, para não procurar mais longe, em outro lugar, tira broto de buriti. Tem então que pensar no futuro, plantar, aplicar na casa para ficar mais fácil, então, essa é minha opinião.

O meu conceito, o meu entendimento sobre as Ciências da Natureza é para que possamos aprender melhor, porque, o povo originário em geral, o da minha comunidade precisa entender, porque a vivência do povo ainda, assim na floresta, precisa muito do entendimento de tudo o que existe na natureza durante a vivência.

Conhecimentos indígenas, tradicionais com a ciência, em primeiro lugar é aprendizagem, entendimento, é através do estudo de ciência, esse é o meu entendimento.

O desafio principal no ensino de Ciências da Natureza é manter a cultura, identidade, tradição, tudo o que existe para o povo - precisa manter, então, precisa manter. Então, esse é o principal para o meu entendimento.

É, eu tenho minha atitude assim, um estudo mais avançado é aumentar um pouco mais a carga horária da aula (Ciências da Natureza) para o povo, trabalhar mais com essa disciplina, porque no meu ver, todo ano que acontece poucas aulas, assim das aulas dessa disciplina. Então para mim eu acho que não é fácil, trabalhar, estudar. Então seria bom, assim, aumentar a carga horária para trabalhar, vai ser bom tanto para o professor quanto para o aluno.

CAPÍTULO 14

ENTRE RITUAIS E SABERES:

A JORNADA EDUCACIONAL DE UM PROFESSOR XAVANTE

Tiago Tserewatawe Tsitedzé - A'UWĒ RĀPRÉ - Xavante

Eu: Tiago Tserewatawe Tsitedzé

Clã: *Tobratató* (Subclã: *Öwawe*)

Grupo: Etepa

Filiação: Fernando Tsitsdzé Wa'õmorã e de Cristina Ro'odzawa Pariwawi

Residente: Aldeia Nossa Senhora de Fátima (*Wardzuhi'ahö*)

T.I: São Marcos (*Etenho'repré*)

Etnia: Xavante (*A'uwe Rāpré*)

Município: Barra do Garças/MT

Graduado: Ciências Sociais, **Ano:** 2022

Instituição: Unemat (Universidade do Estado de Mato Grosso)

Faindi: Faculdade Indígena Intercultural

Município: Barra do Bugres/MT

Nascido no dia quinze de agosto de mil novecentos e oitenta (15/08/1980) na aldeia São Marcos, Terra Indígena São Marcos, tive a maior parte de minha vida de infância nesta aldeia, neste território e na comunidade.

Porém, tenho relação muito forte com tudo o que o meu povo mantendo existir e resistir como as línguas, conhecimentos tradicionais, valores culturais do meu povo existente desde dos nossos antepassados até o momento, as praticava, participava desde pequeno seguindo os bons ensinamentos dos mais velhos da minha comunidade.

Figura 1 - Foto do autor



Como que sou xavante nativo, cresci falando, conhecendo, sabendo, aprendendo a cada fase de conhecimentos que temos com a orientação dos mais experientes de acordo da nossa maneira de educação tradicional usados nos nossos espaços educativos, além de Educação Escolar, ou seja, os ensinamentos da sociedade de não indígena, conhecido pelo meu povo como “*Waradzu-Tsi’uróbó-Branco*”.

Na cultura do meu povo Xavante, na fase de vida dos *Ai’repudu*, é a fase de vida de participação de luta de Ó’ó, a luta realizada no meio de toda comunidade de clã contra outro clã, numa certa idade, os *ai’repudu* lutam entre si, demonstrando suas coragens para se tornar guerreiros. Tive passagem nessa fase de vida participando essa luta liderando o meu grupo, ou seja, do clã a qual faço parte que é *Tobratató* subclã de Ówawe, comecei a

participar nesta luta desde pequeno quando tinha 5 anos de idade de acordo da nossa cultura, que todos os homens são obrigados a participar.

Figura: 02 Watebremi (Fase de vida de criança)



Fonte: Fernando Tsitedze Wa'õmorã/TI-S.Marcos 05/1989

Na minha infância todos os rituais ocorridos na minha comunidade, participava todos os princípios de aprendizagens dos homens organizados a serem seguidos como as danças culturais com a pintura corporal.

Na cultura do meu povo Xavante, na fase de vida dos *Ai'repudu*, é a fase de vida de participação de luta de *Ói'ó*, a luta realizada no meio de toda comunidade de clã contra outro clã, numa certa idade, os *ai'repudu* lutam entre si, demonstrando suas coragens para se tornar guerreiros. Tive passagem nessa fase de vida participando essa luta liderando o meu grupo, ou seja, do clã a qual faço parte que é *Tobratató* subclã de *Öwawe*, comecei a participar nesta luta desde pequeno quando tinha 5 anos de idade de acordo da nossa cultura, que todos os homens são obrigados a participar.

Havia muitos, companheiros meus, que faziam parte do meu grupo, assim como os grupos oposto também tinham muitos que lutavam contra nós conhecidos como *Po'redza'õno*, eram são bons guerreiros, corajosos, por sorte que tinha nessa época, nenhum deles ganhavam de mim nessa luta de *ó'i'ó*, pois, sempre tive bom preparo fisicamente para essa luta, registrando minha vida histórica na minha comunidade.

Figura 03: *Ai'repudu*



Fonte: Pe. Giacaria/1993

Ao passar a fase de vida de *ai'repudu*, entrei na fase de vida de *wapté*, já era outro processo de aprendizagem na cultura do meu povo, tinha convivência nessa fase de vida durante 05 anos, aprendendo todos os ensinamentos dos nossos responsáveis que são os *danhohui'wa*, os nossos eram grupo *Hötörä* quem tomavam conta de nos cuidar, ensinar, e orientar de todos os conhecimentos que estavam no nosso alcance.

Era muito interessante por ter convivido com esse grupo e nessa fase de vida, pois, aprendi muito através das orientações dos nossos responsáveis as importâncias dos conhecimentos ancestrais, valores, sabedorias, religiosidades e muitas práticas de ensino nos nossos campos de aprendizagens.

Além do processo de aprendizagem por parte da minha cultura, tive outro processo de aprendizagem que vinham participando também ao longo dos anos que se passaram, que é a Educação de não indígena conhecido como processo de aprendizagem na escola.

Figura:04



Fonte: Tsa'amri 05/1994 - São Marcos

Nesse processo de aprendizagem, comecei a frequentar a partir dos anos de 1986, quando tinha 6 anos de idade, comecei a frequentar a escola na Escola Indígena Estadual Dom Filippo Rinaldo situada em aldeia São Marcos, da Terra Indígena São Marcos, município de Barra do Garças/MT. Esse estabelecimento de ensino era dirigido pelos missionários Salesianos, na época já havia professor contratado pelo Estado de mato grosso, mas, era considerado como professor bilíngue, pois, não tinha formação adequada para exercer esse tipo de função como professor. Mas, a maioria desses monitores que lecionava, eram melhores de ensinamentos, são pioneiros de lições na sala de aula e no campo, e quem me lecionava na era de prézinho, conhecido atualmente como 1ºCiclo/1ªFase, era o meu primo saudoso finado Pedrinho por quem tive princípios de processo de aprendizagens nos dois conhecimentos existentes no mundo onde vivo, na época, frequentava dois anos de ensino numa série, isto é, nos anos de 1986, quando comecei de estudar, os dois primeiro e segundo bimestre, era entre um ano de ensino, isso foram entre no ano de 1986, e os dois últimos bimestres, era entre de 1987, não percebia que eu atrasava muito, mas, era o momento mais marcante da minha vida na luta e na busca de aprendizagens.

E nos anos de 1988 à 1989, assim que eu fui promovido de uma série para outra, comecei a frequentar outra modalidade de ensino, a antiga 1ª Série, atualmente conhecido como 1ºCiclo/2ªFase, o monitor era o Senhor Raimundo Urébete Ai'reró, nos anos seguintes de 1989, havia grupos formandos que fundaram uma aldeia chamada aldeia Nova Jerusalém no mesmo território, mas, um pouco distante da aldeia principal com cerca de 6 Km da aldeia São Marcos, onde situa a escola onde comecei de estudar, sem eu saber o que se passavam e os relacionamentos do meu saudoso papai e a saudosa mamãe, tinham nos levado com esse grupo que fundaram uma aldeia nova em busca de uma vida nova.

Mesmo assim, com grupos de crianças a qual fazia parte, não desistimos de estudos, éramos muitos, fomos persistentes de estudar no começo do ano da fundação da aldeia, juntos caminhávamos a pé, lutamos dias letivos com muita força, como que as aulas começavam a partir das 7:00 hs, a gente sempre saía a partir das 5:00 hs da manhã, sem pensar nos riscos que se passavam no caminho no tempo de seca, assim também nos tempos da chuva, éramos felizes, cantávamos e brincavamos muito no caminho para a escola. Como que esse tipo de ensino eram consequente como citei acima, tinha frequentado os mesmos módulos, isso quer dizer que o Ensino Fundamental I, de antiga Pré

(1ºCiclo/1ºAno) à 4ªSérie (2ºCiclo/5ºAno) durava 2 anos de Ensino-Aprendizagem cada modalidade de ensino, as quais relaciono na tabela 01.

Dos anos de 1989 a 1993 tive muito sacrifício de frequentar a escola por espaço que frequentava entre o estabelecimento de ensino e aldeia onde morava, por conta de muitas consequências que passávamos, muitos de meus companheiros desistiram das aulas, e tiveram de dar a continuidade de estudar na aldeia estabelecida pela rede municipal conquistados pelas lideranças da nova aldeia, pois, não davam mais conta de frequentar onde frequentamos juntos numa escola onde começamos de estudar.

Tabela 1: Percurso nos ciclos de Ensino: Anos, ciclos, duração e docentes

Anos	Série (Ciclo/Ano)	Duração	Docente
1986 a 1987	Pré (1ºCiclo/1ºAno)	2 anos	Pedrinho
1988 a 1989	1ªSérie (1ºCiclo/2ºAno)	2 anos	Raimundo Urébété Ai'réró
1990 a 1991	2ªSérie (1ºCiclo/3ºAno)	2 anos	Rufino Tōmoptsé Duprédzano
1992 a 1993	3ªSérie (2ºCiclo/4ºAno)	2 anos	Lourenço Wa'ané Duptuwe

Anos depois, percebia as grandes preocupações dos nossos familiares, comunidades da aldeia e principalmente dos nossos pais e das nossas mães, mas, nós mesmos que percorríamos juntos o caminho para a escola, não notávamos os riscos, e nem pensávamos nos perigos, pois, por sorte, nunca encontramos situações estranhas e nem atentados de quaisquer atos pelos estranhos no decorrer no ano que enfrentávamos, as quais me faz lembrar de vez em quando na hora de minhas recordações do meu passado. Pois, no território onde estamos habitando até hoje, há vários tipos de cerrado onde os animais selvagens costumam habitar, as quais davam preocupações que poderiam nos atacar no caminho que percorríamos.

Em 1997, havia um ritual realizado na minha comunidade onde morava e estudava, uma cerimônia de passagem de vida, foi nesse ano que realizou a minha passagem de vida de *Wapté* (adolescência) a vida de '*Ritéi'wa* (Moço).

Após esse ano, e essa passagem de vida, nos anos de 1998, ganhei a liberdade de conviver com a minha comunidade, utilizando tudo que aprendi no decorrer de processo de aprendizagem na vida de adolescência, valorizando as normativas tradicionais e respeitando os modos e as maneiras de convivências nas comunidades em gerais.

No ano de 1998, comecei a estudar com a sociedade de não indígena, começando a seguir o sonho do meu saudoso pai a realizar, pois, sempre sonhava que o filho alcançaria o seu futuro melhor. Então, não tive segunda opção, logo, aceitei a começar a buscar e lutar o meu futuro melhor, mesmo tinha muita dificuldade de dialogar, expressar e principalmente conviver na cidade, mas, sabia ler e escrever, tinha domínio da disciplina de matemática.

Figura 05: passagem de vida de Adolescencia (Wapté)



Fonte: Fernando Tsitedzé Wa'õmorã 07/1997

Com a sociedade de não indígena, comecei a estudar na cidade pequena que fica próxima do meu território conhecida como General Carneiro, numa Escola Estadual Dr. João Ponce de Arruda, tinha ingressado na modalidade de ensino EJA (Educação Jovem e Adulto), pois, me consideravam que estava com maior idade, e não era para frequentar ensino regular, era para eu estudar na 7^a Série, sabendo a minha idade, me colocaram na EJA, logo, comecei fazer os dois em um ano de estudo, a 7^a Série no começo do ano 1998

até julho, fui promovido, dei a continuidade de agosto a dezembro fazia 8^a Série, consegui promover num ano só, concluindo o ensino fundamental, era o meu primeiro momento de avanço na escolaridade com a sociedade de não indígena.

Durante dois anos, nos anos de 1999 a 2000, fiquei afastado da escola por conta de problema de saúde do meu saudoso pai, nesses dois anos, o meu saudoso papai foi operado em Goiânia/GO, ficou meses para se recuperar e toda minha família tiveram de acompanhar o problema que tivemos, e ao mesmo tempo, houve problema muito na nossa política interna no nosso território, teve a disputa do poder tradicional entre própria minha comunidade, com o tempo, todo esses problemas, foram resolvidos.

Em 2001, retomei o meu estudo, transferi da cidade onde comecei a estudar de General Carneiro/MT ao meu município conhecida como Barra do Garças/MT, divisa de Goiás, nesta cidade dei a continuidade de estudar, já estava com 21 anos de idade, então, não podia me matricular no ensino regular na modalidade de Ensino Médio, nesse caso, continuava frequentando o Ensino Médio de EJA (Educação Jovem e Adulto), na Escola Estadual José Ângelo dos Santos, por conta da minha idade estava maior.

Então, logo, comecei a fazer o Ensino Médio de duas modalidades num ano só, de início do ano frequentava 1º Ano do Ensino Médio até julho, e do mês de agosto até dezembro estava fazendo 2º Ano do Ensino Médio, e no seguinte, de 2002, consegui me matricular na mesma escola, dei a continuidade de estudar, frequentava 3º Ano do Ensino Médio de fevereiro até, notava que os procedimentos de estudos eram mais avançados, mas, me esforçava bastante para eu poder alcançar o meu objetivo, não sentia vergonha por discurso e diálogos que vinham fazendo no decorrer de um ano e meio erradamente, e não tinha nenhuma noção na segunda língua que era muito complicado para eu adaptar regularmente.

Assim que eu concluir essa fase de ensino, na época, em julho do ano de 2002, havia nova fundação da aldeia chamada Aldeia Guadalupe de Terra Indígena São Marcos/MT, e ainda fui acompanhar a minha família para aldeia nova, pois, o meu saudoso pai, tinha decidido mudar para nova aldeia. Nessa nova aldeia recém fundada na época, havia mais desentendimentos entre comunidade que foram juntos, mesmo grupos de amigos, por esse motivo, um grupo decidiu fundar outra nova aldeia a qual moro atualmente.

O grupo a qual faço parte da comunidade, ficaram pouco tempo na aldeia Guadalupe entre 5 meses, de julho a novembro, no começo do mês de dezembro do mesmo de 2022, no dia 08 de dezembro de 2002, foi fundada a aldeia *Waradzuhi'ahö* (Nossa Senhora de Fátima), localizada no sul da Terra Indígena São Marcos/MT, desde o primeiro dia de fundação, foi escolhido pelos anciãos o representante legal desta comunidade o Senhor Lourenço Wa'ané Duptuwe, representando esta aldeia e comunidades até o momento.

No ano de 2015, assim que foi contemplada o edital da Unemat (Universidade do Estado de Mato Grosso), ingressei no processo seletivo que ocorria naquele tempo, era muito difícil por espaço tinha enfrentado ao local de avaliação, pois, não havia local marcado no município que frequento, a avaliação tinha ocorrido na cidade de Água Boa/MT. Mas, por maior interesse que tive naquele momento, tive meu esforço suficiente, com apoio da minha família, consegui realizar o que queria fazer, o meu objetivo, era me aperfeiçoar e buscar novos conhecimentos por parte de educação para contribuir e compartilhar tudo o que aprenderá durante o curso na academia na minha comunidade e principalmente na comunidade escolar.

Em regime do edital contemplado via que as vagas dispostas, eram poucas, havia citadas 12 vagas para etnia Xavante dividida em dois, ou seja, seis vagas para o curso de Pedagogia e seis de Licenciatura, segundo levantamento da Covest, havia 63 inscritos para o curso de Pedagogia e havia mais de Licenciatura, mas, infelizmente, havia muitos inscritos xavantes de cada 9 territórios existentes do meu povo Xavante, de TI Marechal Rondon, TI sangradouro, TI São Marcos (a qual faço parte da comunidade), TI Areões, TI Pimentel Barbosa, TI *Marãiwatsede*, TI Parabubu, TI *Ubawawe*, TI Chão Preto, entre esses numerosos inscritos que lutaram pela vaga, além de quantidades inscritos de outros povos mato-grossense, conseguiu atingir o ponto de classificação para ocupar vaga. Aos 4 de dezembro de 2015, assim foi contemplado o resultado de exame, via o meu nome na lista de classificação e por fim na retificação, era o meu momento mais marcante de muita alegria, pois, os classificados foram chamados para fazer matrícula em Cuiabá, e fui, mesmo que tinha dificuldade financeiramente, pois, o início de meu avanço na melhoria de aperfeiçoamento de aprendizagem para a escola.

Figura 06: Vida Acadêmica de 2016 a 2022



Fonte: Natalino Tseredzahi-2017/2020

No decorrer desse curso, durante 6 anos de vida acadêmica, tive muitos relacionamentos amigáveis com meus colegas parentes e com toda equipe da FAINDI, encontrava consequências de alegrias e de tristezas com as relações da comunidade principalmente com a família no período da pandemia, a qual problema muito maior que interferiu todos os planejamentos de qual um em todas as organizações. É claro que todas essas consequências faziam parte da vida na luta por alguma coisa, mas, cabe a nós que temos que seguir a nossa caminhada seja na tristeza e na alegria, pois, a vida segue com muitas lembranças que ocorrem ao nosso alcance.

Entre esses fatos, o nosso desafio maior por parte de educação ao longo dos anos, estamos enfrentando política educacional considerado como política destruidora, a qual política que interferiu muito o nosso processo de aprendizagem, as novas normas

educacionais de novo governo atual, desrespeitando a legislação brasileira que está previsto na constituição federal estabelecida - “A Educação Escolar Indígena é assegurada na Constituição Federal Brasileira de 1988, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96) que assegura às comunidades indígenas o direito à educação diferenciada, específica e bilíngue” - desconsiderando o nosso modo, a nossa maneira, nossas práticas de acordo da nossa realidade usando a própria epistemologia no nosso espaço educativo.

REFERÊNCIAS

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Declaração Universal dos Direitos Humanos na Língua Xavante. Nova York, 10 dez. 1948. Livro digital. Disponível em: <https://portal.unemat.br/media/files/Editora/Declara%C3%A7%C3%A3o%20Universal%20dos%20Direitos%20Humanos%20-%20E2%80%89Livro%20Digital%E2%80%89.pdf>. Acesso em: 14 jun.

Entrevista

<https://youtu.be/FSTkdhdOYrs>

Bom dia, eu me chamo *Tiago Tserewatawe Tsitedze* pertencente ao povo *A'uwe Rãpré-Xavante*, do Território São Marcos, da aldeia nossa senhora de Fátima, e município de Barra do Garças. Eu, professor da minha aldeia, trabalho na escola estadual indígena Ulysses Guimarães. Já tem um bom tempo lecionado, ou seja, atuando na escola, dentro da minha comunidade, na minha aldeia. Eu comecei a trabalhar na escola desde de 2023 até o momento. E graduado pela Unemat na área de ciências sociais, atualmente estou mestrandando.

Bom, eu vou falar sobre a ciência, conhecimento, é conhecimento relacionado da ciência matemática e da natureza do meu povo Xavante. Essa ciência é muito interessante para que a gente possa pensar como professores. E essa temática, esse componente pode ter contribuído bastante através da escola, então a maioria de nós, professores. É que trabalha na tua, que leciona para os alunos, é pensar. É focar no conhecimento nosso, para que essa ciência tradicional seja trabalhada também, porque creio que a maioria do nosso povo. Até outros parentes nossos, . Mas especificamente nós, Xavante, trabalhamos muito. Temos métodos de conhecimento de ensino diferente da sociedade, dos não indígena. Ou seja, no nosso ensino, você começa nos nossos campos de conhecimento, quer dizer, não

entre quatro paredes. Então, por isso é muito interessante a gente pensar, e inserir esse conhecimento, na forma de teoria. Ou seja, temos que ensinar o nosso conhecimento tradicional através da escola também, começando da escola, na forma de teoria, mas tem que ser com a participação dos nossos conhecimentos da natureza existente. Então, isso vai contribuir bastante no processo de aprendizagem dos nossos educandos nas aldeias, e nas outras aldeias também.

<https://youtu.be/r3YvjvIvoVc>

Então, é. Essa ciência, como nós, professores, a gente sabe muito bem, por parte da ciência de não indígena que estamos trabalhando na escola e a nossa ciência do campo, então, unindo isso, essa ciência, vai ser melhorado a nossa aprendizagem, aprendizagem dos nossos jovens. É para que seja fortalecido o nosso conhecimento. Vai manter para o futuro, vai manter muitos anos.

Então eu queria te mostrar uma das ciências que temos. Falar um pouco da experiência. É a importância do meu povo Xavante na utilização do pauzinho que estou usando no momento, esse aqui.

Esse pauzinho faz parte da nossa identificação ou, a princípio, é para que o povo seja reconhecido através desse pauzinho como a identidade, “Povo A’uwẽ Uptabi-Xavante”. Mas atrás disso, é, além dessa identificação, simbolização desse pauzinho. Existem conhecimentos, não está sendo reconhecido. Não está sabendo pelos outros, de outra etnia, os de não indígena também, para que que estamos usando. Então o pauzinho que estamos usando, tem as suas várias maneiras de utilização. Por que que a gente utiliza e pra que que a gente utiliza?

Eu mesmo. Eu quero demonstrar que o pauzinho que estou usando é para eu ter sonho. Para eu encontrar o meu sonho. É para o meu futuro, é para isso que estou usando agora esse pauzinho. Esse pauzinho vai trazer para mim como que estou indo. Para eu poder encontrar aonde que estou indo. Para eu poder saber através do meu sonho, o meu futuro.

E outras coisas. Tem outro tipo de pauzinho que usam para matar, para ter facilidade de matar bichos. Qual bicho? Existem vários tipos de bicho que pode ser. Que pode ter o

Xavante caçador que usa o pauzinho, ter facilidade de matar bicho do jeito que ele prefere, tem pauzinho que um de nós, xavante, usa para ter facilidade de matar apenas anta, apenas queixada, apenas paca, apenas veado campeiro. Então, isso é uma das experiências, é uma das ciências, do meu povo Xavante.

E outros pauzinho que uns de nós usa também para ter o canto, porque, o canto que estamos praticando, que a gente desenvolve, para nossa felicidade, para festejar a nossa aldeia, a comunidade, existe o pauzinho específico para ter o sonho só nos cantos mesmo, porque os nossos cantos, o canto do Xavante vem de sonho, através de sonho, a gente encontra através de sonho usando o pauzinho.

<https://youtu.be/PH3FR9kXL6Q>

Então, pensando no fortalecimento, tudo isso tem que ser pensado. Tem que ser pensado. Temos que focar na nossa ciência comparando com a ciência de não indígena. Junto, vai construir uma nova ciência, dos nossos jovens, relacionando com a natureza. Então, por isso, a ciência é muito importante para o povo Xavante, para os nossos jovens, mesmo já temos a nossa ciência específica. Qual a nossa ciência específica? É tudo aquilo que a gente pratica, é tudo aquilo que a gente ensina, é tudo aquilo que a gente vem desenvolvendo com os tempos nas nossas convivências. O que a gente ensina, o que a gente transmite, o que a gente evolui, né. Tudo isso é uma ciência, mas, juntando com a ciência da escola, ou seja, ciência de não indígena, o nosso processo de aprendizagem, aprendizagem dos nossos jovens, vai fortalecer muito mais ainda. E como podemos pensar para que possamos chegar nesse ponto? Temos que pensar para que essa ciência se transforme como currículo, currículo específico, para que seja inserida no componente, para que seja trabalhada na escola, através da escola, reconhecido pelos governantes educacionais do nosso Estado de Mato Grosso.

<https://youtu.be/9Vallw-uoal>

E, eu venho observando que a verdadeira história existente não está sendo registrada publicamente. Do jeito que os nossos avós, os nossos anciões contam. Isso, ta, tá sendo irregular, como posso dizer assim. Porque isso acontece. Não é por, não por intenção dos

pesquisadores que se passaram no nosso território. Isso acontece por falta de bom entendimento entre o entrevistado e o entrevistador. Então, temos que pensar nisso, para que possamos tentar reiniciar os novos registros. Seja feito através de nós próprios, Xavante. Isso é que faz parte da ciência, da ciência política. Então, é, eu falo nisso, porque isso existe, esse fato.

<https://youtu.be/-ccUP-mCvkW>

E agora falando na questão do nosso conhecimento. Temos que pensar na melhoria que a possibilidade que a gente possa começar a desenvolver pensando na melhoria da nossa ciência. Trabalhado na escola, seja inserido na escola. E pensar, registrar no currículo. Para que a gente possa construir os novos registros, novo sistema de trabalho, através dos nossos conhecimentos. Através da experiência do próprio professor, pensando na construção da elaboração do registro, da verdadeira história que temos, da verdadeira ciência que temos, do verdadeiro conhecimento que temos.

Porque atualmente, temos facilidade de trabalhar nisso. Temos facilidade de pensar nisso para construir por meio de sistemas tecnológico, porque atualmente, tem jeito pra gente fazer registro gravando, filmando, nessas ferramentas para que a gente utilize, né. Então, para ter tudo isso, temos que pensar, começar a pensar. E para inserir, essa disciplina, para que a gente possa trabalhar com os nossos conhecimentos próprios, com a carga horária suficiente, porque a gente sabe que atualmente, foi colocado um componente curricular chamado saberes indígenas, entre elas que estamos trabalhando numa das fases de parte diversificada. De Ciências da Natureza, práticas culturais e sustentabilidade, práticas agroecológicas e tecnologia indígena. Temos que pensar nisso para reforçar, reforçar como, ter a carga horária suficiente. E como podemos conseguir isso? Começar a pensar na luta com os governantes do Estado, nosso Estado de Mato Grosso. Que rege, que construa os regimentos, que elaborem, os procedimentos dos ensinos nas aldeias.

CAPÍTULO 15

O RIO, A ESCOLA E O KADO: REFLEXÕES DE UM EDUCADOR KURÂ-BAKAIRI

Luiz Carlos Tawi Matarim - KURÂ-BAKAIRI

Sou Luiz Carlos Tawi Matarim, Nascido em Cuiabá, Capital do Estado de Mato Grosso, Professor Graduado em Licenciatura na Área de Línguas Artes e Literatura pela UNEMAT do Campus de Barra do Bugres-MT, atualmente Mestrando no curso de Mestrado Profissionalizante, Programa de Pós-Graduação Em Ensino Em Contexto Indígena Intercultural – PPGECII.

Pertencente ao povo *Kurâ-Bakairi* da Aldeia Aki-Ety da Terra Indígena *kurâ-Bakairi* do Município de Paranatinga – MT, filho de Luiz Maciel Matarim Madicai e Daircy Cutazega Kaipanago, possui único irmão que se chama Lucas Maciel Paruata Matarim, também é casado com Robenildes Xagope Cautu, e juntos são pais de duas filhas moças lindas, a mais velha se chama Lívia Clara Awumaniru Tawi e Mirella Malui Pâinduke tâwi.

Iniciei meus estudos na alfabetização aos 5 anos de idade, na Escola municipal de primeiro grau Jose Pires Uluku localizada na Aldeia *Pakuera*, foi alfabetizado pela a própria minha mãe que naquela época atuava como professora de alfabetização até aos anos meus anos iniciais Pré 1 e Pré 2 com a mesma professora no ano de 1995 e 1996, somente no ano seguinte estudei 1º série com a Professora Maísa Taukane no ano de 1997, repeti de ano na 2º série com Professor Paulo Kavopi no ano de 1998 e 1999, na 3º série estudei novamente com a professora Dayrcy Cutazega Kaipanago, no ano de 2000, na 4º série estudei com saudoso Professor Jeremias Poiure no ano de 2001 e assim terminei meu anos iniciais na escola municipal de primeiro grau Jose Pires Uluku.

No ano de 2002 iniciei meu estudo no 5ºano do Ensino Fundamental na Escola Estadual Indígena Kurâ-Bakairi, e ali conheci outras disciplinas e outros Professores como: Apolônio Apiaga, Arlindo Rondon, Agnaldo Rondon, Reginaldo Ikaura Xerente, Valdo Kutaiava Xagope, Magno Amaldo da Silva, Jeremias Poiure, Evandro.

Foram com esses professores que estudei no ensino fundamental até o 8º ano de 2006, foi a mesma época que assumi relacionamento sério e por conta de ser muito jovens aos 16 anos de idade, aonde cheguei de me afastar dos meus estudos para ir acompanhar a minha esposa que estava no período de gestação e fiquei 3 meses fora da escola, mas mesmo assim fiz provão e consegui atingir boas notas para finalmente concluir meu Ensino Fundamental com direito a festa de colação de grau.

Em 2007 foi a vez de estudar no 1º ano de Ensino médio na mesma escola onde estudei Ensino fundamental com os mesmos professores, durante esses períodos de estudos apareceram muitos problemas, onde teve que enfrentar, dentre eles foram problemas de saúde da minha filha, desemprego para ter sustento próprio, e que no ano de 2009 desisti de concluir meu Ensino Médio para poder trabalhar por conta que tinha que sustentar a minha família e com isso não sobrava tempo pra eu estudar. Durante o ano que tinha desistido de estudar apareceram muitas oportunidades de empregos, mas que exigia currículo escolar, mas como eu não tinha era difícil de encaixar, e foi ano para pensar muito no futuro.

Somente em 2010 retornei para escola e concluir meu 3º ano de Ensino Médio com apoio da minha família até mesmo pelo Professores, fez com que pensasse em ser alguém na vida e melhorar condições de vida, e finalmente consegui concluir o Ensino Médio que parecia ser quase impossível, mas que teve final feliz e mais uma vez com direitos a festa de colação de grau.

Já com ideia amadurecido já logo pensei em cursar algum curso na UNIVERSIDADE, o que me fez focar nesse desafio, foi no período que parei de estudar e foi o momento de reflexão para seguir firme na luta e os meus colegas que estudavam no Ensino Fundamental comigo até a metade de Ensino Médio já estava todo enfrentando a faculdade. Onde notei que eu estava ficando pra trás, mais no ano seguinte em 2011 quando tudo parecia está perdido a UNEMAT lançou edital para curso de graduação para Professores Indígenas, foi onde me inscrevi nessa seleção.

Para ser sinceros eu não tinha nem ideia o que era ser um professor, meu maior sonho quando era criança, era ser um médico Pediátrico ou Veterinário, mais hoje penso que um dos motivos para mim seguir carreira de Professor, veio quando eu presenciei quando a minha mãe fez vestibular e não conseguiu passar e por esse motivo ela perdeu cargo de 14

anos de sala de aula. Então busquei seguir a carreira dela, onde a vida toda ela prestou serviço à comunidade e teve sucesso na carreira.

Pois então fiz redação falando da minha trajetória e meu projeto para o futuro que talvez um dia seria referência na comunidade, durante Ensino Médio tive ótimos professores, mais o que realmente me fez aprender mais na escrita, foi o professor Magno Amado da Silva, primeiro por ser Professor de Língua Portuguesa, segundo que ele domina a disciplina, e tive sucesso em ser aprovado no curso de graduação no Campus de Barra do Bugres-MT.

Durante o curso da Graduação em Línguas Artes e Literatura aprendi enfrentar novos desafios, entre eles foi defender as minhas Ideias, meus direitos, meus valores como kurâ-Bakairi, minha língua materna, minhas culturas, costumes tradicionais e rituais sagrados e enfim nosso território. Desde a minha infância aprendi a ser responsável e cuidar de mim mesmo, lembro até hoje quando eu acompanhava minha mãe quando ela ia fazer curso na cidade e ficava sozinho porque não tinha ninguém para me cuidar, talvez seja uma experiência que me serviu muito para aprender a ser muito comunicativo com as pessoas que não conhecia. Recordo que na mesma ocasião teve um momento que chegava ajudar faxineiro a catar os lixos em busca de amizade, e em troca ele me pagava picolé, naquele tempo tudo era difícil, muitas vezes eu tinha que aceitar algumas coisas que não tinha alcance em adquirir.

Dentre das viagens que a minha mãe fazia nem todas ela tinha condições de me levar, sempre eu ficava com meu pai na aldeia, aquele tempo quando ela estudava fora era difícil acesso de comunicação, não tinha acesso fácil igual hoje, mas mesmo assim quando surgia oportunidade eu comunicava com ela, através do conhecimento dela fez com que me ajudou muito no primeiro contato com a Escola, eu encontrava dificuldades na formação, sempre era os últimos a aprender a ler e escrever, tudo que meus amigos aprendia fácil, pra mim era difícil, mas meu pai sempre me incentivava para superar meus maiores desafios. Os ensinamentos da cultura vêm desde berço e isso também contribuiu muito para ter facilidade de compreender das coisas, pelos relatos dos meus pais que quando era criança tiveram dificuldade para me criar, pois eu tinha muito problemas de saúde, como nessa época não tinha acesso fácil a hospital, quem fazia esse trabalho para amenizar a doença era somente os pajés, curandeiros, raizeiros.

Então cresci ouvindo muito das questões culturais, meus avós também preparavam ervas medicinais para beber e assim fui crescendo, me preparando para enfrentar a vida. A cerimônia ritual que mais marcou na minha infância foi a furação de orelha, porque é o momento de passagem da vida de criança para adolescente, nesse ritual aprendemos várias coisas da nossa cultura, talvez seja melhor momento da vida, porque depois desse ritual é liberado até para construir a família, os pais ensinam com cantos, histórias, artesanatos e preparam aqueles que têm dom de ser pajé, benzedor etc.

Hoje em dia ficamos de reclusão pouco dias, antigamente era de 1 ano ou mais, isso mudou devido a escola, como mencionei anteriormente dizendo que tive contato muito cedo com a escola, então consegui aprender os dois conhecimentos normal, de um lado aprendi conhecimentos dos não indígenas e de outro lado aprendi conhecimentos da nossa cultura. Os conhecimentos bem-sucedidos que contribuíram na minha vida até hoje são a valorização da cultura, línguas, costumes tradicionais, identidade, território.

Os maiores desafios além de ler escrever que encontrei na escola foi superar todos os desafios que me fizeram muitas vezes de pensar em desistir, primeiro que nasci com dedo diferente dos outros, por esses motivos meus colegas me chateavam muito, me tratavam como pessoa diferente, segundo que eu aprendia as coisas muito lento, mas sou uma pessoa muito focado e que tem muita paciência de saber esperar momentos certos e hora certa para adquirir os meus objetivos.

Outros fatores muito importantes na escola é que existem ótimos professores aqueles que os alunos se espelham, que dá melhores conselhos e incentivos além dos conselhos dos pais claro, eu tinha e tenho muitas amizades com meus professores que hoje são meus colegas de trabalho. Eu tenho maior respeito com todos os professores que trabalha na rede municipal e estadual, mas quem me ajudou na base foi que marcou muito a minha trajetória, dentre eles a professora Daircy, Jeremias, Apolônio, Valdo, Marcio, Magno e demais professores que me ajudaram diretamente e indiretamente.

Eu não sei como seria se tivesse feito curso de magistério para adquirir experiência para atuar na sala de aula, mas a experiência que eu tenho hoje não foi nada fácil está lecionando aula pela primeira vez, porque no primeiro momento encontrei muita dificuldade, friozinho na barriga tomou conta junto com nervosismo, mas o lado bom que consegui passar por esse desafio, senão já tinha desistido e estou a 10 anos na sala de aula. Mas lutei

muito pra isso, mudei pra outra cidade em busca de conhecimento, trabalhei com outros povos para me tornar um professor para contribuir na minha comunidade.

Durante o curso de formação também encontrei dificuldades, até porque aquele tempo não tinha noção do que ser um professor, eu não tinha base como dar aula, fazer meus planejamentos, avaliações, e preencher meus diários, mas aos poucos fui aprendendo a conseguir alcançar os meus objetivos.

Mais como todo profissional os momentos marcantes na formação profissional que dentro da academia consegui realizar todos meus sonhos de criança, nunca imaginei construir momentos históricos, cada momento que passei e que serviu pra eu refletir até hoje na vida profissional.

Hoje o maior desafio é seguir esses trabalhos na comunidade assim como os demais professores que já fizeram parte deles para contribuir, e que já estão quase no final da carreira, e eu ainda estou começando, mas sempre será desafio para professor indígena que sempre vem batalhando com duas culturas diferentes. Mas sempre sabendo que a nossa cultura está sempre em primeiro lugar sempre. Aqui finalizo os meus sinceros agradecimentos.

Referências

MATARIM, Luiz Carlos Tâwi. **Registro de Mitos do Povo Indígena Kurâ-Bakairi**. 2016. 55 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Intercultural Indígena) – Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus Universitário Dep. Renê Barbour, Barra do Bugres, 25 abr. 2016. Disponível em: <https://portal.unemat.br/media/files/Luiz.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2025

Entrevista

Então meu nome é Luiz Carlos Tâwi Matarim, do povo indígena *Kurâ-Bakairi*, do município de Paranatinga, Mato Grosso. Então, nosso povo é localizado em 2 municípios que são o município de Planalto da Serra, lá é tem um Rio que passa entre uma aldeia e outra, que é o Rio Teles Pires. Então, tem uma aldeia que pertence ao Município de Planalto da Serra. A aldeia nossa fica a 100 km de Paranatinga e a praticamente 45 km de Planalto da Serra.

Existe também outro povo *Bakairi*, que se localiza na região de Santana, município de Nobres. Lá tem 3 aldeias também, a nossa aldeia fica de 120 a 140 km da outra, que pertence ao território da Aldeia Santana, o nosso é território indígena do povo *Bakairi*, tem 10 aldeias, e a *Pakuera* é a maior, central, que é considerada a capital dos *Bakairi*. Eu moro a 800 m da aldeia *Pakuera* e o nome da minha aldeia é *Akit*. Sempre estudei na escola da aldeia *Pakuera*, desde as séries iniciais até o Ensino Médio. Eu não sei que ano que eu comecei a estudar, mas eu sempre estudei na aldeia, assim. Então, depois que eu saí para a cidade fazer graduação, sou formado na área de Linguagem, Arte e Literatura.

Atualmente, estou mestrando, ano 2023. Trabalho com Ensino Médio, Ensino Fundamental e EJA. Trabalho na parte da Linguagem, Língua materna, com a disciplina de Língua materna, Tecnologia Indígena, Práticas Culturais, Língua Portuguesa. Então na nossa escola, ela foi estadualizada no ano de 2006. Já há muito tempo que a escola faz presente da nossa aldeia.

E todos os professores são da etnia *Bakairi*, só tem um que é mestiço, mas que a mãe é *Bakairi*, então todos nós, de lá, somos todos *Bakairi*. Temos também lá, é, pólo base que atende à saúde. O Polo base nosso é maior, onde hoje, enfermeiro, técnicos são tudo - auxiliar técnico, são tudo indígena também. Só de acordo que de quinze em quinze dias que a equipe de saúde de Cuiabá vai, vai equipe de médico, enfermeiro, odontologia.

Também temos um grupo de brigadista lá né. Hoje, o número subiu, temos 30 equipes lá, né, 30 brigadistas também tem uma série da Funai também, que atende, lá também, então nossa organização, nossa aldeia organiza dessa forma. Em cada aldeia, ela possui cacique. E dentro do território *Bakairi*, município de Paranatinga. Tem 2 escolas estaduais, uma da aldeia *Pakuera* e outra da aldeia *Aturua*, e entre as mais diferentes escolas municipais.

Então, assim, o nosso povo, o nosso mito de origem, ela se originou no salto Salobra, que lá afluente abaixo, do Rio Teles pires. Nossa povo vem de lá e acreditamos muito no *Kado*, que é a nossa tradição, nossa cultura.

Quando a gente trabalha na questão de matemática pra gente dar aula de matemática, a gente usa muito grafismo, grafismo. A formação dela tem pessoas que trabalham com cocar, com círculo para ver essa parte, da peneira, balaião que as pessoas fazem lá que servem como, um meio de dar aula para os alunos, uma técnica. Dos formatos

das ocas, também tem as plantas medicinais que a gente trabalha na parte da Biologia, as plantas medicinais, os próprios animais também e os nomes dos peixes, essas coisas.

Assim, os nomes dos peixes é porque temos vários tipos de peixe lá. Tem peixe de escamas, tem peixe de couro. O maior peixe que tem lá é peixe de couro, é, eu esqueci agora. É piraíba. Piraíba é o maior peixe que tem, parece uma forma de tubarão. E tem matrinxã, que é marca no Rio, um peixe muito saboroso também gostoso, pacu, pintado.

E nisso a gente vai dando aula, na língua também. São as traduções na língua. Tanto é que o peixe pintado a pintura dele serve para pintar o menino pequeno. Desde pequeno para o menino crescer mais rápido, ele é pintado somente daquela pintura.

A tinta é retirada através do jenipapo. É com jenipapo que a gente pinta. Aí tem um processo lá, que a gente considera uma Ciência também. É uma química lá tem que se extraír, buscar no mato, trazer e depois passar no corpo e tem que esperar ela secar. Não pode tomar banho em seguida, se não ela não cola. Então, é uma das experiências que, segundo os anciões, faz um menino crescer mais rápido também, ser forte assim.

(Pesca) - Assim, para pegar peixe tem uma técnica também, para ser um bom pescador, como dizia meu avô, finado meu avô. Sempre quando eu falo do meu vô. Ou seja, quando eu sempre falo de pescaria, sempre lembro do meu avô, que sempre me ensinou. Porque a gente tem que passar por um processo de escarificação do corpo. Onde o processo que a gente passa raíza. Porque ele dizia que pescar não é somente ir lá na beira do Rio, jogar alinhada e pegar peixe, tem que ter todo o segredo lá, mas tem que saber o tempo certo, o tempo certo e época boa.

Principalmente as iscas, também que a gente tem de escolher. Então tudo isso é um aprendizado que a gente aprende. Isso a gente aprende durante o processo de furação de orelha, porque tinha um processo de furação de orelha que a gente fica em resguardo. Eu mesmo passei por isso em 2003, eu furei minha orelha. Fiquei praticamente um mês trancado dentro de casa, só, assim, aprendendo essas partes culturais. É nessa hora que a gente aprende essas coisas para ser pescador, historiador, cantor. Tem todo esse processo, é um preparo, os avós passam a raiz, é isso.

O maior desafio (diversidade cultural no currículo) é a comprovação, porque ela não é científica. Tanto é que a gente trabalha com mitologia. Porque sempre os mitos tentam

explicar os porque, por que é assim? Por que que se originou o morro. Aí tem todo aquele processo. Porque o bíblico conta alguma coisa, já a nossa cultura, diz a outra, aí tem que passar pelo processo lá, e tudo. Então isso é uma das coisas que é difícil para nós, porque ela não é científica.

Por exemplo, se eu ficar doente aqui, muitas vezes não é doença só de, de vocês que posso dizer assim né, é porque tem algumas doenças que é a nossa doença, porque só pajé sabe tirar. De repente, eu posso desmaiar aqui. O pessoal, pode me levar, não é lá na cidade e posso até fazer exame, não vai dar nada. Por que isso? porque não é a doença. É nossa doença, e muitas vezes as pessoas não acreditam nisso, se for com currículo, né. Não vai acreditar porque não é comprovado. Então, isso é um dos desafios que a gente enfrenta. O pessoal, sempre assim, tem umas partes, assim, tipo, elas compreendem. Mas tem algumas partes que as pessoas tentam debater também, a nossa cultura. Mas como diz a religião, diz que a cultura não pode ser discutida né, então é um meio que a gente usa para trabalhar com isso.

(inclusão das vozes) - Eu sempre acredito, porque tanto é que hoje eu faço também o papel de pesquisador. Porque assim, muitas vezes o que a gente aprende na sala de aula. A maioria, com conhecimento, acho que o conhecimento empírico que fala Ela é muito, ela tem valor também. Porque assim, por exemplo, um Ancião, ele não tem, Ele não é, Ele não tem doutorado, não tem mestrado. Mas como ele consegue fazer as coisas, por exemplo, quando ele consegue construir uma casa, sem aquele meio, não precisou estudar Matemática, Química, Física, como que ele consegue calcular ali? E nós, jovens, não conseguimos fazer um tipo daquele. E como que é casa, não tem nada que segura no meio. Então eu acredito que o conhecimento dos anciões é muito bem-vindo, sim.

Tem uma coisa importante. Porque aqui a gente estuda muito a Ciência. Alguém já pesquisou, alguém já - e lá na nossa comunidade, lá é quase uma realidade. Não estou dizendo aqui. Porque eu não sei nada de pajé, eu não posso contar nada de pajé, sem eu não ser pajé. Então para eu saber a vida do pajé eu tenho que ser o pajé. Porque eu estou assim, tendo facilidade de falar da cultura, porque eu já passei por aqui.

Eu já passei pelo ritual, eu convivi, aquilo. Igual eu estou buscando um conhecimento aqui na universidade. Eu vou saber explicar lá para os meus alunos, porque, porque eu passei aqui, eu enfrentei tudo isso. Porque a visão que a gente vem é uma e a visão que a

gente leva para o nosso povo é outra. E a grande preocupação de hoje, é porque nós viemos de uma cultura de oralidade, e não de escrita. E tudo o que a gente tem lá na nossa aldeia a gente perdeu. Por quê? Porque a gente tem muita dificuldade na escrita. E aqui nós estamos aprendendo a escrita para levar para a escola, para que a gente possa deixar tudo registrado e temos uma cultura forte, rica, mas que a gente não sabe ainda trabalhar com isso. Eu acho isso.

Eu Acredito sim. Porque quanto mais assim, mais conhecimento (sobre ciências da natureza) é muito importante, porque ajuda ao nosso povo também, ajuda a escola. Então ela é muito importante.

CAPÍTULO 16

ESTUDO, CULTURA E RESISTÊNCIA: MEMÓRIAS DE UMA PROFESSORA INDÍGENA KAYABI

Renata Sirajup Mendes Tamana - Kawaiwete-Kayabi

A minha infância

Eu me chamo Renata Sirajup Mendes Tamana, sou da Etnia Kayabi, Município de Juara-MT, sou filha de Raquel Morima Sirayup e Wilson Mendes Tamana, somos em 06 irmãos, meus avós Paterno Luciano Mendes Tamana e Corina Morimã, Avós materno Francisca Raimunda Morimã e Henrique Tapirapé Sirayup. Na minha infância fui uma criança muito calma, as vezes eu ficava com meus tios e tias para estarem tomando conta de mim, a minha tia preferida é a dona Margareth devido ela foi o que cuidou mais de mim, eu ainda mamava mamadeira, então foi ela que cuidou de mim durante a minha infância, e também do meu outro irmão, e assim a minha tia cuidou de nós, ainda criança eu gostava muito de ficar dormindo debaixo das árvores quando me dava sono, então dormia debaixo das árvores.

Eu comecei a ir na escola com meus cinco anos de idade, mais para comer merenda da escola, às vezes eu ficava com a professora Suzana e isso veio me levando com interesse de ser um dia professora, eu também brincava de professores com meus colegas quando brincava, isso foi quando eu era criança durante minha infância, gostava de ir no rio tomar banho.

Aos 06 anos de idade eu comecei a estudar na escola municipal de Juara ainda não era escola de estado, mas era do município de Juara, a professora que estava atuando nessa escola, era Maria Suzana, Esmeraldo, Cesarina, Dionísio e Dineva até a quarta série, esses foram os professores que atuavam dando aula e fui estudante durante essa fase 1^a a 4^a série, depois disso comecei estudar na Vila Águas Clara que é 20 km da aldeia Tatuí. Às vezes eu saia muito cedo de casa para pegar o ônibus para ir até essa escola, e ainda tinha horas que o ônibus quebrava ficava na estrada passando fome, as aulas começava na Vila Águas Claras às 08:00 até 12:00 horas, e saia da aula para chegar 15:00 horas em casa, porque ainda o ônibus levava outros alunos para suas casas, e devido isso chegava em casa

tarde, isso foi uns dos aprendizados que eu tive, e assim foi quando comecei estudar na 5^a série, estudar na Vila próximo a Aldeia Tatuí, estudei só dois anos nessa escola Dom Aquino Correa.

Essas são as fotos de criança com minha família.



Os pais dos alunos viram a necessidade dos seus filhos que estavam estudando fora da sua aldeia, eles reuniram com todos da comunidade para tratar do assunto uma construção de uma escola para os alunos estarem estudando na sua própria aldeia e assim foi feito o documento para governador. Em 2008 foi inaugurada para começar as aulas na aldeia e em 2009 as aulas começaram a dar início e foi onde também eu terminei meu estudo que eu tinha começado, mas não tinha terminado. Terminei meus estudos em 2013, o Ensino Médio.

Sou casada, tenho filhos, estou junto com meu esposo há 9 anos. Eu comecei minha carreira de trabalho em 2014, comecei a trabalhar na educação escolar como professora dos Ensino Médio e ensino fundamental, aprendi muita coisa. Eu também fiz inscrição para Universidade da Barra do Bugres passei para fazer faculdade, isso foi muito importante para mim ingressar na universidade, onde conheci muita gente que estava na faculdade, de outras etnias. Construí isso através da minha vontade de estudar e com apoio da minha

família e também do esposo. Que me apoiou nessa jornada durante meus estudos, isso fez com que eu continuasse estudando, e também me ajudou na minha pesquisa do TCC. E em 2022 eu terminei minha faculdade na FAINDI, eu fiquei feliz de ter cumprido essa meta no estudo e no TCC, aprendizado bem bom.

O meu ensinamento com minha cultura foi ensinado pelos pais, como fazer comida tradicional, contando como é as atividades rituais, quando o pajé faz sua pajelança tem que ter cuidado, porque não deve ficar fazendo bagunça. As apresentações culturais, temos que fortalecer a cultura, os saberes indígenas e rituais do meu povo, essa aprendizagem temos que valorizar.

O primeiro contato que eu tive na escola foi quando comecei a estudar desde o ano inicial e fundamental, e o Ensino Médio. Essa foi a experiência de aprendizagem que marcou na escola. Eu comecei a trabalhar na educação de 2014 a 2023 até hoje, já trabalhei com os alunos do ensino fundamental, Ensino Médio e também o Eja de educação de jovens e adultos, experiência boa. Os desafios que enfrentei foi durante a minha jornada de estudante, e a professora que marcou minha expectativa foi a professora Fernanda, me ensinou bastante e me incentivou na minha carreira e como estudante, isso eu considero um do fato muito bom para minha na minha jornada. A formação continuada na comunidade que estava tendo, depois foi mudando essas formações e temos pouca formação na educação escolar.

A minha primeira experiência no primeiro dia de aula foi muito importante porque era minha primeira como professora e tantos alunos na sala de aula, e as aulas que ministrava eram as aulas por disciplina e com o conhecimento que tive durante essa jornada como estudante e depois como professora, as dificuldades que eu tive quando comecei a trabalhar, não tinha conhecimento como ia ministrar a aula e com ajuda das professoras e explicando para mim como também ia planejar as aulas. E isso consegui desenvolver meu trabalho na escola.

REFERÊNCIAS

UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso. Faindi – estudantes indígenas da Unemat têm aulas em suas aldeias. *Portal UNEMAT*. Barra do Bugres – MT, 8 dez. 2024. Disponível em: <https://portal.unemat.br/?pg=noticia/12381>. Acesso em: 16 jun. 2025

Entrevista

Então, boa tarde, meu nome é Renata Sirajup Mendes Tamaná, eu sou do povo kayabi. Etnia, kayabi também, a minha comunidade é aldeia Tatuí, município de Juara, 60 km. É a Terra, Terra indígena Apiaká-Kayabi. Atualmente, eu estou na direção, eu já tenho, basicamente, 9 anos trabalhando na educação escolar indígena. Comecei a trabalhar com a educação escolar indígena, foi 2014, comecei, o início, trabalhei com as turmas do quinto ao nono ano, ensino médio e do eixo que é os jovens e adultos. Então a minha formação é de Licenciatura em Pedagogia. Me formei em 2022, na turma de 2016, que é a segunda turma.

É então, sobre os futuros professores indígenas que vem avançando nas nossas comunidades indígenas. Que tem que ser nós mesmos é estar assumindo os nossos passos, os nossos direitos, então isso vem fazendo o que que cada um de nós possa ter essas formações, não só na educação, mas também em outras áreas. Porque elas são fundamentais para a gente, então a gente tem que ter esse conhecimento das bases e também de estar aonde a gente quiser, porque o espaço, ela é, a gente tá onde a gente quiser, é. Então, assim também é experiências indígenas, que são os saberes indígenas. Ela também vem sendo fortalecida para a escola, a comunidade, porque antigamente a gente vinha observando que ela estava se perdendo. Mas depois, com a valorização do conhecimento que a gente veio praticar durante essas formações que a gente teve. Ela veio trazendo resultados para a comunidade, principalmente para escola. Veio um novo olhar na educação. Porque através de nós, do nosso conhecimento, a gente tem que tá desenvolvendo ela na comunidade, na escola.

É sem, sem ser a comunidade, mas a escola é a base, onde ela traz o ensinamento e a educação escolar indígena, mas com esforço de cada um de nós, professores, comunidade, pais, liderança, é isso veio fazendo engajamento com a natureza e, principalmente, com os saberes indígenas. Ela vem trazendo a sabedoria, os encantos. Hoje nós temos jovens adolescentes que aprenderam a fazer os cantos, fazem as apresentações, então, primeiro, quando a gente é, estava numa apresentação. A gente precisa de homens para estar cantando para nós, mas agora, depois, com educação e com o fortalecimento de saberes indígenas na escola, ela veio trazendo essa experiência pra comunidade. Tem meninas agora que já estão saindo das nossas escolas para fazer apresentação em outras escolas não indígena, e isso, é uma experiência que a gente vem trazendo. Mas a gente tem que estar fortalecendo. Principalmente nossa cultura. Hoje, às vezes as pessoas veem, nos

veem de um olhar diferente. Achando que a gente ainda é aquelas pessoas lá do antepassado, mas não, com as mudança climática que teve também e isso veio nos aprofundando mais os nossos conhecimentos e a gente tem que buscar mais também as nossas histórias do povo tradicionais, principalmente com os anciões, porque é muitas das vezes a gente tem eles, e nós mesmos às vezes não procuramos eles para estar buscando esse conhecimento. Mas, conforme foram essas formações que a gente teve durante o nosso percurso na graduação e agora também no mestrado, vem trazendo novos olhares e novos pensamentos.

Então, a gente tem muitas coisas ainda pela frente para buscar, principalmente os conhecimentos dos nossos anciões. Porque eles são os nossos livros, eles são as nossas histórias. Então a gente tem que aproveitar enquanto eles estão vivos. Depois que morre a gente não encontra essas pessoas que que sabem das nossas histórias, que sabem que sabe fazer as práticas culturais, então é aproveitando eles, isso vem significando muito, principalmente para a escola e não deixar só escola realizar os conhecimentos indígenas. Isso a gente tem que estar buscando junto com parcerias, hoje nós temos livros dos saberes indígenas, que foi publicado pela UFG, que foi com o professor Alceu, professora Waldinéia e outros professores que fizeram parte desta publicação de livro, então aí também veio um olhar que a gente estava perdendo muita. Muitas escritas, principalmente publicações. A gente, apesar de ter desafios, mas a gente foi construindo, foi através desses projetos. É novos talentos. Publicação de artigo, então, então isso veio nos fortalecendo há muito tempo, desde 2008 pra cá é veio trazendo novos olhares para os professores, principalmente para mim como professora que trabalhei. Tinha começado muito cedo, trabalhar com os meus 17 anos já tinha começado a minha carreira profissional, foi logo. Que era o meu sonho de ser professora, então foi uma conquista para mim, é com apoio da comunidade, e isso veio. Veio trazendo também os currículo também pra nossa, pra nossa comunidade, para a escola, mas tem muitas das vezes a gente faz as nossas.

O que tenha necessidade, mas eles não estão sendo respeitados pelo, pelos não indígenas, eles vêm tirando os nossos direitos. É de quando a gente quer fazer ter semanas das práticas culturais, não está sendo respeitada. Temos, na nossa comunidade temos 4 Pajés, tem um que é o professor, Ele, recentemente, também foi graduado aqui, junto comigo na minha turma. Ele é o pajé, então. Isso vem também fortalecendo mais a nossa cultura, porque quando tem algum paciente que, do Espírito do mal, então, a família procura o pajé

para fazer esse trabalho e onde também às vezes envolve a escola para estar participando desse ritual. Porque quando o paciente está bem, a escola tem que seguir regras dele. Não deixar só para Ele, então onde a família também pede pra comunidade e onde esse ritual acontece às vezes na casa de palha que a gente tem. Então isso vem nos trazendo benefícios também, porque é fortalecendo a nossa cultura.

Ela vem desenvolvendo mais conhecimento. Porque há uns 5 anos atrás não tínhamos muitos pajés, mas com a informação que ele teve, que essas pessoas que tem o dom de ser pajé então, onde foi escolhido pelo pajé que é mais forte, que é que é o senhor. Então ele entregou esse dom para essas, para essas pessoas, tá fazendo esse trabalho com os pacientes e não só depender também da ciência, da ciência da medicina a gente tem que também ter conhecimentos tradicionais, então isso vem favorecendo mais a nossa conquista. Os alunos sendo mais beneficiados e a gente também com esses projetos que vem acontecendo nos artigos, publicação dos livros. É, temos jovens que têm que ganhar essas bolsas, é na escola os trabalhos que elas fizeram, então isso, isso para nós, é muito importante, porque ela vem trazendo a realidade da cultura.

Então, na parte de ciência, os professores estão trabalhando muito também sobre produção artesanal. É isso também vem se fortalecendo na escola junto com a comunidade, onde muitos jovens já estão aprendendo. Estão fazendo os seus artesanatos, que é produzido na escola e quando é produzido na escola, umas partes ficam pra escola e outras elas levam para casa. É quando se fala de ciência. Ela se usa também na semana do timbó, que é em agosto vai ser a semana do timbó. Ela vai usar ciência, porque vai ser o químico do timbó que vai ser jogado na água, então isso vem sendo feito na minha comunidade. É, mas que precisa melhorar mais né, temos poucos livros publicados sobre o que é da nossa cultura, e a gente vem recebendo os livros. Livro mais da SEDUC que vem para nós. Então isso não vem, vem nos afetando, porque a gente não tem conhecimento daquilo que está escrito no livro com a nossa realidade. Então isso precisa melhorar bastante, na minha opinião. Então, o que está escrito no currículo, ele está sendo bem fortalecido, pela escola, também pela comunidade.

CAPÍTULO 17

CANOAS E CASTANHAS: SABERES E CIÊNCIAS NA CAMINHADA DE UM PROFESSOR RIKBAKTSÁ

Morais Cezar - Rikbaktsá

Etnia *RIKBAKTSÁ*, a palavra “*RIKBAKTSÁ*” significa GENTE GUERREIRA.

Os *Rikbaktsa*, nos encontramos estabelecidos na região Noroeste de Mato Grosso. O povo tem sofrido ao longo da história muitos danos causados pelas invasões socioculturais, violências e perdas significativas de território.

Antigamente, usávamos somente a canoa de casca da madeira cajueiro, servia para a travessia de rios, transporte, caça e pesca.

Após o contato com os não indígenas, por nome seringueiros, que trabalhavam na extração da borracha nativa, ao avistarem os *Rikbaktsa* atravessando o rio de canoa, resolveram chamar o povo de canoeiro.

Antes do contato com o missionário Jesuítico Padre João Evangelista Donstauder, na década de 40 do século XX, nós *Rikbaktsa*, éramos aproximadamente 5000 pessoas. Percorriamos as longas distâncias pelos rios: Aripuanã, Arinos, Sangue, Juruena e Papagaio. E também caminhávamos a pé pelo trilho até a altura das cabeceiras dos córregos.

Na década de 50 do século XX, começou o conflito com os colonizadores que habitavam as margens dos rios, bem como, seringueiros. Com isso, chegaram as consequências de algumas doenças trazidas por eles, pois iam à cidade e quando retornavam traziam doenças como: gripe, catapora, sarampo, tuberculose e malária, a mais antiga causando epidemias violentas, dizimando o nosso povo para 200 pessoas. Nessa época, algumas crianças *Rikbaktsa* perderam os pais e foram levadas para o internato de *Utiariti* onde foram obrigadas a conviver entre várias etnias e seguir a cultura dos não índios.

Os *Rikbaktsa* que eram levados na época eram crianças que foram retirados dos seus pais e na maioria eram órfãos que perderam os seus pais devido a epidemia que ocorreu no povo. Ali no internato do *Utiariti* as crianças eram obrigadas a conviverem com várias etnias e a falarem somente a língua portuguesa e aprender a ler e escrever, e seguir a igreja católica. As meninas além de aprender a língua portuguesa tinham que aprender a costurar, cozinhar e aprender os trabalhos domésticos, a como cuidar da casa, e buscar alimentos na roça. Já os meninos aprendiam as atividades nas lavouras, plantar colher e dirigir tratores para trabalhar nas lavouras. Todos eram proibidos a falar nas suas línguas maternas, e também eram proibidos de namorar. Se fossem pegos fazendo algumas coisas que desrespeitassem a regra do Internato, eram castigados pelas irmãs e pelos Padres.

Foi um período que as crianças que foram para o internato sofreram muito. Assim que terminou o Internato do *Utiari*, cada povo foi levado de volta para as suas aldeias junto ao seu povo, e quando voltaram já não sabiam mais falar na língua materna e sofreram um impacto muito grande, porque mesmo tendo retornado ao seu povo, muitas coisas já não sabiam mais.

Na aldeia Barranco vermelho na Terra Indígena *Erikbaktsa* foi montada uma base onde as irmãs e os padres permaneceram por muitos anos, mas, de acordo com os entrevistados, eles sempre ajudaram o meu povo no apoio à proteção ao território e no apoio à escolarização e incentivando ao trabalho, como por exemplo, ao plantio para o consumo e o sustento das famílias, na retomada de um dos nossos territórios, onde os meus foram morar, para ocupar esses locais no ano de 1989.

Sou Morais Cezar, pertenço ao povo *Rikbaktsa*, nasci no dia 02 de agosto de 1989 na aldeia São Marcos na Terra Indígena Japuíra no município de Juara, hoje essa aldeia não existe mais. Falo mais a língua portuguesa, meu pai, se chama João Batista Eskawata, faleceu em dois mil e quatro, a minha mãe se chama Margarida Tapi, mora na aldeia Cerejeira, na Terra Indígena Japuíra, no Município de Juara. Tenho 4 irmãos e 3 irmãs, um dos meus irmãos mais novos faleceu no ano de 2006, no dia das crianças, pra nós é um momento muito triste nesse dia 12 de outubro.

Quando eu era ainda criança, gostava muito de brincar, jogar bola, tomar banho de rio e ir pescar. Lembro que naquele tempo todas as brincadeiras eram muito boas. Não existiam essas tecnologias que existem hoje e nós brincávamos muito. Passava o dia com a família e todos éramos felizes. Tenho muito boas lembranças de minha infância boas, mas também lembranças ruins.

O meu contato com a escola foi aos 7 anos de idade na aldeia Cerejeira no município de Juara, na época uma sala anexa de uma escola rural de Juara, sala anexa nova Esperança, meus primeiros professores foram o meu pai, João Batista Eskawata e Donato, nessa época nós já tínhamos o contato com os não índios. As minhas lembranças de quando era jovem antes do casamento é que eu não tinha que me preocupar com nada, a não ser com os estudos.

Estudei o meu ensino fundamental na aldeia cerejeira até a quinta série, depois fui para outra aldeia chamada Aldeia Pé de Mutum, mas nos anos finais do ensino fundamental fui para a cidade terminar o fundamental. O meu Ensino Médio fiz na cidade numa escola estadual, fiz o curso de Pro funcionário, curso técnico em secretaria escolar, também tenho curso de auxiliar administrativo oferecido pela SENAI. No ano de 2015 passei no vestibular e cursei a graduação na FAINDI, onde hoje estou fazendo o meu mestrado.

Casei-me aos vinte e oito anos de idade culturalmente com Marivania Wabaha também professora pedagoga formada pela FAINDI. Hoje somos casados no civil, a gente se conheceu melhor quando começamos a trabalhar juntos na mesma instituição no final do ano de 2013 e no ano de 2015 nós dois passamos no vestibular juntos, ela na Pedagogia e eu na Licenciatura Intercultural e passamos a conhecer melhor. No ano de 2017 casamos, a minha esposa já tinha um menino de 1 ano de idade quando nos casamos.

Hoje temos mais três filhos a ANNY o LORENZO e a PAOLA eles são tudo pra mim e o meu dever e cuidar de todos eles é um amor que nunca acaba, sou muito grato por ter Marivania como esposa e ter me dado os meus quatro filhos maravilhosos e eu quanto esposo o meu dever e sempre dar o meu melhor agente briga de boca mas nunca agredimos um ao outro fisicamente até por que sou contra qualquer agressão física principalmente agredir mulher por que mulheres não foram feitas para apanhar mas se um dia não estiver dando certo agente se separa numa boa até por que nos sabemos que os nossos filhos sempre serão os nossos filhos e não vamos ter que brigar.

Atualmente moro na aldeia Primavera na terra indígena *Erikbaktsa* no município de Brasnorte a beira do rio Juruena. O que mais gosto de fazer é ficar junto à minha família, cuidar das minhas crianças e ir trabalhar, caçar e pescar. Hoje tenho quatro filhos, dois meninos e duas meninas, todos finais de semanas a gente sai pra visitar aldeias vizinhas ou vamos para o rio pescar, tomar banho. Tenho muito medo de deixar as minhas crianças na beira do rio porque é muito perigoso. As corredeiras são fortes.

O que me deixa mais triste e não poder estar sempre perto da minha mãe, sempre que possível visito ela, busco ela pra ficar em casa, mas ela gosta é de ficar na casinha dela, onde moramos muito tempo na terra indígena Japuita no município de Juara. Se não fosse por causa do serviço e ter que dar sustento a minha família eu preferia morar perto dela mas onde ela mora, não tem serviço pra mim lá é uma aldeia pequena com poucas pessoas e lá tem somente um professor, como tenho que trabalhar, fico distante dela, o meu sonho é que um dia ela venha morar junto comigo na minha casa pois ela é o meu maior tesouro que tenho sendo ela e os meus filhos eu daria tudo de mim por eles pois são eles que me motiva a trabalhar estudar e sempre me dão alegria, eu não sei o que seria de mim de mim sem a minha mãe, ela me ensinou tudo menos a viver sem ela, toda vez que visito ela sempre vou embora com o coração partido, pois sofri muito com a perca do meu pai, até hoje lembro dele como se fosse hoje desde que ele se foi pra mim não existia mais o dia dos pais até eu ter os meus filhos, não tem um dia dos pais que passo sem cair uma lágrima dos olhos, mas sou muito grato a minha mãe por ela servir de pai e mãe pra mim desde os 14 anos de idade.

De 2010 a 2012 trabalhei na FUNAI como estagiário e comecei a atuar na área da educação, no final de 2013 comecei como técnico administrativo educacional.

No ano de 2019 fui escolhido pela comunidade para a Direção da escola “*Myhyinymykyta Skiripi*” do meu povo *Rikbaktsa*, que tem sede na Aldeia Barranco Vermelho a 13 km da minha aldeia onde vou todos os dias e estou na gestão até hoje, a escola atende duas etnias, *Rikbaktsa* e *Enawene*.

A Escola Estadual Indígena *Myhyinymykyta Skiripi* Juntamente com as lideranças, Caciques e professores, tem um uma política de fortalecimento da língua materna, fazendo com que ela seja fortalecida buscando cada vez mais os jovens para praticar a língua. A Escola Estadual Indígena *Myhyinymykyta Skiripi*, atende atualmente 656 alunos, incluindo os da etnia *Enawene Nawe* no município de Juína-MT, na Terra Indígena *Enawene Nawe*. A escola passou a atender esse povo a partir do ano de 2019 devido a necessidade por não se ter a escola nesse povo, e muitos alunos dessa comunidade terem necessidade de estudar, por isso abrimos salas anexas para atender a demanda do povo *Enawene Nawe*. Na época eu era o Presidente do Conselho Deliberativo da comunidade da escola *Myhyinymykyta Skiripi*, e também trabalhava na função de Secretário Escolar. Na época tinha como diretora a senhora Janesmar João, uma não indígena que atua junto ao meu povo *Rikbaktsa* há 17 anos. Ela é uma servidora efetiva no estado que sempre respeita os nossos costumes e nossa tradição, é uma pessoa muito

querida e também muito respeitada na nossa comunidade, atualmente está atuando como Secretária Escolar.

Hoje estou na função de Diretor escolar. No ano de 2021, formamos 20 alunos *Enawe Nawe* em nível de magistério, e que atualmente estão atuando em sala de aula na função de professores com contrato temporário.

Está sendo um grande desafio para mim e para o meu povo conviver com uma cultura totalmente diferente da nossa, devido a esse povo falar totalmente a língua materna e praticar suas culturas tradicionais diariamente. A escola tem o intuito de ajudar os parentes e incentivar a ser independente, mas sempre respeitando a cultura deles, não interferindo nos seus convívios diários. A partir do momento que eles acharem que conseguem gerir a gestão escolar sozinhos, estão livres para desvincular da nossa escola, até porque já tem uma escola criada com Decreto e CNPJ do povo *Enawene Nawe*.

Sou muito grato por fazer parte da história da escolarização de um povo diferente da minha etnia, pois estou aprendendo muitas coisas diferentes da cultura do meu povo, isso é muito gratificante para mim. Nós *Rikbaktsa* dos três territórios, hoje somos em torno 1700 indígenas distribuídos nas três terras indígenas, a maioria não fala frequentemente na nossa língua materna, somente os mais velhos falam fluentemente, por isso, temos uma grande preocupação, principalmente com a geração mais novas, por isso há necessidade em produzir o material pedagógico para trabalhar em sala de aulas para fortalecer mais a língua materna.

REFERENCIAS

ALMEIDA, Juliana; ATHAYDE, Simone; CASTORINO, Adriano; SELUCHINESK, Rosane; ALBERNAZ-SILVEIRA, Rosane. **Territorialidade e Reexistência indígena na Fronteira Amazônica**: o povo *Rikbaktsa* e a Terra Indígena Escondido, Mato Grosso, Brasil. *Sustainability in Debate*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 73–89, nov. 2016. DOI: 10.18472/sustdeb.v7n2.2016.17362

TAFFAREL, Mônica. **Sistema de contagem e os marcadores de tempo do povo Rikbaktsa**. Barra do Bugres, MT: Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, 2018. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) – Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino de Ciências e Matemática, Campus Dep. Est. Renê Barbour. Disponível em: <https://portal.unemat.br/media/files/M%C3%94NICA%20TAFFAREL.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2025.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO (UNEMAT). **Antologia de narrativas dos povos indígenas de Mato Grosso. E-book.** Tangará da Serra (MT): Editora UNEMAT, [s.d.]. Disponível em: <https://portal.unemat.br/media/files/Ebook-Antologia%20de%20narrativas%20dos%20povos%20%20indi%CC%81genas%20de%20Mato%20Grosso.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2025

Entrevista

Em relação à formação dos professores nas Ciências da Natureza é muito importante conhecer a ciência da natureza dentro do contexto da Escola Indígena. Na minha formação, ela contribuiu bastante. Porque a Educação Escolar Indígena para nós, indígenas, tudo é uma ciência - assim a matemática, ela está incluída dentro dela, por isso ela é muito importante para a gente saber e conhecer. Qual a Ciência que está incluída dentro da Educação Escolar Indígena. Porque a Ciência da Natureza, ela envolve principalmente, os nossos costumes. A gente sabe que a Matemática, as Ciências ela está envolvida em todo aspecto do nosso cotidiano. Então, para nós ela é muito importante. E os professores, a formação de professores, ela traz um conhecimento mais amplo, geral para eles saberem o que são as Ciências da Natureza e da Matemática dentro do contexto

As ciências e os saberes indígenas, estão inclusos, juntas, porque tudo para nós, ela é uma ciência. A Ciência da Matemática, ela tá inclusa, porque é do nosso cotidiano. A gente sempre usa. Elas estão envolvidas ali dentro. Porque nós temos nosso modo de contagem. Que a gente conta, e nós temos a nossa forma de Matemática, ela é diferente, específica porque a gente usa através da contagem a Matemática, através do tempo, através de objetos. Através até mesmo do passar do tempo, a gente usa a Matemática também através do espaço, do nosso espaço geográfico, nós temos nosso – do tempo, que a gente conta também o tempo, a gente conta o tempo, o passar do tempo, por exemplo, nós, a nossa Matemática a gente usava, por exemplo: o ano, a gente sabia que passava o ano por que? Porque, vou dar um exemplo aqui - a castanha dá uma vez por ano, então, a gente sabia que dava no outro ano, por exemplo, nascia uma criança na época da castanha, a gente sabia que na época que estava florindo a castanha de novo, a criança estava fazendo um ano. Então por isso que para nós, a Matemática e a Ciência da Natureza estão sempre juntas.

São essas questões de como eu falei anteriormente, a gente aprendeu que ela tá junto, eu comecei a entender que as Ciências da Matemática e da Natureza aqui na faculdade, como que ela está muito envolvida dentro de nós, do nosso povo. E igual como

falei, no exemplo da castanha. A gente só sabe que ela está emergindo. Que quando nascia uma criança na época da castanha, que a castanha estava florindo, e no outro ano quando ela está florindo de novo a gente já sabia que a criança estava fazendo um ano. Só que a gente não sabia exatamente o dia, mas a gente sabia que ela estava fazendo um ano naquele tempo, naquela época da castanha. Então, nós relacionamos tudo isso. Então, as Ciências da Natureza, eu passei a compreendê-la mais aqui, através da faculdade que agora que eu sei que lá dentro da comunidade tudo está relacionado a Ciência da Natureza.

Eu relaciono ela assim, que as ciências, ela é, para nós, é tudo o que se desenvolve ali na natureza. E a gente tem um conceito que tudo que vem da natureza para nós, ela é, é bastante importante por que? porque através dela que nós temos o nosso conhecimento, os nossos costumes, a gente sabe que ela influi cada vez, porque, tanto é que nós temos uma relação com a natureza, que nós povo *Rikbaktsa*, hoje nós estamos plantando, nosso território é totalmente preservado, não temos desmatamento ali. A gente sabe que se a gente fizer alguma coisa contra a natureza, por exemplo, a gente faz um grande desmatamento. Ele sabe que ela vai impactar num (silêncio) em outro, porque a gente sabe que é assim, que a natureza é ligada uma no outro, então a gente sabe que as ciências estão todas envolvidas ali dentro.

É, acho assim, teria que fazer um currículo específico para a escola. Nós temos o nosso currículo. Mas a gente precisa incluir no currículo mais, em relação aos nossos saberes indígenas, as ciências, mas teria que ter na matriz curricular, por exemplo, no currículo da escola a gente poderia ter um pouquinho a mais sobre Ciência da Natureza, porque o nosso currículo ele é ligado direto no sistema da SEDUC. Então, a gente sabe que não pode colocar um pouquinho a mais nem um pouco menos e precisaria que tivesse uma opção de incluir um pouco a mais em relação às Ciências da Natureza do nosso povo.

Essa questão das Ciências da Natureza - A gente precisaria ter mais autonomia, da gente incluí-la no nosso cotidiano, do nosso povo, não só do meu povo mas também dos outros povos. A gente vê que ainda tem, a gente ainda sofre muito por não ter como colocá-la, específico no nosso currículo, na nossa escola, pra gente estar usando mais no dia a dia.

A ciência a gente tá muito acreditando hoje no que foi escrito nos livros, o que ela já vem escrito. Então as nossas ciências, a gente acredita que é as nossas ciências, a gente tem tudo aquilo que se desenvolve, principalmente na Ciência da Matemática, é igual nas

ervas medicinais - nós aqui estamos, principalmente na questão dos remédios, a gente acredita que, quando vem um pesquisador, ele já fala diferente, fala que o tá escrito, porque hoje o que vale é o que tá escrito. Então, mas nós temos um conhecimento que nós, só nós sabemos que ela é, ela se desenvolve. E igual, principalmente, os remédios, a gente sabe que tem um remédio que é para isso, para isso e para aquilo. Então a gente tem aquele conhecimento de qual espaço que ela tá, onde que ela fica e qual é que ela que tem. Porque tem um determinado tempo que uns remédios são bons, só os mais velhos sabem, os curandeiros sabem, ele tem um determinado lugar onde ela fica, onde que é o espaço, tamanho que ela é, então tudo isso envolve a Ciência e também envolve a Matemática junto. Porque ele sabe o lugar, a distância, onde ela está, que época que ela nasceu, quanto tempo que ela dura, quem pode achar, porque não é todo mundo que encontra esses remédios, e quanto tempo você tem que tomar, que leva, para você ser curado. Então a gente, é eu vejo assim que nós indígenas, nós temos muito conhecimento em relação a essas Ciências na prática. Porque o que a gente vê hoje, a gente tem - as Ciências que nós vemos são mais é na teoria o que nós temos é conhecimento de uma prática.

Poderia colocar um currículo específico, assim, específico - fazendo uma entrevista com os povos, vendo qual é, qual é a melhoria para todos os povos. Porque dentro da universidade. Porque o currículo que nós temos aqui, ele não, é, vamos dizer assim, ele não beneficia todo mundo, porque tem povos que são de costumes diferentes e tem a sobrevivência diferente, até mesmo na. Só para citar um exemplo, na alimentação a gente tem uma alimentação totalmente diferente um do outro. Também uma coisa o currículo, colocasse um currículo que de alguma forma atendesse a necessidade de todo mundo aqui dentro da universidade.

Fazer essa inclusão. Teria que estudar a possibilidade de conhecer a realidade de cada povo. Conhecer como é a forma desse processo dos povos indígenas, porque todos comentam que os povos indígenas são iguais, mas a gente sabe o contexto que se você fizer pesquisa, você vai saber onde os povos indígenas são quase totalmente iguais. Porque a gente estava estudando uma matéria essa semana, a gente contava a história, a gente estava vendo de algumas realidades, são quase todos iguais. Então eu vejo que a gente, teria que incluir, é, essa melhoria dentro das Ciências assim para todo mundo, como uma melhoria para todo mundo aqui dentro, teria que ser estudado os povos indígenas de uma forma assim que a gente visse que, uma coisa que não iria prejudicar nenhum e nem outro,

então a gente sabe que muitas coisas a gente é muito parecido, nós povos indígenas, em muitas questões. Porque a gente contando a história, porque aqui nós estamos em 10 povos diferentes, então muitas coisas a gente vê que as realidades nossas são quase tudo junto, quase tudo a mesma. E tem umas realidades com uma pequena diferença, mas muitas coisas nós somos quase, todos temos todos é realidade igual.

SOBRE OS ORGANIZADORES

ELIAS ANTUNES DOS SANTOS

Doutorando (2021-2025) em Educação em Ciências e em Matemática - PPGECD - UFPR, com tema de pesquisa sobre o *Discurso de professores indígenas em formação continuada acerca do Ensino das Ciências da Natureza*. Possui graduação em Lic. Física pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (1998) e mestrado em Física, sub-área - Física Nuclear Aplicada, pela Universidade Estadual de Londrina (2001). Atuou como coordenador do curso de Licenciatura em Física na UNEMAT - Diretoria em Educação a Distância - DEAD, em parceria com o Sistema Universidade aberta do Brasil - UAB no período de 2009 a 2014. Atuou como professor nas disciplinas de Física Básica, incluindo ensino médio no Paraná e na rede Federal na UTFPR. Foi docente no curso de licenciatura em Física de 2001 a 2007 na FACIPAL/UNICS - Palmas, PR. Trabalhou de 2008 a 2014 nos cursos de Eng. de Produção, Engenharia de Alimentos ,Arquitetura e Ciência da Computação na UNEMAT - Campus Barra do Bugres. Desde 2014 é docente no curso de Engenharia Civil na UNEMAT, campus-Tangará da Serra-MT. Foi consultor da CAPES nos trabalhos de monitoramento dos polos do Sistema UAB em todas as macro regiões do Brasil. Têm trabalhado em pesquisas básicas envolvendo sustentabilidade em temas envolvendo concretos permeáveis - pisos drenantes, solo-cimento para confecção de tijolos ecológicos, projetos envolvendo utilização de Resíduos de Construção Civil (RCC) e projetos envolvendo Física para Educação básica. <https://orcid.org/0000-0002-1245-550X>

HELLEN CRISTINA DE SOUZA

Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Trabalha como professora formadora na área de Educação Escolar Indígena no CEFAPRO - Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica do Estado do Mato Grosso. É pesquisadora associada ao Núcleo de Estudos de Educação e Diversidade NEED do campus da Universidade do Estado de Mato Grosso UNEMAT em Tangará da Serra MT. É membro da Red Latinoamericana de Estudios y Experiencias Interculturales. Tem experiência na área de Educação Básica e Superior atuando principalmente nos seguintes temas: Educação, povos indígenas, direitos humanos, cultura e diversidade.

LEONICE APARECIDA DE FÁTIMA ALVES PEREIRA MOURAD

Possui graduação em Direito (1990), graduação em História (1999), graduação em Ciências Sociais (2007);graduação em Agricultura Familiar e Sustentabilidade (2017), graduação em Geografia (2017), graduação em Serviço Social (2019), graduação em Pedagogia (2019), graduação em Letras (2020) graduação em Licenciatura em Educação do Campo (2020), graduação em Filosofia (2021), graduação em Ciência Política (2022); graduação em Relações Internacionais (2022); Graduação tecnológica em Educação Social (2022); Graduação em Gestão de Organizações do Terceiro Setor. Graduanda em Educação Especial. Mestra em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2002), Mestra em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria (2015), Mestra em Políticas Públicas e

Gestão Educacional pela Universidade Federal de Santa Maria (2021), Doutora em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, com estágio doutoral na Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires-UNICEN (2008) e Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria (2019). Mestranda em educação profissional e tecnológica (UFSM). É inscrita na Ordem dos Advogados do Brasil-RS (29.454) desde 1991, no CREA/RS como geógrafa (268.566) e no CRESS/RS como assistente social (16.983) Professora Associada da Universidade Federal de Santa Maria. É docente do ProfGeo/UFSM. Tem experiência na área de Ciências Sociais, História, Direito e Geografia, atuando principalmente nos seguintes temas: Sociologia rural, História agrária, desenvolvimento rural, desenvolvimento local, história e agricultura familiar, Educação, ciência política, políticas públicas agrárias e políticas públicas educacionais, com especial destaque a ERER e EAR. Atualmente é servidora da Diretoria de Articulação Interfederativa da SENAPIR/MIR. <https://orcid.org/0000-0002-7676-0976>

MARINEZ CARGNIN-STIELER

Possui graduação em Matemática pela Universidade Federal de Santa Maria (1987), doutorado em Engenharia Elétrica pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2014) e mestrado em Ensino da Matemática pela Universidade Franciscana (2007). Foi professora adjunta da Universidade do Estado de Mato Grosso, atualmente é professora sênior. Foi coordenadora do Curso de Engenharia Civil do Campus Universitário Prof. Eugênio Carlos Stieler/Tangará da Serra (2014/2017), Coordenadora local (Campus em Tangará da Serra) do Programa de Formação de Células Cooperativas (FOCCO, 2015/2017) e Coordenadora do Núcleo de Atividades, Estudos e Pesquisa sobre Educação, Ambiente e Diversidade (NEED, 2007/2017). Integrante do Grupo de pesquisa Núcleo de Estudos de Educação e Diversidade(NEED/UNEMAT) e do Grupo de Pesquisa em Matemática, Estatística, Educação e Aplicações(GMEEA/UNEMAT). Tem interesse em: educação em engenharia, educação matemática, formação de professores, aprendizagem cooperativa, modelagem matemática, Ensino de ciências básicas e matemática. Coordenadora do Projeto de Redes Terra como Princípio Educativo. <https://orcid.org/0000-0003-4275-3134>

ISBN 978-655376483-5

A standard 1D barcode representing the ISBN 978-655376483-5. The barcode is composed of vertical black lines of varying widths on a white background. The ISBN number is printed below the barcode for reference.

9 786553 764835